

MALORIE

SEQUÊNCIA DO
FENÔMENO MUNDIAL
CAIXA DE PÁSSAROS

JOSH MALERMAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MALORIE

JOSH MALERMAN

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2020 by Josh Malerman

TÍTULO ORIGINAL
Malorie

PREPARAÇÃO
Nina Lopes

REVISÃO
Carolina Rodrigues

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO
Antonio Rhoden

DESIGN DE CAPA
©blacksheep-uk.com

FOTO
© Shutterstock / Depositphotos

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Rafael Alt

E-ISBN
978-65-5560-026-1

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRINSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 30 andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Malorie é para Kristin Nelson.



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Mídias sociais
Sumário

A ESCOLA PARA CEGOS JANE TUCKER

DEZ ANOS DEPOIS

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze

O TREM CEGO

Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois

Vinte e três
Vinte e quatro

QUARTOS-FORTES

Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um

Epílogo/Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça outros títulos do autor
Leia também

A ESCOLA PARA CEGOS
JANE TUCKER



Malorie se encosta na parede de tijolos da sala de aula. A porta está trancada. Ela está sozinha. As luzes foram apagadas.

Ela está vendada.

Lá fora, no corredor, a violência começou.

Ela conhece aquele som, ouviu-o em pesadelos, nos ecos de uma casa devastada, repleta de pessoas sãs que despedaçavam umas às outras enquanto ela dava à luz seu filho.

Agora Tom está lá fora, em meio à violência.

Malorie não sabe onde.

Ela inspira. Prende a respiração. Expira.

Alcança a porta para destrancá-la, abri-la e achar o filho e a filha entre os gritos, a histeria, o frenesi. Algo estala do outro lado da porta. Parece alguém batendo a cabeça na parede do corredor.

Ela se afasta da maçaneta.

Quando viu Olympia pela última vez, a menina de seis anos estava lendo livros em braile na Biblioteca Tucker. Havia mais uma dúzia de pessoas ali, ouvindo a música clássica que tocava no toca-discos do escritório e era reproduzida pelos alto-falantes da escola.

Agora, Malorie ouve as vozes dessas pessoas.

Ela precisa saber se a violência chegou à biblioteca. Se chegou à sua filha. Nesse caso, ela vai procurar Tom primeiro.

Ela ouve.

Seus filhos a ensinaram muito sobre ouvir desde que chegaram à Escola para Cegos Jane Tucker. E por mais que Malorie nunca vá ouvir o mundo como eles, ela pode tentar.

Mas há muito barulho lá fora. Caos. É impossível distinguir uma voz da outra.

Ela pensa em Annette. A mulher cega, muito mais velha do que ela, cujo nome ouviu ser gritado momentos antes, enquanto Malorie, faminta, caminhava pelo corredor em direção ao refeitório. Antes que Malorie tivesse tempo de processar a natureza do grito, a própria Annette entrou no corredor, roupão azul, cabelo ruivo oscilando como sirenes giratórias, empunhando uma faca. Malorie teve tempo de perceber os olhos abertos e desfocados da mulher antes de fechar os seus.

Ela é cega... como enlouqueceu?, pensou Malorie. Então, ficou imóvel. Annette passou por ela, com a respiração pesada, movendo-se com rapidez. Ao ouvir os primeiros uivos guturais vindos de dentro da escola, Malorie caminhou às cegas para a sala de aula mais próxima e trancou a porta.

Ela volta a segurar a maçaneta.

A última vez que viu Tom, ele estava no que antes era a sala dos funcionários, com as peças de uma nova invenção apoiadas nos joelhos. Malorie é responsável por aquelas peças. Com apenas seis anos, Tom, o menino, inventa como outrora inventava seu homônimo, Tom, o homem. O instinto de Malorie costuma incentivar esse ímpeto. Ela sente que é isso que uma mãe deve fazer. Ou, talvez, o que uma mãe *deveria fazer* no velho mundo. Agora, ali, ela sempre destrói o que Tom inventa e lembra que a venda é a única proteção da qual qualquer um deles vai precisar.

No entanto, Annette é cega.

E agora está louca.

Malorie ouve um palavrão repentino do outro lado da porta trancada. Duas pessoas estão brigando no corredor. Um homem e uma mulher. Pelos sons que estão fazendo, não é difícil imaginar o que está acontecendo. Agarrões, arranhões. Dedos nos olhos e no pescoço, o estalar de um osso e algo que soa como um pescoço sendo esmagado.

Com as próprias mãos?

Malorie não se move. Um corpo se choca contra a porta de madeira e desliza para o chão de azulejos. O vencedor da luta, ele ou ela, ofega ali fora.

Malorie escuta. Ela inspira, prende a respiração, expira. Sabe que não há como evitar o pânico. Ela quer ouvir mais adiante no corredor, além da respiração, os gritos das pessoas que moram ali, o que dizem exatamente, a localização precisa de seus filhos. Ela se lembra de ter dado à luz no sótão de uma casa, um lugar muito menor do que aquele. Ela se lembra de um grito vindo do andar de baixo: *Don arrancou os cobertores!*

Quem os arrancou agora?

No corredor, a respiração parou. Mas os sons distantes de punhos na madeira, punhos contra punhos e os últimos vestígios de sanidade estão ficando mais altos.

Malorie destranca a porta da sala de aula. Ela a abre.

Não há movimento no corredor. Ninguém avança em sua direção. Ninguém diz nada. Seja lá quem tenha ganhado a luta, agora já se foi. Uivos ecoam no fundo do prédio. Prenúncios abafados da morte, últimas palavras e desejos. Socos, madeira estalando. Há gritos e frases sem sentido, portas se escancarando e se fechando. Crianças chorando. A música do escritório continua.

Malorie passa por cima do corpo na soleira da porta aberta. Ela entra no corredor, encostada à parede. Um alarme soa. A porta da frente da escola está aberta. A pulsação rítmica do alarme destoa tanto da música clássica que, em um segundo de confusão, Malorie acha que também enlouqueceu.

Seus filhos estão em algum lugar em meio àquele furor.

Trêmula, ela tenta fechar os olhos pela terceira vez, por trás de suas pálpebras já fechadas, por trás da venda atada com firmeza ao redor da cabeça, bloqueando a ideia de como tudo aquilo deve ser visualmente.

Ela desliza pela parede de tijolos. Não chama Tom ou Olympia, embora seja tudo o que queira fazer. Ela inspira, prende a respiração, expira. Os tijolos arranham seus ombros e braços nus e agarram o tecido da camiseta branca que está usando. O alarme fica mais alto enquanto ela se aproxima do fim daquele corredor, do mesmo lugar de onde Annette, a ruiva, veio correndo em sua direção com uma faca enorme empunhada. Pessoas gritam à sua frente. Alguém está perto. Botas pesadas e desajeitadas no chão, o grunhido de alguém desacostumado a fazer tanto esforço.

Malorie fica imóvel.

A pessoa passa por ela, respirando com dificuldade, murmurando para si mesma. Está louca? Malorie não sabe. Não tem como saber. Ela apenas desliza pela parede, sentindo-se ligeiramente grata pelos dois anos em que morou ali. Pela pausa na jornada. Mas essa gratidão é uma bolinha de gude que se perde em um mar de outras bolinhas, para nunca mais ser encontrada. O horror que ela havia muito esperava chegou.

Não se descuide.

Seu mantra de três palavras agora não significa nada. A prova? Ela já se descuidou: não sabe onde os filhos estão.

Um estrondo metálico troveja pelo edifício; a música e o alarme ficam mais altos.

Malorie não tenta acalmar as crianças que ouve. Não estende os braços na escuridão para ampará-las. Ela apenas desliza, agora tão junto à parede que os tijolos arrancam-lhe sangue.

Há um movimento à frente, vindo em sua direção, passos rápidos e determinados. Ela prende a respiração. Mas a pessoa não passa.

— Malorie?

Alguém com os olhos abertos. Uma mulher. Quem?

— Deixe-me em paz — diz Malorie. — Por favor.

Ela ouve o eco da própria voz implorando, seis anos antes, no sótão em que deu à luz.

— Malorie, o que aconteceu?

Malorie acha que é uma mulher chamada Felice. Só o que importa é se a pessoa está louca ou não.

— Eles entraram? — pergunta a mulher.

— Eu não...

— *Estão todos loucos!* — diz a mulher.

Malorie não fala nada. Ela pode estar armada.

— Você não pode ir nessa direção — diz a mulher.

Malorie sente a mão de alguém em seu pulso nu. Ela puxa o braço e bate o cotovelo nos tijolos.

— O que há de *errado* com você? — pergunta a mulher. — Acha que *eu* estou louca?

Malorie se afasta, braços estendidos, preparada para ser ferida. Segue para o fim do corredor, onde sabe que há uma espécie de cristaleira ocupando toda a parede, algo que antes ostentava troféus, conquistas, provas de progresso em uma escola para cegos.

Ela bate na cristaleira antes do esperado.

Seu ombro bate primeiro, os cortes são rápidos e quentes, a dor é intensa. Ela grita, mas sua voz é abafada pelo caos crescente nos corredores.

Ela não para. E ainda não chama pelos filhos. Tateando a parede com os dedos sujos de sangue, se aproxima dos lamentos, dos gritos, do metal contra metal, dos punhos contra punhos.

Alguém roça seu ombro. Malorie se vira rapidamente e empurra, mas não toca nada.

Não há ninguém ali. Mas ela sente frio. Não quer ser tocada por ninguém.

Por nada.

Ela pensa em Annette, cega e ainda assim louca.

Sim, uma pessoa podia enlouquecer à moda antiga. Mas Malorie conhece o olhar específico da loucura causada pelas criaturas.

Annette não enlouqueceu simplesmente. E, se ela não enxergava... o que aconteceu?

— Mãe!

Malorie para. É Olympia? É o grito urgente, embora distante, da menina a quem ela não deu à luz, mas que mesmo assim criou como filha?

— Alguém desligue essa música — diz Malorie, precisando falar algo, precisando ouvir uma voz sã e familiar enquanto arrasta os dedos pelos tijolos, apalpando em seguida o quadro de avisos da comunidade que nos últimos dois anos informou as pessoas sobre os eventos da escola.

Mais à frente, um grito. Atrás, madeira rachando. Alguém passa por ela. Outra pessoa passa em seguida.

Malorie não chora. Apenas se move, joelhos bambos, ombro dolorido pelo ferimento recente. Seus ouvidos se aguçam para o eco da voz que gritou *mãe*, um de seus filhos, talvez, subindo à superfície para tomar ar, antes de afundar novamente nas ondas furiosas mais à frente no corredor.

Ela diz a si mesma que deve se mover com propósito, mas lentamente. Precisa se manter alerta, de pé.

Um menino grita à sua frente. Uma criança. Parece ter enlouquecido.

Ela inspira, prende a respiração, expira. Caminha na direção do som ensurdecedor, os ruídos de uma comunidade inteira enlouquecendo ao mesmo tempo. Uma segunda criança, talvez. Uma terceira.

— Elas entraram — diz ela.

Mas não precisa dizer aquilo. E, dessa vez, sua voz não lhe traz nenhum conforto.

À sua direita, uma porta bate. À esquerda, algo sobre rodas se choca com os tijolos. Pessoas gritam palavrões. Malorie tenta não imaginar como devem ser aquelas cenas. As expressões dos homens e das mulheres com quem ela compartilha aquele edifício há dois anos. Os fragmentos nos tijolos. Os destroços. Os ferimentos e o sangue. Ela tenta negar até mesmo a lembrança de tal visão, como se o fato de imaginar o que está acontecendo naquele espaço pudesse levá-la à loucura.

Ela se recusa a imaginar uma criatura. Não vai se permitir uma coisa dessas.

Algo machuca seu ombro ruim. Malorie o cobre com a mão. Ela não quer ser tocada. Acha que Annette foi tocada. É preocupante, aterrorizante, que as criaturas tenham começado a... *tocar*.

Mas talvez tenha sido um pedaço de madeira. Outro tijolo. Um dedo decepado da mão de alguém.

Uma mulher uiva. Uma criança fala.

Fala?

— Mãe.

Uma mão sobre a sua.

Não leva mais de um segundo para ela reconhecer o toque de Olympia.

A loucura aumenta à sua frente.

— Por aqui — diz a menina.

Malorie não pergunta à filha por que estão caminhando em direção à violência em vez de se afastarem dali. Ela sabe que é porque Tom deve estar do outro lado daquela cena.

Mesmo tendo apenas seis anos, Olympia a guia.

Malorie chora. Não consegue evitar. Como se, em sua escuridão pessoal, ela fosse levada para dentro da casa no momento em que Don arrancou os cobertores. Como se ela nunca tivesse descido o rio até a Escola para Cegos Jane Tucker. Como se estivesse caindo, de costas, do piso do sótão até os eventos terríveis que ocorriam lá embaixo.

Tom, o homem, morreu naquele dia. O homônimo de seu filho. No entanto, Malorie não testemunhou sua morte. Ela fora removida, se é que esse é o termo correto, e estava mais segura no sótão do que as pessoas lá embaixo. Mas ali, agora, ela ouve a carnificina de perto, sem uma laje separando-a do que está acontecendo. Pessoas comuns se transformando; homens e mulheres, outrora normais, agora enlouquecidos, xingando, ferindo uns aos outros e a si mesmos.

Algo enorme cai. Vidro explode.

Se a filha falasse, Malorie não conseguiria ouvi-la. Elas estão no meio daquilo.

Olympia aperta sua mão um pouco mais forte.

Alguém se choca com Malorie, canela contra canela. Então, outra vez, tijolos tocam seu ombro ruim. Ela reconhece algumas vozes. Eles passaram dois anos ali. Conhecem as pessoas. Fizeram amigos.

Fizeram?

Enquanto Malorie adentra a loucura cada vez mais, ouve uma pergunta distante, feita pela própria voz, em sua própria mente, indagando se suas rígidas precauções de segurança eram justificáveis, o fato de costumar ser repreendida por usar venda em ambientes fechados. Ah, como as pessoas daquele lugar se ofendiam com suas medidas. Ah, como aquilo os fazia pensar que Malorie se considerava melhor do que os demais.

— Tom — chama Olympia.

Ou Malorie acha que a ouviu dizer isso. O mesmo nome do homem que ela mais admirou neste mundo, o otimista em um momento de desespero inimaginável. Sim, Tom, o menino, é muito parecido com Tom, o homem, embora o homem não fosse pai dele. Malorie não pode impedi-lo de querer inventar vendas mais fortes, de cobrir as janelas com camadas de madeira, de pintar janelas falsas na sala da casa que há dois anos consideram seu lar.

Mas ela pode impedi-lo de fazer aquilo.

Alguém atinge Malorie na lateral da cabeça. Ela se esquiva, tenta empurrar a pessoa para longe, mas Olympia a puxa ainda mais para o meio da insanidade.

— Olympia — diz ela.

Depois não diz mais nada. Não consegue falar.

Sente corpos pressionando o seu, escuta objetos quebrando logo acima e mais atrás, ouve xingamentos junto à sua orelha.

Se quiser, ela pode imaginar aquilo como uma comemoração, os gritos não mais de terror, mas de emoção. Os baques pesados sendo apenas pés sobre uma pista de dança. Sem angústia, apenas alegria.

Foi assim que Tom, o homem, escolheu ver este mundo? E se foi... será que ela conseguiria fazer o mesmo?

— Tom — diz Olympia.

Dessa vez, Malorie ouve com clareza e entende que elas estão do lado oposto da violência.

— Onde?

— Aqui.

Malorie estende a mão, sente o batente da porta de uma sala de aula aberta. Há cheiro de gente ali dentro.

— Tom? — chama ela.

— Mãe — diz Tom.

Ela pressente o sorriso em sua voz. Percebe que ele está orgulhoso.

Vai até ele, agacha-se e apalpa os olhos do filho. Estão cobertos com algo que parece papelão, e Malorie se lembra de Tom, o homem, usando um capacete feito com almofadas de sofá e fita adesiva.

O alívio que ela sente não é alterado pelo caos nos corredores. Seus filhos estão novamente com ela.

— Levantem-se — diz Malorie, a voz ainda trêmula. — Estamos indo embora.

Ela entra ainda mais no quarto, encontra as camas e pega três cobertores.

— Vamos descer o rio outra vez? — pergunta Tom.

Para além deles, a loucura não diminui. Botas ecoam pelos corredores. Vidros se quebram. Crianças gritam.

— Não — diz Malorie. E, acrescenta, frenética: — Não sei. Não tenho um plano. Peguem isso.

Ela entrega um cobertor para cada um.

— Cubram-se da cabeça aos pés.

Ela pensa em Annette, cega, roupão azul, cabelo vermelho, a faca.

— Eles podem nos tocar agora — diz ela.

— Mãe — diz Tom, mas Malorie segura a mão dele.

A violência aumenta, abafando as perguntas que o menino estava prestes a fazer.

Olympia pega a outra mão de Malorie.

Malorie inspira, prende a respiração, expira.

— Agora — diz ela. — Nós vamos... *agora*.

Os três saem da sala de aula e entram no corredor.

— A porta da frente — diz ela.

A mesma porta pela qual entraram há dois anos, o corpo e a mente de Malorie devastados por tanto remar e pelo terror constante de navegar às cegas.

E também pelo medo de um homem chamado Gary.

— Malorie?

Debaixo do cobertor, Malorie aperta as mãos dos filhos. É um homem chamado Jesse quem fala com ela. Malorie sabe que, quando era são, Jesse tinha uma quedinha por ela. Agora não parece estar são.

— Malorie? Para onde você está levando as crianças?

— *Vamos* — diz Malorie.

Ela não se vira, não responde Jesse, que começou a segui-los.

— Malorie — chama ele. — Você não pode ir.

Ela cerra o punho, se volta e desfere o golpe.

Seu punho atinge o que ela acredita ser o queixo de Jesse.

Ele grita.

Ela agarra as mãos dos filhos.

Tom e Olympia a acompanham, e os três caminham em direção à porta da frente.

— Minha venda funcionou — diz Tom.

Apesar do horror, há orgulho em sua voz.

— É aqui — diz Olympia, indicando a porta.

Malorie apoia a palma da mão no batente da porta. Ela tenta ouvir a voz de Jesse. De qualquer um.

Ela inspira. Prende a respiração. Expira.

— Quantas lá fora? — pergunta. — Quantas vocês estão ouvindo?

As crianças ficam em silêncio. O frenesi continua dentro da escola. Mas agora parece distante. Mais distante. Malorie sabe que Tom quer responder à sua pergunta com exatidão. Mas ele não consegue.

— São muitas para contar — diz ele.

— Olympia?

Uma pausa. Um estrondo muito atrás. Um grito.

— Muitas — diz Olympia.

— Certo. *Certo*. Não tirem os cobertores. Continuem usando até segunda ordem. Agora elas podem nos tocar. Vocês entenderam?

— Sim — diz Tom.

— Sim — diz Olympia.

Malorie tenta fechar os olhos pela terceira vez. Tenta bloquear a imaginação para o que espreita do lado de fora.

Muitas.

Ela tenta fechar os olhos pela quarta, quinta, sexta vez. Quer comentar sobre como aquilo é injusto. Quer dizer isso para alguém da sua idade. Alguém nascido e criado antes da chegada das criaturas. Como é injusto uma mãe e seus filhos terem de fugir subitamente do local que chamam de lar e sair para um mundo onde as ameaças são piores do que as que estão deixando para trás.

Ela agarra as mãos dos filhos e dá o primeiro passo para se afastar da Escola para Cegos Jane Tucker.

Aquele é o novo mundo. É assim que as coisas são e têm sido há muitos anos.

Da histeria ao completo desconhecido.

Os três, cegos, envoltos em tecidos, indo embora.

Sozinhos.

Outra vez.

DEZ ANOS DEPOIS

UM



Tom está pegando água no poço. É algo que ele faz todos os dias há quase uma década no Acampamento Yadin, lugar que, durante todo esse tempo, eles vêm chamando de lar. Olympia acredita que antigamente o acampamento era um posto avançado da fronteira americana. Ela leu quase todos os livros da biblioteca de lá (mais de mil), incluindo alguns sobre a história do Michigan. Ela diz que o alojamento do acampamento provavelmente já foi um bar. A Cabana Um era a prisão. Tom não sabe se ela está certa, embora não tenha motivos para duvidar. Quando as criaturas chegaram, o lugar era, sem dúvidas, um acampamento judaico de verão. E agora é o lar deles.

— Mão após mão — diz ele, pegando a corda que liga a Cabana Três à beirada do poço de pedra. Tom diz isso porque, apesar das cordas que ligam todos os edifícios (inclusive a Cabana Dez à doca H do lago), ele está tentando encontrar uma maneira melhor de se locomover.

Tom detesta as vendas. Às vezes, quando se sente ainda mais descuidado, não as usa. Apenas mantém os olhos fechados.

Mas as regras intermináveis da mãe permanecem em sua cabeça.

Fechar os olhos não basta. Você pode se surpreender e abri-los. Ou algo pode abri-los para você.

Tudo bem. Sim. Em teoria, Malorie está certa. Em teoria, ela geralmente está. Mas quem quer viver de teoria? Tom já tem dezesseis anos. Ele nasceu nesse mundo. E nada tentou abrir seus olhos ainda.

— Mão após mão.

Está quase lá. Malorie insiste que ele verifique a água antes de trazê-la. Ela lhe contou diversas vezes a história de dois homens chamados Felix e Jules. De como seu homônimo, Tom, o homem, testava a água que os dois traziam,

a água que todos temiam que pudesse ter sido contaminada por uma criatura. Tom, o adolescente, gosta dessa parte da história. Ele gosta do teste. Até gosta de obter novas informações sobre as criaturas. Qualquer coisa além do que já sabem lhe daria mais com o que trabalhar. Mas ele não está preocupado com algo nadando na água potável deles. O filtro que ele mesmo inventou se encarrega disso.

Além do mais, mesmo Malorie sendo como é, ela não acredita que a água possa enlouquecer alguém.

— Aqui! — diz ele.

Estende a mão e toca a borda de pedra antes de esbarrar no poço. Ele já fez aquele percurso tantas vezes que poderia correr até lá e ainda assim parar antes do círculo de pedras.

Ele se inclina sobre a beirada e grita para o poço escuro:

— Saia daí!

Ele sorri. Sua voz ecoa — o som é alto —, e Tom gosta de imaginar que é outra pessoa respondendo. Apesar da sorte de terem encontrado um acampamento de verão abandonado com inúmeros prédios e comodidades, a vida ali é solitária.

— Tom é o melhor! — grita ele, só para ouvir o eco.

Nada se mexe na água lá embaixo, e Tom começa a içar o balde. É uma manivela padrão, feita de aço, e ele a consertou mais de uma vez. Também a lubrifica regularmente, já que há de tudo no porão repleto de suprimentos do pavilhão principal, que há dez anos levou Malorie às lágrimas.

— Um duto que nos forneça água diretamente — diz Tom, rodando a manivela. — Podemos instalá-lo bem onde agora fica a corda. A água passaria pelo filtro que já existe. Então, bastaria apertar um botão e pronto. A água potável chegaria para nós. Nada de mão após mão na corda. Não precisaríamos sair da cabana.

Não que a caminhada seja difícil. E qualquer desculpa para sair é válida. Mas Tom quer que as coisas melhorem.

É só nisso que ele pensa.

O balde é retirado do gancho e levado à Cabana Três, a maior de todas, onde ele, Olympia e Malorie dormiram na maior parte daqueles anos. As Regras da Mamãe não permitem que Tom ou Olympia durmam em nenhum outro lugar, apesar de suas necessidades crescentes, uma regra que Tom seguiu até agora.

Se quiserem, passem o dia inteiro em outra cabana. Mas dormimos juntos.

Ainda. Dez anos depois.

Tom balança a cabeça e tenta rir. O que mais pode fazer? Olympia lhe contou em particular sobre as diferenças entre gerações que leu nos livros. Ela diz que é comum os adolescentes sentirem que os pais são “de outro planeta”. Quanto a isso, Tom concorda totalmente com os autores. Malorie age como se cada segundo de cada dia pudesse ser o momento em que todos

enlouqueceriam. E, cada um à sua maneira, Tom e Olympia já ponderaram em voz alta o valor de uma vida em que o único objetivo é continuar vivendo.

— Tudo bem, mãe — diz Tom, sorrindo.

Para ele, é mais fácil sorrir diante dessas coisas. Nas poucas vezes em que pessoas de fora passaram pelo acampamento, pela casa deles, Tom percebeu como Malorie é muito mais rigorosa do que a maioria. Ele inclusive ouviu isso da boca de outras pessoas. Ele viu isso muitas vezes na escola para cegos. Era constrangedor viver publicamente sob as imposições dela. As pessoas a olhavam como se ela fosse... qual foi mesmo a palavra que Olympia usou?

Abusiva.

Sim. Isso aí. Não importa se Olympia acha que Malorie é abusiva ou não. Tom acha que é.

Mas o que ele pode fazer? Pode deixar a venda em casa. Pode fazer anotações e sonhar em inventar formas de enfrentar as criaturas. Pode se recusar a usar mangas compridas e capuz nos dias mais quentes do ano. Como hoje.

Na porta dos fundos da cabana, ele ouve movimentos do outro lado. Não é Olympia, e sim Malorie. Isso significa que ele não pode simplesmente abrir a porta e colocar o balde de água lá dentro. Precisa vestir o capuz.

— Merda — diz Tom.

Tantos pequenos caprichos e peculiaridades de sua mãe o impedem de existir por conta própria, do modo como gostaria.

Ele coloca o balde na grama e tira do gancho do lado de fora o casaco com capuz. Enfia os braços nas mangas, mas não se dá o trabalho de vestir o capuz. Malorie só verifica um de seus braços.

Ele pega o balde de volta e bate cinco vezes à porta.

— Tom? — exclama Malorie.

Quem mais seria?

— Sim. Balde um.

Hoje ele vai pegar quatro baldes. A mesma quantidade de sempre.

— Seus olhos estão fechados?

— Estão vendados, mãe.

A porta se abre.

Tom lhe entrega o balde pelo vão da porta. Malorie o pega. Mas não sem tocar no braço dele no processo.

— Bom menino — diz ela.

Tom sorri. Malorie lhe entrega um segundo balde e fecha a porta. Tom tira o casaco com capuz e o pendura de volta no gancho.

É fácil enganar sua mãe quando ela não pode olhar para você.

— Mão após mão — diz ele.

Por mais que agora esteja apenas andando junto à corda com o balde na mão. Malorie lhe contou diversas vezes que eles faziam o mesmo na casa em Shillingham, onde Tom nasceu. Amarravam uma corda ao redor da cintura e

iam em pares buscar água. Olympia diz que Malorie fala sobre aquela casa com mais frequência do que imagina. Mas ambos sabem que ela só fala sobre aquilo até certo ponto. Nada além. Como se o final da história fosse sinistro demais, e contá-lo pudesse trazer tudo à tona.

No poço, com os braços nus sob as mangas curtas, Tom segura o segundo balde e roda a manivela. Como sempre, o metal bate na pedra, mas, apesar do barulho, Tom ouve um pé pisar na grama à sua esquerda. Também ouve o que pensa serem rodas.

Um carrinho de mão passou pelo poço.

Ele para de rodar a manivela. O balde demora um instante para parar de balançar.

Há alguém ali. Ele ouve a respiração.

Pensa no casaco pendurado no gancho.

Outro passo. Um sapato. A grama seca se achata de uma forma diferente quando pisada pela sola sólida de um sapato em vez de por um pé descalço.

Uma pessoa, então.

Ele não pergunta quem é. Não se move.

Um terceiro passo, e Tom se pergunta se a pessoa sabe que ele está ali. Certamente deve tê-lo ouvido.

— Olá?

É a voz de um homem. Tom ouve um farfalhar de papel, igual a quando Olympia passa as páginas ao ler. Será que o homem tem livros?

Tom está com medo. Mas também está animado.

Um visitante.

Ainda assim, ele não responde. Algumas regras de Malorie fazem mais sentido naquele momento.

Tom se afasta do poço. Poderia correr até a porta dos fundos da cabana. Não seria difícil, e ele saberia quando parar.

Em sua escuridão particular, ele é todo ouvidos.

— Eu gostaria de falar com você — diz o homem.

Tom dá outro passo. As pontas de seus dedos tocam a corda. Ele se volta para a casa.

Ouve as rodinhas rangerem. Imagina armas dentro do carrinho de mão.

Então Tom começa a caminhar depressa, mais rápido do que jamais atravessou aquele caminho.

— Ei — diz o sujeito.

Mas Tom chega à porta dos fundos e bate cinco vezes antes que o homem diga mais uma palavra.

— Tom?

— Sim. Rápido.

— Você está...

— Mãe. *Rápido*.

Malorie abre a porta dos fundos, e Tom quase a derruba ao entrar correndo.

— O que está acontecendo? — pergunta Olympia.

— Mãe... — começa Tom.

Mas há uma batida na porta da frente.

A porta é velha e frágil. Malorie já expressou sua preocupação. Não impediria que algo, ou alguém, entrasse.

— É um homem — diz Tom.

Mas Malorie já lhe deu um tapinha no ombro. Ele sabe o que isso significa. Também sabe que Olympia recebeu o mesmo toque.

Tom não fala mais nada.

— Ô de casa — diz o homem do outro lado da porta da cabana. — Sou do censo.

Malorie não responde. Tom pensa nos papéis farfalhantes que ouviu. Um carrinho de mão repleto de papel?

— Vocês sabem o que é o censo?

Malorie não responde. Tom acha que talvez tenha de fazer algo se o homem tentar arrombar a porta, ele terá de fazer algo.

— Não quero assustá-los — diz o homem. — Eu poderia voltar outra hora. Mas é difícil saber quando.

Malorie não responde. Tom sabe que ela não vai responder.

Ele quer perguntar a Olympia o que é censo.

— Só quero falar com vocês. Seja lá quantos estiverem aí dentro. Isso pode salvar vidas.

Malorie não responde.

— *O que ele quer?* — sussurra Tom.

Malorie segura o pulso do filho para que fique quieto.

— Então, o que eu faço é andar por aí, colecionando histórias — diz o homem. — Eu coletei informações. Sei um bocadinho sobre tentativas fracassadas de tentar olhar para as criaturas. Sei dos sucessos que as pessoas obtiveram com uma vida melhor. Vocês sabiam que agora há um trem funcionando?

Malorie não responde. Subitamente, Tom tem vontade de responder.

— Bem aqui, no Michigan... um trem! E vocês sabiam que agora existem mais criaturas do que antes? As estimativas dizem que triplicaram desde que chegaram. Vocês notaram mais atividade fora de casa?

Malorie não responde. Mas Tom quer muito responder. Está entusiasmado com o que aquele homem está dizendo. Por que não trocar informações? Por que não aprender? Em nome de uma vida melhor, por que não?

— Há boatos de que uma delas foi capturada — diz o homem. — Certamente as pessoas tentaram de tudo.

Agora Tom sabe por que Malorie não disse nada.

De acordo com os critérios dela, aquele homem não é seguro. A mera sugestão da captura de uma criatura deve tê-la deixado petrificada. Se é que ela já não era feita de pedra antes.

— Eu tenho listas — diz o sujeito. — Padrões. Muitas informações que podem ajudá-los. E as histórias de vocês, por sua vez, podem ajudar outras pessoas. Por favor. Vamos conversar?

Malorie não responde.

Mas Tom, sim.

— Você tem essa informação por escrito?

Malorie agarra o pulso dele.

— Sim, tenho. — Alívio na voz do homem. — Tenho papéis sobre esse assunto. Bem aqui.

Malorie aperta o pulso de Tom com tanta força que ele é obrigado a agarrar a mão dela para impedi-la.

— Poderia deixá-los na varanda?

Foi Olympia quem falou. Tom sente vontade de beijá-la.

Mas o homem fica em silêncio por algum tempo. Então:

— Isso não me parece justo. Eu revelaria tudo o que sei sem receber nada em troca.

Finalmente, Malorie fala:

— Pode nos incluir na lista de pessoas que o rejeitaram.

Tom ouve um suspiro através da madeira.

— Vocês têm certeza? — pergunta o homem. — Não é sempre que encontro um grupo. Como podem imaginar, esse não é o empreendimento mais produtivo nem o mais seguro. Têm certeza de que não podem me receber por uma hora? Talvez duas? Posso ao menos saber os nomes de vocês?

— Pode ir embora.

— Tudo bem — diz ele. — Vocês entenderam que sou apenas um homem tentando fazer o bem, certo? Estou tentando nos proporcionar uma compreensão melhor de em que pé estão as coisas. — Então, após mais silêncio dentro da casa, ele acrescenta: — Tudo bem. Peço desculpas se os assustei. Percebo que sim.

Tom inclina a orelha em direção à porta. Ele ouve o homem saindo da varanda, o som de sapatos descendo a escada da cabana, o farfalhar na grama seca mais além, o carrinho de mão sendo empurrado outra vez. Quando Tom chega à porta e encosta a orelha na madeira, ouve os passos do sujeito se afastando, seguindo pela estrada de terra para deixar o acampamento.

Ele se volta para Malorie e Olympia. Contudo, antes que possa falar qualquer coisa, Malorie diz:

— Eu disse para você não falar. Da próxima vez, *não fale*.

— Ele foi embora — diz Olympia.

Mas Tom já sabe o que Malorie vai dizer.

— Não. Até vasculharmos todo o acampamento, ele não foi embora.

— Mãe — diz Tom. — Ele não é Gary.

Malorie não hesita em responder:

— Não quero ouvir nem mais uma palavra. E vista a merda do seu capuz, Tom.

Tom permanece junto à porta da frente enquanto Malorie se prepara para sair e verificar todas as cabanas do acampamento. O homem pode estar por lá, dirá ela. Ele pode estar acampado na floresta. Quem sabe há quanto tempo nos observa? E o nome *Gary* voltará a ser mencionado. Como sempre acontece em tempos difíceis.

Mas Tom não ouve o que Malorie está ou não está dizendo. Seu ouvido concentra-se no farfalhar suave do outro lado da porta da frente da cabana, enquanto uma brisa bem-vinda embaralha os papéis na varanda.

Os papéis que o sujeito acabou deixando para trás.

DOIS



Olympia está sentada na cama lendo em voz alta. Quem quer que tivesse escrito aquilo tinha uma caligrafia confusa. Olympia acha que é porque muitas cópias foram feitas e quem sabe quão concentrada a pessoa estava quando escreveu aquela ali em particular. A pilha de páginas é enorme. Maior do que qualquer livro da biblioteca do acampamento. Ela tenta dosar a leitura, desacelerar, mas reconhece na própria voz a mesma animação de vários personagens dos inúmeros livros que leu. Os autores usavam palavras como *sem fôlego* e *ansioso* para descrever como ela está se sentindo. Em parte, é a emoção de guardar um segredo. Malorie não sabe que o homem lhes deixou aquele material. E definitivamente não sabe que Olympia o está lendo para o irmão.

— Continue — diz Tom.

Tom pode ler por conta própria, é claro, mas é preguiçoso. E não consegue ficar parado por muito tempo. Olympia sabe que Tom precisa se mexer. Ele precisa estar em movimento. Precisa estar *fazendo* alguma coisa.

— *Um homem no Texas tentou olhar para uma criatura debaixo d'água* — lê Olympia. — *Dezessete pessoas estavam presentes. O grupo acreditava que havia uma criatura em um lago atrás de onde estavam acampados. O homem se ofereceu para mergulhar e olhar. Ele enlouqueceu e nunca mais voltou à superfície para respirar.*

— Algo o segurou lá embaixo — diz Tom. — Ninguém pode simplesmente... ficar embaixo d'água até morrer. Não se puder subir. É impossível.

Olympia assente. Mas não tem tanta certeza. As histórias que Malorie lhes contou, somadas às lembranças da escola para cegos inteira enlouquecendo ao mesmo tempo, significavam que tudo era possível.

— Mas o que é a loucura senão algo fora do comum? — pergunta Olympia.

— Tudo bem — diz Tom, andando de um lado para outro. — Mas isso é diferente. O corpo assumiria o controle, certo? Mesmo que você quisesse se afogar sentado no fundo de um lago... o corpo nadaria até a superfície.

— Não sei.

— Também não. Mas isso me parece suspeito.

— Você está ouvindo?

Tom a encara com um olhar sério.

— Claro que estou — diz ele. — Sempre.

Ouvindo Malorie. Nenhum deles quer ser flagrado fazendo aquilo.

— *Uma mulher no Wisconsin tentou olhar para uma delas através de um visor de eclipses* — lê Olympia. Tom parece muito mais atento agora. — *Depois de muita discussão com seus colegas, que tentaram dissuadi-la, ela testou por conta própria ao raiar de uma manhã clara de primavera. Enlouqueceu imediatamente.*

— Tudo bem — diz Tom. — Mas como sabemos que ela só olhou através do visor?

— Acho que está implícito.

Tom ri.

— Bem, se mamãe nos ensinou uma coisa é que “implícito” não basta.

Ao ouvir a menção a Malorie, ela pergunta:

— Você está ouvindo?

— Olympia, continue.

Ela lê em silêncio as próximas linhas manuscritas.

— Isso é interessante — diz ela. — *Sabendo que iam morrer, os doentes em um complexo em Ohio se ofereceram para testar teorias de como olhar para as criaturas.*

— Uau — diz Tom. — Que coragem.

— Muita. *Um homem enlouqueceu assistindo a fitas de vídeo do mundo exterior.*

— Igual à história que mamãe contou.

— Sim. *Um homem enlouqueceu olhando fotos do mundo exterior. Outro enlouqueceu olhando os negativos. O que são negativos?*

— Não sei — diz Tom.

— *Uma mulher doente terminal enlouqueceu caminhando pelo mundo exterior usando dois prismas, antigos pesos de papel, diante dos olhos.*

Olympia estremece. Aquelas histórias de Ohio descreviam um grupo triste de doentes usando aventais hospitalares, vagando pelas ruas desertas, dispostos a morrer por respostas.

— Dispostos a morrer pelo progresso — diz Tom. — Terminal ou não, isso é nobre.

Olympia concorda.

— Há umas cinquenta páginas desse tipo de coisa.

— E eu quero ouvir cada uma delas.

— Você está...

Mas antes que pudesse terminar a pergunta, Tom aponta o dedo para ela e diz:

— Continue.

— *Uma mulher andou pelas ruas de Branson, no Missouri, usando antolhos, do tipo que costumavam ser usados em cavalos, testando a ideia de que é a visão periférica que enlouquece as pessoas.*

— Isso não vai acabar bem.

— Não. Ela enlouqueceu e entrou em um cinema. Matou a família que estava escondida lá.

Um graveto estala do lado de fora, e os dois adolescentes fecham os olhos. Não falam; mal respiram. Ambos tentam ouvir o mais longe que conseguem.

Olympia acha que sabe o que é, mas Tom fala primeiro:

— Um cervo.

Ambos abrem os olhos.

— São — diz Olympia.

Tom dá de ombros.

— Primeiro eu precisaria saber ao certo como um cervo são se comporta.

— Pode ser um alce. Ou um leão.

Tom abre a boca para refutá-la, mas Olympia sorri enquanto pensa. Ela folheia as páginas.

— Locais — diz ela. — Cidades que são...

Mas fica em silêncio.

— Cidades que são o quê? — pergunta Tom.

Quando Olympia começa a virar a página, Tom atravessa rapidamente a cabana e se senta ao lado dela na cama.

— Não pule nada — diz ele. — Ande.

Olympia mostra para ele.

— As cidades são organizadas pelo critério de quão “modernas” são.

— Modernas? — pergunta Tom.

— Acho que eles querem dizer... progressistas.

Ela vê um brilho nos olhos do irmão e se sente quase malvada por ter mostrado aquilo para ele. Subitamente, ela deseja que o homem não tivesse batido à porta.

— Esses são lugares onde as pessoas tentaram capturar uma criatura?

Ele está animado. Olympia faz menção de afastar as páginas, mas com que propósito? Ela as entrega para Tom.

— Puta merda — diz ele. — Olha só isso. *Um casal no norte de Illinois alegou ter aprisionado uma criatura no galpão de ferramentas. Eles me levaram até o galpão e pediram que eu encostasse o ouvido à porta. Escutei uma movimentação lá dentro. Então, ouvi um choro. Fingi estar impressionado, em seguida agradeci ao casal e me despedi. Contudo, mais tarde naquela noite, voltei e libertei o filho de doze anos deles daquele galpão.*

— Meu Deus — exclama Olympia. — Que horrível!

— Horrível. E veja só isso: *Um homem em Pittsburgh alegou ter enterrado três criaturas no quintal. Ele me mostrou onde o solo estava fofo. Quando perguntei se eu poderia desenterrá-las, ele me ameaçou com uma arma, dizendo que me mataria se eu contasse para alguém o que ele fizera com a própria família. Este trabalho que aceitei não é nada fácil.*

— Caramba — diz Olympia. — E nenhuma evidência de uma captura de verdade.

Tom vê o nome de uma cidade, *Indian River*, e o de uma pessoa, *Athena Hantz*, mas não pode deixar a última afirmação de Olympia passar em branco.

— Não. Mas isso não quer dizer nada. *Alguém* capturou uma delas por aí, Olympia. Você precisa se lembrar de que há *muitas* pessoas no mundo. Moramos em um acampamentozinho em uma pequena parte do Michigan, entende? — Ele faz uma pausa, e Olympia repara em seu olhar distante, como se estivesse a caminho de outros lugares. — Alguém já fez isso. E eu quero saber quem.

— Fala sério, Tom. Não seja bobo.

Mas Olympia entende. Uma lista como aquela é tudo o que Tom sempre quis. Lugares onde as pessoas pensam como ele. Lugares longe de um campo abandonado que abriga uma mãe com tantas regras quanto vendas.

— Você tem um livro de mapas? — pergunta ele.

— Na biblioteca. Claro. Por quê? Está pensando em ir para algum lugar mais progressista?

Tom ri, mas ela percebe frustração em sua risada. Ela pega as páginas de volta.

— Listas — diz ela, feliz por seguir em frente. Ela sabe que Tom vai passar os próximos meses lendo aquelas páginas. Talvez até os próximos anos. — Várias listas. Ruas. Incidências. Temperaturas. Nomes.

— Nomes?

— Achei que você se interessaria mais pelos feitos do que pelas pessoas envolvidas.

Tom lhe dá uma cotovelada de leve.

— Deixe-me ver os nomes.

Ela mostra para ele. Tom estreita os olhos. Olympia conhece bem aquela expressão. Ele está ligando os pontos.

— Sobreviventes — diz ele.

— Como você sabe?

— Veja.

Ele aponta para uma legenda ao pé da primeira página de nomes. Símbolos ao lado de palavras como *encontrado*, *avistado*, *supostamente* e...

— ... vivo — diz Olympia. — Uau.

Ambos se sentam um pouco mais eretos na cama.

— Verifique se estamos na lista — diz Tom. — Vá até o Michigan.

Olympia balança a cabeça.

— Não estamos. *Estaríamos* se mamãe o tivesse deixado entrar.

— Ah. Certo.

Mas Olympia vai até o Michigan de qualquer maneira. Há dezenas de páginas para aquele estado, assim como para a maioria dos estados do Meio-Oeste.

— São muitas pessoas — diz Tom. — Viu? Alguém capturou uma.

— Bem, se você considerar a população de dezessete anos atrás, não são tantas pessoas assim. Lembra quando mamãe nos falou sobre a lista telefônica? E todas as ligações que eles faziam?

— Aham. E isso só para as áreas próximas.

— Exato.

Eles verificam os nomes. Alguns são ilegíveis. Outros se destacam.

— Tive uma ideia — diz Tom.

Ele pula da cama de Olympia e vai até a cômoda ao lado da sua própria cama. Pega um lápis na gaveta de cima.

— Vamos acrescentar nossos nomes de qualquer forma — diz Tom.

Olympia fica aliviada. Ela estava com medo de que a lista de cidades modernas fizesse o irmão refletir por semanas. Tom já ficara calado algumas vezes. Especialmente quando começava a pensar no mundo que havia fora do acampamento. Apesar de Malorie se referir a ele como “meu otimista”, na verdade Tom tem longos episódios de uma consternação visível. Olympia leu tudo sobre personagens que ficam em silêncio quando estão sérios. Mas também leu sobre centenas de personagens que mudam antes do fim da história. E mudam aqueles ao seu redor.

Tom está novamente ao lado da irmã. Ele toma o livro das mãos dela e vai até a última página de nomes no Michigan.

Ele escreve *Acampamento Yadin* ao pé da página, onde há espaço. Escreve o próprio nome e entrega o lápis para Olympia.

Ela gosta da ideia. Sorri enquanto lê a lista aparentemente infinita de pessoas. Mas seu sorriso começa a sumir quando dois nomes se destacam diante dos seus olhos, nomes que lhe são familiares, embora Malorie quase nunca se refira a eles pelos nomes verdadeiros.

— O que foi? — pergunta Tom.

Olympia volta a página, verificando a cidade onde aquelas duas pessoas foram encontradas.

— Olympia, o que houve? Você parece assustada.

Ela nem percebe que está olhando diretamente para os olhos de Tom; tudo o que vê são aqueles dois nomes escritos em garranchos e a palavra *St. Ignace* como um estandarte, oscilando devagar em um mundo dizimado por criaturas que enlouquecem as pessoas que as veem.

— Olympia, você está bem?

— Precisamos chamar a mamãe, Tom.

— Ela está vasculhando o acampamento. Além disso, não quero que saiba sobre esse...

— *Precisamos chamar a mamãe agora.*

TRÊS



Malorie pensa em Gary.

Faz sentido. Um homem chega ao acampamento. Ele bate à porta. Fala do lado de fora. Cheio de boas intenções, é claro. Até você deixá-lo entrar, é claro. Depois ele faz amizade com os outros, agrada todo mundo a ponto de fazer com que seus filhos se voltem contra você e, tcharam, você admitiu um louco do velho mundo em sua vida.

Não é difícil imaginar Tom sendo atraído por um homem como Gary. Um homem que alega conhecer as verdades do novo mundo. Tampouco é difícil imaginar Olympia seduzida pelas histórias de um estranho que diz viajar pelo país anotando tudo o que aprendeu.

— Vasculhem o acampamento — diz ela.

Tom e Olympia garantiram que o homem havia ido embora e, na verdade, não há sistema de alarme melhor do que os ouvidos daqueles dois. Ainda assim, Malorie quer conferir os arredores. Aquele homem realmente acabara de chegar ou será que estava escondido há semanas em alguma das cabanas? Tom estava do lado de fora quando ele apareceu. Será que isso quer dizer alguma coisa? Todos os três estavam juntos quando ele bateu à porta. Será que isso quer dizer alguma coisa?

Malorie chega rapidamente à Cabana Oito. Abre a porta. Suas mãos estão enluvadas, braços e pescoço, cobertos pelo casaco. Está vestindo moletom e meias grossas.

Ela pensa em Annette. A cega que enlouqueceu. Enlouqueceu com as criaturas.

Como?

Antes de entrar na cabana, ela confere os cheiros à sua volta. Se um de seus sentidos melhorou ao longo dos anos, foi o olfato. Ela sabe quando uma tempestade está chegando, ou quando está perto da floresta. Sabe se há algo morto lá fora ou se alguém ocupou um pequeno espaço e está morando por ali.

À porta da Cabana Oito, ela sente apenas o cheiro vazio de madeira e beliches sem colchões. Ainda assim, com a faca erguida, ela entra.

O Acampamento Yadin foi bom para ela. Muito bom. Quando eles chegaram, havia enlatados suficientes para meses. E sementes para plantar hortas depois disso. Ferramentas e brinquedos. Abrigo e um piano. Um barco a vela para o laguinho. Caminhos para se exercitarem. Malorie sabia que eles ficariam ali por algum tempo. Mas dez anos passaram depressa.

Tom e Olympia não se tornaram adolescentes agora, já são há algum tempo.

Ela usa um galho grosso para cutucar os espaços entre os beliches e embaixo deles. Mais de uma vez ela foi surpreendida por algum animal que se instalou em uma cabana. No novo mundo, porém, ela não tem medo dos animais. Em suas inúmeras interações, descobriu que agir com raiva os espanta. Até mesmo os enlouquecidos (se é que ela tem como saber se um animal está louco ou não). Os invertebrados são mais misteriosos. Malorie não sabe se aranhas enlouquecem. Mas encontrou teias no acampamento tecidas em padrões inquietantes, sugerindo que algo fora visto, que algo estava próximo.

É claro que as criaturas já percorreram os caminhos do acampamento diversas vezes. Tom e Olympia as detectavam de dentro da Cabana Três.

— Se tem alguém aqui, saiba que vai ser esfaqueado — diz Malorie.

Ela fala essas coisas para ouvir a própria voz. Sabe que, se o homem que alegou ser do censo estivesse naquele beliche, se ele estivesse, por exemplo, agachado sobre uma das camas que ela cutucou embaixo, ele poderia facilmente matá-la. Mas as crianças dizem que ele foi embora. E ela precisa acreditar nisso.

Ao verificar que a Cabana Oito está vazia, ela sai e pega a corda que leva à Cabana Nove. Está quente lá fora, o dia mais quente de que ela se lembra, mas Malorie não tira o capuz.

Ela pensa em Annette.

As crianças não acreditam que alguém enlouqueça ao ser tocado. Mas as crianças não ditam as regras por ali.

Malorie ainda se lembra da mulher ruiva entrando no corredor de paredes de tijolos. Seu robe como um vento azul, sua boca se contorcendo de tal jeito que só a loucura é capaz de moldar. Malorie ainda se recorda da faca.

Sua faca atinge a porta da Cabana Nove. Ela usa a ponta para empurrá-la. Fareja o ar à entrada.

Ao que parece, está usando todos os sentidos agora. Audição, olfato, tato. As criaturas mudaram o modo como as pessoas experimentam a realidade. Isso não é novidade, é claro, mas Malorie, sempre uma filha do velho mundo, nunca vai se acostumar com isso. E se, como certa vez sugeriu Tom, o homem, for uma questão de não sermos capazes de compreender as criaturas, de enlouquecermos ao vermos algo que nossas mentes simplesmente não conseguem assimilar... Por que não aconteceria a mesma coisa pelo toque? Será que qualquer encontro por meio de qualquer sentido constituiria uma *experiência* com algo impossível, algo incompreensível para nossas mentes?

Ela imagina usar tampões nas narinas e fones de ouvido para eliminar o som.

Estremece ao entrar na cabana. Pensa em Gary. Como não pensar? Houve uma vez no rio em que a venda foi retirada de seus olhos. E embora na ocasião ela tenha acreditado que era uma criatura, um ser incompreensível vagando pela água, e se tiver sido Gary? Não é difícil imaginar o homem, sem camisa, com água até a cintura, após rastreá-la por quatro anos, acampado do lado de fora da casa na qual ela criou os filhos. Não é difícil imaginar Gary naquele rio, assim como não é difícil imaginá-lo ali, de pé naquela cabana que ela não vai olhar.

Talvez ele acene.

Malorie usa o galho para cutucar embaixo dos beliches. A ponta atinge alguma coisa e, por estar assustada, pensando no demônio dramático e barbudo do seu passado, ela se arrepia com o objeto desconhecido antes de perceber que é apenas uma viseira. Parte de um capacete que Tom estava decidido a montar no verão passado.

Tocando a viseira com os dedos enluvados, ela volta a pensar em Annette, ou talvez nunca tenha parado de pensar nela e em Gary, dois mistérios terríveis, como se de algum modo ambos a tivessem criado no novo mundo, o pai não confiável e a mãe louca que juntos deram à luz a Malorie atual, excessivamente protetora e sempre à beira do limite.

— Se tem alguém aqui, vai ser esfaqueado.

Mas não há ninguém ali. Ela percebe. Fez uma varredura completa nos beliches, em cima, embaixo e entre eles.

Ela sai da Cabana Nove e pega a corda até o alojamento. Há muitos cômodos no alojamento, incluindo uma cozinha e um porão, de onde veio grande parte do sustento deles nos últimos dez anos.

Deslizando os dedos da mão esquerda pela corda, a faca bem apertada na direita, ela tenta lembrar se foi tocada no rio, quando a venda em seu rosto foi erguida alguns centímetros. E se ela estivesse... se algo roçou a ponte do seu nariz... o que foi aquilo?

E quem?

O caminho até o alojamento é uma subida, mas Malorie está em forma. Na sua melhor forma de todos os tempos. Ela e a irmã, Shannon, nunca gostaram muito de esportes, embora seus pais as encorajassem a tentar. As meninas preferiam vagar pela cidade a encostar em uma bola; nunca nem assistiram a uma partida de futebol na escola. No entanto, ali estava ela, capaz de caminhar quilômetros em um único dia, de se garantir caso houvesse alguém no alojamento à frente, confiante com uma faca e sua capacidade de se defender.

Ela não quer pensar em Annette. Não quer pensar em Gary. Mas não consegue evitar. Como se ambos estivessem o tempo todo do lado de fora da porta da cabana de sua mente. Batendo sem parar.

Pode me deixar entrar por algumas horinhas?

Ou dez anos.

Quando ela chega aos degraus de pedra, está tão sobrecarregada de pensamentos sobre pessoas e criaturas enlouquecidas, isolamento e filhos, que precisa se lembrar do que está fazendo.

Ela usa a faca para abrir a porta do alojamento.

Entra.

Annette ultrapassou um limite.

E o que segurou a mão dela no caminho?

Malorie fareja o ar. Ela ouve. Não tem dúvida de que, ao longo da última década, esteve perto de várias criaturas. É um fato do novo mundo que ela foi obrigada a aceitar. Tom e Olympia lhe dizem que agora há muito mais do que havia anteriormente. O homem atrás da porta disse o mesmo. Mas quantas serão? E quanto espaço ocupam agora?

Ela entra no alojamento. Apesar do pé-direito alto e da sala aberta, sempre faz mais calor ali. Malorie acha que é por causa das janelas altas, apesar de tê-las pintado de preto muito tempo atrás. Ainda assim, o lugar a faz lembrar das saunas, tão comuns na Península Superior onde ela cresceu, as caixas de vapor nas quais sua mãe e seu pai insistiam em entrar todas as noites antes de dormir. Ao atravessar a antiga área comum onde os hóspedes faziam as refeições, Malorie sente saudade do lago em que ela e Shannon mergulhavam depois da sauna, fugindo das pedras fumegantes.

Ela para. Acha que ouviu alguma coisa. Movimento. Algo do lado de fora do alojamento. Mas o Acampamento Yadin tem seus truques. Galhos caem. Vento sopra. Cabanas rangem.

Ela espera. Ouve.

Malorie sabe quão vulnerável está nesse momento. O homem que alegou ser do censo poderia estar parado no canto daquela sala, preparando algo. Uma criatura poderia estar a centímetros do rosto dela, observando, imóvel, o efeito que tem sobre as pessoas com quem nunca deveria ter cruzado. Contudo, após dezessete anos no novo mundo, Malorie decide tratar sua escuridão pessoal de maneira diferente. Embora ela seja tão forte quanto os

outros cegos da escola alegavam que era, e embora possa ser um tanto *paranoica*, como o próprio filho já lhe disse em um acesso de raiva, também consegue fingir que a escuridão em que ela existe não inclui criaturas e acampamentos, vida e morte. Em vez disso, ela imagina que está perambulando pela casa em que foi criada. Seu pai está ao lado do fogão na cozinha, ouvindo o jogo em um radinho de pilha que sua mãe insiste em dizer que ele deixa perto demais do fogão. Sua mãe lê um livro, sentada à mesa da cozinha, esperando a vez de Shannon nas Palavras Cruzadas terminar.

Esta é uma realidade muito melhor. E quem pode dizer o que é real no escuro?

Quando Malorie sai da sala e entra no corredor que leva à cozinha grande, nos fundos, ela quase sente o cheiro da carne de veado que seu pai preparava, ouve sua mãe virar uma página, repara no raciocínio de Shannon. Ninguém gostava de jogar com sua irmã.

— Se você acha que sua mãe é perfeccionista, Tom, deveria conhecer sua tia — diz Malorie.

Ao entrar na cozinha, não está mais na casa em que cresceu; agora conversa com Tom, o homem, na casa da qual fugiu há doze anos. Ela fala sobre Gary.

— Pare com isso — diz para si mesma.

Não é fácil. Contudo, após anos dessas idas e vindas, uma década e meia de lembranças terríveis surgindo feito atrações de uma casa mal-assombrada na Feira do Condado de Marquette diminuiu o domínio que esses pensamentos ruins têm sobre ela. Apesar do que deve acreditar Tom, o filho, Malorie não vive com medo.

Ao sair da cozinha, ela brande a faca diante do rosto e desce a escada até o porão do alojamento. Ela faz isso porque, mais de uma vez, passou por uma teia de aranha no topo da escada. E mais de uma vez trouxe aranhas marrons para a Cabana Três.

— Se tem alguém aqui embaixo, vai ser esfaqueado.

Apesar da venda, apesar de seus olhos estarem fechados, Malorie ainda sente que penetrou na escuridão total. O cheiro inconfundível de mofo e concreto frio do porão. Ela costumava se apressar para puxar o cordão pendurado e iluminar aquele espaço. Mas se há uma coisa que o novo mundo destrói gradualmente é o medo do escuro.

Ela atravessa o espaço quase vazio e diz a si mesma que só está ali para buscar enlatados. Poderiam ser ela e Shannon pegando cranberries para a ceia de Ação de Graças que seus pais estão preparando juntos no andar de cima. Poderiam ser os enlatados que Tom, o homem, lhe mostrou na primeira manhã em que ela acordou naquela casa em Shillingham. Ou poderia ser o que é: Malorie procurando feijões na prateleira, capaz de discerni-los em meio às outras latas por conta das tampas diferentes.

— Havia muito mais latas nesta prateleira.

Nenhuma dúvida quanto a isso. E é bom avaliar, fazer o que normalmente faz, enquanto fica atenta a qualquer movimentação e mantém as narinas alertas para o cheiro de algum ser humano agachado que provavelmente finge ser do censo.

— Quem ele pensa que é? — pergunta Malorie, incapaz de encontrar os feijões. Às vezes, as pontas dos dedos enluvados dificultam um pouco tarefas desse tipo. — O que ele esperava que eu fizesse? Que simplesmente o deixasse entrar?

Quando ela tira a luva, quando a imagem de uma criatura tocando sua mão exposta a faz estremecer por um momento, ela se pergunta como um homem pode afirmar ser do censo em um país onde não há mais qualquer instituição.

Ela encontra rapidamente os feijões e volta a vestir a luva.

Em seguida, se vira para o porão.

Será que ouviu algo? Alguma coisa lá em cima?

Os adolescentes conhecem as regras, mas é claro que isso não significa que as sigam. Enquanto Malorie vasculha o acampamento, eles devem permanecer na Cabana Três. É uma perda de tempo investigar os sons de Tom ou Olympia enquanto ela está fora, garantindo que os três continuam sozinhos.

— Se tem alguém aqui... — começa a dizer, mas dessa vez não termina.

Apesar de ter aprendido a conviver muito bem com o medo, ela ainda não está imune a momentos de terror abjeto. Como quando está no porão do alojamento de um acampamento abandonado, e um homem cujo rosto ela não viu bateu à porta da cabana há pouco.

A imagem de uma arma rodopia em sua escuridão pessoal. Olympia acha que eles deveriam ter uma. A menina cita mil livros que leu nos quais as armas salvaram a vida de mais de um personagem. Mas Malorie tem sido rigorosa quanto a isso desde o início. A última coisa que ela quer naquele acampamento é uma ferramenta que Tom possa usar em nome do progresso. Não é difícil imaginar a cena de abrir a porta de uma cabana e levar um tiro de um rifle preposicionado, pois Tom se orgulha de suas invenções triunfantes. É claro que Tom não é a única pessoa a quem ela não confia uma arma. Vale para qualquer um deles caso vejam algo que não deveriam.

No entanto, ali, agora, ela acha que viria a calhar algo além do seu senso de propósito e da faca afiada.

Ela ouve.

Ela presta atenção aos cheiros.

Ela espera.

Repetiu tanto essas três coisas nos últimos dez anos que mal se lembra de uma época em que não as fazia. Às vezes, seu comportamento no novo mundo se alastra por suas lembranças do passado. Será que, quando criança,

ela farejava o ar toda vez que entrava no quarto de Shannon? Será que perguntava aos pais se estavam de olhos fechados quando voltavam da loja para casa?

Não há passado nem presente atrás da venda. Nenhuma linha reta.

Com os feijões em uma das mãos, a faca na outra e o galho de busca debaixo do braço, Malorie atravessa o porão outra vez e chega à escada mais rápido do que esperava.

Ela está com medo.

Não é a coisa mais legal de perceber. Porque, uma vez manifestado, uma vez que os primeiros tentáculos quentes fazem cócegas em seus braços e em suas pernas, fluem pelas suas costas e panturrilhas, é difícil impedir que a sensação cresça até a extensão máxima: o pânico.

Ela se volta para o porão aberto. Será que algo se escondeu mais para dentro quando ela entrou? Mas não há ninguém ali embaixo. Ela acredita que Tom e Olympia estão certos ao dizerem que o sujeito foi embora, afinal os ouvidos deles nunca a decepcionaram.

Mas será que tem *algo* compartilhando aquele espaço com ela?

Ela ouve Tom, o homem, implorando para entrar no sótão enquanto ela dava à luz, senão ao filho dele, ao homônimo.

As crianças conhecem as regras, sim. Sabem que devem ficar quietas até que ela retorne de sua busca. A menos, é claro, que haja uma emergência.

— Foda-se — diz ela para o espaço aberto. E para as criaturas também.

Porque às vezes ajuda.

Então sobe a escada correndo, assim como ela e Shannon costumavam fazer quando eram crianças. Com cranberries ou um livro na mão, as meninas corriam, lado a lado, acotovelando-se para chegar primeiro ao topo da escada. Malorie se lembra de ter caído certa vez, esfolando os cotovelos e vendo o rosto do velho Sylvester, seu gato de pelúcia, nos degraus antes de voltar a subir correndo o resto da escada.

Agora ela está novamente na cozinha. Respira com dificuldade. Tenta entender como alguém pode alegar fazer parte de algum censo. Ela pensa no que o homem disse sobre alguém ter capturado uma criatura.

— Por que você tinha de dizer isso na frente do Tom?...

Porque Tom não só vai acreditar em algo assim, como vai querer estar perto daquilo.

Ela volta devagar para a área comum. A cada passo, faz uma pausa para ouvir. Uma coisa que ela aprendeu no novo mundo é sentir a breve tomada de fôlego que as pessoas fazem antes de falar. E o som que produzem quando trocam o peso de um pé para outro.

Será que está ouvindo isso agora?

Malorie espera. Ela pensa na voz do homem e, embora não queira admitir, acredita que a missão dele era sincera. Ela nunca acreditará estar apta para julgar o caráter de alguém por trás de uma venda. E nunca cometerá o erro

que Don cometeu com Gary. Mas ela tem a mente aberta o suficiente para achar que talvez um censo deva começar em algum lugar.

Ao atravessar o espaço, ela resiste ao sentimento de culpa por ter negado ao homem uma ou duas horas de conversa, por não ter ouvido o que ele tinha a dizer, por não ter contado suas histórias. Talvez ela saiba coisas que os outros não sabem. Talvez pudesse ter ajudado.

— Não — diz ela, quando chega à porta do alojamento.

Não, porque não importa o quanto o novo mundo melhore ao seu redor e de seus filhos, ela sempre, *sempre* vai confiar na venda, e apenas na venda.

Ela abre a porta, dá um passo e esbarra em uma pessoa.

Faz menção de golpear com a faca, mas Olympia fala antes disso:

— Mãe, somos eu e Tom!

Malorie leva um segundo para acreditar. Todos aqueles pensamentos sobre Annette, Gary, as criaturas e sobre um homem que diz ser uma coisa, mas que pode ser outra.

— O que estão fazendo? — pergunta Malorie. Sua voz soa furiosa. — Vocês conhecem as regras!

— É uma emergência — diz Olympia.

— Mãe — diz Tom. — É sério. Você precisa ouvir isso.

— É sobre o homem que bateu à porta — diz Malorie.

— Não — responde Olympia. — Não exatamente.

Malorie espera. Ela ouve.

— O homem deixou alguns papéis — diz Tom.

— Como assim? — pergunta Malorie.

Ela pensa em imagens de criaturas. Imagina os adolescentes enlouquecendo devido a uma foto deixada na varanda.

— Vocês não... — começa a dizer.

Mas Olympia a interrompe:

— Mãe. Há páginas e mais páginas com listas de sobreviventes.

Malorie sente algo sombrio se contorcer dentro dela. Será que eles encontraram o nome de Gary naquela lista?

— Andem! — diz ela. — Falem!

Ao falar, Olympia está mais perto de Malorie, e a mãe sabe que é porque a filha acredita que ela pode precisar da mão de alguém para ampará-la.

— Em St. Ignace, Michigan, mãe — diz Olympia.

— Hã? O que tem St. Ignace?

St. Ignace fica na Península Superior. De onde Malorie veio. E o nome da cidade, saindo dos lábios de Olympia, associado à palavra *sobreviventes*, sugere algo que Malorie não está preparada para ouvir.

— Os nomes dos seus pais estão na lista, mãe. Os nomes deles estão na lista de sobreviventes. Seus pais estão vivos.

QUATRO



Malorie não consegue ficar parada onde era o escritório principal do alojamento. A mesa ainda abriga alguns dos itens que o antigo diretor usava diariamente. Um ímã retangular para clipes de papel. Um bloco de anotações amarelo. Um calendário de dezessete anos atrás. Havia um espelho falso ali, de modo que os hóspedes não vissem o diretor observando-os enquanto comiam lá embaixo, na área comum. Mas fazia tempo que aquele espelho estava escondido debaixo da cama de Tom, material para invenções que Malorie não o deixa terminar, e há um pano preto pendurado no espaço vazio.

Ela se recusa a acreditar naquelas notícias. Até mesmo na possibilidade daquilo. Então, acredita. Depois, se recusa a acreditar. Acredita outra vez. Àquela altura, ela já viu os nomes com os próprios olhos. Sam e Mary Walsh. Nomes comuns, diz para si mesma. Tantos Sams. Muitas Marys. E Walsh...

Mas a combinação exata e o fato de estarem listados na Península Superior de fato a incomodam. É uma variedade de dores no estômago, nos ossos, no coração, que ela nunca sentiu. Dezessete anos antes, Shannon foi com Malorie comprar um teste de gravidez. Àquela altura, o mundo já havia mudado irrevogavelmente, embora as irmãs ainda não soubessem. Na última vez que conversou com os pais, Malorie lhes contou sobre o bebê. Então, Sam e Mary Walsh pararam de atender o telefone.

Dezessete anos.

Tom e Olympia a deixam a sós com seus pensamentos. Eles estão no que costumava ser a recepção, do lado de fora do escritório, enquanto Malorie se senta, depois se levanta, então se senta outra vez, páginas espalhadas na mesa à sua frente. A porta está fechada. Ela vasculhou a sala antes de tirar a venda.

Ela lê os nomes outra vez.

— Como?

Até essa palavra lhe dói. Ela deveria estar a caminho. Rumo ao norte. Em direção a eles. Essa é a fantasia de todo enlutado, ver os pais mais uma vez. Para dizer o que nunca disse.

Ela deveria ir. *Agora.*

Mas... isso é real?

E quantos anos tem aquela lista? Quantos anos se passaram? As páginas sugerem que o homem que afirmou ser do censo viajou pela maior parte do Meio-Oeste. E quanto tempo isso levou? Será possível? Será que aquela era a primeira visita dele ao Michigan? Ou ele anotou aqueles nomes, os nomes dos pais de Malorie, há uma década?

Ah, ela deveria tê-lo deixado entrar.

O Sam e a Mary Walsh que Malorie conhecia moravam perto da fronteira com o Wisconsin. Eles não tinham motivos para irem até St. Ignace, onde fica a ponte que liga as duas penínsulas do Michigan. Mesmo no fim do mundo. Especialmente nesse caso. Shannon costumava brincar que a Península Superior é o fim do mundo. Então, por que Sam e Mary teriam migrado para o sul?

Teriam vindo... procurar as filhas?

Ela não consegue respirar. É pesado demais. Sente que está a ponto de desmaiar. Ou coisa pior.

Malorie caminha pelo escritório, os olhos voltando para os nomes na página. Ela não consegue se acalmar, não consegue formular uma única opinião consistente. Imagina Sam e Mary Walsh sobrevivendo por tanto tempo quanto ela, as tristezas e os horrores que teriam suportado, o estresse incomensurável de viver em um mundo tão diferente daquele em que criaram as filhas.

Gostaria que Tom, o homem, estivesse ali com ela. Queria ouvir o que ele teria a dizer.

Será que ela e Shannon desistiram dos pais muito cedo? Elas não obtiveram nada sobre Sam e Mary além de seu silêncio e da impressão de que talvez os pais não fizessem o tipo sobrevivente.

Mas será que Malorie fazia? Quando tudo aquilo começou... será que *ela* fazia o tipo sobrevivente?

— *Merda.*

— Mãe?

É Olympia, da recepção.

Talvez seus pais também tenham mudado. Se Malorie aprendeu uma coisa ao criar os filhos é que a maternidade não é estática. A maternidade não fica parada. E a mãe de dois adolescentes no novo mundo sofre alterações, impulsos instintivos repentinos, quase tão poderosos quanto as criaturas das quais ela os protege.

— Não — diz Malorie.

Porque... simplesmente não é possível. Não há como seus pais ainda estarem vivos no Michigan, fazendo jardinagem com os olhos vendados e pintando as janelas de preto. Não há como eles terem suportado os horrores que ela suportou e continuarem sentados de mãos dadas no sofá como sempre faziam.

Ela se sente tonta. A ponto de desmaiar. Senta-se na borda da escrivaninha antiga e olha para o abismo do seu passado, para sua infância, para sua vida no velho mundo, agora tão distante e tão severa e enlouquecedoramente diferente.

Dezessete anos.

Dezessete anos antes, ela descobriu que estava grávida de Tom. Só que ele ainda não era “Tom”. Malorie ainda não conhecera o homônimo de seu filho, o homem que teria um impacto tão profundo em sua vida e a quem, silenciosamente, ela ainda pede conselhos sobre todas as decisões que toma, dezesseis anos após sua morte. Será possível que seus pais estejam *vivos*? Em um mundo no qual eles nem sequer conheceram o homem que inspirou o nome do filho dela? E, se estão vivos, quais situações indescritíveis suportaram?

Quem os ajudou a sobreviver?

— Eles não estão vivos — diz ela.

Porque simplesmente não há como. É demais, grande demais. Toda vez que se lembra de Olympia lhe dando a notícia, os nomes, Malorie ouve o sorriso que devia estar estampado no rosto da filha. Aquilo a está enlouquecendo. Será que sua filha brilhante e exageradamente esperançosa não sabe que o que disse na verdade é *falso*? Eles não podem estar vivos. A lista está errada. Há mil Sams e Marys Walsh. Não há censo. De algum modo, aquele homem descobriu os nomes dos pais dela e os escreveu naquelas páginas, disfarçando sua verdadeira intenção: fazer com que Malorie e os filhos deixassem a segurança que tinham finalmente encontrado.

O homem está tentando destruir a paz e a proteção do Acampamento Yadin.

Talvez, apenas talvez, o homem realmente seja Gary.

Malorie dá um soco na mesa. Então para atrás da escrivaninha e olha atentamente para os nomes na página. Faz muito tempo desde que ela vasculhou a maleta de Gary e descobriu as anotações dos seus pensamentos perigosos, mas ela acha que nunca vai esquecer a caligrafia dele, a eletricidade sinistra presente em cada página.

Ela analisa o manuscrito.

E sabe.

Aquela não é a caligrafia de Gary. Não é nem um pouco parecida.

Ela olha para a porta do escritório, pensa em seus filhos do outro lado. Sabe que eles devem estar imaginando uma viagem, semelhante à jornada que fizeram dez anos atrás. Tom deve estar animado com isso. Olympia provavelmente já está se preparando.

Mas eles acreditam mesmo naquela lista? Ela os criou para serem tão ingênuos? Aquela lista impossível, totalmente insana de... de...

— Sobreviventes — diz Malorie.

Ela quer quebrar alguma coisa. Quer abrir um buraco na parede do escritório. Quer chutar a mesa.

Então ela chuta.

Apoia um sapato na borda da mesa e empurra com toda a sua força, afastando aquela velharia para o lado. As páginas se espalham feito pássaros brancos abandonando uma árvore durante sua queda, e Olympia grita:

— Mãe! Mãe! Você está bem?

Ela parece assustada. No novo mundo, ao ouvir alguém brigando do outro lado de uma porta, não é difícil imaginar que haja algo ali dentro com ela.

— Estou bem — grita Malorie. — Estou *bem* para caralho.

Ela ouve os filhos cochicharem do outro lado. Tom certamente está perguntando para Olympia por que Malorie ficaria aborrecida com uma notícia daquelas, e Olympia certamente está explicando o porquê.

Porque faz dezessete anos. Porque ela acreditava que eles estavam mortos. Porque ela já havia superado o luto e tinha sentido a perda irreparável de Sam e Mary Walsh por tanto tempo que agora esse sentimento já se tornara parte dela.

E aquilo? Aquela lista repentina?

Era *maldade*.

Malorie chora. Ela não quer, mas não consegue evitar. Ela imagina Gary sentado do outro lado da mesa, junto a um homem mais jovem, prometendo-lhe dinheiro, ouro ou qualquer coisa que ainda tenha algum valor no novo mundo, caso o idiota interpretasse o papel de um funcionário do censo. Anote tudo isso para mim, filho, e entregue na Cabana Três do Acampamento Yadin. Pode fazer isso por mim? Consegue esgueirar esses dois nomes feito minhocas em um anzol pela porta da frente da Cabana Três do Acampamento Yadin?

Há peixes grandes lá dentro. Grandes para mim.

— De jeito nenhum — diz Malorie. — Não tem como. Isso não é real. Não é possível. Isso não está acontecendo.

Contudo, além da mesa, os nomes dos seus pais continuam visíveis nas páginas espalhadas.

Sam e Mary Walsh.

Não é a caligrafia de Gary.

E há algo mais também. Outra página que subiu ao topo da pilha quando os papéis se espalharam pelo escritório. Como se aquela página em particular

também tentasse sobreviver. A descrição de um modo de viagem, sim, outra impossibilidade, a prova de que Malorie precisa negar oficialmente tudo aquilo.

O Trem Cego.

Ah, sim. O homem que afirmava ser do censo havia mencionado um trem. Um trem que vai para o norte.

Malorie sente calor. Como se alguém a observasse. Como se já andasse observando-a. Como se as paredes do novo mundo estivessem se fechando.

Não a tudo isso. Definitivamente *não*. É muito convidativo, perfeitamente organizado para ela reunir os filhos e deixar a relativa tranquilidade daquele lugar que chamam e vêm chamando de lar há dez anos. Ela sente a pulga atrás da orelha. Sente a ansiedade querendo alcançá-la. É fácil imaginar Gary esperando por ela em uma plataforma no escuro.

Seus pais estão mortos. Estão mortos há dezessete anos.

Malorie pega a página que descreve o trem. Ela começa a ler, então a deixa cair no chão.

Não.

De jeito nenhum.

Ela não vai sair daquele acampamento. O acampamento que os manteve em segurança. O lugar onde Tom e Olympia cresceram, de crianças a adultos, adolescentes imensamente inteligentes que ouvem até os portões do acampamento e que são felizes sem nem sequer saberem por quê. Ela não vai comprometer a vida deles em troca da conclusão de um capítulo da própria.

Ela vai até a porta do escritório, momentaneamente certa de sua decisão de ignorar tudo aquilo. Os nomes naquela página. A própria existência de um censo.

Olha mais uma vez para as folhas espalhadas pelo chão.

Os nomes saltam aos seus olhos, mesmo agora, longe deles, junto à porta, com a mão na maçaneta. Os nomes parecem escritos sobre algo como aço, impossíveis de remover, mais duros do que ela. Como se os próprios nomes usassem vendas e, portanto, fossem sobreviver àquele novo mundo muito tempo depois de Malorie sucumbir a ele.

Ela fecha os olhos.

Abre a porta do escritório e depois torna a fechá-la sem sair da sala.

Volta à página sobre o trem.

— Mãe? — chama Tom da recepção. — Precisa de ajuda aí dentro?

Ela não responde. Lê:

Devido aos trilhos existentes, o trem é o meio de transporte mais seguro do novo mundo. Não há o medo de fazer uma curva, bater em um carro estacionado, atropelar alguém.

Não. Não. É bom demais. Possível demais. E Malorie sabe que nada, nada de nada é tão fácil assim nos dias de hoje.

Mas continua lendo:

Desde que os trilhos sejam limpos e a máquina viaje a uma velocidade lenta o bastante...

Malorie desvia o olhar. Ela sente dor. Dor física, literal. Seus pais *estão vivos*? Estiveram vivos esse tempo todo?

Ela se lembra do rosto de Shannon lhe dizendo que eles não estavam mais atendendo o telefone. Pensa no cadáver de Shannon no andar de cima.

Morta pelas próprias mãos.

A culpa por não ter procurado Sam e Mary Walsh para confirmar a morte deles é quase forte demais para ela suportar. Faz dezessete anos.

O Trem Cego opera entre Lansing e Mackinaw City, no Michigan.

Mackinaw City, pensa Malorie. A ponta da Península Inferior. A ponte que a conecta à Península Superior.

O trem circula a menos de oito quilômetros por hora. É movido a carvão. As janelas são pintadas de preto. Não sei mais nada a respeito porque ainda não andei nele.

— Não — diz Malorie.

Mas ela já está sentindo as pontas dos dedos do *sim*.

Fecha os olhos e sai do escritório interno.

— Mãe — diz Olympia.

— Preciso falar com Ron Handy — diz ela.

— A porta está fechada, mãe — diz Tom.

Ela abre os olhos e vê seus dois filhos adolescentes encarando-a com os rostos afoqueados. Aquilo tudo deve ser incrivelmente emocionante para eles. Aquela fantasia. Aquela mentira.

— Nós levamos você até lá — diz Tom. — Podemos usar o meu...

— Não — diz ela. — Eu preciso falar com ele sozinha.

Precisa falar com um adulto. É disso que precisa. Mesmo um que seja duas vezes mais paranoico do que ela.

Ron Handy é o vizinho mais próximo deles. O antigo posto de gasolina onde ele mora fica longe, a uns cinco quilômetros dali, embora seja próximo o suficiente.

Ela precisa do autoproclamado Eremita Bem-Humorado, porque mal consegue respirar. Parece que, a qualquer segundo, seus pais podem morrer novamente. Se estão vivos, se também sobreviveram àqueles dezessete anos, o que os impediria de morrerem agora... agora...

AGORA MESMO?

— Meu Deus — diz ela.

Não sente firmeza em nenhuma de suas reações, opiniões, sentimentos. Ela se imagina em um trem cego. Imagina as pessoas que o administram. Imagina a si mesma esperando com seus filhos adolescentes em uma estação de trem por um mês, um ano, dez anos, sem saber quando o trem vai chegar, sem permissão de ir até os trilhos e procurar um farol ao longe.

Olympia se aproxima e pega a mão dela.

— Tudo bem — diz. — Vai ficar tudo bem.

Mas as palavras não confortam Malorie. Faz dezessete anos.

— Preciso falar com Ron Handy — repete. Então, amarra a venda ao redor da cabeça, um movimento que já fez tantas vezes que é tão natural quanto colocar o cabelo atrás das orelhas. — Fechem os olhos — diz para eles.

Mesmo agora. Mesmo quando a realidade à qual ela finalmente se acostumou foi alterada mais uma vez, ao sentir a dor física da reversão do luto ou talvez do luto renovado, mesmo agora ela diz aos filhos para fecharem os olhos.

— Certo — diz Olympia.

— Fechados — diz Tom.

Malorie abre a porta do escritório e sai pisando pelo chão de madeira que lhe parece muito sólido, algo que não combina com sua vida naquele momento, que não se alinha com a escuridão absoluta que ela atravessa, um lugar onde é impossível decifrar o que é certo ou errado.

CINCO



Malorie encontrou Ron Handy antes de descobrir o Acampamento Yadin. Há uma década, enquanto procurava um novo lar na companhia de seus filhos de seis anos, ela sentiu cheiro de gasolina ao longe. Na esperança de achar enlatados ou pacotes de lanches, ela seguiu o aroma até o lugar que não sabia ser a casa dele, um posto de gasolina fortificado às margens de uma estrada rural no Michigan. Ron Handy mora atrás de tábuas de madeira, colchões gordos, portas de carros e camadas de placas de metal. Malorie acha que ele não tira a venda nem mesmo dentro de casa.

Agora, ao chegar ao acostamento de cascalho daquela mesma estrada, com os nervos à flor da pele e a cabeça tonta com tantas possibilidades, ela percebe que já se passaram três anos desde que o visitou pela última vez. Ron nunca foi até o Acampamento Yadin. Ele não sai de casa. Jamais.

O instinto do velho mundo de olhar para ambos os lados antes de atravessar a rua desapareceu faz muito tempo, e Malorie corre pelo cascalho até o estacionamento de seixos do posto. Ela acha que é possível que Ron Handy esteja morto lá dentro, apodrecendo, moscas enlouquecidas zumbindo e se reproduzindo nos restos mortais dele.

Ela pensa em Sam e Mary Walsh também apodrecendo.

Chega à fortaleza e sua canela bate em algo duro. Se Ron está vivo lá dentro, ele a ouviu. Mas mesmo assim ela bate o nó dos dedos na parede de madeira.

— Malorie?

Faz três anos e ela é a última pessoa que ele viu desde então. Sabe disso agora.

— Sim, Ron. Sou eu.

Ela se assusta com o desespero da própria voz. Certificou-se de que Tom e Olympia estavam em segurança na Cabana Três? Será que saiu muito apressada?

Uma série de ruídos lhe informa que Ron está fazendo o equivalente ao que antes se chamava destrancar a porta. Agora parece mais que ele está tirando mil objetos pequenos do caminho.

Ela ouve um rangido. É envolvida por algo que lhe parece ser ar escuro. Abafado. Azedo. O cheiro de um homem sujo abrindo a porta de sua casa sem janelas.

— Malorie!

Ele soa animado, apesar de cansado. Até mesmo aquela única palavra tem o toque aristocrático que Malorie conheceu há dez anos. Ela sabe que Ron é o que as pessoas no velho mundo chamariam de “inteligente até demais”.

— Oi, Ron — diz ela. — Tem um minuto?

Ron ri. Porque isso é engraçado. Porque tudo o que ele tem são minutos, sozinho em seu bunker de cegueira.

— Estou esperando um grupo de amigos e parentes, mas parecem estar atrasados — diz ele. — Temos bastante tempo para comermos *crumpets*.

Malorie quer sorrir. Quer fazer piadas ansiosas sobre os horrores, como Ron Handy faz. Mas os nomes de seus pais estão circulando em sua mente feito abutres, esperando a esperança morrer.

— Tem algo a incomodando? — pergunta Ron. — Algo com as crianças que, devo acrescentar, não são mais crianças?

— Alguém veio aqui, Ron? Um sujeito que dizia ser do censo?

Ela não consegue ver o rosto dele, mas sabe que essa pergunta vai assustá-lo. A simples menção de alguém de fora afirmando ser qualquer coisa basta para que Ron Handy volte a entrar em casa sem dizer uma única palavra.

Mas ele permanece ali. E, quando fala, Malorie percebe o esforço em sua voz.

— Não. A menos que eu estivesse dormindo. Ou talvez estivesse tão imerso em minha mente que confundi a batida à porta com um pensamento.

— Mas a piada não funciona. — Por que não entra? Ultimamente não tenho gostado muito do lado de fora.

Cega, impaciente, traumatizada, Malorie entra. Ela espera enquanto ele arrasta tudo de volta para a porta.

— Eu morava no escritório — diz Ron. — Mas lá tem uma janela específica da qual não gosto. Já a cobri dezenas de vezes, mas simplesmente... não gosto dela.

Ele toca a mão de Malorie, e ela quase grita.

— Então me mudei. Agora moro onde eles guardavam os suprimentos. Filtros e rotores. Latas de óleo. Não posso negar que já pensei em beber uma.

— Ron...

— Ora, o que foi? Não vou muito com a cara do novo mundo. E não tenho problema com isso.

Ele a puxa pela mão, guiando-a mais para dentro de sua casa. O trajeto é mais fácil do que ela se recorda, menos lixo pelo caminho, e ela entende que mesmo um homem que vive daquela maneira de vez em quando precisa fazer melhorias em sua casa.

Mas o cheiro está pior do que nunca. Gasolina e suor. Urina e provavelmente algo mais.

Ela o segue através do que poderia ser um corredor, mas que provavelmente é só um caminho entre as pilhas de lixo.

— Aqui — diz ele, afinal.

Malorie pensa em seus pais.

Impossível.

— Aceita uma bebida? — pergunta Ron. — Tenho um pouco de uísque. E ainda não encontrei motivo para bebê-lo.

— Não — diz Malorie. — Mas obrigada.

— Bem, ao menos sente-se. Acredita que tenho duas cadeiras? Talvez seja uma ideia ruim. Em alguns momentos acho que não estou sozinho.

Ele apalpa a outra mão de Malorie e sente a pilha de papéis.

— O que é isso? — pergunta Ron, muito desconfiado.

— O homem do censo deixou esses papéis em nossa varanda. É por isso que estou aqui.

Ela imagina que Ron vai expulsá-la. Mas ele pega sua outra mão e a guia até um banquinho de madeira.

Malorie se senta, mas não é fácil ficar parada.

— Você sabe alguma coisa sobre um trem, Ron?

Subitamente, ela percebe como aquilo tudo é insano. Como está desesperada por outra opinião. Ron Handy não sai daquele espaço há anos.

— O Trem Cego — diz Ron. — Já ouvi falar dele.

A voz de Malorie sai mais rápida do que o planejado:

— O que você sabe?

— Primeiro, vou apresentá-la ao meio através do qual ouvi falar sobre isso. Mas vou logo avisando... o que estou prestes a fazer me assusta profundamente. E não vou ouvir por muito tempo. Se a visão delas nos enlouquece... o que o som que fazem pode causar?

Malorie esfrega as mãos cobertas pelas mangas compridas que está vestindo. Pensa na ruiva Annette enlouquecida, empunhando uma faca na escola para cegos.

Um rádio estala. Malorie recua. Antes de falar, ela ouve uma voz distante. Um homem diz:

— *...eu gostava muito disso!*

Então o rádio volta a ficar mudo.

— Pois bem — diz Ron. — Não sou tão alheio quanto pareço. Foi através dessas mesmas ondas de rádio que ouvi uma *menção* a um trem. Imagino que sua pergunta tenha algo a ver com a pilha de papéis que senti em sua mão.

— Isso mesmo.

— E também presumo que você trouxe isso aqui para que eu leia, o que significa, é claro, que terei de tirar minha venda.

Malorie não deixa o silêncio se prolongar. Ela sente que, se esperar mais alguns segundos, Ron não vai ler o que o homem deixou em sua varanda. Vai arranjar uma desculpa para ela ir embora.

— Há uma lista de sobreviventes aqui. Por cidade e estado.

— Sério?

— Sim. E meus pais estão na lista.

— Ah... Malorie...

Ela sente empatia na voz dele. Então o som há muito esquecido de álcool enchendo um copo vazio.

— Aqui — diz Ron. — Eu decreto que você está errada. *Precisa* de uma bebida. E, se vou ter que tirar minha venda... também precisarei beber.

Malorie nunca viu Ron Handy. Só ouviu sua voz. Nas dezenas de vezes em que falou com ele, fosse fora ou dentro do posto, nunca removeu a venda. Ron lhe pediu isso. Para a própria segurança dela.

Sente um copo tocar as costas de sua mão. Ela o pega.

— Estamos prontos, então? — pergunta Ron.

Mas Malorie nota a preocupação em sua voz. Ele está nervoso. Ela está nervosa. O que vai ver? Como será Ron Handy?

— Você não precisa fazer isso — diz ela.

— Mas parece que preciso — diz Ron.

Malorie escuta a respiração profunda dele. Ela o ouve se levantar.

— Ai, meu Deus. Você é muito bonita. Eu não fazia ideia de que vivia tão perto de um sonho. — Então, acrescenta: — Está vestindo mangas compridas e capuz. Em um dia quente. Está preocupada que elas possam tocá-la.

Malorie retira a venda. Ron Handy é maior do que ela imaginava; ele parece uma criança grande e assustada. Ambos compartilham sorrisos constrangidos.

— Sim.

— Você me contou sobre a cega que enlouqueceu. Não consegue parar de pensar nisso?

— Não.

— Entendo.

Eles se encaram por um segundo. Se observam. Malorie vê medo e exaustão no rosto dele. Ela se pergunta se Ron Handy era rico no velho mundo.

— Obrigada por dizer que sou bonita. Morando com dois adolescentes... não recebo um elogio desses há muito tempo.

Ron estende o copo na direção dela. Eles brindam.

— À companhia — diz ele. — E a mantermos nossa sanidade, apesar de tentarem tirá-la de nós.

Eles bebem.

Malorie fica impressionada com a quantidade de coisas que os rodeiam. Há todo tipo de objeto empilhado do chão ao teto. Ela vê o rádio. Um berço. Caixas de fios e ferramentas. Enlatados e cobertores. Latas de tinta, revistas e gasolina. Ron está de pé ao lado de uma espreguiçadeira dobrável. Veste um calção e um casaco esportivo.

— Não é onde imaginei estar. — Ron sorri. — Mas, quem sabe... pode ser melhor do que para onde eu estava indo!

Ele ri. Malorie tenta imitá-lo, mas simplesmente não consegue.

Sam e Mary Walsh.

Parece que, se ela não começar a se mover agora mesmo, vai perder o último suspiro dos pais.

— Nada de fotos aqui? — pergunta Ron, verificando os papéis.

Ela nota a paranoia nos olhos dele. A inquietude. O medo.

— Não. Eu pensei o mesmo. Mas são apenas anotações e diagramas.

— E o que mais?

— Muita coisa.

Ron assente. Ele encara Malorie.

— Por que estou com medo?

Malorie experimenta uma emoção que não sente há uma década ou mais: afinidade com outro adulto. É forte o bastante para encher seus olhos de lágrimas. Mas ela ainda não as deixa escorrer.

Entrega a pilha de papéis para Ron.

— As informações sobre o trem estão no topo — diz ela.

Ron olha para a pilha. Ele toma um gole do seu copo.

— Bem, acho que, para mim, isso é uma espécie de acerto de contas.

— Como assim?

Ele sorri.

— Você pode fazer tudo o que puder para evitar o novo mundo, mas, de um modo ou de outro, em breve ele vai bater à sua porta.

Malorie pensa no homem do censo. Ron estreita os olhos enquanto lê a página de cima. Ele assente.

— No rádio, disseram que o trem estava funcionando. O locutor, se é que podemos chamá-lo assim, afinal ele está sozinho e faz tudo na rádio, disse que nunca andou nesse trem.

— O que ele sabia a respeito?

— Ele disse que não achava seguro.

— Por que não?

— Imagino que seja porque é um trem cego, Malorie.

Ron olha para ela. Era para ser uma piada? Malorie não sabe, talvez sim.

— Isso — diz Ron, voltando a ler. — Lansing. Embora eu tenha ouvido falar em *East Lansing*. Há uma diferença, você sabe.

— Sei.

Uma cidade universitária. Uma faculdade de agricultura. No estado do Michigan.

— A que distância estamos de East Lansing? — pergunta Malorie.

Mas Ron está concentrado no papel.

— É mesmo muito interessante — diz ele. — Quero dizer, caminhos preordenados. Trilhos de trem. Por essa lógica, a única outra forma segura de viajar no novo mundo seria de montanha-russa. Alguma vontade de conhecer Cedar Point, Malorie?

Ron não a encara por tempo suficiente para ela se sentir na obrigação de sorrir.

— Qual é a distância? — pergunta Malorie outra vez.

— Uns cinquenta quilômetros. Mas é claro que você deve se certificar disso antes de partir.

Malorie sente o mundo afundar. A esperança que tem, a esperança que não pode negar, se transforma parcialmente em pó. Ela quase se levanta. Ron se senta.

— Cinquenta quilômetros — diz ela. — Simplesmente... não há como.

Ron concorda.

— É uma tarefa difícil. Suas histórias de trinta quilômetros em um rio já são bem surpreendentes.

— *Merda*.

Quando ela olha para Ron, ele a está fitando. O homem parece curioso, quase como se a observasse tomar a decisão. Como se estivesse se perguntando o que é necessário para se fazer algo corajoso.

— No velho mundo, caminhar cinquenta quilômetros demoraria umas oito horas — diz Ron. — Ou seja, uns seis quilômetros por hora.

— Enxergando — diz Malorie. — E andando em linha reta.

— Então dobre o cálculo. Triplique. Mais ainda. Eu diria que pode demorar uns três dias.

Malorie pensa.

— Não quero dar más notícias, mas não há garantias de que o trem ainda esteja lá — diz Ron. — Também não sabemos com que frequência funciona. Ou como as pessoas são, o tipo de gente que pensaria em administrar algo assim.

O medo de Ron é palpável, como se ele tivesse acabado de jogar um buraco negro para ela agarrar.

Ele se inclina para a frente, fazendo a espreguiçadeira ranger.

— Imagine o tipo de gente que se sente confiante o bastante para administrar um trem neste mundo. Parecem inatacáveis para você?

Malorie vê a loucura. Annette no lugar do maquinista. Gary andando de vagão em vagão, recolhendo as passagens.

— Não — responde ela.

Tenta dar finalidade à palavra, mas não a encontra. Não em sua voz. Não em seu coração.

— Mas espere — diz Ron. — Vamos ler mais um pouco, conversar mais um pouco antes de desistirmos, certo?

Malorie se levanta. Ela vaga pelo cômodo enquanto Ron continua dando uma olhada nas páginas. Seus pensamentos ricocheteiam rapidamente, imagens de seus pais cuidando do jardim sob o sol. Ainda. Vivos. Sem ter ideia de que sua filha está sã, respirando e pensando neles agora mesmo.

Ah, como se sentiriam quando ela aparecesse na casa deles com netos a tiracolo...

Ela volta a se sentar. Então se levanta. Depois se senta outra vez. Seu pai era bom em cortar madeira. Ambos eram bons cozinheiros. Ambos poderiam viver da terra. Por que iriam para perto da ponte?

Alguém os levou até lá? Forçou os dois a irem para lá? E mesmo que Malorie fosse procurá-los, como ter certeza de que os encontraria?

O homem do censo os encontrou.

Esse é um bom pensamento. É claro e significa alguma coisa.

— Quartos-fortes — diz Ron. Quando Malorie olha em sua direção, percebe que ele avançou na pilha de papéis. — Você leu sobre isso? O que sugere...

— Quartos-fortes? — pergunta Malorie.

Ron sorri, mas há seriedade nele agora. Malorie acha que ele não vai mais brincar durante aquela visita.

— Palavras dele: *Buracos no chão de quatro por dois metros de comprimento. Bunkers de segurança. Caso as criaturas assumam o controle.* Bem, não gosto disso.

Malorie quer dizer para Ron não se preocupar. Ele sobreviveu dez anos naquele posto. Ele não precisa pensar em quartos-fortes. Não precisa mesmo pensar no mundo exterior. Ela nota a paranoia se expandindo no olhar dele. O modo como a encara por cima do copo enquanto toma outro gole. Como se subitamente tivesse se aborrecido por ela estar ali.

— Parece a descrição de um túmulo — diz ela.

Porque sabe que Ron Handy é inteligente. Ele vai perceber se ela tentar acalmá-lo.

— É verdade. Nada de bunkers subterrâneos para mim — diz ele. — Gosto de manter o meu acima da superfície.

Outra piada, afinal. Que bom. Ron lê. Já tendo visto um pouco do que há ali, Malorie pensa em adverti-lo. Mas é tarde demais.

— Ai, não — diz Ron. — Ai, não.

Ele joga a pilha de papéis no chão manchado de óleo. Limpa as mãos no casaco esportivo. Em seu olhar, um medo que Malorie não vê há muito

tempo. Até seus antigos colegas de casa não pareciam tão assustados quanto Ron está agora.

— Você viu? — pergunta ele, sua voz uma oitava mais alta.

— Vi o quê? — pergunta Malorie.

Ela tenta não imaginar um desenho. Uma foto. O que ela deixou passar?

Mas não é isso que Ron quer dizer.

— Alguém disse que... eles *capturaram* uma?

— Apenas boatos — diz Malorie rapidamente. — Isso é impossível.

— Mas chegaram a pensar em *tentar*?

Ron apoia a bebida em uma pilha de latas de tinta. Ele volta a limpar as mãos no casaco, como se isso apagasse o fato de ter tocado em papéis que sugeriam que uma criatura pudesse ser capturada.

— Ah, Malorie. É demais. Tudo isso. Está *me sobrecarregando*.

— Sinto muito, Ron — diz Malorie.

Ela devia ir embora. Devia se levantar e sair daquele lugar. Por que foi até lá?

— O nome da minha irmã também está aí — diz Ron subitamente.

— O quê?

Ele se levanta e dá as costas para ela.

— O *nome* da minha irmã, Malorie.

Ele está quase gritando agora.

— Na lista de sobreviventes? — pergunta ela, olhando para as páginas que ele descartou.

— *Sím*. Minha irmã também está na lista. O que você não entendeu? *Minha irmã está na lista!*

Malorie não sabe o que dizer. Ela ainda não processou suas próprias notícias.

Ela se inclina e pega os papéis.

— Meu Deus — exclama Ron. — Meu Deus, meu Deus, meu *Deus*.

Malorie não lê as palavras sobre seu colo. Apenas sente a presença das emoções de Ron. A tristeza, a futilidade, o fato de ter acabado de saber que a irmã sobreviveu ao menos à chegada das criaturas. Ali, um eremita paranoico recebeu a notícia de algo pelo que vale a pena se aventurar no novo mundo.

Ron volta a se sentar. Ele está sorrindo, mas sua expressão a assusta. Como se os olhos dele fossem feitos de pano preto. Como se ele não fosse capaz de vê-la.

A mão dele desliza para o braço da cadeira. Ele pega a venda e, ainda sorrindo, a amarra ao redor da cabeça.

Malorie não sabe o que dizer. Ela não deveria dizer nada. Deveria ir embora.

— Obrigada por me deixar entrar, Ron — diz ela. Então pergunta, porque sente que deve perguntar: — Você pegaria aquele trem para ver sua irmã outra vez?

— Hein? — Como se não soubesse do que ela está falando. Como se ela tivesse retomado um assunto de horas atrás, uma frivolidade em meio a tópicos mais importantes. — Ah, isso? Não seria necessário. Ela foi listada como sobrevivente em Saugatuck. Ao sul de onde estamos.

Malorie espera. Mas não consegue se conter.

— Talvez... — começa a falar. — Talvez seja bom para você...

Ron estende a mão e gira o botão de volume do rádio amador. Ele o move depressa, e o som aumenta. Malorie apoia o copo com o resto da bebida no chão e se levanta para sair.

Ron gira o botão. Ele está falando com ela, Malorie vê sua boca se mexer, mas o som do rádio abafa suas palavras.

Ela quer agradecer. Quer dizer que ele não precisa ir atrás da irmã hoje. Que ele pode ir amanhã. Que ele pode fazer o que quiser, quando quiser. Conquistou aquele direito.

Ele não precisa procurá-la.

Mas...

Mas deveria.

Então, aquilo a atinge: uma verdade surgindo do nada. Sim, Ron Handy deve procurar a irmã. Caso contrário, vai morrer como está agora, vivendo naquela miséria e confinamento, sem senso de propósito, sem propósito algum.

De repente, com uma clareza violenta, Malorie sabe que vai procurar os pais.

A urgência física que acompanha essa decisão a deixa sem fôlego.

Ela prende a venda. Ouve-se uma voz feminina no rádio:

— *Elas não estão necessariamente mais altas do que antes... mas estão mais largas. Ocupam mais espaço...*

Ron chuta o rádio.

— *Ora, vá logo embora!* — grita. Mas ele está falando com as criaturas... ou com Malorie? — Pegue o trem — diz Ron, desligando o rádio. — Malorie, por favor, por nós dois. *Pegue o trem.*

Ela não precisa ver os olhos dele para saber que Ron está chorando.

— Vou pegar — diz ela. E seus olhos também não precisam estar abertos para ela chorar. — Ron, me desculpe pelo incômodo. Você não fez nada para merecer isso hoje. Sinto muito.

— Pegue o trem, Malorie.

Então, como se fosse a única maneira de sobreviver, como se aquilo fosse o que o mantém vivo há tanto tempo, Ron ri.

— Agora, dê o fora! — Brincalhão outra vez. — Estou esperando um grupo de amigos a qualquer momento e preciso arrumar algumas coisas.

— Obrigada, Ron.

Ela está pensando em um trem cego. E a distância entre lá e aqui. Cinquenta quilômetros rolam diante de seus olhos feito um carretel

tombado, o fio se desenrolando de seus dedos outrora estáveis, para nunca mais ser enrolado com perfeição.

Vá até o trem.

Pegue-o.

Encontre seus pais.

— Malorie? — diz Ron, como se não tivesse certeza se ela ainda está ali.

— Sim?

— Se não se importa, leve essas páginas imundas com você. Não quero que ninguém pense que leio esse tipo de coisa. Afinal, sou um homem de respeito. Um erudito. E é importante que nós, pensadores, continuemos com o que fazemos de melhor: esperar pela morte inevitável. Em paz. E a sós.

SEIS



Tom prepara sua única bolsa. Mas ele quer levar duas. Quer levar muita coisa. Que lugar melhor para testar suas invenções do que o mundo real? Considera esconder algumas de Malorie. Caso não caibam, talvez ele não precise de uma calça extra, sapatos ou comida, afinal de contas.

Malorie está no alojamento recolhendo apressadamente enlatados para aquilo que, como disse para ele e Olympia, vai ser “uma longa viagem”. Desde que chegaram, há dez anos, nenhum dos adolescentes se afastou muito do Acampamento Yadin. Tom se lembra bem do rio. Da escola para cegos. Da longa e sinuosa jornada que os levou até ali. Seu lar. Onde *tem sido* seu lar. Ele conhece todos os sons daquele lugar, todos os rangidos, o vento por entre as árvores, o vento sobre o lago. Malorie não precisava avisá-lo que iria ao alojamento. Bastava ela ir e Tom ouviria, exatamente como ouviu a porta do alojamento se abrir e se fechar quando ela entrou.

— Você está com medo? — pergunta Olympia.

Tom olha para ela do outro lado da cabana. A cama de Olympia fica na extremidade oposta do cômodo, a uma distância que ambos determinaram há dois anos.

— De quê? — pergunta ele.

Mas Tom não consegue disfarçar. Sua voz sai trêmula. Além disso, Olympia parece enxergar coisas que ninguém mais vê.

Ela não responde com palavras, apenas com um olhar sério de quem quer ressaltar os horrores do mundo em que estão prestes a entrar. Para Tom, Olympia está parecendo Malorie naquele momento, apesar de não terem laços consanguíneos.

— Estou com medo suficiente — diz Tom.

Ele está de joelhos junto ao beliche, olhando para as inúmeras invenções que guarda debaixo da cama. Uma delas parece aqueles visores com os quais as pessoas observavam eclipses. Ele está ciente de que os documentos do censo citam um método semelhante como eventual causador de loucura. Ele não deixa de se perguntar quantas outras coisas das quais se orgulha não vão funcionar. Mas não deixa tais pensamentos criarem raízes. Afasta o que resta do espelho falso do escritório e procura mais.

— Ela vai precisar muito dos nossos ouvidos — diz Olympia.

— Eu sei.

— E vai precisar de nós de outras maneiras também.

Tom não olha para a irmã ao perguntar:

— O que isso quer dizer?

— Que ela deve estar muito emocionada.

— Acho que você lê livros demais, Olympia.

— Ei, estou falando sério.

— Emocionada? Você realmente acha que mamãe tem esse tipo de sentimento? Ela só se preocupa com a venda.

Ele ergue um capacete do chão. O visor devia fechar por cima dos olhos quando apertasse um botão. Mas agora não está funcionando.

— Você está brincando comigo? — pergunta Olympia. — Diga que está.

— Ela vive regida por regras — diz Tom. — Não sobra muito espaço para invenção.

— Ela vive de olhos vendados, sim — diz Olympia. — E nós também.

— Nós? — Ele se volta para encará-la. — Nós *crecemos* neste mundo, Olympia. Não acha que sabemos mais do que ela?

O rosto de Olympia fica vermelho, como sempre que ela se irrita.

— Tom. Ouça. Hoje não é dia de bater o pé. Ela já está morrendo de medo. Temos que caminhar cinquenta quilômetros. Você tem ideia de quão longe isso é?

— Andamos mais quando fugimos da escola para cegos. Já fizemos isso. E ficamos bem.

— E com os olhos vendados.

Tom olha para suas invenções. Um bambolê que deve ser usado como cinto para que o aro toque qualquer coisa antes do corpo. Os tubos de plástico que ele atou àquilo pendem frouxamente.

— Certo — diz Tom, porque é melhor não discutir com Olympia por muito tempo. Quando ela começa, é difícil parar. — O que você vai levar?

— Roupas. Ferramentas. Exatamente o que mamãe nos disse para levar.

Tom sorri.

— Mas não só o que mamãe disse. O que mais?

— Nada.

Mas ela está mentindo. Ele percebe. Olympia também tem seus segredos.

— Você vai levar livros, não vai?

— Não.

— Olympia...

Tom se levanta e atravessa a cabana. Ele a flagra tentando enfiar um punhado de livros sob o beliche.

— Vai, sim! — diz ele. — Por que você pode levar coisa a mais e eu não?

— Pare, Tom.

— Diga!

— Porque as coisas de que eu gosto não nos põem em perigo, está bem?

Isso dói. Deprecia tudo pelo que Tom é apaixonado.

— Tudo bem — diz ele. — Foda-se.

— Tom!

Ele atravessa novamente a cabana, se ajoelha e enfia um braço embaixo da cama.

— Se você pode levar livros que já leu, se pode gastar seu precioso espaço com *isso*, também posso levar o que quiser.

— Eu não disse que você não podia.

— Mas pensou em dizer.

Então, ele encontra. Bem no fundo, embaixo da cama. Seus óculos artesanais.

Malorie não vai saber que isso está na bolsa dele, a menos que verifique. E, se verificar, ele vai brigar para mantê-los.

— Estou com medo — diz Olympia.

Sentindo-se encorajado, Tom se vira para ela e diz:

— Passamos a vida inteira com elas.

— Talvez. Mas elas estão piores.

— Será?

Mas ele sabe que sim.

— E há mais delas agora — diz Olympia.

— Bem, pare com isso. E não fale esse tipo de coisa na frente da mamãe. Se falar, ela vai ficar ainda mais rigorosa com a gente.

— Nunca andamos de trem — diz Olympia.

— Não. E daí?

— Já li sobre eles. São enormes. Carregam muitas pessoas. Muita coisa pode dar errado.

— Se fosse perigoso, mamãe nem consideraria essa possibilidade.

— Consideraria, sim — corrige Olympia. — Por causa dos pais dela.

Ao longe, a porta do alojamento se abre e volta a se fechar.

— Você acha que eles estão vivos? — pergunta Tom.

Eles analisam o rosto um do outro em busca de respostas. As botas de Malorie achatam a grama ao longe, um som alto o bastante para eles, e somente eles, ouvirem.

— Quero que estejam — diz Olympia. — Mas acho que não estão.

— Olympia...

— Seja aquela lista antiga ou não, acho que eles não estão vivos.
— Por que não?
— Quero dizer... quero dizer, mamãe *quer* que eles estejam vivos, entende?
E eu já li sobre personagens que querem tanto alguma coisa que acreditam que aquilo está acontecendo de verdade.

— Mas os nomes...
— Eu sei — diz Olympia. — Como eu disse, quero que estejam vivos. Eu só...

Uma batida forte à porta a interrompe.

— Pessoal? Olhos fechados?
— Sim — responde Tom, fechando-os.
— Sim — diz Olympia.

A porta se abre e Malorie entra. Imediatamente, Tom escuta a respiração forte dela. Quando ela fala, é com uma urgência que ele não ouve há muito tempo.

— Quase prontos? — pergunta.
— Estou pronto — diz Tom.
— Estou quase — diz Olympia.

Malorie fecha a porta. Ela pega a vassoura ao lado e começa a varrer a cabana. Afinal, a porta ficou aberta, mesmo que por um instante.

— No velho mundo, tínhamos meteorologistas — explica ela. — Pessoas que nos diziam o que esperar.

— Separei minhas coisas de chuva — diz Olympia.
— Você deveria ter separado o que eu disse para separar, nada mais.

Tom a ouve se aproximar. Ela varre ao redor dele, depois embaixo da cama.

— Algum de vocês está levando algo a mais?

Os dois sabem que não devem hesitar em responder. Eles podem ser capazes de ouvir até os portões do acampamento, mas Malorie sabe identificar uma mentira como ninguém.

— Não — responde Tom.
— Só o que você disse — diz Olympia.
— Tudo bem. — Malorie para de varrer. — Podem abrir os olhos.

Eles abrem.

Tom fica impressionado com a animação de Malorie. Seus olhos parecem brilhar com lembranças, realizações, decisões. A bolsa ao lado dela está cheia. Está usando um casaco com capuz, calça comprida, luvas e botas. Em uma das mãos, a venda que acabou de tirar.

— Ouçam — diz ela. — Nunca fizemos o que estamos prestes a fazer. Nunca fomos aonde estamos indo. Vamos *realmente* precisar um do outro.

De repente, Tom percebe que a única coisa que poderia superar as medidas de segurança de Malorie, a única coisa que poderia eclipsar seu

estilo de vida e a vida que ela insistiu em levar naqueles dezessete anos, é a família.

— Quero que vocês dois saibam que estou preparada para o fato de que talvez não os encontremos. De que provavelmente não vamos encontrá-los. Vocês entenderam?

— Sim — diz Tom.

— Sim — diz Olympia.

— Estou preparada para que isso termine em fracasso. Mas não no nosso fracasso. Vocês entenderam?

— Sim.

— Sim.

— Não sei se entenderam.

Ela inspira, prende a respiração, expira. Para Tom, ela quase parece uma guerreira. Ele toca de leve na lateral da bolsa. Os óculos estão ali dentro. Malorie continua:

— O fato de a gente ir tem um significado, quer os encontremos ou não. Um grande significado. Há pessoas por aí medrosas demais para tentarem o que estamos prestes a fazer.

— O trem — diz Olympia.

Malorie olha rapidamente para ela.

— Você está preocupada com o trem? — pergunta. — Ah, Olympia, eu também. Algum de vocês é contra fazermos isso?

Tom percebe que até então Malorie não tinha levado aquilo em consideração. Está estampado no rosto dela.

— Não sou contra — diz ele. — Estou animado.

Ele olha para a bolsa de Malorie e vê as páginas do censo saindo lá de dentro.

Malorie faz um gesto negativo com a cabeça.

— Não se anime, Tom. Por favor. Fique atento. — Ela se volta para Olympia. — E você?

— Quero que eles estejam vivos — diz a menina.

Malorie assente. Então acena para que os dois se aproximem, e eles obedecem. No meio da cabana, ela segura os pulsos de cada um.

— Essa é a coisa certa a fazer — diz ela. — Imaginem se vocês dois descobrissem que eu estava morando sozinha em outro lugar. Fariam o mesmo, certo?

— Sim — diz Olympia.

— Nós não a deixaríamos — diz Tom.

Malorie volta a inspirar fundo.

— Tudo bem — diz ela. — Vamos. Peguem suas coisas.

Ela olha para a bolsa de Tom.

— Você está pronto? — pergunta. — Não há nada extra aí dentro?

Tom nega com a cabeça. Malorie assente.

— Certo. Quantas lá fora?

— Agora? — pergunta ele.

Olympia encosta a orelha na parede da cabana. Tom fica parado. Após um minuto de silêncio, escutando, ambos respondem ao mesmo tempo:

— Uma.

— Meu Deus — diz Malorie. — Uma logo no primeiro passo. Vamos torcer para que essa proporção não se mantenha.

Tom fecha o zíper da bolsa e veste o capuz. Quando ergue a cabeça, Olympia também já está com a bolsa pendurada.

— Luvas — diz Malorie.

Mas os dois adolescentes já estão de luvas.

— Eu amo vocês — diz ela.

E Tom sente o amor dela.

Ele volta a olhar para a bolsa da mãe e vê as páginas brancas no topo. Ele pensa na história contada pelo homem à porta. Boatos de uma criatura capturada.

Seria possível?

— Tudo bem — diz Malorie. — Venda nos olhos.

Eles obedecem. Quando Tom fecha os olhos e amarra o tecido na cabeça, ele se imagina no topo de uma montanha com uma caixa, enquanto pessoas do mundo inteiro fazem fila para ver o que há ali dentro.

Sim, *ver.* E Tom vai deixar que vejam com seus óculos, os óculos que ele mesmo construiu.

— Agora — diz Malorie, um toque de histeria em sua voz. — Vamos *agora*.

Quando saem pela porta da Cabana Três, quando dão o primeiro passo em direção a um trem que nenhum deles tem certeza de que vai estar lá, Tom se impressiona ao ouvir algo na voz de Malorie que ele não escuta há muito tempo.

Risco.

Aquilo o assusta. Porque risco implica dúvida. E se há algo que Malorie nunca expressa é dúvida sobre suas decisões em relação ao mundo exterior.

Ao sair, Tom se sente jovem, muito mais jovem do que Malorie. Como se todas as histórias dela sobre o velho mundo subitamente ganhassem mais peso. Agora, ali, eles estão traçando a história de alguém que levou uma vida mais parecida com a dos personagens mundanos dos livros de Olympia. Agora, ali, Malorie parece saber mais do que ele. Isso depois de Tom ter acreditado no contrário por anos.

— Vamos — diz Malorie.

E Tom sabe que ela está dizendo isso para si mesma.

Ele ouve. Ele se move. E não importa o quanto tente afastar aquele sentimento, aquela sensação de imaturidade, não consegue evitar a dúvida que ecoa na voz de Malorie.

— Vamos.

Risco.

Eles estão assumindo um risco.

Dos grandes.

Grande o bastante para mudar como ele vê o mundo.

Já. A apenas um passo de casa.

SETE



Malorie sente a escuridão. Aquilo não a pressiona, mas desliza por seus braços, pernas, pescoço, nariz e olhos. Sim, até seus olhos se sentem expostos ao novo mundo, seus olhos não apenas fechados, mas protegidos pela venda. Parece que a escuridão, sua escuridão pessoal, através da qual ela viaja, penetrou por suas mangas, botas, luvas e calça.

Sam e Mary Walsh. St. Ignace.

Inacreditável.

— Não tirem o capuz.

Ela já perdeu a conta de quantas vezes disse isso para os filhos. Não segura as mãos deles como fazia uma década atrás, na última vez em que estiveram naqueles bosques, fazendo o caminho oposto. Tom e Olympia têm dezesseis anos agora. Às vezes, um ou outro caminha à frente dela, às vezes os dois assumem a liderança, deixando Malorie para trás, feito o amigo assustado vagando pelos corredores escuros daquela casa de horrores na feira do condado. Ela e Shannon faziam aquilo. Todo ano, se é que Malorie lembra bem. Lembra-se da risada de Shannon enquanto ouve os passos de Tom, as instruções de Olympia, os sons do que existe além do pequeno espaço que os três ocupam. Ela se lembra de ter estendido a mão para Shannon naqueles passeios, naquelas cabines, naquela casa mal-assombrada, procurando sua irmã aos dezesseis anos, sentindo o mesmo vínculo que ela sabe que Tom e Olympia sentem.

— Pessoal?

— Sim — responde Olympia. — Bem aqui, mãe. Ainda estamos no caminho.

O caminho, sim. Um caminho que Malorie nunca viu, é claro. Um caminho que os ônibus escolares percorriam para deixar as crianças no acampamento de verão. Agora não é difícil imaginar um ônibus aparecendo subitamente, fazendo uma curva muito fechada, tombando em cima deles.

Mas ali fora os medos do velho mundo parecem bobos. Malorie permanece atenta à criatura que as crianças disseram estar do lado de fora da cabana.

— A estrada não fica longe — diz Tom.

Malorie já cansou de perguntar como eles ouvem essas coisas. Ela nunca vai se esquecer da imagem deles quando bebês, dormindo com os olhos vendados em berços de arame cobertos de tecido preto. Nunca vai se esquecer dos dois com três anos sentados à mesa da cozinha, as cabeças minúsculas inclinadas em direção aos amplificadores que reproduziam os sons do lado de fora da casa.

Faz anos que não usam amplificadores.

— Esperem — diz Tom.

— Não — diz Olympia. — Não é nada.

— Esperem — repete ele.

Malorie fica imóvel. A bolsa pressiona suas costas. Parece leve o bastante para ser transportada por cinquenta quilômetros. Ela pode fazer isso. E vai precisar de toda a energia que conseguir. Não quer começar a adivinhar que abrigos, edifícios abandonados e pessoas vão encontrar pelo caminho.

— Cubram o rosto — diz Malorie.

Ela cobre o seu com as mãos enluvadas. O couro preto pressiona o tecido preto da venda, criando camadas de escuridão.

— *Não deixem que os toquem* — diz ela.

Ela não sabe o que aconteceria se uma das criaturas tocasse uma pessoa; nem mesmo sabe se uma delas pode ser tocada. Mas a imagem de Annette entrando no corredor da escola para cegos está tão presente quanto as imagens dela e de Shannon na feira do condado.

— Não tem nada aqui — diz Olympia.

— Tem *alguma coisa* — diz Tom. — Se é uma criatura, eu não sei.

— Você não sabe? — pergunta Malorie.

Isso a assusta. Será que se movem de maneira diferente agora? Será que se movem?

Algo se choca contra os arbustos, e Malorie grita. Instintivamente, ela alcança os filhos antes de tapar a boca e o queixo com as luvas pretas.

— Um cervo — diz Tom. Malorie percebe o tom de derrota na voz dele. A irmã estava certa. — Se me deixassem construir meu medidor de som, saberíamos imediatamente.

O “medidor de som” é uma invenção fracassada de Tom, uma ideia que ele teve para verificar o que se movia na floresta ao redor do acampamento. Ele

acredita que, com pequenos ajustes, poderia ter funcionado. Mas Malorie o destruiu antes que o filho pudesse tentar.

— Chega de papo agora — diz Malorie, finalmente baixando as luvas. — O cervo era são?

Ela pensa em Victor, o cachorro, mastigando a própria perna.

— Era — diz Olympia.

Dez anos depois, ainda não sabiam ao certo quais animais enlouquecem, quais não, nem por quê.

Malorie se pergunta se há mais informações a esse respeito nas páginas que carrega na bolsa.

Eles chegam à estrada um minuto depois, antes do que Malorie imaginou. O posto onde Ron Handy mora fica a três quilômetros à esquerda. Mas eles precisam ir para a direita. As inúmeras estradas que devem percorrer ficam a leste de onde estão.

Ainda assim, Malorie volta os olhos cegos em direção a Ron. Ela o imagina na própria escuridão. Será que ele pensa na irmã assim como ela pensa em Shannon? Será que ele está se preparando para viajar sozinho para o sul?

Ela quer muito que isso seja verdade. Mas sabe que não é.

— Boa sorte — diz Malorie baixinho, como se fosse um adeus. Para sempre.

Ao se voltar para a estrada, seu ombro bate em alguma coisa.

Ela fica paralisada.

Seja o que for, é mais alto do que os filhos. Ela esfrega o braço, como se tentasse remover o toque de uma criatura.

— Pessoal! — chama ela.

Olympia surge ao seu lado, guiando-a ao redor de uma árvore.

— Precisamos nos mover lentamente — diz a menina. — Muito lentamente. Há muitas árvores nesse caminho. Lembram?

Sim. E talvez Malorie precisasse daquele lembrete.

— Não está ouvindo mais nada? — pergunta.

— Não — diz Tom.

Mas Olympia permanece em silêncio por um segundo. Seria a hesitação de uma mentira? Ou será que Olympia só está sendo cuidadosa?

— Nada — diz ela, enfim.

— Você perdeu o rastro da criatura que ouviu do lado de fora da cabana?

Hesitação outra vez.

— Não.

— Para onde ela foi?

— Para o lago — diz Olympia.

Apesar de não ouvir a água àquela distância, Malorie aguça os ouvidos.

— Tom? — chama. — Você ouviu a mesma coisa?

— Eu perdi o rastro dela — diz Tom.

— Você o quê? Não pode fazer isso. Não pode perder o rastro de nada por aqui. Entendido?

— Mãe...

— Tom. Você entendeu ou não?

— Tudo bem. Entendi.

— Nada de tudo bem. Não é hora de sonhar acordado. Eu preciso de você. Olympia precisa de você.

— Ok. Desculpe. Olympia disse que está no lago. Então está no lago.

Malorie escuta. Acha que pode ouvir a estrada que segue em ambas as direções.

— Tudo bem — diz ela. — Vamos.

Ela sente a estrada sob as botas, mas sabe que não vão pisar em chão firme por muito tempo. O mapa em sua bolsa inclui caminhos por meio de bosques, fazendas e rios.

Sam e Mary Walsh.

É impossível não imaginá-los no sofá da casa onde ela cresceu. Agora, porém, em vez da vista do jardim e da rua, há cobertores nas janelas.

E se eles não estão em casa, no único lugar onde Malorie consegue imaginá-los, quais caminhos tomaram e o que ouviram no trajeto?

— Silêncio — diz Malorie, embora os filhos não estejam falando. — *Ouçam.*

Ela pensa no trem. E espera que a pausa que acabaram de fazer, os poucos minutos que gastaram falando sobre o paradeiro da criatura, não os tenham feito perdê-lo. Porque, se perderem o trem por uma hora, um dia... como ter certeza de que vão saber o horário, se é que o trem obedece a algum horário?

Malorie caminha. Ela quer se mover mais rápido do que eles, mais rápido do que podem. Quer compensar o tempo que perderam conversando. Quer compensar os dez anos que passaram no Acampamento Yadin. E os seis anos antes disso. Quer voltar ao momento em que seus pais pararam de atender o telefone, quando ela e Shannon trocaram um olhar silencioso através do qual concordaram que Sam e Mary Walsh estavam mortos.

Malorie quer tudo de volta. Agora.

— Mãe — diz Olympia. — Tome cuidado.

A mão da filha toca seu pulso e a guia através de um declive na estrada.

— Obrigada — diz ela.

Quer acreditar no destino, quer acreditar que há um motivo para tudo. Que eles deveriam ter saído naquele momento. Que não perderam tempo. Que um objetivo maior vai ser revelado no fim.

Mas Malorie não pensa assim.

— Ei — diz Tom. — Há algo mais à frente na estrada.

Malorie abre a boca para mandar os filhos pararem. Mas ela não quer parar. Se agora o mundo estiver repleto de criaturas, se elas estiverem presentes a cada passo que derem em direção aos seus pais, Malorie vai ter que se acostumar a caminhar entre elas.

Ela pensa em outra coisa que leu nos papéis do censo. Algo sobre uma cidade chamada Indian River. E sobre a mulher que a governa.

Athena Hantz.

Ela não pode deixar Tom ler sobre aquele lugar. As descrições e os perigos foram suficientes para deixar Malorie pálida. Mas a filosofia de Athena Hantz paira em sua mente. A mulher alega viver livremente entre as criaturas. Assim como vivia antes da chegada delas. E, do modo como o homem do censo escreveu, suas palavras exatas eram arrepiantes:

A Sra. Hantz afirma que “aceitou totalmente as criaturas”. Insiste que elas não enlouquecem mais as pessoas e não têm intenção de fazer isso. Ela acredita piamente que as criaturas mudaram com o tempo. Suas palavras: “Elas não nos punem mais.”

O que ele escreveu a seguir era pior:

Essa filosofia, por mais que seja insuficiente, conquistou seguidores.

E a conclusão talvez fosse o mais preocupante:

Sem ter como verificar se ela realmente vive como alega, só posso julgá-la a partir do nosso breve encontro. E, na minha opinião, Athena Hantz é sã.

— Devemos parar? — pergunta Tom.

Malorie sabe a origem da pergunta. Não foi ela quem sempre lhes disse para pararem na presença de uma criatura?

Malorie pensa em pessoas como a mulher de Indian River. As pessoas que povoam os papéis em sua bolsa.

Essas pessoas não são prudentes. Afinal, todas as decisões que tomam vêm de um local imprudente.

Agora, porém, novamente no mundo, Malorie deve confiar em si mesma. Deve acreditar nas próprias regras e no estilo de vida que forjou para seus filhos.

— Levantem o capuz. Cubram o rosto — orienta. — E continuem andando.

OITO



Os adolescentes dormem, mas Malorie não consegue.

Eles caminharam treze horas hoje, e o mapa lhe diz que percorreram apenas quinze quilômetros. É assustador. É desanimador.

Malorie duvida de si mesma.

Eles estão no que antes era uma loja de iscas e equipamentos de pesca. O mapa informa os nomes dos lagos próximos. E o cheiro antigo de água e minhocas permanece. Os adolescentes dormem junto ao que antigamente era a caixa registradora. Malorie está perto deles, debaixo de um cobertor com as beiradas presas ao chão pelas botas dela. Está de joelhos, as pernas doloridas pela caminhada, o nariz perto do mapa aberto no chão. A lanterna lhe revela as legendas, a quilometragem e quão longe eles precisam chegar. Um pouco de matemática ajuda. A cada hora eles percorrem cerca de um quilômetro, caminhando às cegas por estradas, antigas plantações, bosques e até mesmo alguns pântanos. Como faltam uns trinta e cinco quilômetros até East Lansing (se é que Ron está certo e é East Lansing e não Lansing), isso significa que eles têm mais de trinta horas de viagem pela frente. O que seriam mais dois dias, considerando a distância que percorreram hoje. No velho mundo, não era tão longe assim. Um fim de semana prolongado. Mas agora, debaixo do cobertor, Malorie sente uma urgência inédita. Ela demorou quatro anos para criar coragem, sair de casa e descer o rio. Agora, ela sairia correndo se pudesse.

— Droga! — exclama.

Ela pensa nos pais. É difícil não se referir a eles como Sam e Mary Walsh, nomes gravados a ferro e fogo em sua mente.

Ela puxa os papéis para perto e folheia as poucas informações sobre o trem. Ao fazê-lo, se lembra da preocupação de Ron com as “pessoas que o administram”. Tom disse que qualquer um que conseguisse colocar um trem em funcionamento devia ser muito inteligente, mas Malorie discorda. Ao que parece, o mundo inteiro enlouqueceu. E todos que o habitam estão no espectro dessa loucura.

Ela para em uma página intitulada O QUE SABEMOS SOBRE ELAS.

Quase ri, exausta, ao ler o título. A página devia estar em branco considerando o que se sabe sobre as criaturas. Mas Malorie logo percebe que esse não é o caso.

A lista a deixa imediatamente desconfortável.

Elas fazem barulho, embora não seja um som comum. Não há pés rangendo nas tábuas do piso. Em vez disso, é como se as tábuas do piso se transformassem momentaneamente antes de voltarem ao estado natural.

Malorie não gosta daquilo. Não quer ler aquilo. Imagina até mesmo o chão enlouquecendo.

Alguns alegam que as sombras das criaturas vagam por conta própria. Outros afirmam que existe só uma criatura no mundo e que suas muitas sombras se estendem pelo planeta como dedos escuros.

Ela não precisa desse folclore. Não precisa de boatos e teorias. Precisa de fatos.

Há histórias de ataques intencionais no que antes era a cidade de Nova York. Boatos de agressões em Des Moines, Iowa. NOTA: Somente quem mora em áreas onde havia muitos crimes antes parece sugerir tal coisa. Não há um relato verificável de uma criatura forçando alguém a olhar para ela.

Tom ronca, e Malorie apaga a luz. Seu coração está disparado. Até mesmo ler sobre as criaturas nubla sua mente e enevoa seu raciocínio.

Olympia ronca. Dois adolescentes disputando espaço, até mesmo dormindo.

No escuro, ela se lembra de certa vez, em casa, depois da escola, quando ela e Shannon brigaram para decidir quem escolheria o jogo de tabuleiro que a família jogaria. Exasperado, seu pai disse que cada uma podia escolher e jogar o próprio jogo. Malorie consegue visualizá-lo agora, o cabelo tão escuro quanto o dela, os olhos fundos no rosto. Para ela, naquela época, seus pais eram a lei. Uma lei a ser violada, é claro, mas mesmo assim a lei. E quando Shannon se cansou do próprio jogo e se juntou ao da irmã, Malorie entendeu que, de algum modo invisível, seu pai fizera aquilo acontecer.

Ela espera ter feito coisas parecidas com os filhos. Acha que fez.

Sente um tapinha nas costas.

Ela cai no chão, coração disparado.

— Mãe.

É Olympia, sussurrando, lábios pressionados na orelha de Malorie sob o tecido do cobertor.

— O que foi? — sussurra Malorie.

— Não estamos sozinhos.

Malorie fica paralisada.

— *Há alguém à porta* — diz Olympia. — *Estou ouvindo a respiração.*

A mente de Malorie parece parar. Por um segundo. Ela não pensa em nada. Apenas sente. Então, uma imagem de Gary. Como se ele tivesse esperado todo esse tempo para se revelar e escolhido fazê-lo agora. Ela precisa decidir alguma coisa, e rápido.

— *A porta está trancada?* — sussurra.

Mas ela já fechou os olhos e está se levantando, devagar e em silêncio, debaixo do cobertor.

De pé, ela se volta para a porta. Não há tempo para ouvir.

— *Vá embora* — diz ela. — *Seja você quem for, vá embora.* Estou armada. Nós cinco estamos armados.

Nenhuma resposta. Mas ela sente a pessoa, sente sua presença a uns seis metros.

— *Vá embora* — repete.

Ela ouve o som familiar de Tom acordando. Olympia sussurra algo para ele.

— *Olhos fechados* — diz Malorie para o filho. Depois: — *Você está nos deixando sem escolha.*

— *Vá em frente, então* — diz uma voz masculina do outro lado da loja. — *Se você está armada, atire.*

A mente de Malorie para. Ela não está olhando, mas será que ele está?

— *Vou atirar em você* — diz Tom.

— *Tom...* — Malorie começa a dizer, mas se detém.

— *Estou falando sério* — diz o homem. — *Atirem.* Estou a um dia de abrir os olhos aqui fora, de qualquer forma. Vocês me poupariam o incômodo do suicídio.

Malorie acredita reconhecer sanidade na voz dele. Mas não pode ter certeza. E ela não vai dar chance ao azar.

— *Vá embora* — repete.

— *Moro à beira dessa estrada há dois anos* — diz ele. — *Ouvi vocês entrarem no Dabney's.*

— *Tom, Olympia, não falem com esse homem* — diz Malorie. — *Não abram os olhos.*

— *Eu não sou louco* — diz o sujeito. Ele parece jovem, mais jovem que Malorie, mais velho que os adolescentes. — *Eu não estou nada bem. Mas sobrevivi. Como vocês.*

— *Vá embora.*

Silêncio. Um escárnio? Um sorriso? Ela não pergunta.

— *Mas eu não quero* — diz ele. — *Quero fazer contato. Vocês não?*

— *Temos contato suficiente* — diz Olympia.

— *Olympia...*

— É mesmo? — pergunta ele. — Eu não tenho ninguém. Ouvi vocês e entrei.

— Enquanto estávamos dormindo — diz Malorie. — Agora, vá embora.

— Sim, eu esperei vocês dormirem porque não sabia se eram mais perigosos do que pensam que sou.

— Nós somos perigosos — diz Malorie. — *Vá embora.*

Silêncio. Malorie cerra os punhos.

— Tudo bem — diz ele.

— *Agora.*

Mas Malorie sabe que, depois disso, não vão mais passar a noite ali. Não importa o que aquele sujeito faça, ela vai instruir os filhos a recolherem suas coisas e todos vão deixar aquele lugar. Vão caminhar, paranoicos, pela escuridão da noite. E, mesmo no novo mundo, uma caminhada à noite parece menos segura do que durante o dia.

— Vou deixar algo para vocês — diz o jovem.

— Não abram os olhos — ordena Malorie aos filhos.

— Só algumas palavras, está bem? Quero que vocês três saibam que o mundo não vai melhorar. Temos que começar de novo.

— Você disse “três” — diz Malorie. — Está de olhos abertos.

— É? Bem, eu não sou o único.

— *Fechem os olhos* — diz Malorie para os filhos.

Com as mãos cerradas em punhos, ela se prepara. Seus pais relampejam como fogo em sua mente, nomes em St. Ignace, levados pelos ventos do Estreito de Mackinac, soprados através do lago Michigan. Perdidos para ela.

Mais uma vez.

— *VÁ EMBORA!*

Sua voz lhe é quase irreconhecível. Ela soa como uma mulher que viveu anos de tensão, paranoia e perdas.

O que de fato viveu.

O sujeito não responde. Mas a porta se abre e se fecha.

— Tom? — chama Malorie.

— Ele está se afastando — diz Tom.

— Olympia?

— Sim, ele está indo embora.

— Está subindo a estrada — diz Tom.

Malorie nota o desapontamento na voz dele.

— Em qual direção?

— A mesma de onde viemos.

— Peguem suas coisas — diz Malorie. — Vamos seguir. Agora.

Ela ouve os filhos guardando seus pertences nas bolsas. Ela faz o mesmo.

— Tom, eu sei o que você está pensando.

— Assim como sabia que esse cara não era seguro? Como você sabia que o cara do censo não poderia nos ajudar?

— Tom...

— Mãe — diz ele, e sua voz soa mais próxima do que ela esperava. — O homem do censo nos deu o nome dos seus pais. Você estava errada. Só isso. Você estava errada.

Mas Tom também está abalado. Malorie nota isso na voz dele. Um estranho no mesmo espaço que eles. Um homem falando de suicídio e do fim do mundo.

Malorie espera junto à porta, agora com os punhos cerrados. Seus filhos se apressam antes do esperado.

— Ouçam — diz ela, atando a venda.

— Ele foi pelo caminho de onde viemos — explica Olympia.

Malorie inspira, prende a respiração, expira.

Ela abre a porta.

— Vamos. Agora.

Então eles voltam a caminhar, rápido demais na escuridão, quase insones. Malorie olha cegamente por cima do ombro, na direção que os filhos disseram que o homem foi.

Ela sente por ele. Assim como sente por Ron Handy e por todas as pessoas envolvidas nos experimentos horríveis documentados nos papéis deixados pelo homem do censo.

Todo mundo só está fazendo o melhor que pode, certo?

Ela não está?

— Que frio — diz Olympia.

Faltam horas para o sol nascer. O céu e a estrada estão tão escuros quanto o mundo por trás das vendas deles.

— Vamos nos aquecer — diz Malorie.

Mas ela não para de pensar no rapaz. Ele falou em acabar com a própria vida sem precisar de uma criatura para obrigá-lo a fazer isso.

Malorie se permite imaginar como ele poderia ter sido no velho mundo e o que poderia estar fazendo agora caso as criaturas nunca tivessem aparecido.

Ele teria sido um bom amigo? Uma pessoa atenciosa? Um pai?

Seu coração está apertado por ele. Por todos eles. Ron Handy. O homem do censo. As pessoas descritas nos documentos do censo.

Mas a empatia termina quando algo uiva na escuridão ao longe. Malorie acha que é um cachorro. Um lobo. Um homem.

— Vamos achar outro lugar para dormir — diz ela. — Eu prometo. Só um pouco mais longe.

Mas seja lá qual for a distância que os separa da paz de espírito, parece ser bem maior do que “um pouco mais longe”. Parece estar além do estado do Michigan. Além do mundo. Novo ou velho.

E certamente além da última parada de qualquer trem, real ou imaginário.

NOVE



Trinta quilômetros pelas antigas estradas do país, sem manutenção, cobertas de vegetação, rachadas, inutilizadas.

Malorie se sente louca. Do jeito antigo. Exausta, dolorida e como se tivesse escolhido expor os filhos ao perigo, às pressas, sem um plano consistente.

O capuz cobre sua cabeça e seu pescoço, a venda tapa seus olhos. Ela veste mangas compridas e luvas apesar do calor e da falta de provas concretas de que as criaturas podem destruir a mente de alguém pelo toque. Ela bebe das garrafas de água que eles encheram diversas vezes ao longo da jornada (usando filtros da cozinha do acampamento, não os que Tom inventou, o que o fez protestar). Ela lembra que precisam comer e vive perguntando o que os filhos estão ouvindo. Mais de uma vez, eles ficaram completamente imóveis e esperaram por mais de meia hora, pois Olympia parecia ter certeza de que havia uma criatura por perto, mesmo quando Tom discordava dela.

E, não importa o que estejam suportando, e nem quando, Malorie pensa em seus pais.

Pelo jeito que eram, não é difícil ter uma lembrança boa dos dois. Ambos efusivos, incrivelmente inteligentes. Eles eram o que os amigos chamavam de “hippies”, embora nenhum dos dois seguisse aquele estilo de vida. Era do otimismo deles que os amigos desdenhavam, o modo como seus pais viviam conversando sobre expandir a mente.

Inteligência, disse o pai às filhas, é sair de uma briga na base da conversa.

Isso depois de Malorie ter brigado com eles sobre a hora de dormir. Como ela queria de volta aquelas brigas, aquelas palavras, aquele tempo...

E agora... pode ser que tenha outra vez.

O pensamento é quase grandioso demais para ser compreendido. A reversão do luto não é garantida a ninguém.

A ninguém.

Eles adorariam os meninos, pensa Malorie. Mas ela se pergunta se a natureza progressista de Tom os assustaria. É um pensamento estranho e repentino, que parece totalmente fora de lugar. Como se, por um instante, Malorie estivesse nervosa por apresentar o filho aos pais. Ela não tem ninguém para lhe dizer se esse é um sentimento natural. Nenhum livro como referência. Nenhuma amiga para perguntar. Sam e Mary Walsh adorariam os dois. Ela sabe disso. No entanto, os pensamentos de Tom estão ficando cada vez mais nebulosos.

Ela caminha. Ouve. Pensa.

Dói, como se as criaturas e o novo mundo criado por elas estivessem presentes em suas memórias do passado. Ela se lembra de ter entrado em um cinema com Shannon, um filme classificado para maiores de dezoito anos devido à nudez, e de como, apesar das imagens, dos beijos intensos como nunca tinham visto, Shannon dormiu. Malorie se lembra dos olhos fechados da irmã e se pergunta: *Será que Shannon estava se escondendo de alguma coisa? Algo que poderia enlouquecê-la?* E quando seus pais fechavam as cortinas à noite e sua mãe (*Mary, Mary Walsh, Sam e Mary Walsh*) dizia às meninas que a lua provocava pesadelos... As irmãs riam tanto daquela ideia. Será que a mãe não estava na verdade seguindo as mesmas precauções que Malorie segue agora?

Feche as cortinas. Feche os olhos.

As lembranças e o presente fundidos.

Seu quarto de infância tem cobertores nas janelas. O trajeto de ônibus até a escola é aterrorizante, pois o motorista não pode ver.

O trem, o trem, o TREM para o qual você está indo é um trem cego, Malorie, o que você está fazendo, o que você está fazendo, o quê?

Sam e Mary estão sentados no banco da frente do carro da família. Shannon e Malorie brincam no banco de trás. Seu pai gira subitamente o volante, as meninas gritam e a mãe diz que aquela foi por pouco, e Malorie, agora, ali, Malorie se lembra daquilo como se houvesse algo na estrada que seu pai não deveria ter visto, algo que o enlouqueceu.

Mas seus pais podem não estar loucos.

E, de algum modo, essa é a parte mais doida de tudo.

— Um carro — diz Tom.

Por um segundo, Malorie imagina que ele leu sua mente, como se o filho, que realizou feitos auditivos tão incríveis, tivesse ouvido o pensamento dela.

— Um carro? — repete Malorie.

— Alguma coisa — corrige Olympia.

— Não é alguma coisa — diz Tom. — É um carro.

— Parem — ordena Malorie. — Acostamento. Agora.

Ela não quer sair da estrada. Não quer que a linha reta traçada entre ela e os pais seja comprometida. Ela quer ir até eles, ir até eles, ir até eles agora.

— Carro — diz Olympia.

— Eu falei — diz Tom.

— Agora — repete Malorie.

Ela sente a grama sob as botas, mas não estão longe o bastante da estrada. No novo mundo, alguém pode estar dirigindo às cegas. Malorie já fez isso.

— Mais longe — diz ela.

Mas ela ouve o motor acelerar. Como se o motorista os tivesse visto. Como se o motorista estivesse procurando pessoas como eles.

— Abaixem-se — diz Malorie.

Mas ela percebe que é tarde demais. O carro está cada vez mais perto e desacelerando.

Está emparelhado com eles agora.

O carro para.

O motor está em ponto morto. Acelera. Volta para o ponto morto. Acelera.

Malorie imagina uma arma apontada de uma janela aberta. Um rosto atrás da arma, moldado pela loucura.

Mas ninguém fala. E nenhum som repentino rompe o céu sobre a estrada rural.

Malorie volta-se para o carro.

Está em ponto morto.

Ela pensa no Acampamento Yadin e em como eles estavam seguros lá. Quase consegue sentir sob as luvas a textura da corda conectando cada edifício, um com enlatados, outro com uma horta na lateral. Ela se vê acordando, caminhando, morando ali, a salvo. Ela se ouve perguntando aos filhos o que pode haver lá fora. Ouve as respostas. Eles moravam sozinhos. Viviam em segurança.

Eles viviam pela venda.

A grama ao lado dela farfalha rápido... demais. Malorie grita.

Soa como um animal.

Algo bate na lateral do carro.

— Não se mexam! — grita para os filhos, mas sua voz se perde em meio ao barulho dos golpes incessantes na lateral do carro.

Ela ouve um homem gritando, alguém que parece perigosamente furioso, possivelmente louco.

Então ela reconhece a voz como sendo a de Tom.

Tom está gritando para o motorista se afastar.

— VÁ EMBORA! VÁ EMBORA! VÁ EMBORA!

Malorie corre em sua direção para agarrá-lo, afastá-lo do carro. Mas o motor está acelerando tanto que a poeira sobe como uma cortina, e Malorie tosse.

O motor volta a acelerar. Malorie leva uma das mãos à boca e alcança Tom com a outra. Ela encontra o ombro dele.

Será mesmo?

Ou é o ombro do motorista?

A mão de alguém cai sobre a dela.

— *VÁ EMBORA!* — grita Tom.

E Malorie se afasta. Apesar do caos, apesar do medo, de repente ela percebe que Tom agora é um homem.

Outro golpe no carro. Então Malorie o segura pela cintura. Ela o puxa para trás. Olympia diz alguma coisa, palavras perdidas em meio ao barulho do motor.

O carro se move, e Malorie se choca violentamente com Tom quando ele volta em sua direção.

— *Vão embora, seus babacas idiotas!* — grita Tom. — *Vão embora de uma vez!*

Lágrimas em sua voz. Malorie não entende. As emoções dele soam mais amplas, mais poderosas do que jamais soaram na cabana.

— Tom — chama ela. — *Acalme-se!*

Mas ele está longe de se acalmar. E o carro está se afastando.

— Por que, mãe? Por que você não disse para eles irem embora? Por que não os mandou embora? *É isso que você sempre faz!*

Malorie não esperava por essa. Ele não está furioso com o carro, mas com ela. Como se de algum modo ela fosse o perigo, não o estranho parado em ponto morto sem dizer nada.

— Tom, nós sobrevivemos esse tempo todo...

— É tudo o que fazemos!

— Tom...

— Tudo o que fazemos é sobreviver!

Isso a deixa sem fôlego. Ela não sabe o que dizer.

O som do carro desaparece ao longe, e Malorie se dá conta de que nunca vai saber o que o motorista tinha em mente.

No velho mundo, a pessoa poderia lhes dar uma carona até o trem.

— Vamos — diz Olympia.

Sempre a mediadora.

Os dois voltam para a estrada com os sapatos esmagando o cascalho do acostamento. Mas Malorie não para de pensar no que Tom acabou de dizer.

Tudo o que fazemos é sobreviver!

Não é uma bravata. É uma queixa.

Malorie caminha. Mais uma vez, os rostos de seus pais voltam aos olhos de sua mente. Suas piadas. Seus conselhos. Mas também a educação que deram às filhas.

Malorie espera que tenham vivido de acordo com as mesmas regras que ela.

— Pronta, mãe? — pergunta Olympia.

Ainda mediando. Ainda tentando contornar a explosão de Tom.

Malorie não responde. Apenas caminha, sabendo que os filhos podem ouvi-la, que conseguem identificar sua localização exata com os ouvidos.

E, enquanto caminha, ela espera que seus pais tenham feito exatamente aquilo de que Tom a acusou de repente.

Espera que eles vivam pela venda.

Espera que tudo o que eles façam seja sobreviver.

DEZ



Tom espera Malorie adormecer. Mesmo no escuro, não é difícil para ele saber. Malorie e Olympia nem sempre roncam, mas as duas respiram de maneira diferente quando dormem. Tom acha que as escuta quando elas sonham. No Acampamento Yadin, muitas vezes essa ideia o consolava e o induzia ao próprio sono profundo.

Eles estão em um celeiro. Olympia o encontrou dois quilômetros e meio depois que Malorie pediu que abandonassem a estrada e andassem “em conjunto” até acharem um lugar para passar a noite. Para aqueles três, andar em conjunto significa que Malorie permanece na estrada, Tom caminha na grama a uns dez metros dela e Olympia dez metros à frente dele. Os adolescentes ouvem quão próximos estão um do outro, e o som dos sapatos de Malorie faz com que eles não se afastem demais, de forma que podem voltar caso necessário. Quando Olympia anunciou o que encontrou, primeiro um caminho de terra e, então, o próprio celeiro, Tom começou a planejar.

Tudo isso o está enlouquecendo um pouco.

Ele entende que Malorie cresceu em um mundo onde era normal olhar, *ver* o celeiro e, portanto, detectar qualquer sinal de perigo. Mas ele acha que a mãe não entende *de verdade* que ele e Olympia podem fazer a mesma coisa com os ouvidos. Ao longo dos anos, ela sempre os elogiou, mas suas precauções intermináveis revelam o que ela realmente pensa: que, sem ela, eles são crianças vulneráveis. Tom está lá fora, no mundo, pela primeira vez desde os seis anos, e a última coisa de que ele precisa é Malorie. Ele é capaz de ouvir se há algo perto de um celeiro. É mais do que audição. É *instinto*. Um instinto em que Tom e Olympia confiam como Malorie antes confiava em seus olhos.

Ele ouve a respiração profunda e prolongada da mãe e da irmã. Ambas exaustas, o que fazia sentido. Percorreram quarenta quilômetros por terrenos variados, o sol batendo nas mangas compridas, capuzes, vendas e luvas. Comeram as porções que Malorie trouxera do acampamento e beberam água filtrada de barrancos, rios e riachos. E embora todos os três fossem ativos no Acampamento Yadin, nenhum deles andava tanto assim havia uma década.

Tom se levanta do chão de feno áspero e murcho em que estava deitado. Ele se move o mais silenciosamente possível, ciente de que, embora Malorie não acorde com o barulho, Olympia poderia acordar com facilidade. Apesar de planejar fazer o que Olympia mais gosta, não quer que a irmã saiba o que ele tem em mente.

Ler.

Ele caminha agachado, um passo de cada vez, os braços estendidos, os dedos sondando a bolsa de Malorie na escuridão. Ele sabe onde está. Deixou um ouvido focado no local, o local exato, desde que ela a colocou ali vinte e cinco minutos antes.

Uma vibração no sótão e Tom estica a orelha naquela direção. Ele sabe que é só um pássaro. Mas será que vai bater as asas? Será que isso vai acordar Malorie?

Tom encontra as tiras que a mãe trazia apertadas às costas durante a caminhada. Ergue cuidadosamente a bolsa do feno.

Ele faz uma pausa. Escuta. Não ouve ninguém do lado de fora do celeiro.

A porta não range quando ele a abre. Tom desliza para o lado de fora, já tirando a lanterna do bolso e puxando o cobertor enrolado.

De olhos fechados, ele vai depressa até a lateral do celeiro, cobre a si mesmo e a bolsa com o cobertor, prende-o ao chão com os joelhos e os cotovelos e acende a luz.

Abre os olhos.

Então percebe que, mesmo que algo tivesse entrado embaixo do cobertor, ele não se importaria. Acredita que ouviria aquilo antes de ver e teria tempo de fechar os olhos.

Ele está cansado de ter medo das criaturas.

Farto de viver pela venda.

As pontas brancas das páginas o atraem feito muitos convites, pedindo-lhe para ler, ler, ler até a manhã seguinte.

Ele sabe exatamente onde quer começar. Na Cabana Três, Tom vislumbrou uma seção, palavras que saltaram aos seus olhos, antes de ser distraído por Olympia. Aquelas palavras sussurravam para ele desde então.

Ele tira a pilha da bolsa e a folheia até a página intitulada INDIAN RIVER.

É uma cidade no norte do Michigan. Pela descrição, é onde Tom gostaria de estar.

Ele lê:

Indian River, Michigan, tornou-se uma das comunidades mais progressistas que já encontrei. Sua população é de trezentos habitantes. A maioria dorme em tendas e no que antes era um prédio comercial de dois andares. Mas ninguém passa o dia dentro de casa.

O coração de Tom acelera. Ele se dá conta de que esse é seu tipo de gente. O tipo que enfrenta as criaturas.

Cidade de muitas invenções, Indian River não é para os fracos de coração. Um homem alega ter capturado uma criatura, mas isso não foi confirmado por ninguém mais com quem conversei. NOTA: Quase todos para quem perguntei me disseram que esperavam que ele tivesse capturado.

— Isso! — Tom meio que grita, meio que sussurra. Ele não consegue evitar.

Uma cidade inteira de pessoas que *querem* que uma criatura seja capturada?

E, talvez, apenas talvez, uma tenha sido.

A líder da cidade é uma mulher chamada Athena Hantz. Tive dificuldade para calcular sua idade, pois ela tem a paixão dos jovens e a determinação de alguém muito mais velho. A Sra. Hantz afirma que “aceitou totalmente as criaturas”. Insiste que elas não enlouquecem mais as pessoas e não têm a intenção de fazer isso. Ela acredita piamente que as criaturas mudaram com o tempo. Suas palavras: “Elas não nos punem mais.”

Os olhos de Tom se arregalam. Isso é impressionante. A ideia de que as criaturas mudaram...

Ele pensa no sujeito na loja de iscas. Ele não morreu ao sair. Isso depois de dizer que estava a ponto de olhar para as criaturas.

Será que olhou?

Tom lê: *Sem ter como verificar se ela realmente vive como alega, só posso julgá-la a partir do nosso breve encontro. E, na minha opinião, Athena Hantz é sã.*

Tom assente ao ler as palavras. Ele está impressionado com o fato de o homem do censo ter se sentido compelido a incluir aquilo. Quer acordar a mãe, mostrar para ela, dizer: “Está vendo, está vendo?” Nem todo mundo que pensa diferente de Malorie é louco!

Athena Hantz.

Sem fazer ideia da aparência ou da voz de Athena Hantz, Tom a imagina como sua mãe. O que significaria para ele ter sido criado por uma pessoa assim em um lugar como aquele?

Indian River já lhe parece mais um lar do que o Acampamento Yadin.

Ele lê: *Em todos os cantos daquela comunidade, alguém está tentando algo novo. Por conta disso, sofreram sua parcela de tragédias.*

Tom assente. Claro que sim. Tinham de sofrer. É assim que as invenções funcionam. Fracassos existem.

Será que Malorie não entende isso? Será que ela não entende que você pode passar a vida inteira de olhos vendados, mas com isso só está perpetuando a mentira de que não pode ver?

Um desses casos ocorreu na tentativa de “desacelerar” o processo de insanidade, amarrando uma voluntária a uma árvore e deixando-a do lado de fora para “ficar de vigia a noite inteira”. A ideia era

a de que, caso a pessoa que enlouqueceu não recebesse satisfação imediata, talvez o sentimento inicial diminuísse e o desejo de querer ferir a si mesma ou a outra pessoa acabasse se dissipando. A comunidade de Indian River deu sopa àquela louca, uma mulher amarrada a uma árvore que, no fim das contas, acabou não escapando do fim esperado. Em vez disso, fingiu durante os dez dias em que esteve amarrada à árvore e, quando os outros a soltaram, finalmente atacou. NOTA: Embora isso pareça tolice e seja algo que a maioria dos sobreviventes jamais consideraria, o povo de Indian River aprendeu com essa experiência. O desejo maníaco inicial realmente diminuiu. Contudo, para a infelicidade dos envolvidos, foi substituído pela astúcia. Isso levanta a questão: quem mais teria visto uma criatura e não foi capaz de realizar suas fantasias imediatas? Quem mais está fingindo sanidade? Não sei se Athena Hantz estava presente nessa experiência.

Tom precisa fazer uma pausa para refletir. Tudo é muito incrível. Embora ele tenha considerado formas de ver as criaturas, nunca pensou em alterar o efeito que causam nas pessoas. Como se a loucura fosse uma coisa maleável, algo a ser domado.

Ele se lembra da vez em que abriu os olhos do lado de fora, o que Malorie nunca soube, mas Olympia sim. Uma criatura passou pelo acampamento, e Tom, irritado, inquieto, inspirado, chegou perto de onde ela acabara de passar. Ali, protegeu os olhos com as mãos em concha e olhou para a grama. Ele precisava saber se a marca deixada por uma criatura, o efeito dela no ambiente imediato, teria o mesmo efeito que vê-la por completo. Ele racionalizou o perigo, convencendo a si mesmo que Malorie e Olympia precisavam saber daquilo. O mundo inteiro precisava saber. Porque se uma marca deixada para trás enlouquecesse alguém, talvez não houvesse tantas criaturas nas proximidades ou no planeta. Talvez a ausência delas, seguida da passagem recente, pudesse ser tão ruim quanto sua presença.

Agora, ele se sente bastante envergonhado com aquela experiência. Enquanto as páginas do censo descrevem feitos incríveis, no fundo ele sabe que sua tentativa precária não teria ajudado ninguém, porque nenhuma pessoa sabia o que ele estava testando.

Essa é uma das inúmeras provações de viver com Malorie Walsh. Não ter permissão de falar sobre essas coisas.

Ele lê: *O povo de Indian River não bebe. É um decreto comunitário. Mas fumam maconha. Estou para ver uma comunidade que valorize a elasticidade da imaginação humana tanto quanto aquela. É uma cidade difícil de descrever em termos comuns, já que lá eles fazem coisas que não são feitas em nenhum outro lugar. Dependendo da opinião de cada um, a descrição de Athena Hantz sobre sua cidade pode ser certa ou assustadora: "Temos permissão", disse-me ela. Quando perguntei o que ela queria dizer com isso, Athena apenas sorriu.*

— Isso aí! — exclama Tom. — Isso aí.

Lá eles fazem coisas que não são feitas em nenhum outro lugar.

É revigorante. Eletrizante.

Temos permissão...

Indian River fica ao norte de Lansing. Tom verificou o mapa de Malorie duas vezes antes de deixarem o Acampamento Yadin. Fica a caminho de

Mackinaw City.

Será que... talvez... ele teria a chance de conhecer aquela cidade, aquelas pessoas, ao vivo?

Ele quer gritar. Quer afastar o cobertor para o lado e correr de forma barulhenta pelos campos que, sem dúvida, existem além do celeiro. Quer sentir a noite sobre ele. O ar livre. A liberdade das pessoas que moram em Indian River.

E ele quer ver. O mundo. As estrelas, o céu, a lua, a escuridão.

Ele quer *ver* a noite. Aquela noite. Toda noite. A noite em que ele soube da existência de Indian River e das pessoas que moram lá. A noite em que descobriu que *outros* pensam como ele. Qual é a palavra que Olympia usa para isso?

Afinidade.

Sim. Tom sente afinidade. Suficiente para que ele queira subir no topo do celeiro e gritar aleluia. O mundo não é formado somente por pessoas que pensam como Malorie. O mundo não é formado por pessoas que vivem apenas pela venda. Nem todo mundo vai lembrá-lo repetidas vezes para usar a venda, o capuz e as luvas quando é *you* quem deveria lembrá-los, já que, para começo de conversa, *you* nasceu neste mundo.

— ISSO!

Ele falou alto demais. Mas não se importa. Que sua mãe venha às cegas Tateando as paredes externas do celeiro. Que venha tremendo pela noite, esta noite, a noite *dele*. Existem pessoas por aí que pensam como ele! Há pessoas que entendem que dezesseis anos poderiam facilmente se tornar trinta e dois, então sessenta e quatro, e... e... e uma vida inteira passada, sugada pelas *regras* paranoicas das malditas criaturas.

Ele queria que Athena Hantz fosse sua mãe.

Ele folheia as páginas. Quer continuar lendo, não precisa dormir. Tem dezesseis anos, está ansioso por uma vida nova, está bem desperto sob o céu noturno, que para ele não é diferente do dia. Pensa no trem. Ele quer tanto quanto Malorie que esse trem exista. Imagina pessoas como as de Indian River viajando naquela máquina. Imagina estranhos com ideias semelhantes às suas discutindo mais do que apenas tecido preto.

Ele aproxima as páginas do nariz.

Ouve passos vindo da lateral do celeiro.

Apaga a luz.

Encolhido embaixo do cobertor, seu primeiro instinto é manter os papéis junto ao peito. Ele percebe, com uma clareza súbita, que é mais importante preservar aquelas páginas do que alertar Malorie e Olympia de que algo está se aproximando.

Ele fecha os olhos.

Ouve.

Seja o que for, está perto. Move-se lentamente. Não acha que é um animal, mas é difícil dizer naquele espaço aberto. Dentro de uma casa há eco, dimensões, um projeto arquitetônico.

Do lado de fora é diferente.

Seja o que for, está se aproximando. Tom não quer ter medo, mas é o que sente. Quer que o medo dentro dele se dissipe, o abandone, volte para a estrada, para o Acampamento Yadin, para a escola para cegos, para a casa onde ele nasceu.

Mais um passo na grama. É uma criatura. Agora ele sabe.

O céu está silencioso. Sua mãe e sua irmã respiram regularmente do outro lado da parede de madeira. Bem devagar, ele tira o cobertor da cabeça. O ar frio da noite o refresca, e ele não quer tremer na presença de uma criatura.

Temos permissão, pensa Tom.

No entanto, ele treme.

Fica de pé e arregança as mangas do casaco.

— Toque em mim — diz ele. — Duvido.

Sua voz o assusta. A audácia de desafiar uma criatura.

Seja o que for, parou. Junto à parede. Assim como Tom.

— Toque em mim — repete ele. — Prove que minha mãe está errada.

Ele ergue os braços nus.

Tudo o que precisa fazer é abrir os olhos. Tudo o que precisa fazer é olhar. Uma vez. Ver o que aquilo faz com as pessoas. Então ele conseguiria inventar algo, provocar verdadeiras mudanças. Porque, se ele não sabe o que elas fazem, como impedi-las de fazê-lo?

Ele conhece todas as teorias. A maioria das pessoas, assim como sua mãe, acredita que as criaturas estão além da compreensão humana. Que ver uma delas é como vislumbrar o vazio, o infinito ou a face de Deus.

Mas Tom se pergunta... e se elas mudaram? E se for só uma questão de aceitá-las?

Ele pensa em seus óculos dentro da bolsa, no celeiro. Ele pensa em Athena Hantz.

A criatura não está se movendo. O vento escuro sopra, e Tom imagina o vento abrindo seus olhos. Culpa da noite. A noite chegou e ergueu as pálpebras dele da mesma maneira que antigamente as pessoas abriam as cortinas de casa pela manhã. Malorie contou para ele e Olympia sobre aqueles tempos, quando os pais dela enchiam a casa de luz, como tudo parecia muito maior porque dava para ver, ver, VER o mundo lá fora. E como você sentia que o mundo fora de casa também era seu.

Tom começa a abrir as pálpebras. Está realmente fazendo isso. Ele revira os olhos para cima de modo que só o branco de seus globos oculares aparece. Ele ainda não olhou. Mas está com as pálpebras abertas diante de uma criatura.

A sensação é incrível.

Ele não fala. E a criatura não se move. Braços estendidos, olhos revirados para trás, Tom se sente invencível, como se fosse a primeira pessoa no planeta a capturar uma criatura.

Algo roça seu braço.

Tom fecha os olhos. O pássaro no celeiro levanta voo. Tom se abaixa com o barulho. Esfrega o braço. De novo. As palavras de Malorie, os piores medos dela, o alcançam na escuridão de sua imaginação. As asas batendo ecoam alto no celeiro. Por um instante, ele confunde o ruído com o da criatura alçando voo.

Malorie e Olympia não falam lá dentro.

Será que a criatura ainda está à sua frente?

Será que ele foi tocado? Está enlouquecendo?

— Onde você está?

Tom não consegue explicar como sabe disso, mas parece que a criatura não está mais no mesmo lugar. Será que chegou mais perto? Mais longe? Será que desapareceu, afinal?

Ou se aproximou dele e... o tocou...

Ele fica paralisado. O corpo inteiro.

O que estava fazendo, de pé diante de uma criatura com os olhos parcialmente abertos? E se a tivesse visto? O que ele teria feito com a mãe, a irmã, com ele mesmo?

Tom volta a esfregar o braço, então se curva rapidamente e pega o cobertor.

A grama farfalha atrás dele. À sua esquerda. Em dois lugares agora. Três. Algo ao longe. Vindo da lateral do celeiro.

Algo no topo do celeiro.

— Ai, merda — diz Tom.

Ele não está mais só tremendo um pouco. Agora está tremendo para valer.

Ouve mais criaturas, mais passos ao longe, nos campos. Uma segunda no celeiro. Será que tem alguma criatura acima dele, na parede? Literalmente na parede do celeiro?

— Ai, merda — repete, porque é tudo o que consegue dizer.

Ele se move depressa, agarrando a bolsa de Malorie, lembrando-se de pegá-la, apesar do medo que se espalha dentro dele.

Medo... ou loucura?

Outra atrás. Quantas?

Ele segue depressa até a porta do celeiro. Entra.

— Mãe — chama Tom. — Olympia. Acordem!

Olympia não se mexe. Ela já está acordada.

— Estou ouvindo — diz ela.

De olhos fechados, Tom fecha a porta do celeiro ao entrar.

Malorie acorda.

— Quantas? — pergunta.

Sua voz é uma linha reta e sólida na escuridão.

— Muitas — diz Olympia.

Malorie não diz para eles manterem os olhos fechados. Ela não diz para vestirem o capuz.

— Venham aqui — diz ela. — Vocês dois.

Tom vai até ela na escuridão. Deixa a bolsa de Malorie perto de onde acredita que estava. Ela vai perceber se não estiver no lugar exato? Isso importa? Ele contou dez criaturas lá fora. Três no celeiro. Sete no gramado. Será que importa se Malorie descobrir que ele estava lendo?

Que foi tocado?

Quase chegando até ela, Tom percebe que ainda está segurando as páginas. Agora ele não pode mais colocá-las de volta na bolsa sem que a mãe perceba.

Isso importa?

Movimento lá fora. Ele ouve que Olympia já se juntou a Malorie no meio do celeiro. Nenhum barulho repentino, nenhum estrondo, nenhuma batida. Tudo silencioso, passos deliberados. As criaturas se aproximando.

Ele esfrega freneticamente o braço. Baixa as mangas.

Sua mente está a mil, rápida demais para ele aguentar. Malorie acredita que dá para enlouquecer pelo toque.

Será que é verdade?

Será?

— Mãe — chama ele, pânico em sua voz.

Mas ele não se importa em disfarçar. Precisa dela. Quer que ela esteja por perto. Que ela diga que ele está bem.

Tom acredita piamente que, caso não estivesse bem, caso começasse a perder a cabeça, Malorie se esconderia dele, assim como se esconde das criaturas.

— MÃE!

Ela segura o pulso dele. E o puxa em sua direção. Ele sente Olympia ali também, os três, amontoados.

— Luvas — diz Malorie.

Tom veste as luvas.

Ele ouve. Não sabe dizer. Ele ouve. Não sabe.

Ele ouve.

Malorie aperta o pulso do filho com mais força, e ele acha que é por causa da sua respiração pesada. Ele imagina uma mulher amarrada a uma árvore em Indian River. Ele a imagina fingindo não estar louca. Imagina a cidade alimentando-a com sopa enquanto ela finge sanidade, enquanto espera o dia em que inevitavelmente vão cortar as cordas que a prendem.

— Não há nada aqui dentro — diz Olympia.

Como se ela soubesse... Como se ela pudesse ver a cabeça de Tom virando de um lado para outro, tentando localizar um som, qualquer um, ali no celeiro.

Malorie não pergunta se as criaturas ainda estão do lado de fora porque, Tom sabe, até mesmo ela está ouvindo aquilo.

A grama farfalhando. O celeiro rangendo.

— Esperem — diz Malorie.

E a voz dela é um objeto sólido em meio ao desespero de Tom.

Não é difícil imaginar-se sufocando-a, quebrando o crânio de Olympia, caso tivesse aberto os olhos mais um milímetro para a criatura ao lado do celeiro.

O que ele estava pensando? O que estava *fazendo*?

Olympia disse que não há nenhuma criatura no celeiro. Olympia disse que não há nenhuma criatura no celeiro. Olympia disse...

— Elas não estão se movendo — diz Olympia.

— Não estão tentando entrar? — pergunta Malorie.

— Não. Mas também não estão indo embora.

Tom não para de pensar em seu braço. Ele o esfrega novamente. Imagina algo entrando nele, em seu sangue, sendo bombeado em direção à sua mente. Algo forte o bastante para que queira ferir as duas pessoas que ama. Forte o bastante para enlouquecê-lo.

No entanto, nada acontece.

Certo?

Malorie assustou demais os dois com suas descrições do que seria a verdadeira loucura. Por exemplo, o fato de que o louco não sabe que sua mente está condenada, de que é isso que o enlouquece. E de que, talvez, apenas talvez, quando as criaturas tocam alguém, a pessoa enlouquece lentamente.

Será que ele viu uma criatura lá fora? Será que seus olhos estavam mais abertos do que ele pensava?

Será que ele enlouqueceu sem saber que está louco?

Tom tem dificuldade para respirar. Ele precisa parar de se sentir assim. Aquilo o está assustando. Está farto de lhe dizerem que ele *deveria* estar com medo. Ele pensa nas pessoas de Indian River. Elas estão com medo? Elas vivem com medo? Quando ouvem passos silenciosos no escuro, quando ouvem algo no telhado do celeiro... elas se apavoram como Tom está apavorado agora?

Ele mergulha fundo dentro de si mesmo, reunindo forças. Está em busca do seu lado que se emocionou com as páginas que leu lá fora. Tenta se identificar com o adolescente que era, parado junto ao celeiro, com os olhos parcialmente abertos, tão perto de uma criatura. Onde foi parar aquele seu lado? E como desapareceu tão depressa?

— Conteí treze — diz Olympia.

Mas Malorie está fazendo o que sempre faz em momentos assim. Está começando a listar os motivos pelos quais eles vão ficar bem, vão sobreviver àquela noite. Mesmo quando Tom ouve os medos ecoando na voz dela.

— Não há registro de ataques.

Mas o que isso quer dizer? Como a pessoa que foi “atacada” sobreviveria para contar a história? E todos aqueles que enlouqueceram... quem acreditaria neles se, pouco antes de enterrarem a cabeça no jardim do qual costumavam cuidar, dissessem que a culpa foi deles, que nenhuma criatura os obrigara a olhar?

— Não estão interessadas em nós.

Mas Tom acha que estão. Que têm realmente muito interesse neles. Há outra no telhado agora. Mais no campo.

— Elas não pretendem nos fazer mal.

Mas também não foram embora, certo? Malorie contou para Tom a teoria do homônimo dele, a de que as criaturas apenas observam o que provocam nas pessoas. Que elas não têm um plano. No entanto, em algum momento elas teriam de se dar conta do dano que provocavam, certo? A certa altura, aquilo se *tornaria* uma escolha.

— Elas não sabem o que fazem.

Talvez, pensa Tom. *Talvez*. Contudo, irracional ou não, com ou sem ética, há mais delas agora do que antes. E ninguém tem prova alguma de que elas estão tentando voltar para o lugar de onde vieram.

Mesmo agora, em meio ao horror, tremendo ao lado da mãe e da irmã, esfregando o braço no local em que sentiu algo tocá-lo, Tom não insiste em tentar entendê-las.

— O que estão fazendo? — pergunta Malorie.

Tom está tão ocupado pensando que até se esqueceu do papel que normalmente desempenha. Ele ouve. Com atenção. Escuta uma movimentação nos campos. Um farfalhar mais corporal que o do vento.

— Tom, o que elas estão fazendo?

Através das paredes de madeira do celeiro, ele ouve lugares onde o vento não sopra livremente. Lugares ocupados por algo mais do que só ar.

— Tom?

Sua mãe parece assustada. Ela sempre parece assustada. Apesar da lista de razões para não se preocupar, Malorie parece saber que pode ser agora. O momento em que nem mesmo a venda os protege. O momento em que as criaturas finalmente a alcançam, alcançam seus filhos e os enlouquecem.

Tom volta a audição para o telhado.

Quantas estão lá em cima? E por quê? Se elas não querem nosso mal... se nunca atacaram... por que estão no telhado do celeiro?

— Não tenho certeza — diz Olympia.

Este deveria ser o departamento de Tom. Sempre foi. Olympia tem uma capacidade sobrenatural de detectar a localização exata de uma criatura, mas é Tom quem ouve o que elas fazem e, às vezes, o que estão prestes a fazer.

Sua audição está voltada para o sótão.

Ele se pergunta vagamente se Olympia também está ouvindo.

Há algo no sótão.

De repente, o pássaro alça voo, berrando, grasnando, cantando uma música sem sentido, sem rima nem fim. Malorie agarra o pulso de Tom com mais força enquanto o pássaro se debate pelo celeiro e se choca com a parede de madeira. Ele cai no feno, se ergue e volta a voar loucamente em direção à parede.

O pássaro cai. Outra vez. Levanta-se. Outra vez.

Voa loucamente em direção à parede.

— Há uma no sótão — diz Tom.

Malorie se levanta.

— Agora — diz ela. — *Agora*.

Os adolescentes se levantam sem discussão. Tom logo encontra sua bolsa no escuro, mas os poucos segundos que ele se afasta de Malorie lhe são penosos. Como se aquilo no sótão pudesse descer.

Como se quisesse tocá-lo.

— Por que essas páginas estão fora da minha bolsa? — pergunta Malorie.

Enquanto se move, Tom se imagina morando em Indian River. Ele imagina andar em uma cidade com outras pessoas, pessoas prontas para inventar.

— Tom? — chama Malorie.

— Mãe — diz Olympia. — Está se movendo.

E está mesmo. Tom também ouve.

— *Vamos* — diz Malorie.

Então Tom pergunta, porque não consegue evitar:

— Está trazendo as páginas com você?

Ele precisa saber. Não pode deixá-las ali.

No entanto, Malorie não responde nada. Em vez disso, Tom sente a mão de alguém em seu pulso. A mão dela. Seus dedos sobem até o braço de Tom, com o objetivo de verificar se ele baixou as mangas. Ele baixou.

Mas isso lhe traz a lembrança de que foi tocado.

Ele estremece.

Desta vez, porém, ele se esforça para se livrar daquele sentimento, do medo. E, por um instante, funciona. Por um momento terrivelmente estranho, Tom se sente destemido diante de tantas criaturas, enquanto sua mãe o puxa em direção à porta do celeiro, enquanto Olympia respira regularmente ao seu lado.

Malorie abre a porta. Tom sente a noite fria, ainda mais fria, entrar no celeiro, tocar seu nariz, sua boca, seu queixo.

— Olympia — chama Malorie.

É óbvio que ela não está procurando a ajuda de Tom. Por que não? Será que percebeu que ele foi tocado por alguma coisa? Acha que ele está enlouquecendo?

— Há uma bloqueando a porta — diz Olympia.

O sótão range atrás deles.

— Voltem — ordena Malorie.

— Espere — diz Tom. — Está se movendo.

Ele ouve a criatura sair do caminho.

— Vamos — diz Olympia. — Agora.

Malorie se move primeiro, e Olympia segue logo atrás. Mas, antes de sair do celeiro, Tom volta o rosto com os olhos vendados para o sótão.

A escada range.

Passos no feno.

Ele pensa em Athena Hantz exatamente quando a mão de alguém, a de Olympia, o puxa para fora do celeiro.

— *Cubram o rosto* — diz Malorie.

Sua voz é pura histeria.

Enquanto a ouve, enquanto se move, fugindo do celeiro, ele se esforça para se agarrar à sensação que teve há pouco, o destemor, quando se sentiu corajoso dentro do celeiro.

Aquilo foi extraordinário.

Agora passou.

Mas ele acredita que pode sentir novamente.

Indian River.

O nome da comunidade brilha em sua escuridão particular. Como se as letras que compõem aquelas palavras tivessem sido forjadas com fogo, enormes quadrados brilhantes acenando para ele, dizendo: “Ei, ei, também estamos com medo, mas ou você experimenta ou leva uma vida parcial.”

Você experimenta.

Você inventa.

Indian River.

Temos permissão.

Vamos.

Vamos.

— Tom! — grita Malorie. — Vamos!

Então, ele se move, e os sons furtivos daquilo que se espalha pelo celeiro ficam para trás. Ele alcança a mãe e a irmã enquanto seus sapatos esmagam o cascalho antes do acostamento se nivelar com a velha estrada rural inutilizada.

Eles caminham. Não falam. Escutam. Movem-se rapidamente.

E quando há espaço suficiente entre eles e aquele lugar que pensavam que lhes proporcionaria uma noite segura, a voz de Malorie quebra o silêncio:

— Não.

Tom sabe ao que ela se refere. Ele sabe que ela está respondendo ao que ele perguntou antes de deixarem o celeiro. Ela está dizendo que não trouxe as páginas.

Mas Tom ouve algo na voz de Malorie que ela afirma ouvir com frequência na deles.

Uma mentira.

Ele também ouve o farfalhar de papel dentro da bolsa da mãe.

E enquanto os três continuam caminhando em direção a um lugar que pode ou não abrigar um meio de transporte grande o suficiente para levá-los para o norte, Tom fica grato pelas páginas, por já o terem ensinado que, embora sentir medo seja algo normal, é preciso reagir enquanto treme.

Agora ele está no mundo exterior. Aquilo não é o Acampamento Yadin.

Ao longe, atrás deles, ouve-se um rangido no celeiro, como se mais criaturas estivessem andando no telhado.

Estarão observando o trio em fuga? Será que elas sabem o que fazem?

Mas isso não importa para Tom. Não agora. Enquanto anda acompanhando Malorie e Olympia, ele não se importa com o que as criaturas pretendem fazer.

Tudo o que importa é o que ele pretende fazer.

Dali em diante. No mundo exterior.

Ele não está louco.

Ele não está com medo. Está reagindo.

Ele tem permissão.



ONZE

Olympia guarda segredos.

Ela faz isso há anos, desde que se entende por gente. Ela fazia isso na Escola para Cegos Jane Tucker, e acha que é possível que já fizesse antes. Na casa em que nasceu. Talvez até no minuto em que nasceu. Ela leu livros suficientes para saber que não é totalmente vergonhoso guardar segredos, e que alguns devem ser guardados para se manter o equilíbrio com as pessoas em volta.

No entanto, a cada dia, parece pior.

Ela sabe que Tom estava do lado de fora do celeiro, lendo, quando as criaturas chegaram na noite anterior. Ela acha que não foram atraídas até ele só porque o viram; ela acredita que podem pressentir o fato de que seu irmão quer descobrir um modo de vencê-las.

Será que perceberam que Tom quer fazer algum contato?

Sabe que Tom trouxe os óculos que escondia debaixo da cama. Ela não sabe se vão funcionar, mas definitivamente acha que ele não deveria tentar.

Segredos. Tom não sabe que ela sabe. E Malorie não sabe que ele está com os óculos.

Mas Olympia sabe. De muitas coisas.

Às vezes, isso lhe incute um senso de grande importância. Em outras, faz com que ela se sinta uma mentirosa. Como se não tivesse sido sincera com Malorie e Tom ao longo do tempo.

E ela não foi.

É impossível mentir para si mesma, embora ela tenha lido sobre personagens que se beneficiaram ao fazê-lo. Que entenderam que as pessoas com quem se importam são complexas e, portanto, ignoram algumas coisas

ruins umas das outras. E por que não? Importa o fato de Tom estar ressentido com Malorie? Importa que Malorie esteja se afastando de Tom? O velho mundo é totalmente diferente do novo, sim, mas Olympia descobriu que as pessoas continuam as mesmas. Os personagens de seus livros não são tão diferentes daqueles de sua vida.

Hoje eles andaram até amanhecer, e agora o sol começou seu longo caminho até se pôr.

Mas estão perto.

Eles seguem devagar porque estão cansados e com calor e, às vezes, a coisa toda parece uma tolice. Não há placas de trânsito informando que o trem está próximo. Não há outdoors, como nos livros.

Mas eles caminham. E têm esperança. E Olympia faz o que pode para que a mãe se sinta em paz com sua decisão de fazer aquilo.

Ela quer muito que os pais de Malorie estejam vivos. Basicamente, eles são seus avós, de sangue ou não, e leu o suficiente sobre avós para saber o impacto que podem ter na vida de um adolescente.

Ah, como ela quer que estejam vivos. Em St. Ignace. Ou mais perto. Esperando pela família na plataforma. Como os avós costumavam fazer.

— Faltam só três quilômetros — diz Tom.

Eles estão andando o mais rápido que podem com segurança.

Olympia sente o entusiasmo na voz do irmão. Ele está quieto hoje. Ela se pergunta se esse silêncio é para fingir que está ouvindo. Mas Olympia sabe que ele não está. Tom fica quieto quando planeja alguma coisa. No Acampamento Yadin, aquilo geralmente significava que ele estava pensando nos materiais necessários para montar um capacete novo, uma armadura, luvas mais pesadas. Ali, porém, ela tem dúvidas.

Será que tem a ver com o que ele estava lendo do lado de fora do celeiro na noite anterior?

Malorie também não fala muito, mas não é difícil adivinhar o que ela está pensando. Durante dezessete anos, Malorie acreditou que os pais estavam mortos. Isso significa, é claro, que ela já superou a perda deles. É difícil para Olympia imaginar um mundo em que as vendas não eram acessórios essenciais do guarda-roupa de alguém, mas, se ela abrir a mente, se realmente se colocar no lugar de Malorie, consegue fazer isso. Ela pensa: E se o mundo estivesse tão de cabeça para baixo que ela, Olympia, achasse que Malorie não teria sobrevivido? Depois de dezessete anos, os pais de Malorie não estariam mortos de qualquer modo?

Mortos para Malorie?

— Como vamos encontrá-los quando chegarmos lá? — pergunta Olympia.

Algo a dizer. Mas então ela se arrepende ter dito. Sabe a resposta. É claro que Malorie vai dizer que eles vão ouvir. E, se encontrarem alguém, vão ter que perguntar o que sabem.

— Vamos ouvir — diz Malorie. E acrescenta: — Conversaremos com as pessoas.

Olympia pressente a reação de Tom; sabe o que está por vir.

— Talvez — diz ele. — Quero dizer, talvez você nos deixe conversar com as pessoas.

Malorie para de andar. Olympia quer incentivá-la a seguir em frente, dizer para não se incomodar com Tom. Que agora não é hora. Estamos tão perto...

— Eu vou dizer com quem conversaremos — diz Malorie. — E você vai ouvir quando eu disser.

Tom também para.

— Claro, mãe. Entendi. — Raiva em sua voz.

— Sim, entendeu mesmo, porra.

— Você age como se eu não a ouvisse — diz Tom. — Age como se não fizéssemos todas as coisas loucas que você manda!

— Ouvir não é bom o bastante — diz Malorie. — Acreditar que o que eu estou dizendo é certo, é isso que importa.

Olympia se afasta deles e vai até o acostamento. Afinal, talvez só precisem desabafar.

— Podemos pensar por nós mesmos! — grita Tom.

— Meu Deus, Tom — diz Malorie. — Você não tem ideia do que está dizendo.

— Tenho, sim!

— Não, você não tem. Teve uma vida completamente protegida.

— Ué, e de quem é a culpa?

— Minha é que não é! — grita Malorie.

Eles estão gritando.

Olympia dá um passo à frente na grama negligenciada, alta o suficiente para ser tocada por sua mão enluvada.

Seu calcanhar roça em algo macio.

— A culpa é cem por cento sua — diz Tom. — Vivemos de acordo com suas regras.

— É isso mesmo. Vocês *vivem*. Estão vivos. Graças às minhas regras.

— Mãe! Você não nos deixa falar com ninguém além de você!

— O que outra pessoa faria por vocês, Tom? Ensinaria vocês a amarrar melhor as vendas?

Olympia se ajoelha na grama alta para sentir no que quase pisou.

— Mãe, você tem a cabeça muito fechada! — diz Tom. — É simplesmente... insano!

— Tom, você vai me ouvir...

— Talvez não!

Olympia toca naquilo e em seguida afasta a mão enluvada.

— Estou de saco cheio! — diz Tom.

— Você? — grita Malorie. — Você não tem *permissão* para ficar de saco cheio de nada!

Há uma mulher aos joelhos de Olympia. Uma faca cravada no coração. Os próprios dedos dela no cabo.

— Nós nem sabemos se elas ainda enlouquecem as pessoas — diz Tom.

Mas há menos força por trás de suas palavras.

— Nós o quê? — pergunta Malorie. — O que você quer dizer com isso?

Olympia tira a luva. O sangue está coagulado, endurecido pelo sol. Parecem dedos pelo modo como escorreu pelo pescoço da mulher.

— Olympia! — grita Malorie.

A menina se levanta.

— Bem aqui, mãe.

Silêncio então. Como se, ao mencionar o nome de Olympia, Malorie tivesse acrescentado um toque de equilíbrio à conversa.

— Chega — diz Malorie.

Olympia sabe que ela não está dizendo isso só para Tom. Está dizendo para tudo. Para as criaturas. Para o fato de estar procurando pessoas por quem já sofreu a dor do luto.

Olympia vira a orelha para a frente.

— Pessoal — diz ela. — Estou ouvindo um motor.

Ela acha que não é um carro. Soa mais como um gerador, o zumbido constante de um amplificador. Dos grandes.

— À frente? — pergunta Malorie.

— Sim.

— Não é um carro — diz Tom.

— Não — diz Olympia.

— Falem mais — pede Malorie.

— É... maior do que um carro... — diz Tom.

— É o trem — diz Malorie.

Olympia empalidece. Será que sua mãe está certa? Esse é o barulho que um trem faz?

Parece enorme.

— Precisamos ir rápido — diz Malorie. — Três quilômetros?

— Um pouco menos — diz Tom.

— Agora — diz Malorie. Tentáculos de histeria presentes. — *Agora.*

O trem.

Mas será mesmo? Ou será que, como Olympia leu em tantos livros, eles apenas querem que seja?

Malorie e Tom se afastam. Olympia se volta para a mulher morta em meio à grama alta do acostamento da estrada rural e diz:

— Desculpe por não ter mencionado você.

Mas ela sabe que era a coisa certa a fazer. Sua mãe e seu irmão estão trabalhando juntos, à frente, nenhum deles preocupados com um cadáver.

Um presságio.

Um agouro.

Agora, não.

Às vezes guardar segredos é a coisa certa a fazer.

Ela se apressa para alcançá-los. Ao longe, o motor desconhecido murmura continuamente, e ela imagina uma máquina maior do que a casa em que nasceu.

Ela caminha.

Ela os alcança.

Ela guarda segredos.

DOZE



A mente de Malorie está a mil.

Ela acha que é um trem. Quer que seja. Mas não tem certeza. Ela nunca se concentrou tanto em um som, em qualquer som. Qual o barulho de um trem, àquela distância, naquele estado de espírito?

Ela se move com rapidez. Muita rapidez. No entanto, Olympia está um passo adiante. Sua filha avisa quando há declives na estrada e mais de uma vez se vira para puxar Malorie pelo braço.

Não importa que ela tenha brigado com Tom. Nada importa agora além daquele zumbido incrível ao longe. De poucos em poucos metros, parece vir de um lugar diferente. À sua direita; não, à esquerda. Deve faltar menos de dois quilômetros agora, não, está mais para quatro. Às vezes, o som desaparece completamente, e Malorie imagina um trem sumindo, como um truque de televisão, aquela coisa gigantesca desaparecendo até que, quando se pensa que foi embora, reaparece em um horizonte que pode estar perto ou longe.

— Tom? — diz ela.

— Oi. Estou bem.

Ela não precisa chamar por Olympia. Sua filha está liderando a caminhada, como já fez tantas vezes. Malorie se lembra da viagem da escola para cegos até o Acampamento Yadin. Mesmo então, a pequena Olympia assumiu o comando.

— Cuidado — adverte a menina. — Curva grande na estrada.

Malorie se move em direção à filha, enquanto pensa em si mesma como filha, a filha de Sam e Mary Walsh. Subitamente, ela não consegue distinguir

a diferença entre quem é quem ali e então sente a mão de Olympia em seu ombro, guiando-a.

Olympia diz algo sobre o trem, que pode não estar partindo, que pode não estar lá. Mas a mente de Malorie está tão dominada pela possibilidade de ver os pais que confunde o trem com eles, como se fossem seus pais parados ao longe.

— Posso ir correndo na frente — diz Tom.

Porque ele não tem medo de cair. Porque ele se levantaria. Porque ele tem dezesseis anos.

— Não — diz Malorie. Mas talvez seja o único momento em que deveria ter dito sim. — Você não pode se machucar. Não agora.

Ela está sem fôlego, as sílabas separadas por suspiros. Será que está em pânico?

Ocorre-lhe que Sam e Mary Walsh *podem* estar de pé ao lado do monstro em marcha lenta. Se o trem for para Mackinaw City, e se seus pais, em algum momento, tivessem ido para o sul do estado, não é lógico que podem ter pegado o trem para o sul? Assim como Malorie se apressa para pegar esse mesmo trem na direção oposta para encontrá-los?

Lógico.

A palavra soa completamente fora de lugar. Lógica em um mundo enlouquecido. Um mundo sombrio. Um mundo no qual ela poderia passar pelos pais *agora mesmo*, os dois em silêncio ao ouvirem o som de três pessoas correndo em sua direção, ambos a caminho do sul do estado, procurando por ela.

Não é um trem, pensa Malorie. Porque não pode ser. Porque o motor em marcha lenta de um trem não silencia e depois volta a funcionar. O som não é bem assim. E porque seria bom demais para ela se o trem *estivesse* mesmo ali.

Se há uma coisa que Malorie nunca teve foi uma folga.

Alguém teve?

Mas ela continua se movendo em direção àquilo. Quase correndo agora.

Os dois adolescentes estão à frente. Olympia avisa sobre os declives na estrada; Tom afirma que falta cerca de um quilômetro. As pernas de Malorie gritam. Seu peito está muito quente. Sua cabeça, repleta de lembranças. Ela se lembra de seus pais a levando com Shannon ao zoológico. Lembra-se de como as duas seguiram os cartazes com elefantes pintados até onde ficava o leviatã brilhante, dentro de um grande cercado, mas longe de ser grande o bastante. De como seu pai pegou Malorie no colo e disse que gostaria de tirar aquele animal do parque, colocá-lo embaixo do casaco e levá-lo de volta para a África. Malorie se lembra de ter rido daquilo, para logo em seguida entender o que ele queria dizer e compreender que seu pai era um homem bom. Ela se lembra de sua mãe em uma loja, na fila para comprar calças jeans para as irmãs. Uma mulher na fila à sua frente tinha dois dólares a menos. Sua mãe lhe deu os dois dólares que faltavam.

Ah, como Malorie quer ver essas duas pessoas outra vez. O desejo tomou conta de seu corpo. A esperança, a pressa, a possibilidade...

Mas ela não se permite isso, não se compromete. Pode não ser um trem.

E mesmo que seja... quem o conduz?

— Vamos! — grita Tom, animado.

Malorie ouve o filho quase cair e recuperar o equilíbrio. Ela sente a mão de Olympia em seu cotovelo.

— Vamos! — grita Tom outra vez.

E soa como um jovem de dezesseis anos. Olympia também. Malorie sabe que os filhos estão vivendo algo de que nunca se esquecerão. Ela também tem lembranças. Seus pais rindo com os vizinhos à mesa da cozinha. Seu pai usando uma peruca engraçada no Halloween. Sua mãe instalando as luzinhas no telhado em dezembro.

De repente, ela pensa em Ron Handy. Que ele deve estar pensando na irmã, desejando tocar a mão dela novamente, ansioso para ouvir sua voz.

— Talvez não... — começa a dizer Malorie, ofegante. — Pode não ser... — Mal consegue pronunciar as palavras. — Pode não ser um trem!

Nesse mesmo instante, soa um apito.

Aquilo destrói a escuridão particular de Malorie, o céu escuro é dividido ao meio por uma nuvem de vapor branco metálico, ondulando com a força de um trem de verdade.

Aí, meu Deus, pensa ela. Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus.

E ela está correndo, a mente selvagem, cores novas no escuro, uma delas a da convicção.

É um trem, afinal. Disso não há dúvidas agora.

— VAMOS!

Foi ela quem gritou? Foi Tom? Não, foi Olympia. A menina está liderando novamente. Ela está indicando no que devem prestar atenção. Como se fosse uma gata, capaz de reagir mais rapidamente às quedas e curvas do que Malorie jamais conseguiria. E está funcionando. Os galhos batem nos seus braços e seus joelhos quase dobram quando a estrada se torna uma ladeira em descida, mas Malorie está correndo, não mais caminhando, correndo para um trem cego, um trem que segue para o norte, para onde seus pais foram listados como *sobreviventes*.

O sol está quente e continua alto e, como a estrada é em declive, ela ouve o motor em marcha lenta, muito mais alto do que antes. Ela vê a imagem, como se todo aquele cenário insano fosse uma pintura de Norman Rockwell: vapor branco-amarelado subindo do topo de um trem preto, as rodas brilhando ao sol de verão. Na plataforma, homens e mulheres com guarda-sóis, maquinistas e bilheteiros recolhendo passagens, crianças com medo de embarcar, animais de estimação atrelados às coleiras, malas e baús, sapatos sobre pranchas de madeira que rangem, os trilhos levando ao futuro, ao norte, feito uma porta secreta até seus pais.

Sam e Mary Walsh.

Malorie cai.

Ela bate o joelho com força e percebe que a estrada não é mais de terra, agora é compacta, possivelmente pavimentada. Sente calor sob o capuz e as luvas e transpira por trás da venda. E, quando se levanta, quando as mãos de Olympia tocam seus ombros, ela se dá conta de que a realidade do momento não se parece em nada com uma pintura famosa do velho mundo. O trem não brilha. Está ali parado, talvez com peças enferrujadas, provavelmente ligado à eletricidade de forma perigosa. Aquela máquina com certeza não passaria por nenhuma inspeção de segurança. As janelas devem ser pintadas de preto, e é fácil imaginar que a tinta escorreu pelas laterais do trem, atingindo as rodas gigantes. Ela apostaria dinheiro que há peças da ferrovia faltando, vãos ao longo dos trilhos que, sim, levam para o norte, mas não para o mesmo norte de antes. Agora, o trem vai entrar na escuridão, com todos os passageiros vendados, até mesmo o maquinista incapaz de olhar para fora. E o que ele veria, caso o fizesse? Não há famílias se despedindo, nem animais de estimação a verificar. E a bagagem que os passageiros levam são apenas bolsas repletas de enlatados e pilhas, sapatos extras e panos pretos.

Quem mais pegaria um trem como aquele? E por quê?

Malorie está novamente de pé, caminhando com o joelho ferido. A ideia de o trem partir agora, antes que eles cheguem, é quase cruel demais para ser concebida. Quanto tempo eles teriam de morar naquela região, esperando que voltasse?

— Estamos chegando — diz Tom.

E Malorie sabe que estão. A voz do filho é quase inaudível em meio ao rugido da grande locomotiva. Ela imagina Tom sendo sugado para um novo mundo onde a indústria reina outra vez, onde há empregos e trabalhadores, profissões se abrindo para uma infinidade de caminhos, jornadas que seus filhos poderiam ter feito há duas décadas.

— Fiquem perto — diz Malorie.

Ela não tem certeza de onde Tom e Olympia estão. A voz de Olympia emerge em meio ao barulho, uma aparência de segurança, mas perto apenas pelo tempo em que um morcego voaria baixo acima da mulher de olhos vendados tentando percorrer aquele último trecho da estrada.

Será que Malorie e seus filhos estarão protegidos, a salvo de quem estiver a bordo? Haverá comida? Água? Banheiros? Camas?

E quanto custa a passagem?

— Pessoal! — grita Malorie.

A mão de alguém toca seu cotovelo, então solta.

O apito soa outra vez.

Eles estão muito perto.

— Tom! — grita ela. — Olympia!

Mas é a voz de um homem que responde:

— Vocês têm só alguns segundos. É melhor se apressarem!

Por um instante terrível, parece que o homem está dizendo que eles têm alguns segundos de vida. E talvez seja isso mesmo o que ele queira dizer. Talvez seja verdade.

Mas ela corre, braços erguidos. Mãos pequenas seguram as suas. Olympia.

O som do trem muda, e Malorie sabe que está começando a se mover. A expiração profunda da locomotiva despertando.

— Ah, não — diz ela, ofegante.

— Ainda está aqui — diz Tom.

Tom! Tom também está ao seu lado.

Mas o trem está se movendo. Malorie tem certeza disso agora.

E outras pessoas estão gritando, dizendo algo sobre abrir caminho, limpar os trilhos.

O motor ruge. O apito toca.

Vapor. Um trem. Tão perto.

Mas está se movendo.

— Vamos! — grita Olympia.

— Está saindo! — grita Tom.

Mas eles não param. Eles se movem. Agora sobre placas de madeira rangente. Uma plataforma? Uma estação? Malorie bate o ombro no de outra pessoa, alguém que grita para ela ter cuidado. A frase do velho mundo soa como um prenúncio do que está por vir.

— Vamos ter que pular na parte de trás — diz Olympia.

Malorie imagina que sua filha tenha lido aquilo em algum livro. Personagens, clandestinos, vagabundos. Não acredita que está concordando com aquilo. Não há como justificar aquela ideia. Essa não é a mãe que ela tem sido há dezesseis anos.

— Mãe! — grita Olympia.

Malorie estende o braço, mas não a encontra. O trem parece estar se movendo mais rápido, muito rápido, o motor não expira mais e, sim, respira com força, subindo para o norte.

— Não vamos conseguir — diz Malorie.

Ela vê Ron Handy em seu posto de gasolina, com um copo sujo de uísque velho nas mãos. Ela o vê chorando, lutando contra o horror de escolher não ir até sua irmã.

Malorie tenta fechar os olhos da mente, os olhos atrás dos olhos que já estão fechados, tudo isso por trás da venda pela qual ela vive. Ela não quer pensar em Ron Handy, no Acampamento Yadin, em Tom, o homem, em Olympia, a mulher, na Escola para Cegos Jane Tucker, em Annette ou Gary. Ela quer se concentrar no som do trem, no movimento, nas rodas girando, no guincho metálico, no bombeamento, no vapor, na máquina. No entanto, seus pais aparecem, parados no fim do cais em Twin Lakes, nas profundezas da Península Superior. Estão sorrindo para ela, encorajando-a, você

consegue, nade, vamos lá, você está muito perto. O cabelo do seu pai ainda é castanho e a mãe continua sem usar óculos, e eles são as mesmas pessoas de quando Malorie era criança, nadando pela primeira vez.

Só que de repente estão de olhos vendados, com as mãos estendidas. Eles não podem ver Malorie, e parece que ninguém sabe como se comunicar. Eles a chamam, assim como as vozes a chamam enquanto ela corre, e Malorie se debate, quente de sol, insegura se vai conseguir, sentindo algo enorme na água com ela, sentindo algo enorme (e se movendo) na escuridão com ela agora, enquanto corre, enquanto as pontas de suas botas batem nos trilhos.

Trilhos!

Malorie está correndo para um trem!

Vamos, Malorie!

Shannon. Até mesmo a irmã a incentiva do cais. A mesma irmã que expressou ciúmes, que disse que o lago era dela e teve de ser consolada pelos pais (*Sam e Mary Walsh*). Agora Shannon chama por ela, a voz alta e enérgica. Ela está torcendo por Malorie, assim como Malorie já torceu para que Shannon entrasse no novo mundo, assim como aquele novo mundo estava substituindo o antigo, assim como Shannon acreditou nas criaturas antes de Malorie.

Vamos, Malorie!

E Malorie alcança o cais, às cegas, ao que parece com água e escuridão acima de sua cabeça, de modo que ela pode estar correndo de lado, pode estar correndo em direção à terra ou mesmo para longe do trem.

Seus pais estão rindo, e Malorie sabe que é porque ela vai conseguir.

A mão de alguém segura a sua.

O trem não está se movendo depressa. Não pode se mover depressa. É cego.

Ela é puxada para a frente e outra mão agarra sua mão livre, e os pés de Malorie subitamente começam a arrastar pelo chão. Sua canela se choca contra algo metálico, e o som da locomotiva é tão alto, tão terrivelmente alto, que ela sente que está vindo do céu bem acima dela.

— Suba — diz Tom.

Foi Tom quem a segurou. Tom a suspende, guiando-a para uma série de degraus de metal.

Malorie ergue e abaixa uma perna, mas sua bota não toca em nada, e ela é arrastada mais uma vez.

Seus filhos conversam rapidamente, gritando um com o outro, tentando puxar Malorie para a segurança.

Malorie volta a levantar a perna e, desta vez, quando a baixa, a ponta de sua bota se apoia no primeiro degrau de metal.

— Você consegue — diz Olympia.

Malorie se ergue até alcançar o chão sólido. Ela está de pé — de pé! — segurando um corrimão de metal, já pensando que, por mais que aquela

viagem demore, ela não vai tirar a venda pelo tempo que durar.

Eles estão se movendo sem precisarem caminhar. No novo mundo.

A voz de um homem interrompe seu devaneio:

— Vocês a pegaram?

— Sim — responde Olympia.

Sua voz soa como a de Shannon no cais.

— Quem é esse? — pergunta Malorie, mas sem a censura que costuma acompanhar essa pergunta.

Eles acabaram de pegar um trem em movimento.

O homem volta a falar, mas sua voz soa distante. Malorie entende que ele está indo mais para o fundo do trem. Ela ouve uma porta se fechar.

Ela sobe os degraus que faltam.

Olympia e Tom estão lá. Ela os abraça enquanto os três soltam breves suspiros de alívio. Então ela se volta para encarar a escuridão através da qual acabou de correr, se perguntando se aquela foi a decisão certa, se não foi a coisa mais perigosa que já fez.

Ela arriscou a vida dos filhos. Não há como racionalizar aquilo. Não há como fingir que não o fez.

— Conseguimos — diz Olympia.

Parece extasiada. Viva. Como uma adolescente que deu início à maior aventura de sua vida.

Malorie se volta para a porta traseira do trem, o mundo das estradas de terra e do Acampamento Yadin desaparecendo atrás dela.

Ela inspira, prende a respiração, expira.

Vai saber que tipo de pessoas estão naquele trem.

Ou quantas.

Se as coisas se complicarem, podemos pular, pensa.

— Tudo bem — diz ela, toques de agitação exacerbada em sua voz. — Mantenham as vendas e os capuzes. As luvas também. Vamos entrar.

Ela sente um tapinha na bolsa. Será que Tom está tentando abraçá-la outra vez?

Malorie se posiciona entre os filhos e encontra a maçaneta da porta corrediça. Ela pensa em seus pais porque não consegue evitar pensar neles. Seus nomes estampados nas páginas dentro de sua bolsa, os nomes que a colocaram naquele trem.

— Façam exatamente o que eu disser — diz ela. — E só falem com quem eu disser que podem falar. Não digam a *ninguém* para onde vamos ou por quê. Não estamos aqui para fazer amigos. Estamos aqui para ir de um lugar a outro. Só isso. Vocês entenderam?

— Sim — responde Olympia.

— Sim — responde Tom.

— Muito bem — diz Malorie. — Eu amo vocês.

Todas as imagens, memórias e fantasias abandonam a mente de Malorie de uma só vez, deixando apenas a escuridão infinita do que está por vir.
Ela abre a porta corrediça.
Inspira, prende a respiração, expira.
E os três entram no trem cego.

O TREM CEGO

TREZE



Isso vai terminar em loucura.

Porque sempre termina. Quando Malorie está perto de outras pessoas, alguém sempre comete um erro. Alguém tenta algo que não deveria. Alguém acredita no que não deveria acreditar. Ela sabe que não existem duas mentes iguais. Nem mesmo seus filhos, criados da mesma maneira, que vivenciaram os mesmos acontecimentos desde que nasceram até agora, aquele minuto, correndo e embarcando em um trem. Até alguém que pareça ter bom coração pode olhar pela janela. Alguém antipático pode nunca olhar. As antigas estruturas do bem e do mal há muito tempo foram substituídas por prudente e imprudente. Você é uma pessoa prudente? Ela pensa que é. Sabe que é. Na escola para cegos, ela foi ridicularizada por isso. Outros acharam que as precauções de Malorie significavam que ela acreditava que eles não estavam agindo corretamente. Inseguranças, ali, mesmo diante da loucura, da visão de uma criatura de fora deste mundo, de fora do velho mundo, pelo menos. A ideia do entusiasta, do empreendedor, do homem, da mulher ou da criança feliz morreu há muito tempo. Agora, ou você olha ou não olha. Ou você vive pela venda ou não vive. Você dedica sua vida à escuridão compartilhada, às vezes por cordas, mãos, vozes, com os mais próximos a você. Ou não.

E aquele lugar, aquele lugar que cheira a gente, onde dá para ouvir corpos movendo-se na escuridão, onde as conversas se misturam com o motor pulsando e as rodas rugindo sobre os trilhos preexistentes, aquele lugar também vai terminar em loucura.

Malorie só espera que cheguem a Mackinaw City antes disso.

Alguém caminha em sua direção. Malorie ouve passos pesados no que parece ser um corredor. Seus filhos estão atrás dela, e ela para e abre os braços, fazendo as vezes de um escudo. Acha que ouve uma movimentação atrás de uma porta à sua esquerda. Vagões-dormitórios, então. Uma casa movendo-se a oito quilômetros por hora sobre trilhos. Isso é bom. Ou pode ser. Privacidade. E se eles conseguirem essa privacidade e alguém invadir?

Pule.

— Retardatários — diz a voz de um homem. Parece ter a idade de Malorie. — Mas chegaram mesmo assim. David me contou que vocês acabaram conseguindo. Bem-vindos. Não é fantástico?

Malorie sente o balanço do vagão. Ela está em movimento sem mexer as próprias pernas. Pela primeira vez desde que pegou um barco a remo doze anos atrás.

Ela não fala. Não sabe ao certo o que dizer, como responder. Não é o mesmo que encontrar alguém no Acampamento Yadin, um lugar que ela chamava de lar. Também não é como conhecer alguém na floresta, sem sinal de civilização por perto.

— Tenho a impressão de que você não vai querer fazer isso — diz o homem. Malorie se inclina para trás, na direção dos filhos. — Mas não precisa usar vendas no trem.

— Não deem ouvidos a ele — diz Malorie.

— Não, não. Eu entendo — diz o homem. — Não pretendia começar com o pé esquerdo. Sinceramente. Não se preocupe. Algumas pessoas preferem usá-las o tempo todo. Mas a verdade é que...

— Quem é você?

O homem ri. Parece uma risada do velho mundo. Do tipo que ela ouviria em uma festa.

— Dean Watts — diz ele. — O dono deste trem. Embora essa palavra não tenha o mesmo encanto de antigamente, não é? Que tal... sou aquele que achou que devíamos tentar usar o grande trem morto.

Malorie imagina uma pessoa tão otimista quanto Tom, o homem. Ele teria feito algo assim? Teria vivido para tentar?

— Vocês devem estar impressionados — diz Dean. — Todos ficam assim na primeira vez.

— Já houve passageiros que repetiram a viagem?

— Alguns. Houve um sujeito que fez o trajeto de ida e volta uma dúzia de vezes. Ele...

— Quantas vezes esse trem já circulou?

— Tive uma ideia — diz Dean. — Que tal vocês me seguirem até o vagão-restaurante? Nós nos sentamos e eu respondo a todas as suas perguntas. Acreditem, durante a restauração cega desta coisa, passei muito tempo parado nos corredores.

— Gostaríamos de ficar em um vagão particular se tiver algum disponível.

Ela ouve Tom bufar logo atrás. Sabe que ele quer conhecer pessoas. Ela mal pode imaginar quão insondavelmente cosmopolitas a vida e a voz daquele sujeito, Dean, devem estar soando para seu filho.

— Nós temos um — diz Dean. — Vários, na verdade. O trem tem dez vagões. Há um vagão-restaurant, dois de carga, seis de passageiros e dois que servem de espaço para mercadorias. Recebemos quase todas as nossas encomendas e solicitações por telegrama. — Ele fica em silêncio por um segundo. — Vocês sabiam que o mundo voltou a usar o telégrafo?

Pela maneira como Dean perguntou, Malorie percebe que ele sabe que ela não sabia. Será que também percebeu que ela quer saber o que ele entrega?

— E antes que pergunte, nós entregamos todo tipo de coisa. Móveis. Cobertores. Enlatados. Até mesmo mortos. Para entes queridos que tiverem notícia de seu paradeiro.

Malorie não consegue processar tudo o que o homem diz. Tem dez perguntas para cada afirmação insondável que ele faz.

Ela achou que tinha alguma noção do novo mundo. Então... uma batida à porta da cabana entregou-lhe um trem, um telégrafo e o nome de seus pais.

— O negócio é o seguinte — diz Dean. — Quero que todos que viajam desfrutem do maior conforto possível. Não estamos ganhando dinheiro aqui. Não existe mais isso. Mas eu me importo. Vocês só precisam confiar em mim.

Mas Malorie não quer que ninguém lhe diga em quem ela deve confiar.

— Um vagão particular — diz ela. — Só isso.

— Posso perguntar por que vocês estão a bordo?

O trem balança. Está longe de se mover com a rapidez dos trens que Malorie pegava no velho mundo. Parece mais que ela está andando de bicicleta. No entanto, para alguém que não anda de bicicleta há dezesseis anos, o movimento é perturbador. Ela tem perguntas. Deveria fazê-las? Já é perigoso o suficiente ter trazido os filhos até ali. Na verdade, é totalmente insano. Agora, a bordo, balançando com o movimento do trem, ouvindo as rodas gemerem, diante de um estranho em um corredor que ela não pode ver, um estranho que, ela supõe, não usa venda, e que está olhando para ela, não é difícil considerar aquela a coisa mais imprudente que já fez na vida.

Não existe mais bem e mal.

Apenas prudente ou...

— Um vagão — repete Malorie. — Só isso.

Dean bate uma mão na outra.

— Certo. Entendi. Sigam-me e vou mostrar o primeiro disponível.

— Este aqui não está livre?

— Não — diz Dean. — Estamos em um dos vagões de carga. Tão glamouroso quanto você possa imaginar. Venha por aqui.

Ele se move e ela o segue. Malorie sente a energia dos filhos mais atrás, como se fossem cavalos com arreios, esperando para serem liberados. Ela

sabe que ambos devem estar loucos de curiosidade. Ao longo do tempo, Tom tentou inventar outras formas de viajar. No Acampamento Yadin, transformou um carrinho de mão em uma espécie de cadeira acolchoada com rodas. Agora, Malorie pensa que a invenção boba de Tom parece-lhe mais segura do que aquela máquina gigantesca e instável.

No entanto, Dean parece inteligente. Isso tem valor para ela. E embora inteligência não gere segurança, é melhor do que a alternativa.

— Como você pode ter certeza de que os trilhos estão livres? — pergunta ela.

Ela tem a impressão de ouvir o sorriso de Dean.

Estão mesmo em um trem? Será possível?

— Estou lhe dizendo, vamos nos sentar no vagão-restaurante. Existem *muitas* respostas interessantes para todas as perguntas que você está me fazendo. Quero dizer, pense só... — Dean para de andar, e Malorie quase esbarra nele quando ele volta a falar: — Esperem. Ainda não sei seus nomes.

Malorie quase sente os nomes subindo pela garganta dos filhos. Ela se antecipa:

— Eu sou Jill. E estes são John e Jamie.

— Quantos anos você tem, John?

— Ele tem vinte.

Novamente ela pensa ouvir algo como um sorriso no rosto de Dean. Ele sabe que Malorie está mentindo. Mas ela não se importa. Quer chegar a um vagão. Fechar a porta. Trancá-la.

Sam e Mary Walsh.

— E você, Jamie? — pergunta Dean.

— Ela tem vinte e um — diz Malorie.

— Ótima idade. Qualquer idade é boa neste mundo. Significa que você sobreviveu.

Eles andam. O trem balança. Malorie imagina uma paisagem escura passando do lado de fora, gradações de escuridão, um mundo que ela e os filhos nunca vão ver.

— Isso é música? — pergunta Tom de repente.

Dean para outra vez.

— Você consegue ouvir? — Ele se cala e Malorie também aguça os ouvidos para o que Tom escutou. — Há três músicos a bordo. Estão tocando violão no vagão-restaurante. Eles fazem isso com frequência. Mal posso acreditar que você consegue ouvi-los, John.

Malorie encontra o pulso de Tom na escuridão e o aperta. Estão no novo mundo, mas isso não quer dizer que pertençam a ele.

Não se descuide.

Esse mantra de três palavras manteve seus filhos e ela mesma vivos por muito tempo. A pequena embora poderosa frase que a separa e sempre a

separou das pessoas que acham que podem superar circunstâncias insuperáveis.

Contudo, apesar da mão de sua mãe, Tom diz:

— É um som legal.

Dean ri de novo. Malorie se pergunta se ficou vermelha na frente dele.

— Com certeza — diz Dean. — Mas não é tão legal quanto o fato de seus ouvidos funcionarem assim. *Isso, John, é fenomenal.*

— Quem mantém os trilhos livres? — pergunta Malorie. Sua voz soa mesquinha. Como se ela estivesse tentando assumir o controle. — Como você pode ter certeza de que não vamos bater em alguma coisa?

Dean para de andar novamente e, dessa vez, Malorie esbarra nele. Sente que ele é mais alto do que ela, mais largo. Ela recua.

— Você se lembra do Buster Keaton? — pergunta ele.

Malorie pensa em seu pai. Ele gostava de Buster Keaton.

— Por favor, só quero saber como...

— Ele fez um filme chamado *A General*. Há uma sequência brilhante em que ele limpa troncos caídos nos trilhos. É tão bem orquestrado que você quase acredita que é mágica. Bem, isso está longe de ser tão engraçado, mas na frente do trem há um carrinho de metal. E, nesse carrinho, fica um homem chamado Michael. E Michael se certifica de que não há nada enorme caído nos trilhos.

— Mas isso que ele está fazendo não é perigoso? — pergunta Malorie.

— Claro que é. Mas Michael quer fazer.

— Mas ele poderia morrer lá e nós não saberíamos.

— Jill — diz Dean. — Tenho respostas para todas essas perguntas. Boas respostas. Se vocês...

— Por favor. Responda agora.

Ela sente algo que não sente há anos. Como se estivesse passando dos limites. Pela primeira vez desde que deixou a escola para cegos, Malorie está exigindo respostas de alguém que a está ajudando.

Dean não está ajudando? Este trem não está ajudando a chegar até seus pais?

— Michael tem uma caixa com um interruptor lá fora. A maquinista...

— Há uma maquinista?

— Precisa haver. O nome dela é Tanya. Ela é incrível. Se Tanya não receber um sinal da caixa de Michael por mais de dez minutos, seja lá por qual motivo, mesmo se mais tarde descobrirmos que ele apenas a deixou cair, ela para o trem.

— Isso já aconteceu?

— Não.

— E Michael já encontrou objetos nos trilhos? Do tipo que os obrigou a pararem para limpar?

— Sim. Árvores caídas. E, certa vez, um bando de alces mortos. Achamos que enlouqueceram.

— Enlouqueceram...

— Esse trem passa por trechos por onde centenas de criaturas vagam.

Malorie pensa em lhe dar as costas, pegar os filhos, ir para a traseira do trem e pular nos trilhos. Eles poderiam enfrentar a caminhada outra vez. Estariam de volta a Yadin em alguns dias.

Mas ela não quer ir embora. Ainda não. Sente confiança suficiente na voz de Dean para ficar. Então faz mais perguntas. E parece que, afinal de contas, ela está mergulhando a ponta do dedo do pé no novo mundo.

— Como você sabe disso?

Dean respira fundo, e Malorie se prepara para algo que não quer ouvir.

— Bem, de duas maneiras.

— Quais? — insiste Malorie.

— Uma se assemelha ao que estou vendo que John faz. Temos jovens passageiros capazes de ouvir muito melhor do que você e eu.

— E a outra?

Dean abre o jogo:

— Alguns passageiros enlouqueceram. Gente que talvez tenha pegado o trem apenas para ter a oportunidade de ver o mundo passar lá fora.

— Mas como? — O pânico cresce em sua voz. — As janelas são pintadas de preto, não são?

— Claro. Mas...

— Então, como?

— Entre os vagões. Se alguém realmente quiser olhar... é possível.

Malorie se prepara.

— Quantos passageiros enlouqueceram neste trem? — pergunta ela.

Dean não hesita:

— Sete.

Agora o pânico toma forma. Nas proximidades. Tão perto dela...

— E o que aconteceu com essas pessoas?

Novamente, Dean não hesita:

— Eu e David as expulsamos.

— Vocês as jogaram para fora do trem? — pergunta Olympia.

— Isso. Sem qualquer discussão, lamento dizer.

Malorie gosta da resposta. Mas está longe de se sentir segura.

— Elas não pediram para enlouquecer — diz ela.

— Eu sei — diz Dean. — Acredite. Sou assombrado por cada uma delas.

Malorie tenta não pensar em Gary. Ela tenta afastá-lo para o mais longe possível da sua mente. Mas lá está ele. Em um canto distante. No canto direito da escuridão.

Ele acena.

— Há dois vagões livres mais adiante — diz Dean. — Venham.

Ali, então, Malorie decide continuar. Dean não tentou esconder o passado. Isso tem valor.

Dá para perceber que Dean está andando lentamente por causa deles. Malorie estende os braços, apalpando as paredes do corredor, enquanto balança com o movimento do trem.

— Então, como eu disse, este é um vagão de carga. Este e o próximo. Também há um banheiro aqui.

Malorie se lembra do que ele falou sobre transporte de cadáveres. Será que há caixões do outro lado daquela parede? Pessoas mortas balançando com ela?

— Há todo tipo de coisas aqui — diz Dean. — Coisas de sobrevivência.

Malorie quer se sentir bem com isso. Dois vagões repletos de suprimentos. Como se tivessem arrastado com eles o porão do alojamento do Acampamento Yadin.

— É essa é a porta para o próximo vagão — diz Dean.

Ela ouve a porta deslizar.

— Vocês já estão com os olhos vendados, portanto não vou lhes dizer para fechá-los. Tentamos dezenas de artifícios para impedir que fosse possível ver entre vagões, mas ou o vento os leva, o movimento os quebra, ou quem quer olhar olha de qualquer maneira. Venham.

Malorie sente a mão de alguém sobre a sua. Não é Tom. Não é Olympia. Ela se desvencilha.

— Desculpe — diz Dean. — Eu pensei que...

— Podemos nos virar sozinhos.

— Tudo bem. Sigam-me.

Ela estende a mão para trás e pega a de Olympia. O ar está frio entre os vagões. Poderoso.

Dentro do segundo vagão, Dean fecha a porta.

— Mais carga. Roupas para os necessitados, se bem que agora todos nós somos necessitados, não é mesmo?

Malorie imagina uma realidade alternativa na qual ela diria para aquele homem que sim, todos somos necessitados, e que os invernos no Michigan são brutais, e que era uma gentileza da parte dele distribuir roupas, que coisa incrível você começou aqui.

Mas ela não quer falar mais do que o necessário. Ela quer aquele cômodo privado, aquele espaço. Nada mais.

Eles andam.

— Outra porta — diz Dean. — Mais à frente fica o primeiro vagão de passageiros.

Alguém abre a porta antes de Dean. A pessoa entra com pressa, e Dean é empurrado na direção de Malorie.

Malorie segura o pulso de Olympia. É isso. O momento em que eles vão ter que pular do trem. Não é difícil imaginar o cascalho cortando seus

joelhos e cotovelos, assim como aconteceu quando ela caiu ao andar de bicicleta pela primeira vez. Visualiza a mãe agachada ao seu lado, colocando um Band-Aid no corte.

— Desculpe — diz um homem. — Banheiro.

Ele passa desajeitadamente por Malorie e os adolescentes, desculpando-se, palavras sem fôlego de alguém apressado.

— Viu? — diz Dean. — No fim das contas, é um pouco como o velho mundo.

Ele ri, e Malorie também sente vontade de rir. Mas ela estava pronta para pular de um trem em movimento, confundindo um sujeito apressado com um louco.

— Porta — lembra Dean.

Eles seguem em frente. Entre os vagões, o movimento é mais brusco, o vento mais forte, assim como a sensação de estar fazendo algo que não deveriam.

— Aqui — diz Dean quando os três passam. — Esta cabine está livre para vocês.

Ela ouve uma porta deslizar. O som das rodas fica mais alto. Um rangido distante entra em foco. O mundo exterior fica muito mais perto. Como se Dean tivesse deixado entrar um pouco dele.

Mas foi aquilo que ela pediu. Aquilo que ela quer. A segurança da privacidade. Onde Tom e Olympia não serão tentados a discutir nada com alguém que espreite mais à frente naquele trem.

Ela entra na cabine.

— Na verdade, o lugar é bem legal — diz Dean. — Se você decidir retirar a venda, vai ver um banco com almofadas vermelhas. Duas camas de solteiro. Um espelho. E descobri que, a essa velocidade lenta, às vezes pode parecer com um hotel de antigamente. Você se lembra deles, Jill?

— Claro.

Mas Malorie está tateando ao redor da cabine, aprendendo suas dimensões. Os dedos dela encontram o cabo de uma vassoura.

— Para os mais ansiosos — diz Dean. — Você pode varrer a cabine para o deleite do seu coração toda vez que voltar. — Então, como se precisasse explicar a possibilidade de deixar o vagão, ele acrescenta: — Há outro banheiro no vagão seguinte. Basta bater, é só o que pedimos.

— Isso é incrível — diz Malorie, porque precisa dizer. Porque não aguenta mais segurar.

É claro que os trilhos são a resposta. Em um mundo que ficou cego, as únicas estradas seguras são as que agarram o veículo e o guiam para onde deve ir.

Ela pensa naquele homem, Michael, sozinho à frente da locomotiva, sabe-se lá como procurando por detritos.

— Obrigado — diz Dean. — Temos muito orgulho. E, como eu disse... nada de dinheiro. Mas, afinal, o que fazer? Ficar sentado no escuro a vida inteira? Eu, não. Nós, não. Precisamos tentar *alguma coisa*, não é? E eu tenho algumas ideias...

— Isso aí — diz Tom.

Malorie está tão empolgada que não se zanga por Tom ter falado. Ela se dá conta de que já está confiando em Dean.

Ela se lembra brevemente de se sentir assim o tempo todo.

— Tenho a sensação de que você tem mais do que algumas ideias — diz Malorie.

Isso é bom, falar como costumava fazer antigamente, quando cada palavra não era ligada à sobrevivência.

— Admito que sim — diz Dean. — Mas para mim, e não estou dizendo isso só para acalmar você, o mais importante é a segurança. Simplesmente não há como contornar isso. Hoje um trem precisa ser muito mais seguro do que era há dezessete anos. Precisa ser, ou não terá motivo para existir. Isso é irônico, não é? Que nos tornemos ainda mais cuidadosos em um mundo sem litígios?

— Obrigada, Dean — diz Malorie.

Porque basta por enquanto. Já é descontração suficiente.

Os olhos de Dean estão abertos. Dean pode ver alguma coisa. Parece que ela está de pé perto de uma bomba. Algo pode estar errado. Tudo pode explodir. A qualquer segundo. Outras pessoas estão de olhos abertos naquele trem. Ela tem tantas perguntas... Alguma criatura já esteve a bordo? Entrou em uma das cabines?

— De nada — diz Dean. — E, para você saber, este vagão está abastecido com água e enlatados. Está tudo no armário junto ao espelho. As janelas estão escurecidas. Na verdade, tecnicamente não há nenhuma janela neste vagão, porque todos os vidros das laterais do trem foram substituídos por chapas de metal pintadas de preto. Nunca vi esse trem por fora, por motivos que você pode muito bem adivinhar. Mas suponho que seja um pouco como Frankenstein. Peças reunidas que ganharam vida. Fico muito feliz que vocês tenham conseguido embarcar.

— Obrigada — repete Malorie, em um tom de voz de quem quer encerrar a conversa.

Mas ela não é a última a falar com Dean.

— Obrigada — diz Olympia. — Tudo isso é... extraordinário.

— É ótimo — diz Tom.

Malorie se pergunta se Dean a está julgando. Será que ele desvia o olhar de seus filhos vendados para ela, coberta de panos? Será que ele exhibe compaixão em seu rosto? Será que acha que sabe o que é certo e o que não é? Até mesmo para ela?

Ela larga a bolsa no chão. Não importa. Já se descontraíu o suficiente por um dia. Por uma vida inteira.

— A viagem até Mackinaw City dura cerca de dois dias, sem contar os atrasos — diz Dean. — Alguns não se incomodam, para outros parece uma eternidade. Se precisarem de mim por algum motivo, geralmente estou no vagão-restaurante. E embora pareça que estou lá me divertindo, na verdade isso significa que David e eu estamos trabalhando em ideias novas, conversando com Tanya e conferindo como Michael está. Mas — ele faz uma pausa — ao menos há música. Espero vê-la por lá, Jill.

Malorie inspira, prende a respiração, expira.

— Não vai ver — diz ela.

É Dean quem suspira? Ou Tom?

— Tudo bem — diz Dean. — Por favor, aproveitem.

Ele sai para o corredor, e ela fecha a porta.

Então, pela primeira vez desde que embarcou no trem, Malorie permite que o balanço tome conta dela. Como se estivesse em uma onda peculiar, percorrendo toda a distância entre ela e seus pais.

Seus pais podem estar ao fim desta linha. Podem estar em qualquer lugar do mundo. Também podem estar enterrados. Ela se imagina descendo do trem, atravessando uma ponte e vasculhando St. Ignace em busca de Sam e Mary Walsh.

É bom, é necessário deixar-se levar. Para que outra pessoa se encarregue dos eventos a seguir. É algo que ela não sente há dezessete anos.

Está tão aliviada por estar sozinha naquela cabine, com a porta fechada atrás dela, que não se incomoda quando Tom diz:

— Gosto dele, mãe. Eu gosto desse homem.

QUATORZE



Eles passam a noite no vagão particular. O tempo passa, e, a cada hora, Malorie se sente mais perto. Mais segura. A realidade daquela experiência se torna palatável, algo que no Acampamento Yadin ela jamais sonharia possível. Quando visitou Ron Handy, a ideia de um trem parecia mais com uma aranha gigante, algo que poderia pular em cima dela, atacá-la, matá-la. Agora, porém, os detalhes do trem estão sendo preenchidos. Os sons e os cheiros. A sensação das almofadas no banco sobre o qual está sentada. A sensação de ser transportada. E, dentro dessa nova realidade (eles estão em um *trem*), ela encontra sua força, suas regras de vida, uma maneira de se convencer de que não colocou os filhos em perigo. Eles podem pular. Podem lutar. Podem ficar naquele vagão até o trem parar.

Mas Malorie sabe que não é assim que as coisas vão se desenrolar. Ela não admitiu completamente, mas os tentáculos da aquiescência chegaram. E ganham força com o passar das horas.

Sim, ela vai visitar o vagão-restaurante. Vai conversar com Dean Watts sobre o trem. Se for honesta consigo mesma, vai admitir que não é só porque os filhos têm um lugar seguro onde ficar. Não é só pela volta de um meio de transporte do velho mundo que ela acreditava estar extinto há muito tempo. Sim, ela está impressionada com a máquina que a transporta. Sim, o passado romantizado está presente dessa maneira.

Mas nada disso tem a ver com o que ela quer falar com Dean.

O motivo é que ela *gostou* dele.

É algo que Malorie não sente há anos. Uma década ou mais. Uma coisa que ela também pensava estar enterrada há muito tempo, mas que agora está abrindo os olhos.

— Durmam — diz ela para os filhos.

Mas eles já estão dormindo. Ela ouve a respiração pesada dos dois, o leve ressonar de dois jovens que merecem descanso após os últimos dias que tiveram.

Malorie também merece descanso.

Então, ela se permite repousar um pouco. Fecha os olhos por trás da venda. Permite que o trem a leve para o norte, para mais perto de onde seus pais foram listados como sobreviventes. Há quanto tempo aquela lista foi feita? Agora isso não importa. Ela precisa dormir. Para que as horas passem. Para que dois dias transcorram o mais rápido possível. Enquanto a máquina que os transporta atravessa um mundo inteiro para o qual ela não pode mais olhar. Onde certamente há mais criaturas do que pessoas. Onde o motivo de todas essas precauções, de todo esse medo, vaga com mais liberdade do que as pessoas que sobreviveram a ele.

Malorie dorme.

Embalada pelo balanço do trem.

E as horas passam.

E os sonhos que ela tem incluem Sam e Mary Walsh. Em turnos, eles aparecem diante dela, vivos, antes de se tornarem poeira, areia soprada por um trem em movimento, dois pontinhos no infinito que nenhuma mulher sã espera encontrar.

E nos sonhos há criaturas.

Em toda parte.

QUINZE



Apesar do cenário, das vozes de outras pessoas, do som dos violões, do movimento do trem e daquele homem, Dean, sentado do outro lado de uma mesa que ela não está vendo nem vai ver, Malorie ainda pensa nos pais. Como evitar? A última vez que ela andou de trem foi com eles, de Detroit para Chicago. Seu pai passou o início das férias no vagão do bar enquanto as duas filhas olhavam pelas janelas, observando a passagem de um panorama totalmente novo, com mais precisão do que jamais viram em uma minivan. Foi emocionante: duas adolescentes da Península Superior indo para a cidade grande pela primeira vez na vida. Elas só viram uma lasca de Detroit, o trem levando-as pela ponte, passando por Mackinaw City, Gaylord, Bay City, Flint e Saginaw antes de chegar à agitação dos subúrbios de Detroit, para onde Shannon e Malorie acabariam se mudando, pouco antes de Shannon olhar pela janela e tirar a própria vida. Naquela época, com o vagão lotado, seu pai rindo com estranhos no bar, sua mãe lendo um livro do outro lado do corredor, Chicago bem que poderia ser Oz. Construções reluzentes e trajas cintilantes, mágica em cada tijolo e osso.

— Aqui — diz Dean. Ele guia a mão de Malorie até um prato. — Frutas, se você quiser.

Vendada, Malorie se pergunta se é possível que, de algum modo, aquele seja o mesmo trem que eles pegaram para Chicago, que os vagões tenham atravessado uma espécie de arco, feito órfãos movidos de um lugar a outro. De forma que agora está sentada no mesmo retângulo em que ela e a irmã já viajaram, sentindo à sua frente a eletricidade do infinito.

— Pode começar — diz Dean. — Pergunte tudo o que quer saber. Mas antes disso, ouvem a voz de uma mulher se aproximando.

— Dean — diz a mulher. — Há um homem no vagão seis que acha que uma aranha ou algum inseto está rastejando sobre ele. Já disse que não estou vendo nada, mas ele insiste.

— E ele quer que a gente o livre disso?

— Acho que sim.

Dean ri. Para Malorie, soa como uma risada sincera.

— Ao embarcarmos, algumas pessoas esperam luxos do velho mundo, Jill.

Por um instante, Malorie pensa que ele está falando com a mulher. Esqueceu que ela é “Jill”.

— Vagão seis? — pergunta Dean para a mulher.

— Isso.

— Vou resolver. Obrigado.

Então, os dois ficam novamente a sós. Só que não. Malorie ouve a conversa em voz baixa de outras pessoas. Ouve-as discutindo sobre cidades no Michigan, o telégrafo, o fato de estarem em um trem e, já que há um trem, então por que não tudo de novo, por que não o mundo inteiro outra vez, mais cedo ou mais tarde?

Malorie imagina Tom, o homem, sentado à sua frente, sentado em todos os lugares ali. Faz dezesseis anos. De certa forma, ela atribui esse progresso a ele. Foi ele que conseguiu aquilo. Ele trouxe o trem de volta.

Assim como certa vez ele trouxe uma lista telefônica que levou Malorie até a escola para cegos, depois ao Acampamento Yadin, onde um homem deixou uma pilha de papéis com os nomes dos pais dela.

— Tudo bem — diz Dean. — Pode perguntar.

— Quantas vezes uma criatura entrou a bordo?

— Nenhuma.

— Como você sabe?

— Bem, acho que não sei. Mas as pessoas que enlouqueceram no trem viram algo lá fora.

— Como você sabe?

— Repito, talvez eu não saiba. Mas eu e os outros funcionários andamos sem vendas. Então, caso houvesse uma a bordo, imagino que algo já teria acontecido a algum de nós. Mais uma vez, as pessoas que enlouqueceram...

— Você disse que transportam cadáveres.

— Nós os entregamos, sim.

— Há algum a bordo agora?

— Sim.

— Onde?

— Há dois caixões no primeiro vagão de carga. Quase onde nos conhecemos. Junto à porta dos fundos. Eu recomendaria não dormir ali. Cheira um pouco a cemitério.

— Obrigada pela sinceridade.

— Alguma pergunta mais alegre? Tipo, quantas pessoas morreram na restauração do trem?

— Sinto muito — diz Malorie. — Mas agora só me preocupo com aqueles dois adolescentes. Tudo o que me interessa é levá-los em segurança até onde vamos.

— Para onde você vai?

— Acho melhor não dizer.

— Mas eu posso indicar a rota mais direta.

— Não estou a fim de contar.

— Tudo bem.

— Há passageiros neste trem que o preocupam?

— Que me preocupam? Não. Há uma cega, mas ela está melhor do que qualquer um de nós. Por que você usa capuz e luvas?

A pergunta pega Malorie desprevenida. É a primeira vez em muito tempo que ela sente algo parecido com constrangimento social. É um estado de espírito do velho mundo que ela não perdeu.

— Você acha que elas podem nos enlouquecer ao nos tocar — afirma Dean.

Ouvi-lo dizer isso torna a coisa mais real. E menos.

— E tenho certeza de que você tem motivos para acreditar nisso — acrescenta.

— Tenho.

— Meu Deus — diz Dean. — Eu a convidei até o vagão-restaurante para deixar você mais calma e foi você que me deixou nervoso.

— Sou boa nisso.

Dean ri. Mas sua preocupação permanece.

— Diga-me, Jill, como você conseguiu se manter assim por tanto tempo?

— Em segurança?

— Não só isso. Você age como todos agimos logo que aconteceu, quando elas chegaram. Tem ideia de quantas pessoas não conseguiram se manter focadas como você? Acho que nunca saberemos o número exato. Mas você ainda vive pela venda, e só pela venda.

Os violões soam levemente desafinados antes que um dos músicos volte a encontrar o tom.

— Você sabe alguma coisa sobre um censo? — pergunta ela, evitando o assunto anterior.

— Ouvi dizer que eles estão por aí, mas ainda não conheci ninguém. Por quê?

— Só curiosidade. Sobre os números do mundo. Estatísticas.

— E você correria mais riscos, dependendo desses números? Ou você ainda faria igual a como fizemos quando o mundo mudou?

Se outra pessoa tivesse feito essa pergunta, ela teria deixado a mesa, o vagão e, possivelmente, o trem. Malorie não quer falar sobre correr mais

riscos. Mas o sujeito a faz lembrar tanto de Tom, o homem, que ela não consegue se afastar dele.

Quando foi a última vez que Malorie ouviu uma voz otimista de alguém da mesma idade que ela? Quando foi a última vez que pôde trocar ideias, teorias ou simplesmente ter um papo bem-humorado com alguém que, por ter testemunhado a mudança, entende o mundo como ela? Tom, seu filho, fala assim. Mas ele só tem dezesseis anos. E o trabalho de Malorie, na visão dela, é garantir que ele seja sensato sobre qualquer coisa que queira fazer. O que significa dizer não. O que significa desencorajá-lo. O que significa...

Preste atenção, pensa Malorie. Seu filho fala coisas muito parecidas com as que dizia o único homem cujo conselho você seguiu nos últimos dezessete anos. E tudo o que você faz é dizer não.

— Eu não mudaria nada — diz ela.

Mas parece errado dizer isso, como se estivesse falando algo diferente daquilo que sente. Malorie entende que Tom e Olympia nasceram naquele mundo. Ela entende que eles ouvem melhor do que ela, que seus instintos são naturalmente mais aguçados. Ela percebe que os dois poderiam estar lendo um livro, distraídos por completo, e ainda assim fecharem os olhos antes que algo aparecesse, como se sentissem uma lufada de ar quando algo, fosse homem, mulher ou criatura, estivesse por perto. Mas ela também sabe que é a única sobrevivente de dois grandes incidentes; tragédias insondáveis em que todos enlouqueceram e feriram uns aos outros e a si mesmos. Sem contar os inúmeros eventos angustiantes — a morte de Shannon, Ron Handy no posto de gasolina, a viagem pelo rio —, Malorie de fato escapou ao que no novo mundo equivaleria a dois desastres de trem: a casa em Shillingham e a escola para cegos. No velho mundo, ela seria notícia por causa disso. E quando o repórter perguntasse como ela tinha conseguido, Malorie ergueria uma tira de pano preto e não diria mais nada.

Embora Dean ainda não saiba nada disso, será que ele sente que ela passou por mais do que a maioria?

— Você tem filhos? — pergunta Malorie.

— Tive dois. Ambos enlouqueceram.

— Eu...

— Estávamos em casa, uma fazenda, sem segundo andar, janelas vedadas com tábuas, cobertores sobre as tábuas. Lacrei todas as portas de casa. Tínhamos muita comida. Grãos. Enlatados. O suficiente para meses. Em minha infinita sabedoria, meu plano era simplesmente esperar. No escuro. Macy tinha nove anos, e Eric, sete, e eu não podia arriscar que um deles, ou os dois, fizesse qualquer coisa enquanto eu estava, digamos, dormindo. Então o lugar inteiro estava fechado, lacrado, seguro. Nada de luz. Usávamos baldes no porão e os cobríamos com lajes de pedra. Para ser sincero, não consigo imaginar um modo mais seguro de viver do que aquele.

Dean faz uma pausa. Malorie quer ver o rosto dele. Ela pensa em Tom, o homem, contando sobre a morte da filha no porão da casa em que Malorie

deu à luz. Ela sabe que a parte ruim da história de Dean vai chegar. Então se prepara para ouvi-la.

— Depois de um tempo, eu não sabia o que era dia ou noite. Você entende? Nós realmente estávamos vivendo na escuridão. Algumas opções passaram pela minha cabeça. Assim como imagino que tenham passado pela cabeça de todo mundo. Talvez pudéssemos ver as criaturas através das câmeras. Talvez pudéssemos nos cegar e seguir em frente sem o pavor constante de enlouquecer. Mas eu não fiz nada a respeito de nenhuma dessas ideias. Nós nos tocávamos no escuro, gritávamos os nomes uns dos outros, dormíamos na mesma cama. Tudo no escuro. Como se a casa em si fosse uma venda gigante. Acho que eu estava esperando por uma mensagem literal. Uma batida à porta, alguém que viesse nos dizer que tudo tinha terminado. Essa era a fantasia derradeira para nós do velho mundo, não era? A notícia de que o pesadelo chegara ao fim? Bem, não veio nenhuma palavra mágica. E continuou não vindo. Acho que vivemos assim por sete meses, Jill. Macy e Eric crescendo no escuro. Como se morássemos em uma caverna. E o tempo todo eu ficava pensando em como era injusto que eu, um pai capaz, tivesse me tornado um inútil. Tudo o que fiz foi esperar. Não fiz nada para melhorar nossa situação. Não fiz nada além de segurar as mãos deles na escada do porão e abrir as latas de comida. Quando ouviam sons do lado de fora, quando ficavam com medo, eu dizia que deveriam ficar mesmo. Dizia que havia criaturas lá fora capazes de destruir a mente deles.

Ele faz outra pausa. O trem parece deslizar. Os músicos tocam acordes suaves e simples, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Quando Dean volta a falar, ela ouve lágrimas em sua voz:

— Um dia ou noite, vai saber, acordei com o som das crianças rindo. Você acharia que isso é uma coisa boa, certo? Quando duas crianças riem depois de meses vivendo em completa escuridão, cagando e mijando em baldes, você acharia que isso é uma coisa boa. Mas não me pareceu certo. Não pareciam risadas de felicidade. Sentei-me depressa e olhei demoradamente para a escuridão, pensando que talvez tivesse sonhado com aquele som. Mas ouvi de novo. Totalmente desperto. Eles estavam em algum lugar mais para dentro da casa. Eu chamei e eles apenas... riram mais. Levantei-me e saí do quarto, tateando as paredes, pensando em encontrá-los na sala de estar. Macy me diria do que ela estava rindo e o que fazia seu irmão rir tanto, e pronto. Certo? Bem, quando cheguei à sala, eles pareciam estar ainda mais longe. Nos fundos da casa, perto da lavanderia. Atravessei a sala às cegas, com os braços estendidos, chamando por eles e, quando cheguei à lavanderia, ouvi os dois rindo atrás de mim. Do outro lado da casa. Como se estivessem no quarto onde acordei. — O trem balança, um único solavanco. Dean continua: — Então voltei a atravessar a sala, o corredor, fui até o quarto. Chamei: “Macy! Eric! Estão assustando o papai! Onde vocês estão?” E o riso voltou, atrás de mim. Como se... como se eu passasse direto por onde eles

estavam, se é que isso faz sentido. Como se eles estivessem rindo na sala e eu simplesmente não conseguisse encontrá-los.

“Então fui até o porão. Mesmo que não fosse dali que vinha o som. Desci a escada chamando por eles, já suando a essa altura, repetindo em meu pensamento: *Eles estão brincando, eles estão brincando*. Porque era isso que eu queria, certo? Eu queria descobrir que, apesar das janelas e das portas lacradas, apesar da comida simples, da falta de luz e exercícios, apesar do pai deles obviamente estar com medo, apesar da escuridão perpétua, eu queria pensar que meus filhos estavam se *divertindo*, não é? Quando cheguei ao porão, ouvi os dois rindo lá em cima. Então subi de volta depressa. Nesse momento, eu já estava gritando: ‘Macy! Eric! Isso não é engraçado, caramba! Vocês estão assustando o papai!’ Então eu os ouvi sussurrando. E eu sabia o que aquilo significava. Acho que podemos chamá-los de sussurros da conspiração, embora os pais costumem dizer isso quando estão tentando ser engraçados. Mas aquilo não era engraçado. Eu não conseguia encontrar meus próprios filhos na escuridão da nossa casa, e eles tinham passado dos risos aos sussurros. E eu reconheci o tipo de sussurro. Tenho certeza de que você já passou por isso com seus filhos. O som dos pequenos desafiando um ao outro a fazerem alguma coisa. Algo que nunca tinham feito antes.

“Então saí correndo. Pela casa inteira. A maior parte dos móveis estava afastada, porque os deixamos assim, afinal vivíamos na escuridão. Mas bati o quadril com força na lareira e a lateral da cabeça em uma parede. Nada disso importava no momento, com exceção do fato de ter me atrasado. Atravessei a casa novamente e os ouvi sussurrando atrás de mim. Então me volvei naquela direção e lá estavam os dois, sussurrando de novo às minhas costas. A essa altura eu estava gritando. Uivando os nomes deles, exigindo que me dissessem imediatamente onde estavam escondidos. E eles me disseram. Mas não com palavras. A próxima coisa que ouvi foi um golpe abafado. Igual a quando você enfia uma faca em um melão. Eu só... eu...”

Malorie não sabe o que dizer, não sabe como expressar o que sente.

— Então eu os encontrei — diz Dean. — Ao lado da cama em que acordei. Os dois mortos por terem esfaqueado um ao outro com facas da gaveta da cozinha. As facas que usei mil vezes para cortar carne e frutas enlatadas para eles. Não gritaram. Não emitiram nenhum som. Eles riram sem parar e depois se desafiaram a fazer aquilo. Nunca vou saber exatamente como aconteceu. Mas, no dia em que meus dois filhos enlouqueceram e se mataram, eu abri a porta dos fundos. Para levá-los para fora. Enterrá-los. E mesmo assim, tomado de desespero, totalmente destruído, fiquei pensando: *Eles viram uma criatura. Apesar de tudo que você fez, Dean, mesmo assim eles viram uma criatura*. E quer saber do que mais, Jill?

— O quê?

— Nunca encontrei a fresta.

Malorie não pergunta o que ele quer dizer com isso. Ela sabe.

— Nunca encontrei o buraco na parede, o espaço entre as tábuas, o ponto infinitesimal pelo qual eles devem ter olhado para fora e encontrado a criatura que fez aquilo com eles. Ah, e eu procurei. Pode acreditar. Vasculhei todos os lugares com uma lanterna, não me importando mais se veria uma criatura ou não. Vaguei pela escuridão daquela casa durante seis semanas, procurando. Principalmente de joelhos. Procurando aquela nesga de luz, aquele maldito espacinho esquecido que eles, como crianças, que vieram o mundo de forma diferente de mim, devem ter encontrado.

— Meu nome é Malorie — diz ela. Porque não sabe mais o que dizer.

Dean ri. É um riso tenso, carregado de lágrimas.

Malorie estende a mão na mesa, mas não encontra a mão dele de imediato. Por um segundo, tem a impressão de estar de joelhos, imitando o modo de caminhar das crianças, procurando pela luz em uma casa escura.

Então ela a encontra. Ou ele encontra a mão dela. De qualquer modo, segura a mão de Dean.

— Eu sinto muito.

— Sim. É. Mas, ei, foi nesse dia que decidi voltar a procurar. E isso significa alguma coisa. — Em seguida: — Obrigado, Malorie. Por confiar a mim seu nome verdadeiro. E por ouvir a pior coisa que poderia acontecer a um homem. Merda. Olhe para mim agora. Eu sou o cara que fez este trem voltar a circular. No novo mundo. Não é pouca coisa. Mas digo o seguinte... a cada percurso que fazemos, dia ou noite, ainda parece que estou procurando por uma fresta, por um pequeno buraco, por um pontinho no universo que não cobri. O ponto no espaço e no tempo que meus filhos encontraram. Aquele que os enlouqueceu.

DEZESSEIS



— Mamãe vai matar você se o pegar — diz Olympia.

— Como ela vai me pegar? Ela vai estar vendada.

Olympia sabe que isso é verdade. E Tom não é o único de olhos abertos.

Ela observa o irmão examinando as páginas que tirou da bolsa de Malorie, os documentos do censo que o empolgam mais do que qualquer outra palavra escrita que ela já o viu segurar.

— Indian River — diz ele. — Você leu sobre esse lugar? Leu sobre Athena Hantz? Essas pessoas são surreais.

Olympia não responde. Está se olhando no espelho. Aquele homem, Dean, estava certo; este espaço é agradável. O banco, a cama, até mesmo o pé-direito alto. Mas a sensação de estar se movendo sem usar os pés é tão estranha que ela apoia os dedos no balcão para se equilibrar.

Tem a sensação de estar se segurando à única vida que conhece. Porque Olympia não tem dúvida de que as coisas mudaram. Quer Tom saiba ou não, eles nunca mais vão voltar para o Acampamento Yadin.

— Escute só isso — diz o irmão, agachado sobre os papéis ao lado da bolsa aberta de Malorie, para que possa guardá-los de volta no segundo em que a ouvirem chegar. — Athena Hantz afirma ter morado com uma criatura durante dois anos. Você ouviu isso, Olympia? Dois anos! Ela disse ao homem do censo que a criatura nunca a incomodou. “Ficou no canto da cozinha por um tempo, depois fez o mesmo na sala de estar.” Surreal!

Olympia não gosta quando Tom fala assim. Não é só porque Malorie surtaria caso o ouvisse. Tem algo a ver com ela mesma. A maneira como ela vê o mundo. Por conta própria. Ela fica feliz por ele estar animado com alguma coisa, qualquer coisa. Ela já leu sobre diversos personagens que

precisam de momentos assim na vida. No entanto, ouvindo Tom, parece que ela não está só em um trem, mas que há um segundo trem avançando em sua direção, um incidente a caminho.

— Por que não analisamos os documentos com a mamãe? — pergunta Olympia.

— Você está brincando? Ela ficaria com medo de que as letras tivessem a forma de uma criatura. Não entenderia isso de jeito nenhum.

— Mas ela trouxe as páginas. Já pensou nisso? Os nomes dos pais dela estão aí.

— Eu sei, mas não concordo. Rá. Sem chance. Ela não entende isso como eu. Isso é tão... “não mamãe”.

Olympia não discute. Mas quer discutir. Uma parte dela só quer que ambos fiquem sentados em silêncio ali até o fim daquela experiência, até chegarem a Mackinaw City. Lá, Tom poderá dizer todas as coisas malucas que quiser, e Malorie poderá ou não ficar furiosa com ele. Mas, se algo comprometer as chances de Malorie ver os pais, descobrir se eles estão mesmo vivos, é Olympia quem ficará furiosa.

Ela entende. Mas não tem certeza se Tom entende. O fato de Malorie tê-los criado por dezesseis anos acreditando estar sozinha no mundo, sem família ou amigos para ajudar. É angustiante. Às vezes, quase parece pior descobrir que eles estão vivos, como se a vida que Malorie pensava levar não apenas lhe tivesse sido roubada, mas que ela também tivesse sido enganada pela tristeza.

— O que houve? — pergunta Tom.

Olympia olha para ele pelo espelho. Será que o rosto dela revelou seus pensamentos agitados? Meu Deus, às vezes parece que Tom ouve o que ela está pensando.

— Nada.

— Tudo bem — diz ele.

Mas essa é a maneira debochada com que ele diz certas coisas. Ela o vê alcançar a bolsa, os olhos ainda nas páginas. Ele mexe até tirar dali o que ela sabia que tiraria.

Os óculos.

Seus óculos especiais.

Tom explicou-os detalhadamente, um mês após tê-los criado. E embora Olympia tivesse medo da filosofia que ele defendia, ficou com muito mais medo de que ele os usasse.

Ele os está usando agora enquanto lê.

— Veja isso — diz Tom. — Uma família na Pensilvânia construiu capacetes do tamanho de “gavetas de guarda-roupa” para que houvesse espaço para comida e água *dentro* do capacete. Quero dizer, isso é inacreditável!

Olympia se olha no espelho. Ela quer sentir a mesma emoção que Tom. Quer ceder à adrenalina de estar naquele trem, de se mover, de ir para o norte sem ser forçada a guiar a mãe pela floresta, pelas estradas vazias, em um barco. Ela quer muito ter dezesseis anos como ter dezesseis anos deveria ser. Parece que antigamente ser adolescente já foi uma coisa incrível, mágica. Andar com outros da sua idade. Aprender a dirigir. Sair de casa escondida. Sair, caminhar, *olhar* para onde você quisesse.

Será que as pessoas se davam conta de como viviam bem naquela época? Não era só uma questão de poder ver ou não. Ela leu sobre vários personagens cegos que tiveram vidas brilhantes. É o medo... do que está lá fora. E o zumbido constante da voz da mãe, lembrando a ela e a Tom, exigindo, ordenando. *Vocês entenderam? Vocês entenderam? VOCÊS ENTENDERAM?*

— O que houve? — pergunta Tom de novo.

Quando Olympia olha para o irmão pelo espelho, ela se vê refletida nas lentes dos óculos que ele criou. Como há dois espelhos, um de frente para o outro, sua própria forma se repete, sem parar, até o infinito.

— Athena Hantz diz que temos permissão para olhar — diz Tom. — Ela diz que é só uma questão de aceitá-las. De conviver com elas.

Olympia pensa na teoria predominante de que as criaturas nos enlouquecem porque as pessoas não entendem o que elas são. Malorie lhe contou sobre o homônimo de Tom, que tinha certeza de que as entidades do lado de fora da casa onde Olympia e Tom nasceram simplesmente não podiam ser compreendidas.

Mas e quanto aqueles que podem vê-las? Aqueles que são imunes? Será que isso quer dizer que essas pessoas são mais inteligentes? Que veem o mundo de outra maneira, diferente o bastante para se salvarem sem perceberem que estão se salvando? Isso significa que essas pessoas já são loucas e nenhuma informação incompreensível poderia alterar, acelerar ou induzir a loucura delas a um fim violento?

— Indian River — repete Tom.

Ele balança a cabeça, folheando as páginas.

Seu irmão é apaixonado pelo progresso. Desde que ela se entende por gente, ele sugeria ideias, teorias, invenções.

Ela queria que ele parasse de pensar assim.

Mas será que isso é só Malorie falando? Será que a visão de mundo de Olympia é apenas a visão de Malorie, não a dela própria? E se tivesse sido criada por sua mãe biológica? E se ela e Tom tivessem sido criados pelas pessoas de quem herdaram os nomes?

Onde estariam agora? O que saberiam?

No que acreditariam?

E se as pessoas estiverem certas, se as criaturas causarem danos porque estão além da compreensão humana... então o que alguém como Tom, o homem, pensaria de quem cresceu sabendo da existência dessas criaturas? E

quanto às pessoas que as entendem, porque conviveram com elas a vida inteira?

Olympia olha para Tom no instante em que ele olha rapidamente para a porta, meio segundo antes de uma batida interromper seu devaneio.

Tom joga depressa os papéis dentro da bolsa de Malorie. Ele tira os óculos e os esconde no colo.

— Olá? — diz um homem. — Alguém em casa?

Tom olha para Olympia. Devem falar? Eles sabem que não. Sabem que Malorie os mataria se o fizessem.

Mas Tom fala. E Olympia sabia que ele ia falar.

— Sim — diz Tom. — Quem está aí?

— Ah! — diz o homem. — Meu nome é Henry. Somos vizinhos, já que todos a bordo vivemos no mesmo bairro itinerante.

Ele soa mais velho do que Malorie, pensa Olympia. Talvez tão velho quanto Sam e Mary Walsh. Será que alguém acha que esse homem também está morto há anos? Será que sobreviveu ao novo mundo no anonimato, como os avós de Olympia e Tom talvez tenham sobrevivido?

— Prazer em conhecê-lo — diz Tom.

Ele sorri para Olympia.

Tudo isso é incrível. Primeiro, sair de casa. Depois, pegar o trem. Agora, *no* trem há um homem, um estranho, que veio lhes dizer oi.

— Você se importaria se eu abrir a porta? — pergunta o sujeito. — Sou antiquado e gosto de ver as pessoas com quem falo. E aqui, neste trem, temos permissão para isso.

— Permissão para quê? — pergunta Tom.

— Para ver!

O homem ri.

Tom e Olympia se entreolham. A emoção de Olympia é branda. Será que o homem estava ouvindo a conversa deles? Ou será que a palavra “permissão” está na moda no mundo real?

— Não sei — diz Olympia para Tom.

Ela está preocupada com o fato de Malorie descobrir que eles estão conversando com um estranho. Está com medo de abrir a porta.

E ela está mesmo pensando em fazer isso? Abrir a porta? Será que entrar no mundo real é uma ladeira tão escorregadia assim?

Não importa se ela está pensando nisso ou não. Tom já está de pé, atravessando a cabine, abrindo a porta.

Olympia pensa em fechar os olhos. Porque foi isso que lhe disseram para fazer a vida inteira. Apesar daquele homem, Dean, ter dito que este é um lugar seguro.

A escola para cegos era considerada segura. A casa onde nasceram era considerada segura. Por que aquele trem seria diferente?

Mas é diferente. Ela não pode negar. E, mais uma vez, tem a sensação de ter trocado de pele, de ter claramente entrado em uma nova fase, uma segunda vida.

— Oi — diz Tom. — Eu sou Tom.

E agora revelando seus nomes verdadeiros.

— Tom. — O homem sorri. — Que nome lindo.

Olympia vê que o homem é muito mais velho do que Malorie. Ele tem cabelo grisalho e barba branca. Olympia não vê alguém dessa idade há dez anos, desde a escola para cegos.

— E você? — pergunta Henry, erguendo as sobrancelhas para Olympia.

Ela fica arrepiada por estarem fazendo aquilo. E mais. Algo mais. Algo semelhante a deixar o Acampamento Yadin. Aquela sensação de perder algo para valer.

— Sou Jamie — diz Olympia.

Henry sorri. Ele veste um suéter, apesar do calor, e o suor escorre pelo seu rosto.

Será que ele sabe que ela está mentindo? Parece que sim.

— Bem — diz o homem. — Eu só queria me apresentar e avisar que... se quiserem aprender algo sobre esse trem, qualquer coisa, sintam-se à vontade para baterem à minha porta. Sou o que as pessoas costumavam chamar de cliente assíduo. Meu bom amigo Nathan e eu estamos a apenas alguns vagões naquela direção. Cabine dezesseis, eu acho.

O sujeito aponta para o corredor enquanto o trem balança, e, por um segundo, sua imagem fica embaçada para Olympia. Fora de foco.

Então ele se inclina, leva a mão à barriga e estende o outro braço, como se tivesse acabado de apresentar um espetáculo.

Olympia conhece a palavra: *teatral*.

— Obrigado — diz Tom.

Henry dá uma piscadela.

Então ele se afasta, e Olympia corre para fechar a porta.

— Qual é o seu problema — pergunta ela. — Dizer seu nome verdadeiro!

— Ah, pare com isso — diz Tom. — Mamãe não tem o mesmo poder sobre nós aqui.

— O que você quer dizer com isso?

Mas Olympia não está a fim de discutir. Em vez disso, olha para a porta fechada. Seu estômago se revira, inquieto.

— Tem gente ruim por aqui — diz ela.

— Ah, fala sério.

— Estou falando sério, Tom. E aquele...

— Aquele o quê?

— Aquele sujeito agiu exatamente como o tipo de pessoa que mamãe nos diz para tomarmos cuidado.

— Sério? Você acha?

— Acho. Ela nos disse um milhão de vezes para tomarmos cuidado com pessoas teatrais. Mamãe diz que esse tipo de gente usa máscara.

— Agora você está parecendo com ela — debocha Tom.

— Ah, é? E o que tem de tão ruim nisso? Você precisa pensar antes de falar.

Mas o olhar de Olympia está fixo na porta fechada. Seu ouvido também, aguçado. Será que Henry ainda está do outro lado? Já voltou para sua cabine? Será que ela consegue ouvi-lo cruzando o corredor?

— Ei — diz Tom. — Não vou apavorar a mamãe. Não se preocupe com isso, está bem? Eu só... há muito mais coisas no mundo do que o Acampamento Yadin. E estamos vendo isso com nossos próprios olhos. Agora mesmo.

Não importa o que Tom diga. Olympia está prestando atenção no corredor.

Será que ele está lá?

Ela não ouve nada. Dá um passo em direção à porta. Tom diz:

— A única maneira de chegarmos a algum lugar é se nós...

— Feche os olhos, Tom.

— Hã?

— Feche.

Ele obedece.

Olympia abre rapidamente a porta. Espera ver o homem de cabelo grisalho parado, encarando-a. Mas o corredor está vazio. Ela fecha a porta.

— O que está acontecendo? — pergunta Tom.

— Nada. Desculpe.

Tom debocha outra vez:

— E você não acha que está começando a agir como a mamãe? Caramba. A única diferença é que nem sempre você usa venda! Mesmo quando estamos do lado de fora!

Olympia se sente exposta. Como ele sabe disso?

— Como você sabe?

— Está brincando? Eu escuto o pano roçar sua pele quando você a está usando — diz ele. Depois se levanta e para atrás dela. Ambos estão refletidos no espelho agora. — E eu sei quando não tem pano nenhum no seu rosto. Portanto, não seja dramática comigo. Você também desobedece às regras.

Ela está tentando não encará-lo nos olhos.

Não seja dramática comigo.

Dramática.

Malorie usou essa palavra mil vezes. Sempre como uma advertência.

Será que é um tipo de gente? Será que os que atuam neste palco, o novo mundo, são os mais loucos?

— Enfim — diz Tom. — Prepare-se para fechar os olhos. Para fingir que concorda com as regras. Mamãe acabou de sair do vagão-restaurant.

DEZESSETE



Quando a porta do vagão-restaurant se fecha atrás dela, Malorie anda com os braços estendidos.

Ela roça os ombros em alguém.

— Desculpe — diz ela.

Ouve uma mulher sussurrar para outra pessoa:

— Por que ela ainda está usando venda?

Ela ouve o medo na pergunta e sabe que a mulher está se questionando se não deveria fazer o mesmo. Mas também há deboche. O mesmo tom que tantas vezes ouviu na escola para cegos. Ela sente isso. Em cada pessoa que passa, em cada conversa que momentaneamente interrompe, Malorie sabe que todos no trem estão se perguntando sobre ela.

Paranoíca.

Mas este trem está prestes a sucumbir. Ela sabe disso. Assim como a casa onde deu à luz Tom estava prestes a sucumbir. E a escola para cegos. E, possivelmente, o Acampamento Yadin, caso ficassem lá por mais tempo.

Este trem vai enlouquecer.

Há mais pessoas ali do que as que moravam na casa, mas há menos do que na escola.

— Com licença — diz ela quando seus dedos enluvados roçam o que provavelmente é o topo da cabeça de alguém.

O primeiro vagão é como aquele em que ela viajou com Shannon uma vida atrás, com pessoas sentadas como costumavam se sentar.

Ela se move depressa.

Tom e Olympia estão sozinhos há muito tempo.

Este trem vai enlouquecer. Ela sabe disso. Em algum momento, as chapas de metal que Dean instalou nas laterais dos vagões vão se soltar. Em algum momento, alguém louco à moda antiga vai colocar algo nos trilhos, tarde demais para que Michael possa retirar. Em algum momento, *alguém* vai ver algo e enlouquecer. Uma pessoa enlouquecida pode entrar no trem. Alguém que não acredita nas criaturas. Alguém que quer que todos pensem da mesma maneira que ele.

Ela chega ao fim do vagão. Abre a porta.

Enquanto passa entre os vagões, ela pensa em um piscar de olhos. Talvez no oposto disso. Escuridão, escuridão, escuridão, um vislumbre do mundo, escuridão, escuridão, escuridão. Lembra-se de Shannon apontando para os prédios dilapidados e os nomes estranhos das cidades. Malorie ria das piadas da irmã e logo as duas começavam a inventar histórias, dando nomes às pessoas que viam nos campos ao longe. Dando-lhes vida e interesses, relacionamentos e problemas. Malorie se lembra da mãe, do outro lado do corredor, sorrindo para as filhas. Ela queria impressionar a mãe naquele momento, queria que Mary Walsh achasse as filhas engraçadas. Havia um garoto na escola que já era escritor e todos o chamavam de “criativo”, e Malorie queria que seus pais (*Sam e Mary Walsh*) dissessem o mesmo sobre ela.

E sua mãe disse.

Ela balançou a cabeça para Malorie e disse: *Essas suas histórias são melhores do que a que estou lendo.*

É impossível não imaginar como sua mãe deve estar hoje. Mais velha, mais grisalha, mais mansa. Deve usar venda porque, mesmo na imaginação de Malorie, ninguém pode *olhar* em um lugar público. Certamente ninguém com quem ela se importe.

Malorie vê sua mãe, cega, tateando pelo corredor. Os dedos dela estão brancos e enrugados, e ela diz: *Você ouviu? As pessoas estão conversando nas cabines pelas quais você passa. E, quando as pessoas falam, elas se revelam. E, quando se revelam, você precisa ouvi-las.*

Malorie quase se sobressalta com o som de vozes vindo à sua direita. Com a mão enluvada na parede, ela entende que chegou à série de vagões com cabines como a que Tom e Olympia estão. Ali, as pessoas têm espaços com privacidade. Ali, as pessoas têm duas camas, almofadas vermelhas em um banco, um espelho.

Ali as pessoas falam também.

Malorie para. Ela escuta.

Ouve:

— ... *um novo começo. E isso é o mais importante. Não só onde vivemos, Judy, mas como vivemos. E também como tratamos uns aos outros...*

Malorie se pergunta se ela também está recomeçando. Mas sabe que não é esse o caso. O que ela está fazendo é justificar tudo o que já viveu.

Ela continua, seguindo pelo corredor, mãos enluvadas deslizando ao longo das paredes. Os dedos da mão direita tocam intermitentemente nas portas. Ela ouve vozes. Um novo grupo. Ela faz uma pausa. Escuta.

Ela ouve:

— ... *precisa tomar um banho o quanto antes...*

— ... *o mais longe que já fomos...*

Ela continua. Pensa nos cadáveres. Os dois passageiros mais seguros a bordo.

Seus dedos enluvados tocam as paredes. Outra porta.

Ela ouve:

— ... *nunca mais na vida. Falando sério. Chega de casas grandes. Quero encontrar a menor cabana do estado para morarmos...*

Ela continua. Esbarra em alguém.

— *Desculpe* — diz.

Malorie não tem dúvida de que essa pessoa está olhando para ela da mesma forma que a olhavam na escola para cegos. Ali está ela, usando capuz e luvas, com os olhos vendados em um lugar onde disseram que não é preciso estar. Mangas e calça comprida. Seu cabelo cobre o pescoço.

Ao tentar passar pela pessoa, volta a esbarrar nela.

É um homem, percebe. É flácido no meio, mais alto do que ela e tem cheiro de homem.

— *Desculpe* — repete Malorie.

Talvez seja um velho. Como seu pai deve ser agora. Ela se lembra da primeira vez que percebeu que seu pai envelhecera. Foi durante um jogo de futebol de Shannon. Malorie estava na arquibancada com os pais, o time de Shannon já marcara cinco gols e um homem perguntou para o pai dela se ele queria tentar uns arremessos à cesta na pequena quadra de basquete ao lado do campo de futebol. Seu pai concordou e se juntou a ele, e Malorie observou os dois começarem a jogar. Então, o outro time marcou um gol e Malorie foi novamente atraída pelo jogo de Shannon. Quando olhou de volta para a quadra de basquete, viu seu pai — o homem mais forte do mundo, esbelto e em forma, uma cabeça repleta de cabelo escuro como o dela — no chão com a mão no ombro, fazendo careta.

Ela estava prestes a contar para a mãe, mas a essa altura seu pai já estava se levantando. E, quando o outro homem lhe passou a bola novamente, seu pai arremessou e então parou. Ele devolveu a bola e voltou para a arquibancada. Ao se sentar ao lado de Malorie, ele disse: *Acho que não posso mais fazer isso.*

Agora Malorie estende a mão e as pontas dos dedos enluvados tocam o corpo à sua frente.

— *Por favor* — diz ela, sem falar mais nada.

O que aquele homem está fazendo? E o que ela está fazendo? Será que ela se esqueceu de que, só porque tomou todas as precauções para evitar as criaturas, as pessoas reais sempre foram e serão tão ruins quanto?

— Saia da frente — diz ela.

Mas o homem não se mexe.

Malorie inspira, prende a respiração, expira. Ela pensa em Annette, a ruiva, enlouquecendo — afinal, como poderia não enlouquecer? Uma cega enlouquecida. E talvez não tenha sido pelo toque de uma criatura, mas de um homem.

— Com licença, por gentileza — diz ela. — Saia da frente.

Talvez o homem seja velho. Talvez esteja dormindo. Talvez esteja de costas para ela, que entendeu tudo errado. Talvez ele também esteja vendado. Talvez seja surdo.

Talvez.

Ela não ouve nenhum movimento. Não sabe mais o que dizer. Poderia bater à porta mais próxima. Pedir ajuda. Ela poderia ficar parada até que alguém mais entrasse no corredor e pedisse ao homem que saísse do caminho.

O trem balança. O que faz com que ela pense em como tudo aquilo é frágil, como todos no mundo estão apenas no trem de outra pessoa, na grande ideia de outra pessoa e na certeza que essa pessoa tem de que aquilo é seguro para todos.

Tom e Olympia estão além daquele homem. Daquele homem que não se mexe.

— Por favor — diz Malorie.

Ela precisa decidir. Não pode ficar parada. Não pegou os filhos, saiu de casa e chegou até ali para ficar parada, com medo de um desconhecido. Alguém que ela nunca viu. Alguém que nunca vai ver.

Então Malorie se move. Ela anda como se o homem não estivesse ali. Passa por onde ele deveria estar. Ela não o sente. Não se choca com ele. Não esbarra em nada.

Ela para, estende as mãos para trás, sente as paredes. O trem balança quando ela dá outro passo à frente. Ela estende a mão. Não sente ninguém. Percorre todo o corredor e depois volta. Toda a sua extensão. Ela sente que as portas de cada cabine estão fechadas e permaneceram fechadas, pois ela não as ouviu se abrirem. Ela fareja o ar. Ainda há cheiro de gente ali, cheiro de homem. Ela se lembra claramente de tocá-lo. Um corpo maior. Como o do seu pai.

Ela olha cegamente para cima, como se de algum modo o sujeito pudesse estar escondido no teto.

Chega novamente ao final do corredor. Precisa passar por outro conjunto de portas para ir até o próximo vagão. E mais outro ao fim desse. E assim por diante.

Ela escuta. Vozes dentro da cabine ao seu lado.

Ela ouve:

— ... *alguém a bordo alega ter capturado uma.*

- *Como assim?*
- *Eu o conheci entre os vagões.*
- *Quem?*
- *Ele diz que está guardada em um dos caixões no depósito.*

Malorie se move antes de decidir fazê-lo. Ela atravessa as portas, entra no corredor seguinte, braços estendidos para a frente, e os olhos de sua mente tão atulhados de lembranças e medo que fica ainda mais escuro, como se, na verdade, durante todo aquele tempo, todos aqueles anos, a luz estivesse ligada, e as palavras que ela acabou de ouvir do outro lado da porta fechada da cabine de um estranho no trem de um estranho tivessem desligado o interruptor para sempre.

Alega ter capturado uma.

A bordo.

Guardada em um dos caixões no depósito.

— Tom. Olympia — chama ela.

Sem fôlego, embora respirando. Movendo-se por conta própria, mas, no fim das contas, transportada pelo trem.

Pela grande ideia de outra pessoa.

Pela ideia de segurança de outra pessoa.

DEZOITO



— Não vamos sair desta cabine até chegarmos — diz ela.

Ainda está usando a venda, o capuz e as luvas. Ela se certificou de que os filhos fizessem o mesmo.

Não pede que repitam o que ela disse. Acredita que a ferocidade do seu tom de voz é suficiente.

Mas será?

— O que aconteceu? — pergunta Tom.

Claro que é *Tom* quem pergunta. E é claro que ele vai resistir. Ela atravessa a cabine para ficar mais perto do filho. Para que não haja dúvida de quão sério está falando.

— Não importa — diz ela, a voz trêmula. — Eu disse que vamos ficar. Isso significa que vamos ficar aqui.

— Mas, mãe...

— Tom.

... alega ter capturado uma.

A frase é um horror. O homem do censo falou sobre alguém que afirmou a mesma coisa. Malorie leu outras alegações semelhantes nas páginas que ele deixou para trás. Indian River, bem aqui, no Michigan. Perto. A seu modo, o novo mundo é como o Velho Oeste: arrogante e sem lei. Ela entende que as chances de qualquer uma dessas coisas ser confirmada se reduzem a zero. Mas, afinal, que tipo de pessoa se gabaria de algo assim?

E em um lugar público...

Essa pessoa a preocupa tanto quanto aquilo que pode estar em um caixão no depósito.

— Mãe — começa Olympia, como se estivesse prestes a dizer algo que pretendia dizer já há algum tempo.

Mas Malorie não quer ouvir mais nada. Acha que não aguenta mais. Elas estão pelo mundo. Eles estão em um trem com pessoas que não conhecem. Nas mãos de outras pessoas.

— Agora não — diz ela.

E Malorie se pergunta: é verdade que tem mais medo dos homens do que das criaturas? Ela está sendo sincera consigo mesma quando diz que a pessoa que afirma ter capturado uma criatura é pior do que a suposta criatura capturada poderia ser?

Sua escuridão pessoal fica verde, então doentia, como se o mundo inteiro estivesse enrugado e decadente. Como se toda lembrança e todo pensamento fossem filtrados pelo tecido preto, como se toda esperança e todo luto revertido fossem roubados, restando apenas o vento frio.

É algo que ela não considera há muito tempo. Algo que não disse adequadamente a si mesma.

Não foram as pessoas que a levaram à beira da paranoia.

Foram as criaturas.

Roubaram sua vida. Destruíram o mundo que ela amava. Levaram sua irmã e, como acreditava antes, seus pais. Elas levaram Tom, o homem, Olympia, a mulher, Rick e Annette da escola para cegos. Nem mesmo o homem do censo sabe quantas vidas foram levadas pelas entidades insondáveis, porque nem as pessoas que contabilizam os números podem olhar para elas.

Malorie sente calafrios, náusea, então vai até onde acha que fica o espelho e procura o balcão da pia. Não há um balcão. Ela se ajoelha e procura um recipiente, qualquer coisa para...

Encontra. Uma pequena lata de lixo de metal. Ela a leva ao rosto bem a tempo, e o vômito escorre pelo seu queixo, mas apenas pelo queixo, já que ela está quase totalmente coberta de panos e roupas.

Olympia está ao seu lado.

— Você precisa se deitar — diz a menina.

Mas o conselho é tão chocante, tão contrário ao que ela pensa que deveria fazer, que aquilo chega a Malorie quase como uma lembrança. Ela ouve a própria mãe dizendo a mesma coisa depois de buscá-la na escola por ter passado mal no banheiro. Ela se lembra da paisagem a caminho de casa. Era outono. Sua mãe apontava para as cores, dizendo-lhe que muita gente ficava doente quando as estações mudavam, falando que ela não precisava se preocupar.

E quando o mundo mudar, mãe?, pensa ela. E dezessete anos depois de o mundo ter mudado? As pessoas vão ficar doentes? E, caso fiquem, vão se recuperar?

Ainda assim, as imagens a confortam. Mesmo agora, atormentada e com medo. As paisagens e os cheiros do outono. Como era antigamente. Como

ainda deve ser, embora Malorie não tenha mais prova disso.

— Não — diz ela. — Vou ficar bem.

Mas o silêncio dos filhos indica que eles não acreditam no que ela disse. Tudo bem. Alguém naquele trem citou um homem que alega ter capturado uma criatura. Disse que está em um caixão, no depósito.

Agora não é hora de se deitar.

Ela inspira. Prende a respiração. Expira.

Então se levanta. Isso pode estar acontecendo? Já é ruim o bastante elas agora poderem tocar (será que podem?), já é ruim o bastante que haja mais delas agora do que antes (será?), já é ruim o bastante que esse trem passe pelo que Dean descreveu como uma área concentrada, onde, por algum maldito motivo (que Malorie não quer saber), elas se reúnem ao longo dos trilhos, e agora isso? Aquela criatura podia mesmo estar com eles *no trem*?

— Precisamos dizer para todos fecharem os olhos — diz ela.

Porque agora está pensando nas outras pessoas a bordo. Não porque se preocupa com a felicidade delas. Mas pelo que poderiam fazer com ela e seus filhos se a coisa no caixão (será que realmente está lá?) escapasse e vagasse pelos mesmos corredores que Malorie acabara de percorrer. Lá fora, onde os homens não sentem que precisam responder à mulher baixinha de olhos vendados que cobre todo o corpo com medo de qualquer contato.

Meu Deus, pensa ela. *Você precisa se acalmar.*

— Bem, não podemos dizer a todos sem sair da cabine — afirma Tom.

E Malorie lhe dá um tapa.

É repentino, não planejado, mas parece-lhe a única coisa a fazer.

Porque Tom está procurando um motivo para sair daquela cabine desde que ela disse que não sairiam mais dali. Porque Tom está naquela maldita idade em que acredita que deve resistir *a cada coisa que a mãe lhe diz*.

Ele está se afastando dela, sem dúvida com a mão no rosto. Malorie não pode deixar de sentir orgulho por ter tocado o que ela acredita ser o pano da venda de Tom com as pontas dos dedos enluvados quando lhe deu o tapa. Mesmo agora, tendo feito algo que nunca teria sonhado ser capaz de fazer dezessete anos antes, ela pensa: *Que bom. Ele está usando a venda.*

— Uau — diz Tom.

E está prestes a dizer muito mais.

Ela percebe. Sente isso naquelas três letras, como se abrangessem uma fechadura arrombada, a porta agora aberta para qualquer coisa.

— Esperem — diz Olympia. — Esperem aí. Isso é loucura. Mãe, você precisa se acalmar. Estamos bem. Isso é bom. Estamos no trem. Indo ver seus pais. Estamos...

Então vem: a raiva de Tom, mas de uma forma inesperada. Malorie antevê uma enxurrada de palavras. Ela chega até a se preparar para revidar. Mas não. A porta da cabine se abre e depois se fecha, e os passos furiosos de Tom ecoam pelo corredor.

— Não — diz ela, imaginando um caixão sendo aberto no depósito, a tampa deslizando para o lado, algo terrível se erguendo.

Malorie abre a porta, e Olympia a detém e fala com ela coisas do tipo: *Por favor, mãe, ele precisa de um minuto, está tudo bem, mãe, não saia por aí com raiva, mãe, deixe ele, mãe, é o Tom, lembra? Tom? Seu filho?*

Lembra-se do Tom?

Mãe?

E Malorie se lembra. Ou de algo parecido. Ela se lembra de Tom, o homem, homônimo de seu filho.

O homem incrível entra nos olhos de sua mente com detalhes surpreendentes, e ela fica momentaneamente envergonhada por ele tê-la visto batendo no filho.

Tom, pensa Malorie, me desculpe.

Mas diz isso para o homem ou para o filho? Está chorando nos braços de Olympia, por trás da venda, chorando diante do eco do grito de Tom, o homem, para que o deixassem entrar no sótão onde Malorie está em trabalho de parto. Enquanto as criaturas que Gary convenceu Don a deixar entrar vagam no andar de baixo da casa.

— Está tudo bem — diz Olympia. — Vamos chegar em segurança. Vamos...

— Não — diz Malorie. — Não vamos. Não dessa vez. Nós abusamos da sorte. Não deveríamos ter vindo. Estávamos bem. Nós sobrevivemos à casa. À escola. Estávamos bem até que eu fiquei *gananciosa*. Vi os nomes dos meus pais e perdi a cabeça. Eu me descuidei, Olympia. *Eu me descuidei.*

Sua voz falha na última palavra. Olympia faz menção de dizer alguma coisa, mas Malorie já está afastando as mãos da filha dos ombros.

Ela fica orgulhosa ao perceber que Olympia está usando luvas.

Mesmo agora.

Então ela também sai da cabine. Para encontrá-lo. Tom, aquele que, entre todos no trem, seria a pessoa mais empolgada com uma criatura capturada em um caixão.

E a prova de progresso que esse horror representaria.



DEZENOVE

Tom está de olhos abertos. Porque dane-se tudo. Por que não? O homem que gerencia o trem fica de olhos abertos. E ele vem fazendo isso em todas as viagens. Malorie passou dos limites. É isso. Talvez aquilo fizesse sentido quando eram crianças, quando pegaram o barco a remo até a escola. Talvez, então, sua mãe tivesse motivos para ser do jeito que era. Mas agora? Ali? Eles estão no mundo exterior. Tom nunca sentiu, ouviu, cheirou ou *viu* algo assim. Ele caminha pelo corredor. Portas à sua esquerda. Uma parede preta à direita. Tudo balança. Chacoalha. Por quê? Porque estão em um trem. Uma coisa que ele e Olympia nunca fizeram. Meu Deus, eles nunca fizeram nada!

Malorie foi longe demais.

É a primeira vez que ela bate no filho desde quando usava um mata-moscas quando ele e Olympia eram bebês, ensinando-os a acordarem com os olhos fechados. Mas aquilo não foi uma lição. Foi raiva. Escuridão, escuridão, escuridão. Será que Malorie não entende? Quer tenha nascido nesse mundo ou não, já lhe *contaram* como era. E aí? Aí você quer conhecer o mundo por conta própria.

Quer vê-lo.

A porta se abre ao fim do corredor, e uma mulher entra. Seus olhos permanecem fechados até a porta bater atrás dela. Então ela abre os olhos. Vê Tom e dá um sorriso nervoso. Ele se pergunta se, por um segundo, ela pensou que ele era uma criatura. Ele não sabe o que fazer com ela. Quantas mulheres já viu na vida? Quantos homens? Na escola para cegos havia muitas pessoas. Mas Tom tinha seis anos. Ele tem dezesseis agora.

Será que Malorie não entende?

Tom acena. Ele não pretendia fazer isso. Simplesmente aconteceu. A mulher, que é mais velha do que ele, mas não tão velha quanto Malorie, acena de volta. Ela vai em sua direção. Ele vai na direção dela.

Tom acha que precisa dizer alguma coisa, porque está muito nervoso. Seu rosto continua vermelho por ter levado o tapa, no entanto ele está mais animado do que nunca.

Subitamente, em êxtase, percebe como isso é verdadeiro.

Nunca se sentiu tão livre na vida.

E tudo o que ele precisou fazer foi dar as costas para Malorie.

Tom faz menção de falar, abre a boca, mas a mulher abre uma porta à direita e entra na cabine.

Fecha a porta.

Tom se pergunta se há alguém ali dentro que também dita regras intermináveis. Ele se pergunta se ela fechou os olhos ao entrar, se finge que não os abriu no corredor.

Tom sorri. Uau. Isso é bom.

Ele tira as luvas e o capuz. Não quer mais aquilo. Deixa-os cair no chão do corredor, exatamente como deixaria suas roupas largadas ao lado do beliche na Cabana Três do Acampamento Yadin.

A sensação é ótima.

Ele abre a porta ao fim do vagão. Fecha os olhos.

Será que Malorie não entende? O homem disse para eles o que fazer. O que era seguro. E é o que Tom está fazendo. Nada mais. Só isso. Eles não precisam ficar na cabine a viagem inteira. Não precisam usar vendas e luvas. Não precisam ter tanto medo.

Mas Malorie não entende. Não faz a menor ideia.

Pensar nisso o deixa furioso de novo. Mais furioso. Mas ele não quer ficar bravo. Quer ser livre.

Tom atravessa o espaço entre os vagões. Abre a porta seguinte. E a fecha ao passar.

Ele abre os olhos.

Outro corredor. Portas à sua esquerda. Pessoas se escondendo como Malorie se esconde. Tom não vai mais se esconder. Não vai mais viver de acordo com as regras de Malorie. Nunca mais vai voltar para o Acampamento Yadin.

Ele para. Seu coração bate rápido ao se dar conta de que nunca mais vai voltar.

Ao único lugar que eles realmente chamaram de lar.

Nunca.

Mais.

Vai.

Voltar.

— Ótimo — diz Tom.

Uma porta se abre à sua esquerda. Um homem sai e a fecha ao passar.

— Oi — diz ele.

Tom mal pode acreditar. O mundo é assim nos livros da sua irmã. As pessoas saem pela porta da frente, acenam umas para as outras e perguntam como vão.

— Como vai? — pergunta Tom.

O homem, muito mais velho, o observa com desconfiança. Será que é porque ele está se perguntando o que um garoto de dezesseis anos está fazendo sozinho no trem?

Será que o homem acha que Tom está sendo imprudente? Dá para perceber que Tom acabou de levar um tapa?

O menino leva a mão ao rosto.

— Bem — diz o homem.

Ele não se move. Fica diante da porta fechada do quarto, como se Tom pudesse entrar ali e levar alguma coisa.

Tom passa por ele. Chega ao final do vagão, olha para trás, encontra o homem ainda de pé, de frente para ele. Só que agora seus olhos estão fechados.

Tom também fecha os seus. Ele abre a porta. Entra no espaço entre os vagões.

É para.

Tira os óculos do bolso e os coloca no rosto.

Ali, o ar rodopia. Um pequeno ciclone entre vagões. Venta o suficiente para arrancar a venda do rosto de alguém caso não esteja amarrada com firmeza.

O vento sobe pelas mangas curtas da camisa dele, desce pelo pescoço.

A sensação é incrível. Ele está do lado de fora vendo o mundo passar. Não está andando. Não está remando. Ninguém está lhe dizendo o que fazer.

Ele abre os olhos. Vira a cabeça para a esquerda.

Através dos óculos, dos *seus* óculos, ele vê o mundo passar.

Árvores. Placas. Não ficam à vista tempo suficiente para ele ler. Mas vê letras. No lado de fora. No mundo real.

Tom sorri.

Isto é incrível.

Ele olha para a direita.

Mais daquilo, só que o horizonte parece se estender para sempre naquela direção.

Será que há criaturas lá fora? Será que está olhando para uma através dos óculos que inventou? O tipo exato de óculos que poderia constar no livro de descobertas do homem do censo.

A sensação é avassaladora. Ter levado um tapa não importa mais. Ele quase quer agradecer a Malorie por ter feito aquilo. Quer agradecer-lhe por ter dado a ele motivos para sair do lado dela.

Indian River.

O nome da cidade ocorre-lhe em letras garrafais, cercado por árvores e placas de rua. Ele imagina que Indian River tem horizontes como os que está vendo. Paisagens intermináveis e muitas pessoas que querem vê-las.

Athena Hantz.

Uma mulher que não pensa como Malorie. Uma mulher que pensa como ele.

O mundo passa. Verdes e marrons. Placas. Casas. Uma cerca.

É *maravilhoso*.

Tom sente-se capaz de fazer qualquer coisa. Absolutamente tudo o que sempre quis fazer.

A porta se abre à sua frente. Ele vê um homem vindo de olhos fechados em sua direção. Mas não é um homem qualquer. É Dean Watts.

Tom se afasta e vê quando Dean Watts, o proprietário e criador daquele trem, passa por ele, abre a porta ao seu lado, entra e volta a fechá-la.

O sentimento é incrível. Como se ele tivesse enganado até o homem mais inteligente do trem. O homem que trouxe o trem de volta dos mortos.

Ele não quer que esse momento termine. Quer que dure mais dezesseis anos. Do lado de fora, olhos abertos, livre.

Ele vai até o limite da plataforma entre vagões. Seria dali que alguém pularia se quisesse. Também seria dali que Dean jogaria alguém para fora do trem.

Tom se senta de pernas cruzadas, usando os óculos. O vento sopra, e ele levanta os braços.

Ele sente. Tudo aquilo. Cada detalhe daquele momento no tempo.

Não há ninguém ali com ele. Ninguém passa entre os vagões.

E ninguém, absolutamente ninguém, lhe diz o que fazer.

VINTE



Malorie sabe que é Dean antes de esbarrar nele, antes que ele fale. Ela não tem certeza se seus outros sentidos ficaram mais aguçados no novo mundo, mas consegue farejar certos lugares e pessoas segundos antes de alcançá-los.

— Malorie — diz Dean. — Você está bem?

Ela não quer lhe contar o que ouviu. Sobre o caixão no depósito. Ela não quer o pânico. Só está preocupada em encontrar Tom e sair dali antes que tudo enlouqueça.

— Não — diz ela.

Malorie odeia o medo em sua voz. Odeia falar com alguém que antigamente consideraria inteligente e interessante e só sentir medo.

— O que houve?

— Está tudo errado — diz ela. — O trem. Achar que podemos reagir. Tudo isso é insano.

— Ei, Malorie. Espere...

— Vou encontrar meu filho e vamos saltar. Vamos voltar para casa porque lá, quando meu filho fica com raiva, eu sei onde e com quem ele está.

Malorie faz menção de passar por ele. Dean não tenta impedi-la, mas sua voz, sim:

— Você não acha que, agora que viram o trem, agora que embarcaram, as coisas em casa não vão mais ser como antes?

Malorie não tem tempo para isso agora. Ela precisa seguir em frente, precisa garantir que seu filho, que ela protegeu durante *dezesseis anos*, não faça algo perigoso.

Aí, meu Deus, pensa ela. Você bateu no Tom.

É como se ela tivesse batido nele de novo. E de novo. Sempre que se lembra parece estar fazendo aquilo outra vez. E a única cor que ela vê é a de um rosto estapeado.

— Você tem certeza de que ele foi nessa direção? — pergunta Dean.

— Sim. Não. Eu não sei.

— Acabei de sair do vagão-restaurante — diz ele. — E não o vi.

De algum modo, isso é pior. Como se o próprio trem o tivesse engolido. Como se, ao cortar o cordão umbilical (porque é isso que parece, até mesmo para Malorie), Tom tivesse entrado na escuridão pessoal dela e sido puxado tão para o fundo que ela nunca mais fosse vê-lo.

— Ele está aqui em algum lugar — diz Dean. — Vamos encontrá-lo. Então não se preocupe. Vou ajudar.

Malorie não quer ajuda. Ela não quer estar ali. É por causa de gente como Dean Watts que todos enlouquecem no fim. É culpa das pessoas que pensam além da venda.

Então Tom, o homem, aparece no escuro. Está diante do sofá na sala de estar da casa onde Malorie o conheceu. Aos seus pés estão as peças de um capacete que ele não foi capaz de montar.

— De qualquer forma, não vou conseguir fazer nada até que você o encontre — diz Dean.

— Tudo bem — diz Malorie. — Então me ajude.

Porque Tom, o homem, não foi o motivo que fez a casa enlouquecer. Aquele desenlace, aquele sangue, mancha as mãos de Gary. Foi Gary quem convenceu Don a arrancar os cobertores da janela. Foi Gary quem entrou na casa feito uma aranha pequena e letal em trajes teatrais. Faz dezesseis anos e ela ainda estremece ao pensar nele. Em sua voz. Em seu rosto. Em sua barba. Em seu casaco. Em seu caderno. Em suas palavras. Em suas mãos pálidas como giz no ombro de Don. Sussurrando ao ouvido de Don como um demônio. Dizendo-lhe que as criaturas não eram reais, que a humanidade em conjunto havia perdido a cabeça. A criatura que ele teme é o homem.

Malorie anda depressa pelo corredor. Dean a segue logo atrás.

— Vocês dois brigaram? — pergunta ele.

— Tipo isso.

— Bem — diz Dean. — Meus olhos estão abertos e posso lhe garantir que ele não está neste corredor.

— E nas cabines? Será que está na cabine de outra pessoa?

— Com quem ele estaria?

Eles chegam ao fim do corredor. Dean abre a porta.

O ar a atinge, fresco e frio, e Malorie, cega, vira a cabeça para a esquerda, imaginando Tom pulando do trem em movimento entre os vagões.

Ela ouve o som do tapa, sua mão no rosto do filho.

— Ele também não está neste corredor — diz Dean quando entram no vagão seguinte. — Mas tem algo aqui que você não vai gostar.

— O quê?

Malorie fica paralisada. Ela pensa no caixão no depósito.

— Desculpe — diz Dean. — São só roupas. Mas... é um casaco com capuz e luvas. E, sim, uma venda também.

— Ai, meu Deus.

Porque Tom não apenas saiu furioso. Ele dispensou sua armadura.

Malorie não consegue pensar direito. Ela precisa encontrá-lo. Precisa sair daquele trem.

E ela não aguenta mais guardar para si mesma o que ouviu.

— Escutei alguém falando sobre uma criatura a bordo — diz ela, com a voz abalada, quase rouca. — Alguém em uma das cabines disse algo sobre uma criatura em um dos caixões no depósito.

Dean fica quieto. Será que ele a está observando? Avaliando o nível de paranoia dela? E as palavras que ele vai dizer a seguir... serão tranquilizadoras? Bem-humoradas? Desdenhosas?

— Vou verificar o depósito — diz ele. Firme. Decisivo. Sério. — Continue em frente. Encontre Tom.

— Certo.

Então ele se afasta, e Malorie se ajoelha para pegar as roupas que Tom deixou para trás.

— *Ele trocou de pele* — diz ela.

Ou é o que pensa. Não tem certeza.

Mas e se a pele for tudo que o protege do novo mundo?

Ela não consegue conter o desespero. O trem balança. Os passos de Dean se afastam até ela ouvir uma porta abrir e fechar. Está sozinha novamente. Procurando pelo filho. Mas não está *olhando*. Ela nunca olha. Nunca olha para nada.

E não é exatamente por isso que Tom quer fugir dela? Dessa vida? Não é exatamente por isso que todos, até quem nasceu no meio de tudo isso, gostariam de trocar de pele?

Ela continua. Chama-o pelo nome. Bate à porta mais próxima e uma voz feminina lá dentro responde que não estão precisando de nada. Ela diz que está procurando pelo filho. A voz diz que ele não está ali.

Malorie continua.

O trem balança.

Ela bate à porta ao lado. Ninguém responde dessa vez. Ela imagina Tom imóvel e em silêncio ali dentro. Tenta abrir a porta, que não abre. Está trancada. Então ouve uma voz dizer que não precisam de nada. Ela diz que está procurando o filho. Estamos nesse trem pela primeira vez. Por favor. Me ajude. Ele está aí? Não, dizem eles. Não está. Vá embora. Por favor.

Malorie continua. Ela chega à porta. Quase começando a tremer, ela sai no vão entre os vagões. Mas antes de entrar no vagão seguinte, verifica quanto

espaço há ali. Será que um garoto de dezesseis anos conseguiria passar entre os vagões? Será que poderia pular dali?

O vento penetra pelas mangas compridas do seu casaco. Como os dedos das criaturas que ela nunca teve permissão para olhar.

Se tiverem dedos. Se tiverem alguma coisa.

Malorie não sabe. Nada sabe sobre elas.

Ainda.

Ela entra no próximo vagão.

Será que Dean encontrou alguma coisa no depósito? Um caixão vazio? Ou pior, muito pior, uma criatura lá dentro? Será que Dean Watts tem tanto orgulho do trem que vai se descuidar ao abrir o caixão?

Será que Malorie condenou Dean à loucura? Será que condenou a todos?

Não é difícil imaginar Dean ao seu lado. De forma repentina. Veemente. Ele diria as mesmas coisas que estava dizendo antes. Usando as palavras certas. Mas ela perceberia. A loucura dele. Possivelmente antes que ele mesmo notasse.

Ela bate à primeira porta no vagão seguinte.

— Sim? — É uma moça. Parece assustada.

Malorie a ouve sussurrar para alguém. Será Tom?

— Estou procurando meu filho — diz ela. — Ele tem dezesseis anos. Ele está aí dentro? Você o viu?

— Por favor, vá embora — diz a mulher.

Malorie sente uma repentina pontada de raiva. Quer arrombar a porta, invadir a cabine da moça e perguntar como ela é capaz de só pensar em si mesma em um momento como aquele.

— Por favor — diz a mulher com firmeza. — Vá embora.

E ela se parece muito com Malorie no passado. Quando um homem em um barco se aproximou dela e das crianças no rio. Ou quando as pessoas batiam à porta do seu quarto na escola para cegos. Até mesmo recentemente, quando o homem do censo apareceu.

— Desculpe — diz Malorie.

E ela tem a sensação de estar dizendo aquilo para si mesma, pedindo desculpas a si mesma por ter perdido Tom de vista. Por ter lhe dado um tapa. Por ter se tornado essa pessoa paranoica.

Ela se afasta da porta, vê a si mesma, Tom e Olympia escondidos em segurança. Como se agora ela tivesse abandonado essa possibilidade. Como se tivesse abandonado a segurança. Como se finalmente tivesse se tornado imprudente.

Se eles tivessem corrido para o trem um ano antes, isso aconteceria? Tom teria perdido a paciência com ela?

E ela com o filho?

Malorie não consegue pensar nisso. Não agora. Os nomes dos seus pais ardem intensamente em sua cabeça, queimam as próprias páginas em que

foram escritos, e o fato de Tom desaparecer na escuridão de um trem em movimento não pode eclipsar isso.

No entanto, tudo, *tudo* parece errado. O movimento, as vozes, os cheiros, o fato de estarem nas mãos de outras pessoas, Olympia sozinha no quarto, Tom sozinho e com raiva, Malorie sozinha e procurando.

Os caixões no depósito. Dean verificando-os.

Como? Como ele vai saber se há uma criatura ali dentro sem olhar?

Absolutamente tudo lhe parece errado, tudo *está* errado, tudo *deu errado*, como se ela tivesse estragado algo que antes lhe era precioso. Ela está se esforçando para manter o controle, para encontrar algo no que se apoiar no presente sombrio.

Meu Deus.

Ela deveria ter ficado em casa.

Ela bate na porta ao lado. Um homem a abre. Quando ele fala, sua voz vem de cima. Ele é alto. Parece ser o que as pessoas costumavam chamar de conservador, embora essa palavra não sirva mais para o novo mundo. Não para Malorie. Existem apenas aqueles que são prudentes e os que não são, e hoje ela não é.

— Meu filho — diz Malorie.

Antes que ela diga qualquer outra coisa, o homem fala:

— Um jovem? Um adolescente? Cabelo preto como o seu?

— Isso.

Ela ouve a luz, a esperança na própria voz. Isso a sobressalta.

— Eu o vi atravessando o corredor. Fechei os olhos quando ele chegou ao fim.

— Certo. Obrigada.

Já é alguma coisa.

— Mas ele ficou parado entre os vagões por bastante tempo.

— Como sabe?

— Porque eu escuto atentamente, senhora. E não ouvi aquela segunda porta, a do próximo vagão, ser aberta por muito, muito tempo.

— Quanto tempo?

— Dois, três minutos.

— Mas você a ouviu abrir?

— Ouvi.

— Então você sabe que ele passou?

— Eu? — diz o homem. — O que é que eu sei? Para começo de conversa, acho que somos loucos por termos embarcado em um trem cego. Para mim, poderia até ter sido uma criatura quem abriu a outra porta.

— Mas você...

— Desculpe, senhora — diz ele. — Isso é tudo o que sei.

Firme. Definitivo.

Ela entende. Malorie agradece, e a porta volta a se fechar.

Dois ou três minutos.

Entre os vagões.

O que ele estava fazendo ali? Sem capuz. Sem luvas. Sem venda.

Malorie corre até a porta e a abre.

Ela para no lugar onde ele esteve.

Ouve.

Pensa.

Sente.

Vento. O espaço aberto. Será só isso? Ou será que Tom pulou do trem? Não é difícil imaginá-lo fazendo isso. Certa vez, Tom pulou do telhado da Cabana Dois e aterrissou na pilha de colchões que ele tinha arrumado. Em outra oportunidade, rolou por uma colina particularmente íngreme nos bosques que margeavam o Acampamento Yadin. Nadou no lago, de olhos fechados. Ele já se feriu, fraturou ossos e passou semanas deitado no beliche. Durante toda a vida, ele ousou, foi atrevido, tentou coisas novas, abusou da própria sorte, da sorte deles, do novo mundo como um todo. Não é difícil imaginá-lo tomando a decisão, o rosto ainda vermelho no ponto em que Malorie lhe bateu. Não é difícil vê-lo sorrindo mesmo ao pular do trem em movimento, o cascalho cortando seus cotovelos, suas mãos nuas feridas pelos trilhos.

Mas então o quê? Para onde ele iria? E embora Tom pudesse fugir de Malorie e de suas regras, será que iria sem se despedir da irmã?

Ela não consegue evitar e pensa na própria irmã, Shannon, morta no andar de cima, um vislumbre de algo que ela não deveria ter visto pela janela do quarto do segundo andar. Um quarto pelo qual brigaram quando se mudaram para lá.

Malorie entra no vagão seguinte e bate na primeira porta que encontra. Silêncio lá dentro.

Alguém caminha pelo corredor. Uma mulher pergunta:

— Está tudo bem?

Malorie fica imóvel, exatamente como ficaria se de repente alguém lhe tivesse feito a mesma pergunta no Acampamento Yadin.

Mas a verdade é que aquele trem *não* é sua casa. E, às vezes, o melhor caminho para a segurança é através de outras pessoas.

— Você viu um adolescente mais à frente? — pergunta Malorie. — Um rapaz. Mais ou menos da minha altura. Cabelo escuro. Camisa de manga curta?

— Você perdeu alguém?

Pelo modo como ela diz isso, Malorie tem vontade de estender os braços na escuridão e agarrá-la.

NÃO, EU NÃO PERDI NINGUÉM. ALGUÉM ME ABANDONOU.

— Sim — responde Malorie.

— Não. Eu não vi ninguém assim.

— Nem no vagão-restaurante? Sentado? Pense.

— Estou pensando. — Ela soa como as pessoas da escola para cegos. Sem dúvida, está se perguntando por que Malorie está usando casaco, luvas e venda em um lugar que lhes disseram ser seguro. — Não, eu não o vi.

Malorie sai andando. Ela bate na cabine ao lado. Há movimento lá dentro. A porta se abre.

— Tem alguém aí? — pergunta uma voz.

Talvez seja a cega de quem Dean lhe falou.

— Meu filho está desaparecido — diz Malorie.

— Ah, não.

— Ele tem dezesseis anos. Você... viu... ou ouviu um adolescente de cabelo escuro...

— Estou usando minha venda.

Isso deixa Malorie sem ar. Em um lugar onde lhe disseram que não há problema olhar, essa mulher ainda vive pela venda.

Vive como Malorie.

— Por favor — diz a mulher. — Não me peça para olhar.

— Eu não faria isso. Compreendo.

Há um momento de silêncio entre as duas. Malorie sente afinidade pela outra mulher. Algo mais profundo do que personalidade, caráter ou até mesmo visão de mundo.

Instintos.

A palavra não lhe parece tão boa como de costume. Ela confia em seus instintos desde que o mundo enlouqueceu e, até agora, isso lhe serviu bem. Ela está viva. Seus filhos estão vivos. Apesar de uma tragédia abominável ter irrompido ao seu redor, eles sobreviveram. No entanto, apenas alguns dias antes, Malorie abandonou seus instintos pela primeira vez. Mesmo quando os nomes de seus pais brilharam na página e as imagens das pessoas que eles eram antigamente e das que podem ter se tornado se ergueram como névoa colorida em meio à sua escuridão particular, o instinto de Malorie lhe disse para ficar onde estava. Seu instinto lhe disse que ela estava fazendo o certo, que era a única maneira de fazer aquilo, e que sair correndo atrás de um trem conduzido por sabe-se lá quem, acompanhada por sabe-se lá quem mais, era muito pior do que não estar em segurança; era jogar muitos jogos ao mesmo tempo, com várias possibilidades de perder.

E agora ela está enfrentando seu antigo eu. Seu eu rigoroso e instintivo. E ela sente vergonha por ter vindo.

— Essa é a única coisa no mundo para a qual eu retiraria minha venda — diz a mulher.

— Qual coisa? — pergunta Malorie.

— Meu filho. Desculpe-me por não poder ajudá-la.

A mulher fecha a porta, e o clique da tranca separa o mundo das duas.

Malorie está novamente sozinha.

Ela inspira. Prende a respiração. Expira.

Dá um passo até a porta seguinte e bate. Ela espera. Tenta a maçaneta. A porta se abre.

Malorie entra.

O trem está balançando quando ela entra na cabine de outra pessoa. Ela fica imóvel. Ouve.

Será que o ruído está vindo das rodas do outro lado da parede? Ou há alguém se mexendo naquele mesmo espaço?

— Estou procurando meu filho — diz Malorie.

Quem quer que esteja naquela cabine, ao vê-la de olhos vendados, assustada, encapuzada, certamente sentiria compaixão por ela, a entenderia e responderia.

Malorie entra ainda mais na cabine, braços estendidos. As pontas de seus dedos enluvados tocam o que ela pensa ser um espelho.

Movimento atrás dela. A porta corrediça se fecha.

Ela não se mexe. Espera.

O trem zumbe. As rodas giram. Será que Dean está encontrando uma criatura enquanto ela está ali? Será que os olhos dele estão abertos, permitindo-lhe ver o insondável? Será que a tampa do segundo caixão vai se abrir enquanto ele verifica o primeiro?

Será que Dean está louco, ali, naquela cabine?

— Tem alguém aí? — pergunta Malorie.

Naquela escuridão, é impossível não imaginar tudo, todo tipo de coisa, todo perigo em potencial. Pessoas, expressões, traços, sentimentos, animais, cheiros, rios, casas, escolas, cabines, trens, loucura.

Mas não há resposta.

Malorie dá um passo à frente e verifica o banco.

Será que Tom está ali em silêncio? Ele não se esconderia de propósito, certo?

Ela vai rapidamente até os beliches. Passa a mão no beliche de cima, sem sentir nada além de um cobertor. Ela se inclina e alcança o beliche de baixo.

Alguém agarra seu pulso.

— Vá embora — diz a pessoa.

Malorie não sabe dizer se é homem ou mulher. Seu coração está disparado. Aquele não é Tom. E quem quer que seja, grita:

— *VÁ EMBORA!!*

Malorie é empurrada ou chutada. De qualquer modo, ela cai para trás em meio às trevas. O trem balança com força e, quando ela tomba, cai de mau jeito. Seu ombro bate primeiro, depois o queixo.

— *VÁ EMBORA!!* — grita a pessoa.

E não está mais se escondendo, não está mais encolhida em um beliche no escuro.

Agora está avançando. Em sua direção.

Malorie se afasta, desorientada, com medo. Não tem certeza de onde fica a porta. Mãos a puxam pelo capuz, arrastam-na em direção ao som de uma porta corrediça. Então ela se levanta. Antes que possam expulsá-la, ela se levanta.

— Desculpe — diz Malorie. Mas o que ela quer dizer é: *FODA-SE! MEU FILHO ESTÁ PERDIDO NO NOVO MUNDO!*

A porta se fecha.

Malorie se vira para seguir pelo corredor.

Há alguém ali.

— Eu o vi — diz um homem. — Foi por ali.

— O quê? Meu filho?

— Sim — diz ele. — Vamos. Eu lhe mostro.

Em segundos, Malorie tenta adivinhar como aquele homem é. Qual sua idade. Se ele é seguro. Mas ela está se mexendo, seguindo-o de volta pelo caminho por onde veio. Através das portas, de vagão em vagão, passando pelas pessoas que, sem dúvida, assustou em sua busca pelo filho.

— Ele está logo ali — diz o homem.

Ele a segura pela mão. Ela pensa em se desvencilhar, mas quer chegar lá. Quer alcançar Tom.

— Ele está bem? Está vivo?

— Sim — diz o homem. — Ele está perfeitamente bem. Por aqui.

Malorie meio que é arrastada, meio que corre ao lado do homem. Eles atravessam outro vagão, percorrem outro corredor.

— Estamos no depósito? — pergunta.

Será que foram tão longe?

— Ele está logo ali — diz o homem. — Só mais um vagão.

— Você tem certeza que viu...

— Cem por cento de certeza.

Ele a puxa e a arrasta até o próximo conjunto de portas.

Malorie estende a mão, procura algo familiar. Em qual vagão será que está? O quanto recuaram no trem?

Ela ouve movimentos à sua direita. Alguém no depósito?

— Do outro lado dessas portas — diz o homem.

Malorie se livra da mão dele.

— Um adolescente? Cabelo preto?

O homem ri.

— Senhora. Eu já disse que o vi. Por aqui.

As mãos do sujeito estão nos ombros dela, guiando-a pelas portas corrediças, saindo ao ar livre.

Malorie não vê, mas sabe que foi por ali que embarcou no trem. A plataforma para a qual os filhos a puxaram, deixando para trás a segurança do Acampamento Yadin.

— Tom? — pergunta Malorie.

É uma voz diferente que responde. Não é a do seu filho. Não é a do homem que a trouxe até ali.

Mas uma voz que ela reconhece mesmo assim.

— Pegue-a, Nate — diz o segundo homem.

Malorie imagina uma barba. Uma maleta. Mãos arrancando as cortinas da casa em que ela deu à luz seu filho.

— Não — diz ela.

Mas obviamente é “sim”.

A venda é arrancada do seu rosto.

— Encontro você na casa de Athena — diz o segundo homem para o primeiro.

— Não — diz Malorie.

Mas é irreversivelmente sim.

Ela se volta para alcançar a porta dos fundos do trem, mas suas mãos só encontram outras mãos, que a seguram com força.

Antes de a empurrarem para fora do trem.

Ela acha que também ouve um deles pulando. Pouco antes de bater a cabeça nos trilhos, pouco antes de desmaiar e afundar na escuridão que nenhuma venda no mundo poderia lhe proporcionar.



VINTE E UM

Dean está no primeiro vagão de carga, nos fundos do trem, quando ouve o que parecem ser pessoas passando pela porta dos fundos, a porta pela qual Malorie entrou quando embarcou com os filhos. Ele sabe que sua mente está atijada pelas coisas que Malorie lhe contou. Um filho desaparecido. Uma criatura no depósito.

E a crença dela de que o toque pode enlouquecer alguém.

Isso o preocupa. Não porque ele acredita em tudo o que ouve, mas porque Malorie é especialmente plausível. Ela é inteligente. Ela é dedicada. E, acima de tudo, seus filhos sobreviveram por todo esse tempo. Dean não sente nada além de um respeito insondável por qualquer pai que tenha conseguido esse feito.

Ele não conseguiu.

De olhos vendados, Dean passa por entre caixas de enlatados e roupas. Com as palmas das mãos estendidas, move-se lentamente, para o caso de algo ter se soltado com o movimento do trem, algo com que seria doloroso se chocar.

Ele pensa em alguma coisa tocando sua mão. Imagina estar enlouquecendo.

Em sua versão, ele não age furtivamente. Não há nada de astuto em sua visão da loucura. Em vez disso, ele fica envergonhado com o que pensa: se vê espumando com os olhos arregalados, correndo pelos corredores do trem com um machado.

Ele balança negativamente a cabeça. Não precisa pensar assim. Não enquanto procura um caixão que Malorie acha que pode estar abrigando uma criatura.

Quem disse aquilo para ela? Não importa. Os boatos se espalham em um trem cego. Muitas pessoas com medo. Mas, se segurança é realmente sua prioridade, ele deve ver isso agora. Só que *ver* é a única coisa que não vai fazer.

Ou talvez uma delas.

— Ela entrou na sua cabeça — diz ele.

E entrou mesmo.

Ele ainda não sabe como vai examinar o que está dentro do caixão.

Sua primeira ideia é abrir a tampa e enfiar a mão lá dentro. Ninguém sabe mais sobre as criaturas agora do que sabia há dezessete anos, mas Dean acredita que dá para supor certas coisas. Por exemplo, o espaço que ocupam. Se Dean abrir o caixão e sentir um corpo morto lá dentro, é lógico que ali não terá espaço para uma criatura.

Mas Malorie o faz questionar a *razão*.

Se é que ainda resta alguma...

Quem garante que elas ocupam algum espaço, ou aquilo que as pessoas entendem por espaço, pelo menos?

Ele derruba uma caixa de uma mesa com o quadril e se inclina para pegá-la. Pelo peso, percebe que são roupas. Ele a põe de volta na mesa no momento em que o trem sacode, então busca equilíbrio. Não encontrando nada no que se apoiar, imagina os dedos de algo capaz de enlouquecê-lo.

Ele abre a caixa de roupas.

Lenços. Toucas de inverno. Nada de luvas. Tudo bem. Toucas servem.

Ele usa duas como luvas e, ainda cego, avança no depósito. Os caixões são os primeiros a serem embarcados, porque normalmente são os volumes mais pesados e podem ser usados como mesas, se necessário. Para verificá-los, ele precisa ir até o fundo do vagão.

— Malorie. Espero que se dê conta de que estou passando por isso por você.

Ele pensa em sua equipe, se é que essa palavra se aplica. Assim como Dean, David, Tanya, Michael e Renee são pessoas que buscam o progresso. Eles são mais como uma família do que colegas de trabalho, pois conseguiram o impossível juntos: fizeram um trem funcionar no novo mundo. Ele não vai permitir que se machuquem. Não poderia viver com isso. Seria como reviver a perda dos filhos, embora possivelmente fosse pior por não ter aprendido da primeira vez.

Ele bate em outra mesa e, com as mãos cobertas com as toucas, descobre que chegou aos caixões.

Dois deles. A serem entregues em Mackinaw City. As pessoas que os encomendaram os levarão para serem enterrados onde quer que queiram.

Dean inspira. Prende a respiração. Expira.

Em um mundo sem comprimidos ou terapia, esse é um tratamento antiansiedade tão eficaz quanto qualquer outro que ele possa imaginar.

Ele tateia ao longo da ampla superfície de madeira do primeiro caixão.
Não há nada em cima.

Ele abre a tampa de madeira.

O cheiro é forte. Muito forte. Dean vira a cabeça na direção oposta e sente ânsia de vômito. Ele leva uma das toucas à boca e engasga outra vez. De olhos fechados, pode facilmente imaginar o que tem aquele cheiro. Um corpo em decomposição sem o que antes a ciência moderna usava para evitar o fedor.

— Malorie. Muito obrigado.

Ele enfia a mão no caixão e sente um braço. Um peito. Outro braço. Pernas.

Então, a cabeça.

Ele fecha a tampa.

Dá alguns passos para trás e permite que a respiração volte ao normal.

O segundo caixão está mais fundo naquele espaço, imprensado pelo primeiro. Dean sobe no primeiro e tateia a tampa do segundo. Por algum motivo, há duas caixas em cima. Não duvida de que foram deslocadas pelo movimento do trem, mas não é difícil imaginar algo ou alguém reorganizando as coisas ali por razões que ele ainda desconhece.

Razão.

De joelhos, as toucas ainda cobrindo as mãos, ele ergue a segunda tampa. Está preparado desta vez, respirando apenas pela boca, e imediatamente começa a revistar o interior.

Ele sente pernas. Dedos. Braços. Aquele homem está nu.

Suas mãos se movem com rapidez, muita pressa, e a touca escorrega de sua mão esquerda.

Ele afasta o braço.

— Meu Deus! — exclama.

Não quer pegar a touca de volta. Não quer tocar no cadáver

(e em algo mais?)

de mãos nuas.

— Ela *realmente* entrou na sua cabeça, cara — diz ele.

Mas talvez o que Malorie diz seja verdade. Em um mundo sem experiências compartilhadas, quem sabe quais leis ela descobriu por conta própria?

Ele começa a fechar a tampa. Mas ainda não sentiu a cabeça.

Não sabe por que isso importa. Mas importa. Como se, no fim das contas, é a cabeça que separa a sanidade da loucura.

Com uma das mãos na tampa, ele enfia a outra dentro do caixão, dedos cobertos de lã. Primeiro, toca a ponta de um nariz e imagina algo diferente de um rosto, algo que olha de volta para ele.

Algo com dedos que podem tocar.

Ele passa rapidamente a mão pelo restante do rosto.

Satisfeito, ou algo assim, tira o braço e fecha a tampa.

Então ouve o que só pode ser uma agitação no corredor. Ninguém correndo desta vez. Ele escuta vozes. Mais de uma. Possivelmente até alguém gritando.

Com os olhos fechados, ainda ansioso, Dean se levanta do primeiro caixão e vai até a porta. Ele está indo depressa demais e derruba outra caixa, mas, dessa vez, não se curva para recuperá-la.

No corredor, a porta se fecha atrás dele, e Dean abre os olhos.

E vê um rosto familiar caminhando em sua direção.

— Gary — diz ele. — Oi.

O cabelo prateado e a barba grisalha de Gary brilham sob a luz do vagão, e ele parece momentaneamente louco.

Então Gary sorri e limpa as mãos no suéter.

— Estava precisando tomar um pouco de ar — diz ele.

Ainda abalado, Dean assente. Ele gosta de Gary. Gary já andou naquele trem. Muitas vezes. E sempre desembarca em Indian River.

— Estamos perto da sua parada — diz Dean.

Deveria soar como uma piada, já que o trem não para em Indian River, mas Gary salta mesmo assim.

— Estamos — diz Gary, parando a alguns metros. — Mal posso esperar.

— E Nathan? — pergunta Dean.

Gary aponta para a porta dos fundos do trem.

— Ele acabou de sair. Vai a pé o resto do caminho. Conhece um homem por aqui que faz sorvete. E ele tem uma queda por doces.

Dean assente outra vez. Não sabe dizer se foi porque Malorie comprometeu sua mente com aquela conversa sobre criaturas encaixotadas ou porque literalmente revistou dois cadáveres no depósito, mas está desconfiando daquele encontro. Gary parece esconder alguma coisa.

— Quer vir comigo até meu quarto? — pergunta Gary.

Dean não quer, mas não sabe exatamente por quê.

— Obrigado, mas estou ocupado — diz Dean.

Ele pensa em Malorie, sem dúvida esperando por notícias sobre o que havia dentro dos caixões.

Gary sorri.

— Se eu não encontrá-lo mais, obrigado — diz ele. — Como sempre, foi um prazer.

— Cuidado ao sair — diz Dean.

Isso o preocupa. E talvez seja esse o problema. Preocupa-o que Gary e seu amigo Nathan desçam do trem sempre que lhes dê vontade. Não é perigoso naquela velocidade, mas Dean se preocupa.

— Como sempre — diz Gary.

Ele passa por Dean, que o observa ir embora, desaparecendo no vagão seguinte.

— Ela realmente entrou na sua cabeça.

Dean leva a mão à cabeça, passa os dedos pelo cabelo, mas sente a lã na pele. Lã que acabou de tocar em cadáveres.

Ele tira a touca da mão e pensa como é louco que, por um segundo, tenha sentido algo o tocando, como se de algum modo tivesse acabado de ficar diante de uma loucura real, verdadeira.

VINTE E DOIS



Gary chega ao lugar entre os vagões onde Tom está sentado de pernas cruzadas, olhos tapados por óculos estranhos, parecendo tão feliz quanto qualquer adolescente. Ele faz uma pausa.

— Tom — diz com a voz mais alta que o ruído do vento. — Está gostando do passeio?

Tom fica surpreso por ter sido pego. Sem dúvida está em choque por Gary estar olhando para ele, ali, entre os vagões, sem venda.

— Estou. O que você... como você está...

Gary sorri.

— Coisa incrível. Um trem.

Tom se levanta.

— Henry, como você... — diz ele.

Mas Gary o interrompe:

— Ei, eu adoraria lhe mostrar uma coisa. Quer vir até minha cabine?

Para Gary, parece que Tom ouve a voz da mãe na escuridão distante e profunda. Ela está dizendo para ele colocar as luvas. O casaco. A venda. Ela está dizendo para ele não entrar na cabine de um estranho.

Mas, de certa forma, Gary viu aquele garoto crescer. Inúmeras viagens ao Acampamento Yadin fortaleceram sua crença de que Malorie nunca mais se mudaria dali. Certa vez, no inverno, ele ficou três semanas no galpão que abrigava o equipamento de navegação. Em outra, até entrou na Cabana Três enquanto dormiam.

Ele estava lá quando Tom pediu ao homem do censo que deixasse os papéis na varanda. E ele sabe o que Tom vai dizer agora antes mesmo que ele diga.

— Claro, Henry — diz Tom. — Eu adoraria.

VINTE E TRÊS



Tom ainda não está acostumado com o movimento do trem e acha que nunca vai se acostumar. Esta é sua primeira vez no mundo exterior e, ali, agora, é sua primeira vez sentado com um estranho sem Malorie empoleirada no seu ombro.

Dane-se Malorie.

Pelo modo como está sentado na borda do colchão do beliche inferior, Henry parece uma criança grande. Pelo modo como suas mãos enormes estão apoiadas nos joelhos. Também pelo brilho em seus olhos. É a primeira vez que Tom pensa isso sobre um adulto.

— Bem-vindo — diz Henry.

Tom se senta no banco. Há uma mesinha entre eles. E, nessa mesa, há um caderno.

— Onde está seu amigo Nathan? — pergunta Tom.

— Nate? Ele saltou.

— Saltou... do trem?

Henry sorri.

— A gente pode saltar quando quiser. Você também.

Tom olha quando Henry aponta para o caderno.

— Na verdade, são só meus pensamentos — diz Henry. Ele finge modéstia, mas Tom percebe que o sujeito está orgulhoso do que escreveu. — Quem sou eu para achar que alguém mais se importaria com o que tenho a dizer... No entanto, após dezessete anos de observações, a gente começa a achá-las importantes. Especialmente em um mundo onde lhe dizem para não olhar.

Observações.

Tom gosta da palavra. Ele imagina a si mesmo entre os vagões, olhando o mundo através dos óculos que criou com o material que encontrou no escritório do Acampamento Yadin.

— Eu gostaria de ler — diz Tom.

Verdade seja dita, ele esperava algo um pouco mais interessante do que um caderno. Olympia provavelmente gostaria mais disso do que ele. Mas as páginas deixadas pelo homem do censo mudaram um pouco a opinião de Tom quanto às palavras escritas. E o poder que elas têm.

— Sério? — diz Henry. Mais uma vez, uma criança grande. Um sorriso genuíno. Olhos arregalados. E aquelas mãos enormes que pegam o caderno e o deslizam em direção a Tom. — Fique à vontade.

Tom não esperava que o homem quisesse que ele lesse naquele momento, porém o que mais há para fazer? Sua mãe não sabe que ele está ali, e por enquanto isso é bom o bastante. Se Henry quer que Tom conheça suas ideias sobre as criaturas, sobre o mundo, por que não? Ele sente que Henry não pensa como Malorie. De modo algum. Para começo de conversa, ele não está usando uma venda e ainda não perguntou a Tom onde está a dele. Além disso, há uma ausência de ansiedade, sempre presente em Malorie. Aquele senso rígido de regras.

Tom abre o caderno. Ao fazê-lo, ouve os bordões de Malorie:

Até um desenho pode enlouquecer alguém.

Será que há fotos neste livro? Tom deveria usar os óculos?

— Não se preocupe — diz Henry, como se tivesse lido a mente de Tom. — Não há fotos. Só palavras.

Ainda assim, Malorie se preocuparia.

Até mesmo uma descrição pode enlouquecer alguém, Tom.

Ele tenta afastar os pensamentos de Malorie enquanto Henry volta a ler sua mente.

— Uma mãe como a que você descreveu ao entrar no meu quarto talvez não tenha sido feita para viver no novo mundo. Por favor, não quero ofender ao dizer isso, mas sempre falei aberta e honestamente e não vou mudar agora. Acredito que sua mãe se daria melhor como eremita.

Tom acha que Henry tem toda razão. Na primeira página do caderno, ele lê:

*PENSAMENTOS SOBRE COMO TUDO COMEÇOU:
HISTERIA COLETIVA*

Tom não sabe se seu estômago está se revirando porque as palavras o incomodam ou se é por se sentir tão animado por estar ali, conversando com um estranho sobre as criaturas.

Ele continua lendo. Mas o que lê parece-lhe impossível. Henry escreve como se já tivesse visto uma criatura.

Tom olha para ele. Para a criança grande que não está mais sorrindo, mas cujo rosto à sombra do beliche de cima parece ser inteiramente feito de olhos.

— Com certeza vai ser difícil acreditar em algumas das minhas observações, considerando a educação que você recebeu — diz Henry. — Porém, quanto mais você ler e experimentar o *conceito* de que, na verdade, elas são observáveis, menos insondáveis elas vão se tornar. E não é exatamente isso? Sua mãe não lhe diz que você não pode olhar para elas porque não as entende, que sua mente é pequena demais para compreendê-las?

— Sim.

— Bem, Tom — diz Henry. Ele se inclina para a frente, seus traços faciais emergindo das sombras. — Eu tenho permissão. Você sabe o que essas palavras significam nesse contexto?

Permissão. Tom pensa em Athena Hantz, de Indian River. Ela alegou simplesmente aceitar as criaturas. Chegou até a morar com uma. Será que Henry fez o mesmo?

— Sei — responde Tom.

Henry assente.

— E minha permissão não vem de um acaso biológico. — Ele aponta um dedo para a têmpora direita. — Nasceu bem aqui.

Eletrificado, Tom entende.

— Então... — diz Tom — então você viu uma?

Henry sorri. Mas seus olhos não.

— Muitas.

Pela primeira vez na vida, Tom não consegue acreditar no que ouve.

— O que... — começa a dizer, mas muda para: — Como elas são?

Henry sustenta o olhar de Tom por bastante tempo. Tom espera que o homem aja com entusiasmo, que se levante e gesticule enquanto as descreve. Em vez disso, algo gelado parece percorrer a mente de Henry e seu olhar esfria por causa disso.

— Por que você não testa seus óculos? — pergunta Henry.

Tom ri. De nervoso. Ali está ele, no quarto de um estranho, um homem que repudia cada fibra de Malorie, um homem que transgride uma regra a cada coisa que faz e diz, um homem que de algum modo intuiu que os óculos de Tom eram algo mais do que óculos do velho mundo.

— Você os usou entre os vagões — diz Henry. — Eu o vi. Enquanto olhava para o mundo do *seu* jeito. Você viu alguma coisa lá fora que o enlouqueceu? Está louco, Tom?

— Não. Não estou.

— Claro que não. Vamos imaginar por um instante que fui criado sem o conhecimento da existência de baleias. Será que a visão de um leviatã surgindo das profundezas seria suficiente para me enlouquecer? Se eu

estivesse sozinho, em um bote, e encontrasse uma baleia avançando na minha direção, isso seria suficiente para me enlouquecer?

— Eu não...

— Eu acho que sim. O medo, o momento de descrença, a realidade alterada para sempre. Mas, veja bem, Tom, eu *sei* o que são baleias. Fui criado sabendo que elas existem. Todos nós. Então, quando as criaturas vieram e as pessoas enlouqueceram, eu me lembrei disso, vi as coisas *dessa maneira*. Como se eu sempre as tivesse conhecido. E foi só isso. Não permiti que elas me surpreendessem. Não deixei que me confundissem. Você e sua irmã foram criados em um mundo onde elas existem. Isso não as torna compreensíveis?

— Sim.

— Mais do que isso, hein. Elas são tão comuns quanto as árvores. Você já ouviu falar sobre como as gerações passadas do velho mundo não sabiam o que fazer com as novas tecnologias de tal forma que paravam de usá-las ou nunca tentavam? Não é que não pudessem usar uma câmera. Mas preferiram não usar. Isso — Henry acena com a mão —, tudo isso é uma escolha. Sua mãe não precisa viver pela venda, como as pessoas dizem hoje em dia. E com certeza ela não precisa forçar *você* a viver por isso. Posso ver esses seus óculos?

A pergunta é repentina, mas Tom não nega. Tudo o que Henry diz faz sentido para ele. O homem está se conectando com Tom em um nível que ninguém jamais se conectou. É assim que são as coisas em Indian River?

— Tome — diz Tom.

Ele entrega os óculos. Henry os examina, os vira, os experimenta. Quando olha para Tom, o menino sorri. Mas Henry não. O rosto dele fica impassível diante daquela invenção.

Henry tira os óculos.

— Você já os testou? Já saiu com eles, olhou pela janela, alguma coisa assim?

Tom fica vermelho. Ele está envergonhado. Por que não os testou?

Malorie.

— Bem — diz Henry —, eu tenho uma surpresa para você. Mas não pode contar para ninguém.

Ele ergue um dedo.

— Prometo — diz Tom.

Henry devolve os óculos para ele, se levanta do beliche e vai até a parede. Onde antes havia uma janela, agora existe uma placa de metal preto. Henry apoia as palmas das mãos no metal, olha para Tom e então desloca a placa para que um triângulo de luz solar entre na cabine.

— Esta é a sua oportunidade — diz Henry. — O mundo exterior esperando que você dê uma olhada.

Tom ouve cem avisos na voz de Malorie. Como se ela estivesse dentro de sua cabeça:

Sou a única pessoa em quem você pode confiar. A casa em que você nasceu enlouqueceu. A escola que pensávamos ser segura enlouqueceu. E para onde formos, se houver outras pessoas lá, esse lugar também vai enlouquecer. Você entendeu?

Sim, mãe. (Sempre sim, sempre.)

Porque há homens e mulheres por aí que talvez já tenham vivido como nós, mas se cansaram disso e desistiram. E há homens e mulheres por aí que nunca acreditaram nisso. Você entendeu?

Sim.

Que bom. Porque essas são as pessoas que se descuidaram. Algumas depois que as criaturas chegaram. E algumas muito antes disso.

— Tom? — chama Henry.

De onde ele está, Tom não pode ver a janela, não pode ver lá fora. Mas vê a luz.

A voz de Malorie em sua mente, mais alta:

Há uma maneira de fazer o que você está tentando. O homem de quem você recebeu o nome também reagiu. Mas nunca sem a venda. Ele nunca se descuidou. Você entendeu?

— Sim — diz ele em voz alta.

Henry sorri. E estende a mão para o vidro.

— Carpe diem, Tom.

Tom sente que toda a sua vida convergiu para aquele momento. Ali estava um homem, um adulto, não Malorie, cuja filosofia parecia verdadeira. Ali estava um homem capaz de articular as coisas que Tom nunca foi capaz de dizer. Ali estava um homem dando-lhe a oportunidade de testar não apenas seus óculos, mas sua determinação, sua coragem, sua perspectiva do que Malorie chama de novo mundo, mas que é o único mundo que existe para Tom.

Ele põe os óculos.

Malorie cresce em sua mente.

Talvez ela não devesse ter lhe dado um tapa. Mas Tom está feliz por ela ter feito aquilo. Ficou feliz porque era o tapa de que ele precisava para sair da cabine, sair do lado dela, largar a barra da saia da mãe, andar com as próprias pernas. E talvez ele devesse conhecer Henry. E talvez Henry devesse encontrá-lo. E talvez Tom devesse ir até aquela janela e olhar para fora, ver seja lá o que Henry vê e provar para si mesmo que todos aqueles sentimentos, todas as suas ideias tinham um fundamento, no fim das contas.

— E então? — pergunta Henry.

Ele está olhando para Tom. Tom o vê através dos óculos. Óculos que subitamente parecem estranhos em seu rosto. Como uma máscara. Como algo bobo para o qual Olympia reviraria os olhos.

Mas Tom quer aquele momento. Ele quer olhar pela janela antes que Malorie chegue àquela cabine e o arraste para sempre de volta ao seu estilo de vida. Se ele não agir agora, quando vai agir?

Tom dá um passo para mais perto da janela.

Henry sai do caminho.

Tom se inclina em direção à janela.

E ele as ouve lá fora.

Muitas delas.

— E então? — pergunta Henry.

Tom não sabe o que dizer. Quer testar sua invenção, mas não quando sabe... que há tantas... lá fora...

Henry volta a mexer na placa sobre a janela e diz:

— Quer saber, por que não vamos para um lugar onde esse tipo de coisa não só é tolerado, como também incentivado? — Ele se aproxima de Tom. — Você sabe onde estamos... agora?

Tom nega com um gesto de cabeça. Ele não faz ideia. Passou os últimos dez anos em um antigo acampamento de verão.

Henry imita o formato do estado do Michigan com a mão e aponta para o centro do dedo médio.

— Indian River — diz ele.

E sorri.

O coração de Tom está batendo muito forte. Aquilo é demais.

— Já ouviu falar desse lugar? — pergunta Henry.

— Já! — responde Tom, sem fôlego.

Henry assente.

— Eu poderia guiá-lo até lá. Você poderia mostrar seus óculos para eles. As pessoas vão valorizar o que você fez.

— Você... já esteve lá? — pergunta Tom.

Henry ri.

— Eu moro lá. — Então: — O que me diz, Tom? Quer mudar de vida? Começar a viver por conta própria... não mais por sua mãe?

Tom leva a mão ao rosto, para onde Malorie lhe deu um tapa.

— Quero — diz Tom. — Eu quero fazer isso. Quero começar a viver por conta própria. A partir de agora.

VINTE E QUATRO



Olympia não precisa olhar pela janela para saber que o trem está quase totalmente rodeado de criaturas.

Ela as ouve.

Aprendeu que há uma diferença entre os passos de um cervo e os daquelas coisas que quase levaram sua mãe à loucura do jeito antigo. Não é tanto o peso, mas a largura, a amplitude de um passo e a intenção (ou a falta dela) por trás.

Sim, ela sabe que estão cercados. Parece haver centenas de criaturas do lado de fora do trem. O suficiente para serem ouvidas acima do ruído das rodas.

Malorie não voltou. Isso não significa que ainda não achou Tom, mas é o provável. Ela não quer acreditar que seu irmão saiu do trem, mas também entende que Malorie nunca tinha lhe dado um tapa antes. O que Tom pode estar pensando agora?

Para Olympia, é impossível não comparar a vida real com as palavras de escritores do velho mundo. Além disso, ela leu muitas histórias sobre pessoas que “atingiram a maioridade”. Dezenas e dezenas de romances em que, no final, o menino ou a menina encontra seu propósito de vida, seu futuro. Será que Tom está em um precipício semelhante?

E, nesse caso, seria capaz de começar um futuro totalmente novo sem elas?

Vozes do lado de fora da cabine. As pessoas parecem preocupadas. Talvez também suspeitem de que há algo lá fora. Ela precisa contar para todo mundo o que ouviu. Se há um horror que Malorie destacou mais do que qualquer outro, é que basta apenas uma pessoa olhar, apenas uma pessoa ver, apenas um louco para incendiar a caixa de fósforos inteira.

Ela abre a porta da cabine, meio que esperando ver aquele homem, o tal de Henry, que, sendo sincera consigo mesma, a faz lembrar a descrição que Malorie deu de Gary. O bicho-papão de sua mãe. No corredor. Com um machado.

PEGUEI VOCÊ!

Mas não. Em vez disso, há meia dúzia de pessoas assustadas, olhando para ela, uma garota de dezesseis anos, em busca de orientação, informação e esperança.

— O que está acontecendo? — pergunta uma mulher.

— Como Dean nos avisou — diz ela —, estamos passando por uma área onde há muitas delas.

Delas.

No novo mundo, ninguém precisa de maiores esclarecimentos.

As pessoas apenas olham para Olympia.

— Por favor — diz a menina, adotando o tom de voz da mãe. — Fiquem em suas cabines e fechem os olhos até passarmos por elas.

Conduzindo. Guiando. Olympia vem fazendo variações disso há anos.

Ela caminha pelo corredor. As portas de todas as cabines estão abertas. As pessoas sentem que algo está acontecendo.

— Fechem os olhos — diz ela para cada porta que passa. — Fiquem quietos.

Ao chegar ao fim do vagão, faz o mesmo. Ela fecha a porta e entra.

Mais pessoas ali. Mais conversa. Todos parecem confusos. Tão vulneráveis... Será que não sabem que existe apenas uma regra pela qual viver? Será que não entendem que, sempre que sentirem que tem algo acontecendo, devem fechar os olhos?

— Ei! — grita ela, ganhando confiança em dar orientações. — Fechem os olhos. Há muitas lá fora.

Um homem a detém.

— O que você sabe? — pergunta ele com suspeita nos olhos.

Olympia pensa em algo que Malorie lhe ensinou há muito tempo.

Seja lá quem você encontre, precisa lembrar que são pessoas que sofreram perdas: pais, filhos, amigos... Elas perderam alguém para o novo mundo. E é preciso ter isso em mente quando falarem com você, quando parecerem não confiar em você, quando a olharem como se você fosse perigosa.

— Há muitas do lado de fora do trem — diz ela.

O homem fecha os olhos.

— Obrigado.

Olympia volta a se mexer. Pensando em Tom. Pensando em Malorie. Onde estão eles?

— Ei — diz Olympia para uma mulher virada para a placa de metal preto que já foi uma janela. — Você deveria fechar os olhos.

Pelo perfil da mulher, Olympia nota uma tristeza que nunca tinha visto. Olympia sabe que, quando as criaturas chegaram, Malorie ficou com raiva.

Ficou com medo. Mas nunca se deixou ser abatida pela tristeza do novo mundo.

Mãe, pensa Olympia. *Estou chegando.*

Por dezessete anos — ou seja, há mais tempo do que Olympia está viva! —, Malorie pensou que seus pais estivessem mortos. Ainda assim encontrou forças para criar os filhos. Ela encontrou determinação para repetir suas regras inúmeras vezes, para incutir segurança na cabeça deles. O que Olympia faria se tivesse lido o nome de sua mãe biológica naquela lista de sobreviventes? Teria reagido tão rapidamente quanto Malorie? Ou teria se omitido?

— Acabou — diz a mulher.

Mas não parece falar diretamente com Olympia.

Mais uma vez, Olympia começa a lhe pedir para fechar os olhos, mas se detém.

A mulher pintou olhos abertos sobre suas pálpebras fechadas.

— Acabou — repete a mulher.

A porta de uma cabine se abre. Um homem espia.

— Feche os olhos — diz Olympia. — Há muitas criaturas lá fora.

O homem faz mais do que isso: ele entra de volta na cabine e fecha a porta. Olympia o ouve colocar algo diante da porta.

Muito bem, pensa ela. E sabe que Malorie pensaria o mesmo. E é bom, meu Deus, como é bom fazer o papel de Malorie. Colocar-se no lugar da mãe, que deve estar desesperada atrás de Tom, pensando em seus pais que há tanto tempo acreditava estarem mortos.

Mortos!

Olympia chega ao fim do vagão. Ela abre a porta e entra. Ainda não há sinal de Malorie ou de Tom. Talvez estejam no vagão-restaurante. Talvez estejam bem.

Mas por que Malorie não voltou para ver como a filha estava?

Olympia pensa que as pessoas que eles estão procurando, Sam e Mary Walsh, as pessoas que ela tanto quer que estejam vivas, são aquelas que também cuidaram de Malorie a vida inteira.

Até a chegada das criaturas.

Criaturas que, de acordo com o que Olympia ouve, existem às centenas. Como se toda a paisagem fosse composta por elas. Como se aquele local, no meio do Michigan, em plenos Estados Unidos, fosse o lugar onde tomaram forma e invadiram o velho mundo, transformando-o no novo mundo.

Uma porta se abre à sua esquerda. Uma criança olha para fora.

— Não, não — diz Olympia. — Entre de volta. E feche os olhos.

— Por quê?

É um garotinho. Lembra Tom. Cabelo escuro. Olhos ferozes.

— Porque estamos passando por uma área perigosa e devemos ser ainda mais prudentes. Certo?

Mas o garoto, que é muito mais novo do que ela, olha para Olympia da mesma forma que ela imagina já ter olhado para Malorie. Há menos intensidade na reação dele do que na dela. Menos horror. Aquela criança está crescendo em um mundo onde as criaturas são lugar-comum. Olympia sabe que aquele menino esteve ao lado de mil criaturas ao longo da vida. Até onde ela sabe, ele não tem medo algum.

Será possível? Será que cada geração vai se sentir cada vez mais confortável até...

Até o quê?

— Para dentro — repete Olympia. — Onde estão seus pais? Eles estão com você?

Quando ela pergunta isso, a mão de alguém surge atrás do garoto, pega-o pelo braço e puxa-o de volta para dentro da cabine. A porta se fecha.

Olympia segue em frente.

Ainda assim, ela se pergunta... até o quê?

Malorie diria que, enquanto as criaturas permanecerem por aqui, o mundo deve usar vendas. Mas Tom argumentaria que alguém vai achar uma maneira de derrotá-las. Contudo, para aquele garotinho na cabine... o que significa “derrotá-las”?

Ela chega ao fim do vagão, abre a porta e entra no vagão seguinte.

Lá está Dean. Certo. Bom. Talvez tenha visto Malorie. Mas ele pergunta antes dela:

— Você viu sua mãe?

Dean parece ansioso. Olympia sabe que ele conduziu o trem diversas vezes por aquele trecho concentrado.

Será que algo além das criaturas o está preocupando?

— Não. Será que ela está no vagão-restaurante?

Dean sustenta o olhar dela por um segundo. Sim, há preocupação ali.

Muita.

— Não quero assustá-la — diz ele. — Mas procurei sua mãe e seu irmão pelo trem inteiro. E...

Olympia sente algo se romper dentro dela. Seja o que for, é ruim.

— E eles simplesmente não estão no trem.

Olympia se sente mais jovem do que de fato é. Ela voltou a ser criança, deixando a escola para cegos. Talvez ainda mais jovem.

— Eles têm de estar aqui — diz ela. — Eles...

— Outra pessoa também desapareceu — diz Dean.

E Olympia sabe quem é.

Henry. Malorie os mataria se soubesse que conversaram com aquele homem.

Quando Dean diz o nome do sujeito, quando começa a descrevê-lo, Olympia já está indo na direção oposta. Ela atravessa um vagão, depois outro, o coração disparado. Muito rápido. Malorie sempre diz para ela respirar

quando sente medo, que o oxigênio, por mais simples que seja, é o melhor remédio para o medo.

Mas ela não consegue.

Gary.

Dean não o chamou de “Henry”. Ele o chamou de Gary.

— *TOM!* — grita ela. — *MÃE!*

Gary também desapareceu.

Ela entra em um vagão de carga. Não há portas de cabines ali. Dean a chama de algum lugar mais atrás. Olympia não para.

O segundo vagão de carga. O fim do trem.

Além da porta à sua frente está o grande mundo exterior.

E aquele mundo está repleto de criaturas.

Olympia abre a porta, sai e para na plataforma de metal, sentindo o vento soprar em sua direção.

Dean a alcança. Diz para ela ter cuidado. Para não se preocupar. Que aquilo pode não ser tão ruim quanto Olympia pensa que é.

Olympia, porém, ouve algo mais, abafado pela voz dele.

Algo tremulando aos seus pés.

Ela se ajoelha e descobre que o som vem de uma tira de tecido batendo em uma grade onde a plataforma se encontra com a porta.

Ela tocou aquela mesma tira de pano tantas vezes que não questiona o que é.

À medida que o trem a leva para o norte, ela se ergue e se vira para o sul.

— Mãe — diz Olympia.

Porque se há um item que Malorie Walsh jamais perderia, que não tiraria do corpo, se existe um objeto naquele mundo louco que a define mais do que qualquer outro, Olympia o está segurando agora.

Ela sabe que o pior aconteceu. Alguma coisa aconteceu com Malorie.

A prova não está na ausência de Malorie... mas no que Olympia está segurando, no objeto preto que tremula violentamente em sua mão.

A venda de sua mãe.

QUARTOS-FORTES

VINTE E CINCO



Malorie está escondida em meio a alguns arbustos no limite do terreno de casa. O lago fica entre ela e a casa onde seus pais e Shannon a procuram desesperadamente.

Ela está chateada.

Seus pais insistem que ela leia o livro infantil que a professora lhe passou, mas ela não quer ler o livro infantil, quer ler o livro adulto, o que sua mãe está lendo, o que foi escrito por uma mulher adulta com cérebro adulto. Ela não gosta da ideia do que chama de “livro de mentirinha”, um livro voltado para alguém que supostamente não é tão desenvolvido ou inteligente quanto os pais. E ela não é? Malorie não é tão inteligente quanto os pais? Pior do que eles lhe negarem isso é o fato de seus pais geralmente serem muito encorajadores. Sim, isso é o que mais a incomoda. O fato de tomarem partido da Sra. Cohn quando é óbvio que Malorie está certa.

Foi por isso que ela fugiu. Não, ela não foi muito longe, mas o bastante para que eles saibam que o que estão fazendo, o que estão dizendo, é errado.

De onde está escondida, ela não consegue mais ouvi-los. Não consegue mais vê-los.

Isso é bom. Eles também não podem vê-la ou ouvi-la.

Ela se senta sobre os galhos de pinheiros caídos, mas descobre que estão muito molhados, então se levanta.

Será que sua mãe sabe onde ela está? Se sabe, vai ter que ir até ali e repreender Malorie frente a frente. Malorie não vai voltar para casa. Por nada nesse mundo.

Malorie ouve um graveto estalando e acha que Shannon está vindo conversar com ela. Uma embaixadora de seus pais. Shannon vai chegar e

dizer: Fala sério, Mal, fala sério, eles só estão fazendo o que é certo, são mãe e pai, você sabe como eles são, fala sério. Mas Malorie não vai voltar. Este é o momento em que ela está crescendo. O momento exato. Será que eles não conseguem ver isso? Ninguém percebe que o mundo mudou?

Mas, quando Malorie espia entre os arbustos, não vê Shannon nem seus pais. Ela não vê ninguém. Nada. Nem mesmo um animal.

Então o que fez aquele som? Certamente algo estava caminhando logo além dos arbustos. Isso é claro como o dia, mesmo à medida que anoitece, o sol se põe e fica ainda mais frio ali onde ela está — o que a faz pensar momentaneamente no conforto do seu casaco, nos cobertores, no sofá, no calor da sua casa.

Mas não. Ela não vai voltar. Não agora. Só depois que seus pais disserem que ela pode ler um livro de adulto para fazer a resenha da escola, não aquele sobre o cachorro que viaja para o espaço.

Outro estalo e Malorie chega a se afastar dos arbustos. Shannon tem de estar ali, prestes a pular para assustá-la. Ou talvez seja sua mãe ou seu pai se aproximando para conversarem. Talvez eles a estejam observando, espionando, esperando para ver o que ela faz.

Será que ela deveria se afastar ainda mais de casa?

— Shannon — chama Malorie, porque sua irmã com certeza está brincando com ela.

É a cara de Shannon escolher um momento de fraqueza e surgir toda sorridente para assustá-la, revirar os olhos e debochar da pequena distância que Malorie conseguiu se afastar.

Mas Shannon não está ali.

Nem ninguém.

Nem nada.

Malorie sente um calafrio. O sol está se pondo mais rápido do que o normal?

— Malditos sejam todos vocês — diz ela.

É uma frase que ouviu na televisão. E mexeu com ela. É exatamente o tipo de coisa que ela quer dizer para os pais agora.

Ela volta a se sentar quando o céu escurece de vez. Abraça os joelhos contra o peito.

Ela deveria ter vestido algo mais quente, deveria ter perdido quinze segundos para fazer a mala. Droga, por que saiu com tanta pressa? E será que seus pais sabem que ela foi embora? Ou acham que ela está no quarto, remoendo em silêncio?

Ela deveria ter dito que iria embora. Isso. Para conseguir um efeito. Mas achou que sua raiva fosse suficiente, que o mundo inteiro podia senti-la.

Um estalo. Outra vez. Agora tão perto que Malorie ofega ligeiramente e se vira para encará-lo. Ela não tem dúvidas de que algo está prestes a surgir por

entre os arbustos, a mão de alguém vindo em sua direção, um rosto mal iluminado, no escuro.

Ela também viu coisas assim na televisão. Coisas assustadoras. Fantasmas e demônios e, para Malorie, o pior de tudo, *criaturas*.

Do tipo inexplicável, daquelas que não se encaixam muito bem em categorias como vampiros, lobisomens, goblins ou ghouls. São as ideias abstratas que a assustam mais, pois Malorie não tem referência sobre elas.

— Vá embora — diz. — Por favor.

Porque quem sabe? Talvez o que quer que esteja se aproximando a escute, ao contrário de seus pais. Talvez o que quer que esteja ali com ela faça sua vontade. Talvez, talvez, talvez...

— Mal.

Ela se sobressalta e estende os braços, pronta para socar o que estiver por perto, alguém que deve tê-la visto fugindo e a seguiu até o limite da propriedade.

— Posso entrar?

Seu instinto é dizer não, *não*, mas ela reconhece a voz.

— Não estou a fim de ouvir sermão, pai.

É quase como se ela o ouvisse sorrir, do outro lado dos arbustos, no escuro.

— Prometo não lhe dar um sermão — diz Sam Walsh.

Então os arbustos se abrem e, por um segundo, ela vê o céu, vê que ainda há alguma luz e que seu pai está colorido de roxo e laranja por causa do sol poente antes de entrar na clareira e ser engolido pela escuridão na qual ela está.

— Ora — diz ele. — Que lugarzinho legal! Nunca entrei aqui. Não sabia que havia esse espacinho no meio.

Malorie já pensa naquele lugar como sendo dela, um clube, um forte, um lugar onde somente pessoas que pensam como ela têm permissão de entrar.

— Eu entendi — diz o pai. — É respeito o que você está pedindo.

Ela não sabe se deve confiar naquilo. Será que ele entendeu mesmo? E a mãe dela?

— Sim, bem, então por que não posso ler o livro da mamãe?

— Você pode — diz seu pai. — A qualquer momento. Agora mesmo, se quiser.

— Posso?

— Claro. Você pode até escrever uma resenha sobre ele. Mas também precisa escrever sobre o outro.

— Por quê?

— Porque dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo — diz o pai, sua silhueta reconfortante naquele espacinho frio.

— As duas?

— Sim. Há uma maneira de seguir as regras e desobedecer a elas ao mesmo tempo. Você lê o livro infantil para poder ler o outro, sabe? Mas

nunca gostei dessa expressão. Para mim, é mais como: Ei, você pode realmente aprender algo, até mesmo algo importante, fazendo coisas que pensa que não devia ter que fazer. Como cortar a grama. Você acha que eu quero fazer isso toda semana? Mas, sempre que corto a grama, minha mente divaga e acabo mais feliz por ter feito aquilo.

— Mas, pai...

— O quê?

— Sou grande demais para ler aquele livro.

— Então escreva a melhor resenha de todos os tempos, Malorie. E, na semana seguinte, entregue outra sobre o livro da sua mãe. Confie em mim... A Sra. Cohn nunca mais vai olhar para você da mesma forma.

Passos próximos, alguém no gramado. Os arbustos se afastam, e Malorie vê sua mãe.

— Achei — diz Mary Walsh.

Ela também entra na escuridão. De certa forma, é reconfortante estar no escuro com os dois. Eles não veem seu rosto, não veem que ela está envergonhada. Ao mesmo tempo, ela pode dizer exatamente o que quer, como se sente, sem se preocupar com sua aparência ao fazer isso.

— Está frio — diz sua mãe.

— Eu ia dormir aqui — diz Malorie.

— É mesmo? Bem, espero que você tenha pensado em trazer uma lanterna.

Malorie sente o que a princípio pensa ser a mão da sua mãe encostando na dela. Mas não é. É o livro. O livro adulto.

Ela o pega.

— Nunca lhe diríamos para não ler um livro — diz a mãe. — E é um bom livro.

— Obrigada — diz Malorie.

Ela não quer chorar. Não quer que eles pensem que ela é fraca.

Os arbustos voltam a se separar.

Shannon.

— E aí, Mal? — pergunta ela. — Você fugiu para o quintal?

— Cale a boca — diz Malorie.

Mas seu pai ri. Sua mãe ri. Então Malorie também ri. Ela não consegue evitar ou parar. Melhor que isso, ela não quer parar.

— Li o livro infantil enquanto você estava escondida — diz Shannon.

— É péssimo — diz Malorie.

— Mas você nem leu!

É verdade.

— É bom? — pergunta Malorie.

— Não — diz Shannon. — Não mesmo.

Eles riem outra vez.

Seu pai se senta de pernas cruzadas sobre os galhos do pinheiro, no chão de terra.

Sua mãe faz o mesmo.

Shannon também.

Então, pensando que essas serão as únicas três pessoas que ela vai deixar entrar em seu novo clube, Malorie também se senta.

E eles conversam.

E Malorie, uma menina ainda, pensa em como um pai ou uma mãe sempre encontram os filhos. Mesmo que eles fujam. Mesmo que estejam se escondendo no escuro. E ela sabe, sem precisar de um professor para lhe dizer isso, que esta lição vai seguir com ela pelo resto da vida.

VINTE E SEIS



Malorie acorda.

Sente cheiro de terra.

Um instinto do velho mundo lhe diz para abrir os olhos.

Uma sensação de ar frio, de estar ao ar livre, diz para ela não fazer isso.

— O que...

O ar frio toca suas pálpebras. Ela não sente isso há uma década ou mais.

O mundo exterior em seus olhos nus.

— O que...

Malorie ergue os braços, não sente nada acima dela. Estende as mãos para os lados. Parece terra.

Ela fareja. Terra. Cheiro de porão.

Sua cabeça dói de um modo como nunca doeu. Aquilo não é dor de cabeça. Não é falta de sono. É uma lesão.

E ela não está usando a venda.

Ela se senta, braços estendidos, como se pronta para atacar quem quer que esteja por perto.

Alguém a colocou onde ela está.

Mas ninguém se move. Ninguém respira. Ninguém fala.

Malorie se arrasta até encontrar uma parede de terra. Ela fica de pé. Sua cabeça dói. Ela estende o braço ao longo da parede, mas não encontra o teto.

Tonta, ela tropeça. A ausência da venda é horrível. A sensação de um céu acima dela. A vulnerabilidade.

Ela chega a uma segunda parede e ergue o braço. Não encontra o teto.

É úmido ali. Úmido como um porão.

Ela se lembra de uma voz familiar na parte de trás do trem.

— Não — diz ela.

Porque aquilo é terrível demais. A voz que ela acredita ter ouvido. Quantas vezes se enganou ao ouvir a mesma cadência de fala? Quantas vezes acordou e descobriu que era apenas Gary falando do outro lado de portas entreabertas em seus sonhos?

— Não.

Mas talvez. Talvez.

Malorie toca a cabeça, sente uma protuberância. Ela foi agredida. Na plataforma. Ela se lembra disso.

— Ai, meu Deus.

O trem. E Tom e Olympia ainda estão lá.

Viajando para longe dela agora.

— EI! — grita. Ela precisa gritar.

Ela foi agredida. Atingida na cabeça. Jogada para fora do trem.

Certo?

Ela respira, mas não consegue prender a respiração. Não consegue se acalmar.

Ela corre pelo espaço e encontra uma terceira parede. Não consegue alcançar o teto.

Só terra.

Um buraco no chão?

Palavras das páginas do censo surgem nos olhos de sua mente.

Quartos-fortes.

Esforços de homens e mulheres para construírem bunkers no caso de as criaturas assumirem completamente o controle.

Será que assumiram? Será que ela é a última mulher viva que não enlouqueceu?

Ela se move mais rápido. Encontra uma quarta parede. Volta a tocar as quatro paredes.

O espaço é grande. Maior do que qualquer túmulo. Mas, de qualquer maneira, é um buraco no chão.

— Socorro! — grita.

Mas não quer fazer isso, não quer se entregar. Ela precisa ouvir. Precisa pensar.

O que quer que tenha acontecido... ela sobreviveu.

Ela arranha as paredes. Precisa sair dali. Precisa encontrar os filhos. Precisa voltar para o trem.

Agora.

Ela tenta dizer para si mesma que deve cuidar de uma coisa por vez. Primeiro, sair daquele buraco. Então, encontrar os filhos.

Ela não consegue respirar regularmente. Não consegue controlar.

— *Tom!*

Ela não devia fazer isso. Pode ter alguém lá em cima. As pessoas que a prenderam. Ela se lembra do nome Nathan. Ela se lembra da voz de Gary.

Será?

Será que ele está esperando por ela lá em cima? Será que a observa dentro do buraco?

Ou a colocaram ali para tirá-la do caminho?

— *TOM! OLYMPIA!*

Ela tenta escalar a parede, mas não encontra apoio.

Lembra-se de Tom saindo da cabine do trem, com parte do rosto vermelho, onde ela lhe deu um tapa.

— Ai, não — diz ela.

Porque, seja o que for, seja lá o que aconteceu, subitamente lhe parece que ela causou tudo aquilo.

— Tom — diz ela, como se o filho estivesse naquele lugar (quarto-forte?) com ela. — Tom, por favor. Não fique bravo. Não faça nada imprudente. Por favor, Tom, não seja imprudente.

Por favor,

Tom,

não enlouqueça.

Ela se lembra do nome *Indian River* dito em uma voz familiar. Pouco antes de ser empurrada do trem. Mas, no momento em que ela pensa que era Gary, a voz encolhe ainda mais em sua mente, feito uma aranha evitando ser detectada.

Indian River, Malorie sabe, não é lugar para ela. Não importa se eles capturaram ou não uma criatura. O tipo de comunidade que celebraria algo assim é...

— *Louca para caralho* — diz ela.

E sua voz soa cada vez mais alta com o pânico e a culpa.

Sua respiração volta a acelerar. Ela não consegue ficar parada. Tenta escalar as paredes.

Malorie não deveria ter levado Tom e Olympia para o trem. Ela não deveria tê-los deixado experimentar o novo mundo. Certamente não em um trem. Ela não precisava tê-los trazido. Havia opções. Poderia ter saído sozinha à procura dos pais.

Mas agora...

Isso é culpa de Malorie.

As coisas que as pessoas dizem sobre ela são verdadeiras. Paranoica. Prepotente. Mãe coruja. E ela achou que ali não havia outra forma de agir. Que ali ela não poderia ser diferente.

Ela se lembra de ter batido em Tom com um mata-moscas quando ele tinha dois anos por ter acordado de olhos abertos. Ela se lembra de ter dado um tapa no rosto dele na cabine do trem. Ela se lembra de gritaria, muita gritaria, tantos não, não, Tom, NÃO!

Mas, se você disser não para alguém por vezes demais, a pessoa começa a pensar “sim”. Apenas para ouvir outra coisa, uma palavra diferente, vai pensar *sim*.

Malorie imagina o rosto jovem de Tom diante de um bando de lunáticos do novo mundo, todos empolgados para puxar uma lona e lhe mostrar o que capturaram. Esse é o mundo que Tom deseja. Como aquele de Indian River. Em sua mente, ela vê os olhos azuis do filho, agora enormes, o cabelo preto como o dela. O jovem Tom se preparando para aquela rebelião fabulosa, fechando os punhos pequeninos para se sentir maior. Ela vê algo na mente dele, no cérebro, no local onde a verdadeira insanidade começa. Ela ouve aquilo vibrar, ganhando vida.

Ela imagina a lona sendo puxada.

Vê os olhos de Tom se arregalarem cada vez mais.

Porque é por isso que eles querem Malorie fora do caminho, não é? As pessoas que a colocaram ali? Por qual outro motivo senão para pegar seus filhos?

Ela abre a boca para dizer o nome *Gary*, mas não o faz. Não consegue.

Tenta escalar a parede, imaginando Tom inclinando a cabeça com curiosidade em direção ao que há embaixo da lona, sua última posição, sua última tentativa de assimilação, enquanto a origem da insanidade alça voo, um pássaro tão preto quanto o cabelo dele e tão azul quanto os olhos dele voando para o infinito da mente. Ele tenta agarrá-lo, colocá-lo de volta na caixa, silenciar o barulho das asas agitadas, uma loucura em curso, um jovem enlouquecendo, uma mente ainda não madura o bastante para reconhecer seus pensamentos como errados, falhos, arrebatados. Ela o imagina pensando que conseguiu, que derrotou as criaturas que o tolheram por tanto tempo, aquelas entidades ladras que roubaram visões, quaisquer visões, todas as visões, todas elas.

E, no exato momento em que acredita que conseguiu, que evitou a loucura, ele leva os dedos ao rosto.

E rasga.

E chora.

E ele dá o terrível grito de um homem louco. Nem sequer tem idade para entender o que lhe está sendo roubado pelas garras daquele pássaro, já fora de alcance, tão alto, tão fora de vista, tão longe da capacidade da audição.

Até mesmo para Tom.

Malorie escava a terra. Ela precisa sair dali. Agora.

Pensa nos colegas de casa, Felix e Cheryl, Olympia e Don. Pensa em Victor latindo para as cortinas tingidas de preto.

Ela cava.

De quem é a voz que ouviu? De um dos colegas de casa?

Sem a venda, ela se sente nua. Completamente exposta. Ela se lembra de Annette entrando no corredor com a faca na mão, o cabelo ruivo como

sangue explodindo atrás de sua cabeça, em direção ao que a enlouqueceu.

Malorie escava as paredes. Pula.

Não consegue se acalmar.

— TOM!

Tudo o que ele faz é ouvir! Tudo o que ele faz é escutar! Ele fez isso melhor do que qualquer pessoa durante dezesseis anos!

Ele vai ouvi-la. Tem de ouvir.

Exceto... se ele estiver em um trem. Com... com...

Ela anda depressa para a direita e se choca com uma parede de terra. Achata as palmas das mãos na parede e as estende para cima, para cima, para cima.

Ela imagina um quadrado bem alto no céu, uma saída do buraco no qual caiu.

Quarto-forte, pensa ela.

Existem maneiras de sair desses quartos? Ou a ideia é... morrer nos seus termos... sem enlouquecer?

Uma agitação atrás dela e Malorie se vira, olhos estreitos, braços erguidos. Ela está tremendo. Ofegante.

Ela ouve.

A coisa se move.

— *Não se aproxime!* — grita.

E sua voz é pura histeria. Um pássaro preto e azul pensando em voar.

Ou ela já ouviu isso ou está com tanto medo (*Tom, Tom e Olympía, Olympía*) que confundiu esse som com o que ouviu atrás dela em um sótão, ao dar à luz o menino que agora quer desesperadamente encontrar.

Movimento à sua direita. Malorie se vira, recua.

— Ah, por favor, não — diz ela.

Porque agora ela acredita. Porque agora ela *sabe*.

O que está ali embaixo com ela não é uma pessoa.

— *Não se aproxime.*

Ela se encosta na parede de terra mais próxima.

Não imagina um homem. Não imagina uma mulher. Não se permite imaginar nada. Em vez disso, em sua mente, vê uma lona descoberta e, embaixo dessa lona, algo que ensinou os filhos a evitarem a todo custo, de todas as maneiras, em todos os momentos de cada dia.

— *Não se aproxime.*

Malorie não está sozinha ali embaixo.

— **NÃO SE APROXIME!**

Ela puxa o capuz com mais força sobre a cabeça.

Não há nenhuma ocorrência registrada de uma criatura iniciando contato, forçando alguém a olhar para ela.

Mas e se uma delas caísse no mesmo buraco em que você foi jogada?

— *Não se aproxime de mim.*

Com o tempo, Malorie passou a acreditar que as criaturas não têm as mesmas limitações que os seres humanos. Uma árvore tombada esmagaria uma delas? E um carro dirigido por uma mulher de olhos vendados? Como ela nunca teve provas da existência de um cadáver, de uma criatura falecida, é impossível imaginá-las em uma situação de perigo. Mas agora, ali... será que está tão presa quanto Malorie naquele quarto-forte?

Isso significa algo para ela. Algo maior do que o momento permite.

A coisa se move pelo buraco. Malorie a pressente, se vira para a parede e tenta subir outra vez.

Ela pula, mas não alcança nenhuma borda a qual se agarrar.

Uma agitação mais forte. Algo deslizando pela terra. Algo molhado? Um som brilhante? Ela queria que Tom estivesse ali para lhe dizer o que é. Ah, quantas vezes *ele* a orientou quando estavam no mundo exterior? Quantas vezes os ouvidos dele os salvaram, os guiaram e lhes disseram o que fazer?

— Por favor — diz Malorie.

Mas aquela coisa não merece suas súplicas.

Algo roça a manga do seu casaco.

Ela grita, cai no chão, mãos enluvadas cobrindo o rosto.

Será que a criatura tentaria tirar seu capuz? Suas luvas? Seus últimos vestígios de armadura?

A coisa se retrai e volta para o outro lado do quarto-forte.

Malorie permanece parada. E sente que Tom e Olympia estão lhe escapando.

Para sempre.

Quanto tempo ela esperava ser capaz de proteger os filhos? Como se a própria Malorie fosse uma venda ambulante. Malorie, feita de tecido preto, seu cabelo escuro a fonte da qual ela brota. Quanto tempo ela esperava manter Tom e Olympia em segurança? Um ano? Um dia? Dez anos? Dez tardes? Não há mais certo ou errado. Ela sabe disso. A maternidade não é o que era há dezessete anos, quando era a última coisa no mundo que ela consideraria. A maternidade nem mesmo é o que era há dez anos, quando o fardo de sobreviver começou a pesar naqueles que restaram, testando sua sanidade da maneira antiga, brutal, cruel e lenta.

Agora, encolhida em um canto daquele espaço, Malorie sente ser a própria venda, a qual usou por tanto tempo a ponto de ter se transformado nela, descartada em um buraco, para nunca mais ser usada.

As pessoas em Indian River alegam ter capturado uma... em uma armadilha...

Ah, é?, pensa Malorie. Eu também capturei uma.

Bem aqui.

Neste quarto-forte.

Ela baixa as mãos. Ouve. Silêncio no outro extremo do buraco.

O que aquilo está fazendo? Será que a observa passivamente como Tom, o homem, certa vez teorizou? Será que espera que ela olhe?

Ela se levanta. Porque precisa se levantar. Porque vai morrer se continuar encolhida no canto daquela sepultura.

— Você precisa ir embora — diz Malorie. — Precisa encontrar uma saída. Eu não posso morrer com você por perto. Você já me roubou coisas demais.

Ela pensa nos colegas de casa. No cínico Don, que ela ainda visualiza no porão quando Tom, o homem, colocou a mão em seu ombro e pediu que ele subisse a escada para uma última rodada de rum. A voz de Cheryl no corredor após se assustar ao alimentar os pássaros. Os pássaros pendurados como um sistema de alarme. Jules, que amava tanto seu cachorro Victor. Felix, que ficava cada vez mais pálido quanto mais tempo Tom passasse fora de casa. Tom.

Tom.

Ela tentou fechar a porta daqueles pensamentos. Está tentando agora. Tentando empurrar os colegas de casa para o sótão. Mas eles continuam aparecendo ao redor da mesa, erguendo copos de rum.

É assim que ela gosta de se lembrar deles. Tão felizes quanto lhes foi permitido ser.

Tom está usando um capacete improvisado. Talvez esteja ao piano. Talvez ainda não tenham uma lista telefônica e não tenham iniciado o processo de sair dali, porque, uma vez iniciado, foi como se as rodas tivessem sido postas em movimento, do ponto A ao ponto B, da lista telefônica até agora, das Páginas Amarelas até o quarto-forte, como se Tom tivesse chamado o destino e dito: *Estamos prontos. Faça o que quiser conosco.*

E o destino fez.

Fez com ela.

Malorie tenta fechar os olhos já fechados para a lembrança dos corpos nos corredores, nos dois andares, na sala, junto à porta da adega. Mas é difícil. A que distância ela está de uma criatura agora? A mesma coisa lamentável que Olympia, a mulher, viu quando Olympia, a bebê, nasceu?

Será a mesma?

Malorie estremece com a ideia de cada um ter um demônio particular. Uma criatura para cada pessoa. Esperando você escorregar, se descuidar, olhar...

NÃO SE DESCUIDE.

Não olhe.

Ela tenta fechar os olhos pela terceira vez, pela quarta. Uma porta rangendo em cada camada, em cada cadeia de pensamento que se ergue do buraco onde ela está. Quantas vezes uma pessoa pode fechar os olhos? Quão negra pode se tornar sua escuridão pessoal?

— Você... — diz ela.

Pensa na voz na parte de trás do trem. Dois homens, certo? Um falou com o outro? Um falou, o outro empurrou? Ela estremece. Não consegue parar. Não agora. E nunca mais. Não quando pensa em Rick na escola para cegos e

nas pessoas que, antes da chegada de Malorie, arrancaram os olhos para garantirem uma vida segura.

Uma vida de escuridão também, pensa ela. Na qual as memórias se sobrepõem. Na qual alguém começa a esquecer onde o velho mundo terminou e o novo começou.

Ela pressiona a parede. Não há espaço para esses pensamentos agora. Não naquele lugar, não em sua mente. A que altura será que a borda está?

— Eu não vou olhar — diz ela, sua voz traindo todo o medo que sente. — Eu nunca vou olhar.

Então, um pensamento insano: a tentação de olhar.

Ela se afasta da parede. Estende os braços, como se pedisse para a coisa levá-la. Rasgar suas mangas. Tocá-la. Tentar fazê-la olhar.

Ela fica assim tempo suficiente para perder a coragem. Baixa os braços. Recua para a parede de terra.

Será que a coisa também deu um passo à frente?

Malorie inspira. Prende a respiração. Expira.

Ela sente que está perdendo a cabeça. Do jeito antigo.

Ela abre os olhos. Não seus olhos de verdade, mas os olhos que fechou atrás daqueles olhos, e os olhos atrás daqueles, e daqueles, e mais. Ela sente uma vibração de portas se abrindo ao ritmo do seu coração.

Ela sabe que é assim que Tom sempre pensou. Porque ela não tem como se esconder ali. Não lhe resta escolha senão *fazer* alguma coisa.

Ela precisa reagir.

— Você foi capturada — diz ela. — Não está melhor do que eu. Mas você não merece me ver fracassar. Vocês apareceram sem serem convidadas e tiraram tudo de nós. Vocês roubaram nossas irmãs, nossos pais, nossos filhos. Vocês nos roubaram o céu, as vistas, o dia e a noite. A visão do outro lado da rua. A paisagem da janela. Vocês roubaram a visão, toda a visão e, com isso, a perspectiva. Quem você pensa que é para vir até aqui, nos roubar e então ficar sentada em silêncio, me observando enlouquecer? Espero que você esteja ferida. Espero que esteja presa aqui embaixo. Espero que tirem de você tudo o que você tirou de nós. Como posso ser mãe neste mundo, no seu mundo? Como devo me sentir em um mundo em que meus filhos não podem olhar? Eles não me conhecem. Meus filhos. Eles conhecem uma mulher calejada e paranoica que trinca os dentes a cada sugestão que fazem. Eles conhecem uma mulher que diz muito mais *não* do que diz *sim*. Mil vezes não. Cem mil vezes não. Eles conhecem uma mulher que lhes diz que o que estão fazendo é errado, todos os dias, todas as noites. Eu era diferente antes de vocês. Meus filhos nunca vão conhecer aquela pessoa. Eu nunca mais vou conhecer aquela pessoa. Porque mesmo que vocês fossem embora agora, mesmo que desaparecessem tão repentinamente quanto surgiram... eu já passei por isso. Vocês me arrastaram para isso. Arrastaram todos nós para que não parecêssemos como éramos e, caramba, como *deveríamos* ser. O que é pior? Roubar a infância de alguém ou roubar a pessoa que ela estava prestes a

se tornar? Porque eu não sei dizer! Não sei dizer quem está pior, eu ou meus filhos. — Sua voz fica rouca. Meio derrotada. Mas meio não. — Não há mais ignorância nem felicidade. Todos estamos com medo. Essa mulher à sua frente? *Essa não sou eu!* Essa mulher que vive na escuridão, que chora por trás dos olhos fechados, que não se diverte há dezessete anos. *Essa não sou... eu.* Essa mulher que mal pode ser chamada de mulher porque se sente mais como uma venda ambulante. Uma máquina que diz não não não não não não não não. Você quer ir lá fora, Tom? Não. Quer fazer uma piada, Tom? Não. Porque, afinal de contas, *rir de quê?* Por que sorrir? O que há para ver além de... vocês? *Vocês.* Certa vez eu os peguei brincando de “criatura”. Correndo entre as cabanas e dizendo: *Não olhe para mim!* Eu devia tê-los deixado brincar. Devia tê-los deixado se *divertirem*. Mas não consegui. E não tenho certeza de que, se tiver a oportunidade, vou deixá-los se divertirem agora. Sou uma máquina. Porque vocês roubaram o ser humano. Roubaram os olhares, as piscadelas, a conversa olho no olho, a visão de alguém em um parque, em uma caminhada, em um trajeto de carro. Vocês roubaram todos os relacionamentos que deveríamos ter e agora você está sentada nessa *merda* de buraco comigo para me ver enlouquecer. Ora, vá se foder! Fodam-se todas vocês! Vá embora! Siga em frente e me deixe morrer em paz. Você não merece assistir ao meu fim, assim como eu não merecia estar lá quando vocês chegaram. *Vá embora!* Saia daqui! Parem de nos observar enlouquecer! Parem de ficar à vista, nos obrigando a fechar a *merda* dos nossos olhos, *parem!* Voltem para onde vieram! Vocês já viram o que fazem com a gente! Faz dezessete anos, *dezessete anos.* Do que mais precisam? Vocês não veem que nos feriram? O quanto tiraram de nós? Não veem que arruinaram este lugar para onde vieram? Eu sou mãe! Mas não posso fazer nada além de mantê-los longe de vocês. *Vocês.* Vocês são terríveis. São gananciosas. O que mais podem nos tirar? O quanto é o suficiente? Vocês querem mais e mais e mais e pegam de novo e de novo, e meu filho fica sem escolha a não ser querer derrotá-las, minha filha sem escolha a não ser aceitá-las, e eu...

Malorie acha que não consegue terminar a frase. Mas sente que deve.

— E eu... sou a que sobreviveu tempo o bastante para enlouquecer no final.

Malorie não se lembra de ter caído no chão. Não se lembra de ter ficado encolhida em um canto entre duas paredes. Mas ali está ela. A borda poderia estar uns trinta metros mais acima. Mais alta do que a casa em que ela deu à luz.

Ela chora. Soca o chão. E sente quando algo volta a se aproximar.

— *Não se aproxime.*

Ela se lembra de um jogo bobo que Shannon adorava. Sua irmã chamava de *teste do terceiro olho*. Você fechava os olhos, alguém aproximava lentamente o dedo do espaço entre seus olhos, e você dizia quando o sentia. Quanto mais longe de você estivesse a ponta do dedo da pessoa, mais ativo era seu terceiro

olho. Mais capaz você seria de sentir coisas que não são deste mundo. Malorie está sentindo isso. Mas não é a ponta de um dedo. É uma presença inteira, grande como a dela, talvez maior, ocupando o restante do quarto-forte, de modo que ela não tenha escolha a não ser ficar encolhida no chão de terra. Sente calor e frio e pensa na ponta do dedo de Shannon, o mesmo dedo, a mesma mão que empunhou uma tesoura e a cravou no próprio corpo.

— NÃO SE APROXIME!

Sua voz falha; ela chegou ao limite. Não consegue mais falar ou gritar. E embora ainda chore, seus olhos estão secos.

A presença se aproxima ainda mais, o ar carregado pesa, e ela não consegue respirar normalmente. Está hiperventilando. Ela se levanta porque tem muito medo de ficar no chão, e se encosta na parede de terra.

Essa criatura também pode ser a única no planeta, todas sendo a mesma coisa, o ponto de vista, o único lugar que Malorie não pode ver.

Em toda parte.

Ela se vira para a parede, tenta se estabilizar. Tenta se acalmar.

Está perto. Muito perto. Encostada nela? Pressionando-a?

Vai matá-la.

Agora.

Vai obrigá-la a olhar.

OLHE.

Agora.

Ela quer gritar, mas não consegue. Quer correr, mas não consegue.

Ela ergue um braço, tentando chegar à borda que ainda não conseguiu alcançar.

E grita quando uma mão segura a sua.

Prestes a delirar, Malorie quase puxa a mão de volta. Mas, não, aquilo é pele. Aquilo é osso. Aquilo é humano. Aquilo é ajuda.

— Mãe!

Ela reconhece a voz porque, de uma maneira injusta, não está fora de contexto. Ouviu a mesma voz com os olhos fechados mais vezes do que é capaz de contar.

— Tem uma raiz à sua esquerda — diz Olympia. — Você pode usá-la para apoiar o pé esquerdo. Então eu puxo você e aí vai conseguir...

O que Olympia está dizendo? Que *porra* Olympia está dizendo?

Malorie apalpa à esquerda e encontra a raiz. Como não sentiu aquilo antes?

E como Olympia sabe onde está?

— Pronta?

— Não, Olympia... O que está acontecendo... Como você...

— Vamos, mãe. Você sobe, eu puxo e você pode...

Quando Malorie a interrompe, sua voz soa muito mais calma do que ela pretendia:

— Como você viu a raiz, Olympia?

Há uma criatura com Malorie naquele buraco. Naquela sepultura. Naquele quarto-forte.

— Mãe...

Então... o silêncio carregado de uma garota de dezesseis anos que tem guardado segredos.

— Olympia. Preciso que me diga como sabe que isso está aqui. E preciso que me diga agora.

Malorie, ainda maternalizando.

— Mãe, não tem nenhuma criatura aí com você.

O quê?

— Você *não* sabe disso.

— Eu sei. Você está sozinha aí embaixo.

— *Você não pode saber disso!*

Silêncio mais acima. O som de uma filha prestes a contar a verdade à mãe.

— Eu estou olhando para dentro do buraco, mãe. Eu posso fazer isso. Eu posso ver.

Malorie afasta as mãos.

— Olympia...

Como se, só de saber que Olympia pode ver, Malorie enlouquecesse.

Então, lágrimas vindas de cima. Olympia está chorando. E Malorie reconhece aquele choro.

Vergonha.

Ela estende a mão novamente e encontra a de Olympia. Apoia-se na raiz enquanto a filha a puxa. Malorie sente a borda que estivera fora de alcance durante todo aquele tempo.

Ela crava os dedos na borda do buraco, e Olympia agarra seus pulsos. Antes que Malorie tenha tempo de processar o que Olympia acabou de lhe dizer (mas já aceitando, porque faz sentido, não é mesmo? Faz muito sentido), ela está deitada na borda, arrastando-se para a frente.

Com um esforço e uma força que não sabia ainda ter, Malorie finalmente sai do quarto-forte.

Embora exausta, ela não fica muito tempo deitada no chão; logo se levanta. Mais uma vez, a mão de Olympia está ali para ajudá-la. Uma mão que ajudou Malorie milhares de vezes ao longo do que parece terem sido milhares de anos.

— Você...

Ela abraça Olympia com força.

— Achei que você ficaria chateada — diz Olympia. Ainda chorando. — Pensei que você ficaria com medo. Achei que as pessoas teriam medo de mim.

De olhos fechados, Malorie segura os ombros de Olympia.

— Você as viu?

- Sim.
- Quantas?
- Todas elas.
- O que quer dizer com isso? O que quer *dizer* com isso?
- Cada uma delas que chegou perto o bastante para eu poder ver.
- Olympia... há quanto tempo você está olhando?

Com os olhos da mente, Malorie vê a mãe de Olympia no sótão. Ela vê o rosto da mulher ao olhar para a criatura em pé, atrás de Malorie. Ouve como Olympia, a mulher, diz que a criatura não é tão ruim assim. Entre as pernas dela, Malorie vê a criança ainda ligada à mãe, a mãe que começa a enlouquecer.

— Sempre olhei — diz Olympia. — Desculpe.

Malorie segura o rosto da filha entre as mãos.

Será que ela estava realmente sozinha no buraco? Será que chegou tão perto de enlouquecer...

... do jeito antigo?

— Meu Deus, Olympia. Não peça desculpas.

O que Olympia viu ao longo dos anos? O que ela tem suportado?

— Acho que tem a ver com minha mãe — diz a menina, ainda chorando.

— E o que você me contou sobre eu ter nascido quando ela viu uma criatura.

Malorie concorda. Mas está atordoada demais para dizer em voz alta.

— Você viu tudo. Todos esses anos.

— Aham.

— E me seguiu até aqui.

— Aham. — Emoção na voz. — Mais ou menos. Eu encontrei você.

— Como assim?

— Dean disse que você não estava no trem.

— Então você pulou...

— Aham.

— Cadê Tom? Onde ele está?

É muita coisa para entender de uma só vez. Olympia é imune.

Tom...

— Ele também não estava no trem.

— Ai, meu Deus.

— Dean disse que ele pode estar com um homem...

— Que homem, Olympia? *Que homem?*

Ela ouve a filha engolir em seco, como se estivesse se preparando para dizer a dura verdade.

— Henry.

— Quem?

— É um homem que...

Mas não importa o que Olympia diz a seguir. Não importa que as palavras da filha estejam de acordo com o que ela sabe ser verdade:

... era exatamente como o homem de quem você sempre fala, o homem chamado...

— Ouvi a voz dele antes de ser empurrada do trem — A voz de Malorie sai como aço. Inquebrável. — Gary.

Seu bicho-papão particular se escondendo durante dezesseis anos.

— Você já o viu no acampamento? — pergunta Malorie. Sua voz é uma rocha.

Ela está se preparando para matar aquele homem.

— Não.

Malorie inspira, prende a respiração, expira.

— Escute — diz ela. — Eu o ouvi falar sobre Indian River. Você sabe o que é esse lugar?

— Sei.

— Porque Tom lhe contou?

— Sim, principalmente. Também li um pouco a respeito.

— Certo.

Mas não está certo. Porque, tenha Gary os observado ou não durante todo aquele tempo, tenha ele se estabelecido em algum canto do Acampamento Yadin ou dormido no porão úmido do alojamento, ele nunca perdeu Malorie de vista.

Ela sabe disso agora.

— Você é imune — diz Malorie. — Como ele.

— Mãe, não diga que sou como...

Malorie a interrompe, sua mente anos-luz de onde ela está.

— Não, isso é bom. Isso nos deixa quites. Você sabe onde fica Indian River?

— Não. Mas podemos encontrar. Mãe, não estou gostando do seu tom de voz. Nós não podemos...

— Podemos, Olympia. Podemos fazer absolutamente tudo o que quisermos.

Malorie está de pé, a mão da filha sobre a dela.

— Você não está usando mangas — diz ela.

— Nós não precisamos.

— Mas...

— Nós não precisamos. Eu juro.

— Como você pôde me deixar pensar que sim?

Imediatamente após ter perguntado aquilo, Malorie se arrepende. Ela quer saber de tudo, tudo de uma só vez. Mas, primeiro, precisa encontrar o filho.

— Então me leve — diz ela. — Guie-nos até Indian River.

— Mãe...

— Olympia, precisamos ir agora.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Malorie sente um par de mãos em seu pescoço. Olympia puxa o rosto dela para perto.

— Aqui — diz a menina.

Então Olympia amarra um tecido ao redor da cabeça de Malorie. A venda, sua venda, atada ao redor da cabeça.

— Eu nunca matei ninguém — diz Malorie, externando seus pensamentos.

— Mãe, não precisamos fazer isso.

— Precisamos. — E sua voz é decisão. Sua voz é verdade. — Porque, se não o fizermos, ele vai se esconder na escuridão, na nossa escuridão, para sempre.

Malorie se volta para o buraco.

Olympia é imune. Olympia pode ver. E ela disse que o buraco estava vazio.

Mas Malorie não se sente louca. Não mais. Parece que nunca mais vai enlouquecer, seja de que maneira for.

— Precisamos nos apressar — diz ela. — O verdadeiro monstro pegou Tom.

VINTE E SETE



— Bem, na verdade é só um par de óculos — diz Tom, a voz trêmula de nervosismo. — Eu os fiz com isso... isso... vocês sabem o que é um espelho falso?

A mulher sentada em um banco assente. Ela está na beirada do banco, as mãos repletas de veias agarrando os joelhos, um rabo de cavalo marrom e comprido com mechas grisalhas descendo abaixo dos ombros.

Tom não viu seus olhos enormes piscarem nenhuma vez desde que Henry o trouxe até a tenda.

Aquela é Athena Hantz.

— Certo. Bem — diz Tom. — Sim... no escritório do acampamento em que morávamos... eu tinha a impressão de que morávamos lá há uma eternidade. Já se sentiu assim? Sim? Certo. Bem, no escritório havia um espelho falso, para que o diretor do acampamento observasse os campistas no refeitório ou o que estava acontecendo na área principal do alojamento sem que os outros pudessem vê-lo.

Ele faz uma pausa. Será que ela está acompanhando? Algum deles está?

Dois homens mais jovens que Malorie estão sentados no chão, ao lado de Athena. Também há outros na tenda.

Tom ouve movimentos constantes do lado de fora. Indian River é movimentada.

— Continue — diz Athena. — Isso é interessante.

— Sim, tudo bem — diz Tom. Ele faz outra pausa porque quer ter certeza do que vai dizer. — Então... minha mãe, ela me contou que havia espelhos falsos nos supermercados, no tempo em que as pessoas podiam olhar livremente, sabe? E ela disse que apareciam em muitos filmes. Filmes de

detetive? Não tenho certeza. De qualquer modo, ela também me disse que o homem de quem herdei o nome, Tom... ele parece ter sido um cara legal. Tipo alguém que seria meu amigo. Bem... ele foi o primeiro a dizer para minha mãe que talvez as criaturas fossem... infinitas. É difícil de explicar.

— Conhecemos a teoria — diz Athena.

— Sim, tudo bem — diz Tom. — Bem... então... se não conseguimos entender as criaturas, porque nossas mentes não compreendem o que são... e se pudéssemos... se pudéssemos obrigá-las a fazer algo com o que nos identificássemos? Foi isso que eu pensei. Se pudéssemos obrigá-las a fazer algo, qualquer coisa, que fizesse sentido para nós, ou que nos fosse familiar... bem, talvez então pudéssemos entendê-las. Mesmo que só um pouquinho.

Os dois homens sentados se entreolham. Tom acha que provavelmente pensam que ele é louco. Ou que não é inteligente. Mas, quando olham para ele, ambos parecem muito interessados.

Athena estende a mão e bate no joelho de Tom.

— Continue — diz ela.

— Então... eu andei pensando... certo dia eu estava no escritório e pensei: Cara, e se eu olhasse através do espelho e visse uma criatura no alojamento? Bem, acho que eu enlouqueceria, não é mesmo? Era o que minha mãe certamente diria. Acho que a maioria das pessoas diria o mesmo. E minha irmã, ela acha que as criaturas não têm rosto... não como o nosso, imagino. Ela diz que são todas rosto e não rosto ao mesmo tempo. Ao menos essa é a teoria dela. Então me ocorreu que... se uma criatura estivesse no alojamento... e se fosse refletida, sabe? Se ela olhasse para o espelho... e, se ela fosse só rosto, em todos os lados, então se de algum modo ela refletisse no espelho, ela estaria olhando, certo? Bem, nesse caso, não *me* veria. Vocês entendem? Ela veria a si mesma. No espelho.

As pessoas na tenda estão em silêncio. Henry sorri como se a ideia tivesse sido dele.

Os olhos de Athena parecem estar fixos em Tom. Como se ele estivesse falando com uma foto.

— E eu comecei a pensar... se uma criatura visse a si mesma... ela não seria... não poderia, sei lá... *ponderar* sobre ela mesma? Não sei se essa é a palavra certa. Mas... talvez ela olhasse para si mesma e fosse forçada a pensar no que é. E, enquanto olhasse... para si mesma... enquanto pensasse... no que ela era... talvez *isso* fosse algo que eu pudesse entender. Algo com o que eu me identificasse. Tornando-a... você sabe... uma coisa... para a qual se pode olhar... com segurança.

Tom poderia falar sobre o assunto durante horas, mas, por enquanto, acreditava ser o bastante. Ele já disse o que os óculos supostamente devem fazer, de modo que pode ser que o achem louco ou não.

— Então cortei o espelho falso e fiz esses óculos.

Tom tem a impressão de ouvir os segundos passando. Então:

— Genial — exclama Athena. — Realmente genial.

— Eu disse — retruca Henry.

Um dos homens sentados ergue um dedo, como se estivesse prestes a contestar. Depois o baixa e diz:

— Olha, acho que essa é uma das ideias mais brilhantes que já ouvi.

— Sério? — diz Tom. — Você acha?

— Já os experimentou? — pergunta Athena.

— Não. — Ele se envergonha da resposta.

— Tudo bem — diz ela. — Você vai experimentar.

O rosto de Athena parece um grande sorriso. Como se ela tivesse outro sorriso escondido atrás dos lábios.

— Posso? — pergunta Athena, pegando os óculos.

Tom os entrega para ela, que os entrega ao homem sentado à sua direita. Os olhos dela permanecem fixos em Tom.

Você vai experimentar.

O que ela quis dizer com isso?

O homem coloca os óculos.

— Precisamos modificá-los para não permitirem visão periférica — diz ele.

— São a brigada de segurança — explica Athena para Tom. — Gostei mais do jeito que você fez. Arriscado. E você tem o resto do espelho?

— Não — diz Tom.

Ele gostaria de ter.

— Nós temos — diz um homem mais ao fundo da tenda.

— Onde? — pergunta Athena.

— No velho Farmer Jack. No escritório da mercearia, como a mãe do garoto falou.

Há um momento de silêncio. Athena olha para os óculos. Tom também olha e encontra os olhos dela refletidos ali.

Athena parece mais feliz do que Malorie jamais foi.

— Vocês têm uma aqui? — pergunta Tom de repente.

Ele não consegue evitar a pergunta. Os documentos do censo diziam que o povo de Indian River alegava ter capturado uma criatura.

Ele não precisa explicar o que quer dizer com isso. As pessoas entenderam.

— Se você está perguntando se temos uma criatura trancada em algum tipo de gaiola, então, não — diz Athena. — Mas não faltam criaturas em Indian River.

Tom ouve uma movimentação mais intensa do lado de fora. As palavras de Malorie começam a aumentar em sua mente e ele as afasta, quase podendo ver o sangue jorrando delas.

— Vá buscar o espelho na mercearia — diz Athena.

Ela não desviou os olhos de Tom e, por um segundo, ele acha que ela o está mandando fazer aquilo. Mas um homem perto dos fundos da tenda segue para a porta.

Será que eles vão testar os óculos? Agora? *Você vai experimentar.*

— Então, é assim que funciona — diz Athena. — Temos voluntários. Uma lista comprida deles. Pessoas que decidiram que é mais esperto arriscar a própria vida do que se esconder atrás de um cobertor. Pessoas como você, Tom.

— Alguém vai olhar através dos meus óculos? — pergunta Tom. — Não quero que alguém se machuque por minha causa.

Athena não ri, não sorri nem tenta amenizar os temores de Tom.

— Esses dois — diz ela indicando com as palmas das mãos os homens sentados ao seu lado. — São os próximos.

Tom não sabe o que dizer. Uma coisa é revelar sua invenção, e é bom que tenha sido recebida daquela maneira. No entanto... aqueles homens, bem ali?

Eles já estão de pé. Preparando-se.

— Não se preocupe — diz Henry, subitamente ao lado de Tom. — Aqui eles vivem para isso.

Athena se levanta do banco e estende a mão para Tom.

— Gostaria de lhe agradecer por ter vindo a Indian River — diz ela. — E por ter tido a coragem de apresentar sua teoria. — Então, sorrindo: — Obrigue-as a fazer algo com o que possamos nos identificar. Obrigue-as a ponderar sobre si mesmas... faça-as olhar para dentro... como nós fazemos. O que é mais identificável do que a autorreflexão? Realmente brilhante, Tom. Você pertence a esse lugar. Ao nosso lado. Sabia disso? Não responda. Este é um grande momento para você. Para mim também. Bem-vindo, Tom. Bem-vindo a Indian River.

VINTE E OITO



As emoções em conflito dentro dela são tão extremas que Olympia sente uma dor real, física.

Ela contou seu segredo para a mãe.

Ela contou!

E Malorie reagiu com... orgulho? Ela reagiu bem. Tão bem quanto poderia ter reagido, dadas as circunstâncias. E são essas circunstâncias que provocam o conflito interior.

Tom.

Gary.

Olympia acha que Tom não vai ficar tempo suficiente em Indian River para que algo verdadeiramente terrível aconteça. Afinal, elas estão a caminho. Não é como se Tom tivesse desaparecido anos atrás e elas houvessem descoberto seu nome no censo como habitante de uma cidade notoriamente insegura. Não. Ele está logo ali. Fora de vista, sim. Mas não pode estar muito longe.

As pessoas de lá vão ter que conhecê-lo antes de pedirem que ele participe de qualquer coisa perigosa.

Mas, afinal, o que ela sabe? Tom poderia entrar no prédio em que eles capturaram uma criatura, caso realmente tenham feito isso. Olympia acredita que isso não seja possível. Ela as viu. A maior parte de sua vida. E, para ela, não parecem algo que possa ser capturado.

— Por aqui — diz ela, segurando a mão enluvada de Malorie e desviando-a de um cadáver na estrada.

É um velho. Parece ter uns cem anos. Há uma tenda a uns seis metros dali. Ela acha que o velho morava lá. Não há sinal de autoimolação.

Velhice, pensa Olympia. Mas não diz. Não é hora para isso.

E quando será? Quando será a hora?

— Você está vendo ele? — pergunta Malorie.

Tom.

Tom pulou do trem.

Isso é demais. Isso é ruim.

— Não — diz ela. — Mas não pode estar longe.

— Há quanto tempo? — pergunta Malorie.

Elas se movem com rapidez. As palavras de Malorie saem sem fôlego, mas Olympia sabe o que ela quer dizer.

— Desde que eu tinha seis anos.

Sim. Na escola para cegos. Foi sua primeira vez, e ela lembra como se fosse hoje. Aquele homem, Rick, o mesmo que ligou na noite em que Olympia e Tom nasceram, pediu que ela fosse buscar uma cesta no lugar que todos chamavam de “barracão de suprimentos”. Era só uma sala de aula comum em um dos muitos cômodos de paredes de tijolos daquela escola que ela estava começando a considerar seu lar. Eles guardavam papel, ferramentas, escada, tesoura e quase tudo mais lá. Olympia ficou feliz por terem lhe pedido para fazer aquilo.

“Você já é grandinha o bastante para me trazer uma cesta?”, perguntara Rick. E Olympia era toda sorrisos. Não importava que Rick não pudesse ver aquele sorriso ou que a maioria das pessoas no prédio nunca veria seu rosto. Ela estava feliz por desempenhar um papel, qualquer que fosse.

Contudo, a caminho da sala, no outro extremo do corredor, ela viu uma criatura.

Olympia soube imediatamente o que era aquilo. Mesmo aos seis anos, ela entendeu que era a coisa que sua mãe a educara a temer. No entanto, ao olhar para ela, não se sentiu pior do que quando acordou de manhã. Sentiu medo. Mas só. E aquele medo não superou os medos que já sentira na vida. Nem mesmo o medo que sentiu quando Malorie lhe disse que desceriam um rio no qual nem sequer haviam nadado.

Mais importante: ela não se sentiu louca. Nada parecido com isso. Talvez fosse jovem demais para saber como seria a loucura, mas não era jovem demais para pensar.

Na verdade, a única coisa que a preocupava era a possibilidade de que alguém também visse a criatura. De que outra pessoa entrasse no corredor, enlouquecesse e atacasse a todos. Malorie falava sobre isso o tempo todo.

Então, alguém apareceu.

Annette.

Olympia sempre desconfiou daquela ruiva que dizia para todo mundo que era cega. Isso porque, certa vez, tarde da noite, Olympia saiu sozinha do quarto (uma sala de aula adaptada, assim como todas as outras) para ir ao

banheiro. E ali, sentada no reservado, ouviu alguém entrar. Uma pessoa que também pensava estar sozinha.

Envergonhada, já guardando segredos, embora não da magnitude que ela logo teria de guardar, Olympia escutou um riscar de fósforo e viu uma vela se acender, iluminando uma esfera de luz na escuridão do banheiro. Ela olhou pela porta do reservado e viu a mulher segurando a vela perto do espelho; viu Annette olhando para si mesma.

Annette. Cega.

Mas olhando.

Então, por que fingir? Mesmo sendo tão jovem, ela supôs que teria algo a ver com Annette não querer ser incomodada. Querer que as pessoas a deixassem em paz. Querer que as pessoas a considerassem segura em um mundo onde qualquer um capaz de enxergar era um risco. A própria Malorie falava de Annette sem medo. Aquilo significava alguma coisa. No que Malorie chamava de “novo mundo”, era bom passar despercebido. Por isso, depois de algum tempo, Olympia começou a acreditar que Annette estava simplesmente tentando ser boa.

Em um mundo sem bens pessoais, os segredos eram de fato preciosos.

Ela viu com clareza o rosto da mulher no espelho, feições flutuando no espaço escuro. O coração da jovem Olympia disparou ao ver os olhos da mulher pela primeira vez, ao vê-los se conectarem com o reflexo no espelho, o alívio no rosto de Annette por ter permissão de ver, ali, onde tinha certeza de estar sozinha.

Então Annette viu Olympia.

A menina quis ofegar, quis gritar, quis dizer ah, não, não se preocupe, eu nunca, nunca, nunca, nunca vou contar para alguém que você não é cega!

Mas Annette apenas a encarou. Depois apagou a vela e seu rosto desapareceu, um fio de fumaça, feições mais uma vez engolidas pela escuridão.

Olympia não se mexeu. A mulher, que era muito mais velha do que Malorie, tampouco se mexeu. As duas permaneceram imóveis no escuro pelo que pareceu muito tempo para Olympia.

Quando Annette voltou a se mexer, Olympia se preparou, pronta para que a porta do reservado se abrisse de repente, ou, pior, rangesse lentamente enquanto as mãos enrugadas da velha entrassem no espaço escuro, procurando o corpo ao qual pertencia o par de olhos que a flagraram.

A menina que sabia seu segredo.

Mas Annette não veio. Em vez disso, Olympia ouviu seus pés descalços no chão de azulejos saírem do banheiro, e a menina permaneceu imóvel muito tempo após a porta se fechar.

— Não olhe — disse Olympia meses depois, quando foi buscar a cesta para Rick e esbarrou com Annette. — Há uma criatura no fim do corredor.

O cabelo ruivo de Annette pendia, vibrante, sobre seu roupão azul-claro.

— Olhar? — perguntou ela. — Mas eu sou cega.

— Ah — disse Olympia, porque não sabia mais o que dizer e também porque acabara de ver uma criatura pela primeira vez na vida.

Até a palavra “criatura” começava a parecer errada para o que espreitava no fim do corredor.

Então Annette olhou.

Agora, anos mais tarde, guiando Malorie pela estrada até Indian River, enquanto seu corpo parecia fisicamente inflado pela incerteza de um irmão que fugiu e de uma mãe que agora sabe que ela é imune, Olympia encontra espaço dentro de si mesma para sentir aquela ausência de conclusão, de entendimento, mais uma vez. *Por que Annette olhou quando ela disse para não olhar?*

Será porque Annette a vira pelo espelho do banheiro e queria desacreditar o que Olympia sabia ser verdade? Será porque a voz que a advertiu era jovem e Annette, já tão velha, simplesmente se cansara de receber ordens, de viver como as pessoas tinham que viver no novo mundo?

Ou, talvez, pensa Olympia, talvez a mulher estivesse curiosa. Só isso.

Ela conta essa história para Malorie. Mas dizer aquilo em voz alta não esclarece nada. E Malorie não dá nenhuma opinião.

Sua mãe, Olympia sabe, só está pensando em Tom.

— Você viu o massacre na escola para cegos — diz Malorie.

— Vi.

Olympia guia Malorie por outra curva. Nenhum sinal de Tom. É possível que Gary conheça um atalho para a comunidade. Foi o que Malorie disse.

— Sinto muito — diz Malorie. — Eu deveria tê-la ajudado com isso. Poderia ter ajudado.

Ela ouve a tristeza na voz da mãe e não gosta disso. A última coisa que quer é que Malorie se sinta pior. Em relação a qualquer coisa.

Ali, estão à procura do filho de Malorie.

Ali, desceram do trem que os levaria até os pais dela.

Olympia sabe que a mãe já sofreu o bastante.

— Não — diz Olympia. — De verdade, mãe. Você foi a melhor mãe do mundo para nós.

Malorie agarra a mão da filha, que a aperta.

Na curva seguinte, ela a vê. Assim como viu tantas outras ao longo dos anos. Havia dezenas de criaturas durante a caminhada sem rumo que eles fizeram da escola para cegos até o Acampamento Yadin. Para Olympia, aquela continua sendo a jornada mais assustadora que já fez na vida. Foi a partir dali que começou a guiar sua família em segredo.

Por aqui, pessoal.

Cuidado, pessoal.

Aí vem uma subida.

Vou um pouco mais à frente. Não se preocupem, gosto que seja assim.

Você ouviu isso, Tom? Também ouvi.

Mas ela não tinha ouvido. Tinha visto. Tudo.

Seus ouvidos não são páreo para os do irmão. Outro segredo.

— Alguma coisa? — pergunta Malorie.

Olympia ainda considera aquela primeira caminhada, aos seis anos, como o momento em que se tornou mulher. Ela já leu livros suficientes para saber que os bons sempre tratam de um personagem que passa por uma experiência transformadora. Para ela, tratava-se de aceitar sozinha sua imunidade.

E quantas mais ela viu quando chegaram? Quantas ao longo dos anos? Quantas criaturas, se é assim que devem ser chamadas, estavam do lado de fora da cabana, reunidas com outras, vagando pelo alojamento e pela cozinha? Quantas ela encontrou no porão do alojamento enquanto Malorie pegava enlatados nas prateleiras, acreditando que a filha também estava vendada?

Ah, ela quis contar tantas vezes para Malorie sobre Annette; queria que sua mãe soubesse que a mulher não fora tocada, que eles não precisavam usar mangas, capuzes e luvas. Ah, como ela queria que Malorie soubesse seu segredo. A verdade.

Entretanto, mesmo agora, enquanto seguem a estrada, quando uma criatura aparece à sua frente, o instinto de Olympia é não dizer nada, apenas guiar.

Mas as coisas mudaram. E talvez as pessoas passem por mais de um evento transformador na vida.

— Mãe, há uma criatura uns dez metros à frente.

Malorie para.

— Feche os olhos — diz ela.

Mas Olympia não fecha. Em vez disso, procura uma maneira de contornar a coisa, como fez tantas outras vezes.

O caminho se curva para esse lado, quando não se curvava.

Há um objeto na estrada, quando na verdade era tudo o que Malorie temia.

— Olympia — chama Malorie.

Mas isso é algo com que Malorie terá de se acostumar.

— Está no meio da estrada — diz a menina. — É só me seguir e vamos contorná-la.

Ela ouve a respiração de Malorie acelerar. Sabe que a mãe está mais amedrontada do que nunca.

— Não vou enlouquecer — diz Olympia. — Eu prometo.

Parece besteira dizer aquilo, mas Malorie volta a apertar sua mão.

E Olympia lidera.

Ela guia a mãe ao redor da criatura, embora perto, mais perto do que nunca, encorajada por sua revelação.

— Tudo bem — diz ela. — Está atrás de nós agora. Mas...

— Há outras à frente — diz Malorie.

— Isso — diz Olympia. — Tantas que precisaremos ir devagar.

— Olympia.

Malorie puxa o braço da filha.

Mas a menina entende que Malorie só está com medo.

E, já que não guarda mais segredos, ela admite que também está com medo. Puxa a mão de Malorie.

— Tom — diz ela.

Malorie inspira, prende a respiração, expira.

— Tudo bem — diz ela. — Guie a gente.

Orgulhosa, renovada, transformada, Olympia obedece.

VINTE E NOVE



Aquilo é tudo o que Tom sempre quis. O oposto da vida que ele levava.

Uma comunidade onde as pessoas estão *tentando*.

Foi a única coisa que ele pediu que Malorie aceitasse. Tentar. Coisas novas. Caminhos novos. Ele sabe que não deve olhar. E ali não lhe diriam diversas vezes para fazer algo que ele já sabe que deve fazer.

Henry entende. Ah, cara, ele entende. Foi Henry quem disse: “Vá, vá para onde as pessoas pensam como você. Seja ousado como você nasceu para ser!” E Tom se identificou com aquelas palavras. Elas o animaram de uma maneira que Malorie nunca conseguiu. Ninguém nunca falou com ele como Henry. Nem sua mãe, nem Olympia, nem ninguém na escola para cegos. Quanto mais Tom pensa nisso, mais acredita que o trem foi uma intervenção do destino. Olympia já lhe falou sobre o destino. Se o homem do censo não tivesse batido à porta, se Tom não tivesse pedido que ele deixasse os papéis, ele nunca ouviria falar de Indian River, Malorie nunca teria visto os nomes dos pais naquelas páginas e ele jamais teria conhecido Henry. Assusta-o quão perto ele esteve de passar o resto da vida no Acampamento Yadin, sem nunca saber que havia um mundo inteiro de pessoas parecidas com ele.

E elas realmente se pareciam com ele.

O homem, Allan, já trouxe o espelho falso. Agora o estão testando dentro de uma grande tenda com capacidade para dez pessoas. Tom está na tenda ao lado, onde os dois voluntários, Jacob e Calvin, discutem a filosofia da invenção de Tom por algum tempo. Eles são os próximos na lista, lembra Henry para Tom, e o povo de Indian River mal pode esperar para testar novas ideias.

Tom sabe por quê. É porque querem fazer parte de algo maior do que a vida que Tom estava levando. É porque entendem que, sim, alguém pode se ferir... mas também pode ser que não. O povo de Indian River quer ser o responsável por arrombar a porta, descobrir uma maneira segura de olhar, e devolver as imagens e a visão a um mundo que lamenta a perda dessas coisas.

Será que Malorie não entende? Ela seria capaz de ficar onde Tom está agora, a poucos metros de pessoas discutindo como serão seus últimos momentos de vida? Seria capaz de ficar tão perto de um avanço revolucionário e não sentir a mesma emoção que Tom? Ele sabe a resposta para tudo isso, e é o que o deixa abatido. Se Malorie estivesse ali, aquilo não aconteceria. Ela ficaria histérica. Exigiria que todos fechassem os olhos. Ela o pegaria pelo braço e o arrastaria para fora da tenda, uma mão enluvada sobre seu rosto.

Talvez batesse nele outra vez.

— Sua mãe — diz Henry, mais uma vez parecendo ler os pensamentos de Tom, mais uma vez provando que já conhece Tom melhor do que sua mãe. — Ela não entenderia nada disso, não é?

— Nem um pouco — diz Tom.

Mas ele não quer que Henry mencione Malorie agora. Não quer pensar nela.

— Ela chamaria cada pessoa desta cidade de assassino sanguinário — continua Henry. — Chamaria a todos de loucos, inclusive você.

Tom assente. Mas ele não quer falar sobre isso agora. Só quer ouvir Jacob e Calvin, o que eles têm a dizer, acrescentar à conversa deles. Às ideias. À coragem.

— É diferente de olhar para o reflexo de uma pessoa no espelho porque, para começo de conversa, você pode ver algo em sua visão periférica que não está se refletindo na área limitada do espelho — diz Jacob.

— Nesse caso, é tudo uma questão de forçar a criatura a fazer algo compreensível — diz Calvin.

Estão discutindo as ideias dele!

É tudo o que Tom sempre quis.

— Meu Deus, é como se eu estivesse ouvindo a voz dela — diz Henry. — Aquele lamento estridente em relação ao novo mundo. As regras intermináveis. Você vai ver. — Ele apoia mão pesada no ombro de Tom, que deseja que ele a retire. — Quando você finalmente olhar para uma criatura, vai ver como sua mãe foi paranoica.

Jacob e Calvin estão discutindo sobre espelhos. Reflexos. A mente possível de criaturas impossíveis. Tom quer se perder nas palavras deles. Poderia ouvi-los durante semanas.

Mas, como é de sua natureza, Malorie continua voltando.

— Ela viria atrás de mim primeiro — diz Henry com um riso abafado. — Ela perguntaria quem o trouxe até aqui, e quando eu levantasse a mão...

— Ela não veria — diz Tom.

— É verdade! — diz Henry.

Sua risada é mais alta do que a conversa entre os dois voluntários.

Ele acha aquilo engraçado, mas não é. Não naquele momento.

— Ela vai acabar descobrindo — diz Henry. — E vai vir atrás de mim. Só que... como você mencionou, ela não saberia onde procurar. E isso não resume tudo, Tom? Uma mulher tão correta, mas completamente inerte. Bem, acho que foi ela que fez isso consigo mesma. Está tão imersa na escuridão que não perceberia a segurança mesmo se estivesse sentada ao seu lado.

Agora não, pensa Tom. Agora não.

— Meu Deus, por ela você estaria trancado em uma caixa, feito carne de vitela. Ela já lhe disse o que é vitela, como eram criadas? Provavelmente não. Não ia querer que soubesse o que estava acontecendo com você.

Allan entra na tenda. Ele diz que o espelho falso está pronto. Diz algo sobre um parque. Jacob e Calvin param de falar.

Tom não deixa de imaginá-los loucos.

— ... como um animal enjaulado, Tom. E que tipo de vida é essa? E quem, então, teria colocado você em situação pior? As coisas lá fora... ou sua mãe?

Jacob e Calvin sorriem para Tom enquanto Allan os escolta para fora.

— Espere — diz Tom, mas eles já saíram da tenda.

— Quem? — pergunta Henry. — E isso faz você pensar, faz você perguntar, quem é o monstro? Eu é que não sou, Tom. Nós não somos. Indian River me aceitou. Assim como aceita a todos. Sua mãe diria que um lugar como esse deve atrair psicopatas. E talvez atraia. Mas um louco à solta é mais seguro do que uma mulher sã perturbada. As criaturas podem ser monstros, mas, como evidenciado por sua mãe e pela vida que ela considerou adequada para você, essas coisas terríveis não são o problema. O homem é a criatura a ser temida.

As palavras chacoalham na cabeça de Tom feito gravetos quebrados do lado de fora da Cabana Três do Acampamento Yadin. Tom as ouve, sim, pensa até saber o que significam, mas sua mente está concentrada em outras coisas.

Coisas incríveis.

Do lado de fora, Athena Hantz o chama. E, além de sua voz, o som de uma comunidade celebrando.

Já estão comemorando, pensa Tom.

Antes mesmo de tentarem.

E aquilo não é tudo o que ele sempre quis? Celebrar o esforço? Que se danem os resultados?

— Melhor eu ir embora — diz Henry. Mas sua mão continua no ombro de Tom, prendendo-o ao chão. — Você achou que tinha cortado o cordão

umbilical ao pular do trem... — Henry ri. Não é uma risada alegre. — Mas está prestes a cortá-lo para valer.

TRINTA



Malorie sente um cheiro podre segundos antes de Olympia puxar seu braço.

— Mãe...

Malorie para de andar. Já é angustiante o suficiente entender a realidade de sua filha poder *ver*, mas a seriedade na voz de Olympia a assusta.

— É muito ruim?

Elas chegaram a Indian River. Por trás da venda de Malorie, está mais escuro do que nunca.

— Bem, à primeira vista, de onde estamos, e estamos nos arredores, são literalmente...

— Fale logo, Olympia.

— Cadáveres, mãe. Muitos cadáveres.

Malorie sabe que, neste momento, ela precisa ser tão forte quanto sempre foi.

— E tem... — A voz de Olympia some, como costuma acontecer quando alguém está observando algo ruim. — Bandeiras. Bandeiras de plástico... cravadas no peito de cada um deles.

— Como assim?

Mas não importa. Seja lá qual for o inferno que esteja diante delas, as duas terão de atravessá-lo.

— Heróis — diz Olympia. — Homenagens, eu acho. Para os mortos.

Sacrifícios, pensa Malorie.

— Isso é ruim — diz Olympia. — Eu nunca vi... tantos...

Para Malorie, fede como corpos não enterrados em um cemitério.

— Tudo bem — diz Malorie. Ela está tentando manter a calma. Precisa manter. — Você está vendo seu irmão?

— Não — responde Olympia com a voz trêmula. — Não é assim. A estrada leva para os prédios. Há cadáveres na estrada.

— Não olhe para eles. Não pense neles. Está vendo Tom à frente?

Malorie mal reconhece a estabilidade em sua voz. Um pensamento vibra ao longe: todas as suas precauções paranoicas, todas as suas regras levaram àquele momento.

Será que ela está pronta? Será que fez o certo para si, para seus filhos?

— Não. — Olympia reprime um grito. — Mãe... Essas pessoas se mataram. O rosto delas está dilacerado. Essas pessoas...

— Elas enlouqueceram — diz Malorie. Ela inspira. Prende a respiração. Expira. — Mas precisamos nos mexer. Precisamos seguir em frente. *Agora.*

Ela sente a mão de Olympia sobre a sua. O sol, ainda alto, fica mais quente. O fedor piora.

Elas andam. É toda vez que Olympia aperta sua mão, Malorie imagina outra atrocidade na estrada.

— Então, agora — diz Olympia com a voz trêmula — há... coisas também.

Malorie fica tensa.

— Criaturas?

— Não. Tipo... coisas improvisadas. Coisas que Tom teria construído. Não sei direito o que são. Coisas de madeira e plástico, corda... metal...

Malorie quer ir mais depressa, atravessar aquela loucura, encontrar Tom. Os documentos do censo falaram sobre os riscos que aquela comunidade estava disposta a correr. Ela sabe que os objetos quebrados são experimentos fracassados deixados para se deteriorarem com aqueles que enlouqueceram.

— O que você está vendo? — pergunta Malorie. — Fale.

— Placas de trânsito. Um posto de combustível. Fachadas de lojas. Não sei, mãe. Ninguém. Espere...

Olympia para.

— O que foi?

— Você está ouvindo? — pergunta Olympia.

Malorie escuta. Atentamente.

— Não. O que você está ouvindo?

— Pessoas. Comemorando, eu acho.

Malorie volta a andar, e Olympia a guia pela curva na estrada.

O cheiro piora. No entanto, de algum modo, aquilo parece terrivelmente certo para Malorie. Há quanto tempo parece que ela está caminhando pelo inferno? Quantos anos? E há quanto tempo, por meio da escuridão atrás da venda, ela enxerga o novo mundo como um lugar de morte e decomposição?

De uma maneira terrível, é exatamente onde ela deveria estar. Indian River. Um momento fortuito no tempo, um local no espaço para onde os últimos dezessete anos a levaram.

— Tantos corpos — diz Olympia. — *Tantos...*

Será que os fracassos são tão comuns que as pessoas que sacrificam sua vida e sua sanidade são simplesmente levadas até o campo e jogadas nos portões da cidade, deixadas para apodrecerem ao sol?

— Ossos — diz Olympia.

Malorie já esperava por isso. Quanto mais perto chegam da cidade, mais antigos são os cadáveres. Como todos os cemitérios, aquele também se expande.

E, no centro daquilo, em sua origem, ela também ouve as vozes.

Celebração. Não há dúvida.

— Vai ficar tudo bem — diz Malorie.

Ela ouve a mentira na própria voz.

Em uma comunidade como aquela, quem esperaria por elas no centro da cidade? Quem ficaria de guarda?

Em sua memória, ela ouve Victor, o cão, destruindo a si mesmo naquele bar pé-sujo.

— Vai ficar tudo bem — diz Malorie.

— Ossos — repete Olympia.

Malorie nunca ouviu aquele nível de medo na voz da filha. Ela não quer saber o que Olympia está vendo. Preferiria ver aquilo no lugar da filha. Carregaria as lembranças de bom grado.

Uma multidão comemora. Ergue-se uma voz central. Uma mulher falando em um megafone.

Malorie pensa no nome que leu nas páginas do censo: Athena Hantz.

A mistura de gritos e som de baixa qualidade faz Malorie se lembrar da Feira do Condado de Marquette.

Para Malorie, talvez o aspecto mais perturbador seja que, apesar do que Olympia está vendo... aquilo soa festivo.

— Adiante — diz Olympia — há mais corpos ao longo dos prédios, das calçadas. Ai, mãe. Ai, não. Uma criança.

Malorie quer perguntar por que, *por quê?* Que tipo de comunidade descarta seus mortos na rua?

Mas ela sabe a resposta.

Uma comunidade que enlouqueceu.

Completamente.

Insegura.

Uma explosão de alegria indica a Malorie que a multidão está à sua direita, mas o som continua abafado. Distância a percorrer.

— Desça um degrau — avisa Olympia.

— Vai ficar tudo bem — repete Malorie.

É tudo o que ela pode dizer. Apesar de todos os preparativos, de todo o trabalho árduo de sobrevivência, Malorie não tem nada melhor a dizer para a filha no momento.

Ela está tremendo.

Mas segue tentando. Porque, quando chegarem àquela multidão, quando finalmente chegarem ao coração de Indian River, ela vai precisar de sua sagacidade.

Elas estão ali por Tom.

— Suba um degrau — orienta Olympia. — Calçada.

A filha a guia em zigue-zague, e Malorie sabe que é porque estão evitando os cadáveres. Quantos têm tesouras cravadas no peito? Quantos estão rodeados de poças de sangue?

A multidão está mais enfática. A voz da mulher ecoa pelo megafone. Todos parecem ansiosos pelo que está prestes a acontecer.

E o que está prestes a acontecer?

Malorie não entende as palavras. Sua mente mal consegue unir os elementos: os mortos, a multidão, Gary, aquela cidade, seu filho.

Indian River é tudo o que ela não é e nunca foi.

Pessoas riem. Uma erupção de risadas genuínas. Pessoas deboçam... uma piada? A voz de novo. Incitando a multidão. Será que essas pessoas usam vendas?

Será que todo mundo em Indian River está louco?

— Pare — diz Olympia.

Ela puxa Malorie para a lateral de um prédio.

— O que foi? — pergunta Malorie, chocada com a calma na própria voz.

Uma calma que ela não está sentindo.

— Então... tudo bem. Então...

— O que foi?

— Há um parque no centro da cidade. E muitas pessoas nesse parque. Vendadas.

— Calma, Olympia. Vamos buscar seu irmão. Podemos fazer isso.

— Certo. E... e há um palco. Bandeiras. Faixas.

O coração de Malorie se parte antes que Olympia diga as seguintes palavras:

— E Tom está no palco. Ele está ao lado de... um espelho.

As palavras parecem arrancadas da escuridão pessoal de Malorie. Como se fossem feitas da própria escuridão.

— *Ele está vendado?*

Ela não teve a intenção de gritar.

— Não sei dizer.

— *Você o quê?*

— Mãe, eu não sei...

— Certo, precisamos...

— Há uma criatura no gramado em frente ao palco. Não sei como explicar isso, mãe. Como se estivesse... esperando para ver o que acontece.

Malorie sai andando antes de Olympia terminar de falar.

Ela não agarra a filha pelo pulso, não quer que a siga. Ela não tenta parecer forte, perigosa, ameaçadora. Simplesmente sai andando de braços abertos, equilibrando-se, preparando-se para um meio-fio, um degrau, uma colina, um cadáver.

As pessoas aplaudem ao seu redor. Gritam. Alguém berra algo sobre progresso revolucionário. Alguém louva a Deus. Tantas vozes. Histéricas, absurdas, convencidas.

— TOM!

Malorie grita o nome do filho, mas outros fazem o mesmo.

Chamam por Tom.

Tom no palco, uma criatura na multidão.

— TOM!

Ela sabe que ele a escuta. Sabe que ele poderia ouvi-la nos portões da cidade se quisesse ouvir tão longe.

Tantas pessoas. Vozes infinitas.

— TOM!

Ela tropeça no que parece ser um meio-fio, quase cai e recupera o equilíbrio.

Alguém diz algo sobre liberdade.

— TOM!

Como se ela estivesse chamando Tom, o homem, dizendo para ele subir até o sótão, para ele não ficar lá embaixo onde Gary... Gary... Gary...

— Malorie.

Uma voz ao seu lado. Em seu ouvido.

— *Afaste-se de mim!*

Ela o empurra. Chuta o ar.

Então, um mar de pessoas. Cânticos. Aplausos.

— Malorie — diz Gary (ela sabe que é ele, sempre foi ele, por trás da venda com ela, sempre, para sempre). — Tom não quer você aqui. Tom está crescendo agora. Agora mesmo.

— TOM!

Ela empurra, mas não consegue encontrá-lo. Ela chuta, mas ele não está lá.

— Ele está olhando para uma criatura agora mesmo — diz Gary. — É incrível, Malorie. Olhando por meio de um dispositivo que ele mesmo inventou.

Malorie se move com rapidez, muita rapidez, tenta golpear Gary, erra, enquanto a voz de quem ela acredita ser Athena Hantz fala no megafone, dizendo ao povo de Indian River que Tom está olhando para a criatura, que ele e a criatura estão *olhando um para o outro agora*.

— TOM!

Mas Malorie está caindo. Enquanto o riso de Gary é engolido pela explosão de alegria desenfreada das pessoas ao redor.

E, quando Malorie atinge o chão, de algum modo ouve uma voz baixinha, vinda do palco...

— Mãe?

Tom.

Ele a ouviu.

E ele parece estar...

— São — diz ela, apoiando as mãos na grama, ajoelhando-se.

Seus cotovelos tremem, seus pulsos tremem, seu corpo inteiro estremece com o medo de seu filho ter enlouquecido e a possibilidade insondável de não ter.

— Mãe? — diz ele.

Então:

— Malorie!

Malorie se levanta. Mas a multidão faz muito barulho. Ela está perdendo o rastro da voz em meio a um bando de estranhos imprudentes e perigosos.

Alguém a puxa pelo cotovelo, forçando-a a voltar por onde veio.

Gary

Gary Gary Gary

Malorie faz menção de se livrar, mas a voz de Olympia a detém.

— Mãe, *mãe*. Tom está bem. Ele está olhando... e ele está bem.

As pessoas ao seu redor explodem em uma alegria que Malorie há muito achava que estava guardada para o dia em que os seres humanos descobririam um modo de olhar para as criaturas com segurança.

Foi isso que aconteceu?

Hoje é esse dia?

E foi Tom quem fez isso?

Tom, o homem, surge nos olhos de sua mente. Um homem que queria desesperadamente que o mundo comemorasse assim.

— *FECHE OS OLHOS!* — grita Malorie.

Sua voz é como tecido rasgado.

Olympia a guia, mas até a menina parece cativada pelo que aconteceu.

Onde está Gary?

— Onde está Gary?

— Mãe! — grita Olympia. Exaltação em sua voz. — Mãe! Tom conseguiu!

— *Onde está Gary?*

Então... uma voz.

De um homem. Mas não a de Gary. Como um sonho torturado por tanto tempo que tivesse se transformado em pesadelo, Malorie ouve a voz de seu pai.

Vem das profundezas da escuridão, da *sua* escuridão, de uma profundidade que ela nunca alcançou. Ela tenta repudiar aquilo, recusar, afastar, assim como tentou afastar Gary alguns instantes antes.

Não é hora de ter falsas esperanças. Não é hora de voltar a sonhar.

— Malorie?

Mas é a voz de seu pai. Real ou imaginária.

— Quem... — começa a perguntar Olympia.

— O que está acontecendo? — pergunta Malorie.

— Quem... — repete Olympia.

— Malorie Walsh? — pergunta o homem.

A voz de seu pai outra vez. Do lado de fora da escuridão. Perto de seu ouvido.

— Ai, meu Deus... — diz Malorie.

Ela agarra o braço de Olympia em busca de apoio.

Quando se torna real — Sam Walsh, ali, com os dedos no rosto dela —, aquilo dói. As implicações daquela voz, daquela voz real, são tão poderosas que, pela primeira vez em dezessete anos, uma luz se acende por trás da venda.

— Socorro — diz ela.

Porque não aguenta. Tudo aquilo. De uma só vez.

Sam Walsh volta a falar:

— Ouvi o garoto chamar seu nome. E sua voz... eu reconheço sua voz...

Novamente, dedos em seu rosto.

— Mal?

Malorie inspira. Prende a respiração.

Ela tem esperança.

— Pai?

Aquelas mãos familiares estão sobre seus ombros, e Olympia está lhe dizendo algo impossível, dizendo que aquele poderia ser seu pai.

E Olympia pode vê-lo.

— Ai, meu Deus, mãe — diz Olympia. — Ai, meu Deus...

— Eu sou Sam Walsh — diz a voz de seu pai. — Você é Malorie?

Malorie cai de joelhos. Aquilo não pode ser verdade. É simplesmente demais para aguentar. Há muitas vozes ali fora. Tom está no palco. Olympia está ao seu lado.

E seu pai...

Ela quer arrancar a venda do rosto.

Mas mesmo então... ela vive pela venda.

O homem se abaixa ao seu lado. Olympia descreve aquela cena surreal. Ela diz sim, *sim* para Malorie enquanto uma multidão que não enterra os mortos aplaude seu filho, seu filho que pode estar enlouquecendo, mesmo que Olympia diga que ele não está, mesmo que Olympia pareça animada com tudo aquilo, por Tom, mas também por aquele homem, aquele toque, cheiro e voz familiar, ao lado dela, os dois juntos de joelhos em uma rua surreal do inferno.

— Mal — diz o pai, desta vez com confiança. — Ai, meu Deus. Malorie.

Eles se abraçam. A venda de Malorie está molhada de lágrimas. Seus dedos não parecem fortes o bastante para agarrar os ombros dele, mas é isso que fazem. Estão ali cravados, o mais fundo que ela consegue.

— Pai...

— Malorie.

Sam Walsh está chorando. Ele tenta falar, e Malorie sente uma venda no rosto dele e ri, porque seu pai também viveu pela venda. Porque seu pai está vivo.

— Nós sabíamos — diz Sam. E sua voz é um alívio insondável. — Sabíamos que a encontraríamos aqui.

Olympia está falando. Então, Tom também começa a falar, mais perto agora. Ele pergunta se Malorie está bem. Diz para Olympia que sua ideia funcionou. Pergunta à irmã por que ela está de olhos abertos.

— Quando eu estava no palco, vi que você estava de olhos abertos — diz ele. — Pelo espelho. Vi que seus olhos estavam abertos.

E uma criatura também. Ele está contando para Olympia que viu uma criatura.

Mas, através de tudo aquilo, um caos ainda mais confuso do que a própria chegada das criaturas, Malorie ainda ouve o que seu pai, seu pai vivo apesar dos pesares, acabou de dizer.

Sabíamos que a encontraríamos aqui.

— Pai — diz ela, seus lábios tocando o tecido enrolado ao redor do rosto dele. — Pai, por que você veio para cá?

Sam ri e, em sua risada, ela ouve um alívio doloroso e sem limites.

— Você sempre foi nossa rebelde — diz ele. — Assumia riscos que sempre tivemos muito medo de assumir.

Ele a abraça com força, e Malorie pensa: *Eu já fui o tipo de pessoa que assumia riscos...*

Onde aquela pessoa foi parar?

Ela ouve dignidade, júbilo na voz de Tom. Surpresa na de Olympia. A multidão ao redor deles fica ainda mais barulhenta, e Malorie percebe que, apesar de o que Tom afirma ter feito, apesar da alegria genuína e imprudente daquela multidão, ela não está com medo.

Pela primeira vez em dezessete anos, ela não está com medo.

E, por um segundo, um átimo, ela se lembra da garota que seu pai descreveu. Ela se lembra de reagir em um mundo que considerava injusto.

Ela se lembra de ter sido como Tom.

— Sua mãe — diz Sam. E a pausa a preocupa. — Ela teria...

— Mamãe... — Mas Malorie não consegue terminar a frase em voz alta.

Mamãe morreu.

Sam se levanta e a ajuda a ficar de pé. As mãos de Olympia e Tom também a tocam.

Juntos, tentam ajudá-la a se levantar. Mas, enquanto seu pai volta a falar sobre a mãe dela, enquanto seu pai está ali com os dois filhos adolescentes dela, enquanto a comunidade mais perigosa que ela já conheceu comemora, ali, incapaz de processar aquela nova realidade, incapaz de encará-la como algo além de uma fantástica variedade de loucura, Malorie desmaia nos braços daqueles que ama.

TRINTA E UM



Quando Malorie acorda, ela o faz de olhos fechados. Está deitada em algo macio. Um cobertor sobre seu corpo.

Ela percebe que há pessoas no quarto.

— Mãe?

É Tom. Tom está ali.

— Você pode abrir os olhos.

É Olympia. Olympia está ali.

Mas, quando Malorie abre os olhos, o primeiro rosto que vê é o de seu pai.

— Ah... pai...

Sua visão é embaçada por lágrimas repentinas. Uma alegria que ela acreditava impossível.

— Ei — diz ele.

Mas seus olhos também estão molhados. Ele parece mais velho, mas está bem. Cabelo branco. Olhos brilhantes. O mesmo sorriso de que ela se lembra antes de o mundo enlouquecer. Suas roupas estão diferentes: camisa de flanela e calça de moletom. Roupas que ela não se lembra de vê-lo vestindo. Ele se parece com alguém que, durante dezessete anos, caminhou em vez de dirigir. Como alguém que não viu televisão, não usou computador nem comeu em um restaurante durante todo esse tempo.

Há algo mais em seus olhos. Malorie vê grandes emoções, lembranças e conhecimento ali.

Ela olha para Tom. Porque agora ela lembra. O nome dele celebrado por uma multidão de lunáticos. Olympia dizendo que os olhos do irmão estavam abertos.

Encarando uma criatura.

— Tom...

Ela faz menção de se sentar, mas não consegue ir muito longe.

Tom está olhando para ela. São.

Olympia. Sã.

— Seus filhos são incríveis — diz Sam.

Malorie olha para ele e mal consegue expressar as palavras através de novas lágrimas:

— São seus netos.

— Vou pegar um pouco de água — diz Olympia.

Então ela se levanta e sai pela porta.

Malorie observa a sala. Cobertores nas janelas. Paredes revestidas com painéis de madeira. Ela está deitada em uma cama pequena no que parece ser um quarto de hóspedes.

O lugar é limpo. Bonito.

Seu pai está ali.

Malorie volta a olhar para Tom.

— O que aconteceu?

Tom também parece mais velho. Mas não da mesma maneira que o pai dela. O filho tem a aparência tranquila de alguém que conseguiu realizar algo que se propôs a fazer.

A imagem do sucesso, possível mesmo ali, no novo mundo.

— Parece que meu neto inventou um jeito de olhar para as criaturas — diz Sam.

Malorie começa a se sentar novamente, mas Sam se levanta da cadeira e se ajoelha ao lado dela.

— Você não precisa ouvir tudo de uma vez — diz ele. — Mas certamente precisa ouvir.

— Onde estamos?

Sam sorri.

— Onde tenho morado há alguns anos. Sua mãe e eu fomos para o sul depois que elas chegaram. Tenho histórias suficientes para encher uma biblioteca.

Malorie sorri. Porém, por mais que Tom possa ter inventado uma maneira de olhar para as criaturas, algumas ainda vagam pelos horizontes de sua mente.

— Ah, pai... eu também — diz ela.

— Estamos em uma casa, o mais longe possível da multidão enlouquecida — diz Sam. Ele olha para a janela coberta, e Malorie se lembra do pai fazendo o mesmo quando ela era mais nova. Só que, naquela época, ele olhava pensativo para o mundo lá fora. E agora? — Mary insistia que você viria para cá. Nem lembro quantas vezes discutimos sobre isso.

— E ela está...?

— Sim.

Não há luto em sua voz. Sam já superou. Assim como Malorie superou isso por ele.

— Shannon... — diz Malorie.

Sam assente e leva um dedo aos lábios.

— Olympia já nos informou.

Ele ainda sorri. Malorie sabe que é porque seus pais haviam aceitado a morte das filhas há muito, muito tempo.

— “Nos” informou? — diz ela.

— Só porque sua mãe morreu não significa que eu não a mantenho informada. Ela está enterrada no quintal.

— Ai, meu Deus, pai. Eu sinto muito.

Sam apenas assente e ergue a mão para dizer que está bem.

— Eu gostaria de vê-la — diz Malorie.

Sam se levanta e estende a mão para ajudá-la a fazer o mesmo.

— Ela adoraria.

* * *

Malorie respira fundo antes de sair pela porta dos fundos da casa. Ela segura a mão de Sam.

Apesar de o povo de Indian River estar produzindo viseiras com espelhos falsos, ambos continuam de olhos vendados.

— Há quanto tempo vocês estão aqui? — pergunta Malorie.

— Há quase três anos.

— Um homem do censo já bateu à sua porta?

Sam parece refletir. Malorie ouve o vento através da folhagem das árvores. Ouve folhas varrendo suavemente o gramado.

— Sim. Um homenzinho. Muito perigoso o que ele estava fazendo. Sua mãe disse que era nobre. Nós lhe oferecemos hospedagem por uma noite, mas ele disse que tinha muito trabalho a fazer.

Malorie sente novas lágrimas por trás da venda. Ela quer encontrar aquele homem. Quer que ele saiba que o que fez, o que faz, funciona.

— Vamos ver Mary — diz Sam.

Ele guia Malorie na descida da escada de concreto até o gramado. Ela ouve uma cerca sendo sacudida pelo vento. A venda está firme ao redor do seu rosto.

— Aqui — diz Sam. — Não é muito. Mas eu mesmo cavei e isso significa alguma coisa para mim.

— Como ela...

— Enquanto dormia, Mal. Graças a Deus não foram as criaturas. — Ele se ajoelha, guiando Malorie para fazer o mesmo. Ela sente uma pedra sob os dedos. Um grande bloco. Folhas e grama também. — Aqui.

Em seguida, a mão do pai se afasta da dela, e Malorie fica sozinha com Mary Walsh. Até então, ela acreditava já ter lamentado completamente a morte da mãe. Mas, ali, ela se dá conta de que nunca lhe foi permitido sofrer.

As criaturas roubaram-lhe o tempo de fazer isso.

— Senti muito a sua falta — diz Malorie, afinal.

Então está chorando demais para falar.

* * *

Nas duas semanas em que ficaram naquela casa, Malorie visitou Mary todos os dias. Nem toda Indian River era tão progressista quanto o que ela presenciara, sem ver, na praça da cidade. Ela compreende por que Sam não foi embora. Apesar do comportamento de alguns, que apenas quatorze dias antes ela considerava incredivelmente perigoso, Malorie também entende. As pessoas do novo mundo se enquadravam em duas categorias: prudentes e imprudentes.

Mas como dizer quais delas levam uma vida melhor e mais completa?

Malorie pensa muito em Gary. Demais.

Ela está se preparando e sabe disso.

Olympia está atenta.

Os filhos costumam se juntar a ela no túmulo de Mary. Contam histórias para a avó, sobre o rio, sobre a escola para cegos, sobre o Acampamento Yadin e o Trem Cego. Malorie fala sobre Shannon. Sente-se bem fazendo isso. Ela descreve as pessoas que conheceu na casa. Fala sobre o homônimo de Tom. Sobre Olympia, a mulher. Felix, Jules, Cheryl, Don. Até mesmo sobre Victor. E, pela expressão dos filhos quando entram de volta em casa, Malorie percebe que é a primeira vez que eles estão ouvindo boa parte daquilo. Foi assim tão difícil para ela reviver a casa? As pessoas que conheceu, amou e perdeu?

Sam fala sobre sua balestra, guardada no armário de casa. Ele diz que matou vários cervos com aquilo. Vendado.

Há momentos, horas maravilhosas, em que Malorie se sente na Península Superior, na casa onde cresceu. Como se tivesse sido criada naquela casa. Como se, no fundo do quintal, encontrasse arbustos para onde ela pudesse fugir, um lugar onde Sam e Mary Walsh saberiam que ela estaria.

Enquanto comem alimentos enlatados, Tom conta para Malorie o que aconteceu. Ele montara os óculos no Acampamento Yadin, mas tinha muito medo de testá-los. Ele os trouxe na viagem, apesar de Malorie ter dito para o filho não fazer isso. Ali, em Indian River, no palco, dois homens tentaram ver uma criatura através do espelho, o espelho falso de uma mercearia local. Eles não enlouqueceram. Quando Malorie chegou, Tom estava experimentando com os próprios olhos.

Ele viu uma criatura através do espelho. Sim. E também viu Malorie.

Toda vez que ele conta a história, Malorie acha que vai ficar horrorizada com o final.

Mas não fica. Tom está ali. Ele está são. E talvez, *talvez*, tenha feito algo para mudar o mundo.

Segundo Tom, o povo de Indian River está tentando produzir essas viseiras em série. Pessoas foram enviadas para procurar mais material nas cidades vizinhas.

Olympia e Tom ficam algum tempo do lado de fora. *Olhando*. Nenhum dos dois enlouquece. E, quando entram de volta, contam e recontam suas histórias para Sam e Malorie.

Sam segura a mão de Malorie com frequência. Silenciosamente, ele lhe diz que está tudo bem.

E está.

Pela primeira vez na vida, seus filhos estão vivendo. Um, graças à genética, o outro, pela criatividade da própria mente.

Malorie resistiu. Ela os entregou àquele momento. Seus pais também resistiram, assim como muitas pessoas em Indian River.

Mesmo as que não mereciam.

— Me ensine a usar esta balestra — pede Malorie certa manhã, sozinha com Sam na sala de estar.

Ela está pronta. Sam assente.

— Claro.

* * *

Olympia e Tom a guiam enquanto Malorie carrega a arma. Ela não disse explicitamente para Sam o que faria, mas ele sabe.

Ela não conseguiu se permitir usar a viseira de Tom. Seria um salto de dezessete anos. No entanto, para fazer o que pretende, ela precisa enxergar.

Então, usa os olhos dos filhos.

É a quarta vez que os três vão à cidade em busca dele, do homem que Tom ainda chama erroneamente de Henry. O homem que por instinto Olympia sempre soube que tinha algo de errado.

A cada viagem, Malorie se prepara para a mudança. Ela nunca matou alguém. Nunca teve que puxar um gatilho, cortar um pescoço, estrangular um intruso. Nenhuma das pessoas perigosas que encontraram em suas inúmeras jornadas. Nem mesmo os estranhos incomuns descobertos no Acampamento Yadin, o último local que chamou de lar.

Mas matar Gary vai significar mais do que simplesmente se tornar uma assassina. Ela também vai aparar as pontas soltas do passado com os colegas de casa. Os mesmos amigos que enterrou após encontrar todos os corpos, exceto o dele.

Eles o encontram do lado de fora de uma antiga loja de bebidas, não muito longe da casa de Sam. Olympia o vê e dá um tapinha no ombro de Malorie, como foi instruída a fazer.

— Ele está dormindo encostado à parede — diz Olympia.

— É ele — diz Tom.

O arco é formidável. Mas, após dezessete anos vivendo para proteger, Malorie está mais forte do que nunca.

— Um pouco mais alto — diz Tom.

Ele está junto ao ombro de Malorie, ajudando-a a mirar.

— Um pouco mais — diz Olympia. Ela ajusta o ângulo do arco.

Se errarem, terão de pensar rápido.

Ela quase consegue ouvir a porta se fechando. O clique de uma tranca. O passado posto de lado.

Parece-lhe incrível que, de certa forma, Gary estivesse certo.

O homem era a criatura da qual ela e os colegas de casa deveriam ter mais medo.

— Tudo bem — diz Tom.

Malorie puxa o gatilho. Gary não emite nenhum som.

— Você o atingiu bem no peito — diz Tom.

— No coração — diz Olympia.

Os três andam cautelosamente até o cadáver.

— Vá se foder — diz Tom.

— Olha a boca suja! — adverte Malorie. Então: — Para alguém que falava tanto, ele nem teve últimas palavras.

Olympia guia Malorie pela mão para que ela verifique o pulso de Gary.

Ele está morto.

— Não arranquem a flecha — diz Malorie. — Quero que ele fique desse jeito para sempre.

* * *

Os adolescentes estão dormindo. Sam está dormindo.

Malorie conversou muito tempo com o pai sobre o que ele pretende fazer e como. Nenhum dos dois acha que devam morar ali, naquela casa, naquela comunidade, para sempre. Com frequência, Sam fala em voltar para onde Malorie cresceu. Seria uma longa jornada, uma que Malorie acredita que seu pai suportaria, uma que ambos querem fazer, mas nenhum deles mencionou o dia em que a farão.

Agora, às seis da manhã, com o mundo ainda escuro lá fora, Malorie desce a escada até o primeiro andar. Na cozinha, mergulha um copo em um balde de madeira cheio d'água e bebe.

Em cima da mesa da cozinha há um dos visores que o povo de Indian River está produzindo com base no espelho falso de Tom. Algumas pessoas

vieram até a casa, esperando falar com Tom sobre sua invenção. Antigamente Malorie não deixava ninguém entrar. Agora, escolhe quem entra. Quando negou a entrada de Athena Hantz, a lenda local se ofendeu. Quando ela pediu uma explicação, Malorie disse que Athena era uma mulher de sorte. Sorte por Tom ter feito o que fez. Porque se algo houvesse acontecido com ele...

Malorie pega a viseira. Olha para aquilo. Considera.

Ela a leva aos olhos.

Para perto de uma das janelas cobertas, encarando a escuridão por vários minutos, antes de tirar o casaco do cabide ao lado da porta dos fundos, fechar os olhos e sair.

É outono. Malorie ouve as folhas secas sendo esmagadas por suas botas.

Ela mantém a cabeça baixa enquanto espera o calor do sol chegar para aquecê-la. Gosta de ficar ali, ao lado do túmulo de Mary. Gosta de conversar com a mãe. Ela repete histórias sobre Shannon, com a cabeça baixa, os olhos fechados.

Conta a Mary sobre Dean Watts. Diz que, talvez, quando finalmente forem para o norte, ela faça questão de procurar em Mackinaw City o homem que fez o trem voltar a funcionar.

E justamente quando o sol esquenta seu pescoço, justamente quando ela sente que certa luz começou a surgir, pela primeira vez em mais de dez anos, Malorie abre os olhos ao ar livre.

É surpreendente como as cores lhe são familiares. Velhas amigas de volta. Aos seus pés está o túmulo de Mary; o amarelo, o laranja e o vermelho das folhas. Quando ergue a cabeça, vê uma criatura parada uns seis metros mais adiante, no quintal.

Malorie não se mexe.

Ela sente um pássaro tentando alçar voo em algum lugar dentro de sua mente, algo tão preto quanto seu cabelo e tão azul quanto seus olhos.

Contudo, apesar das asas batendo, o que quer que esteja tentando voar não consegue.

Malorie inspira. Prende a respiração. Expira.

Ela olha.

Ela vê.

O infinito ponderando sobre si mesmo. A eternidade enfrentando a própria jornada interminável.

* * *

E, apesar dos milhares de palavras que surgem para descrevê-la e do esforço para lhe dar um nome, ela sabe que, ao olhar para aquilo agora, ao lado do túmulo da mãe, com seu pai e seus filhos dormindo em segurança dentro de

casa, ela preencheu uma espécie de vazio, ela não está mais perdendo, nada mais lhe será tomado. E algo lhe foi devolvido.

EPÍLOGO/AGRADECIMENTOS

Eu gosto de rascunhos. Algumas pessoas podem chamar isso de fetiche. Em uma realidade um pouco diferente, considero o rascunho/demo de um livro ou música algo finalizado. Cheguei ao ponto de considerar rascunhos como histórias concluídas, embora contadas de um jeito estranho. A verdade é que, antes de assinar o contrato do meu primeiro livro, eu não tinha motivo algum para reescrever. Eu já tinha deixado de lado uma dúzia de rascunhos (naquela época, eu os chamava de *livros*) e, para mim, eles eram tão completos quanto qualquer outro livro nas minhas prateleiras. Eu os compartilhava com todo mundo; com bandas com as quais nós, The High Strung, fazíamos turnê, com amigos e familiares, com desconhecidos. Nos anos 1990, eu e meu parceiro de composição, Mark Owen, tínhamos uma lista de pessoas para as quais enviávamos fitas cassetes sonorizadas, cópias já com qualidade comprometida de álbuns *lo-fi*. Essas vinte pessoas foram suficientes. Elas transformaram as músicas em algo real. Por termos enviado *Bid Me Off* e *A lot of Old Reasons*, Mark e eu poderíamos passar para o próximo lote, ainda não escrito, aliviados por termos mais um álbum para a conta, entusiasmados com o próximo. Foi naqueles dias que aprendi a amar o pontapé inicial, a primeira tentativa, aquela investida quando ninguém estava assistindo. Você gosta de música ao vivo? Rascunhos e demos foram e ainda são assim. Uma performance. Velocidade oscilante, algumas notas fora de tom, uma letra esquecida aqui e ali.

E eu os *amo*.

Oi, eu sou Josh Malerman. E sou prolífico.

É uma palavra digna de crítica, e o discurso comum é o seguinte: *Se você escreve tanto, como qualquer livro ou música pode ser verdadeiramente significativo para você?* Ou: *Parece que você está mais interessado em terminar um livro do que no livro em si.* Ou então: *Com todas essas suas coisas que você tem, não sei por onde começar.* Mas, no fundo, o que o prolífico entende é que você pode começar de qualquer lugar do catálogo de um prolífico e seguir em qualquer direção a partir daí. Para nós, essa é uma perspectiva animadora, e não é diferente de “prospectar”, pois, de qualquer maneira, você procura os trabalhos anteriores ou o caminho que foi seguido, sempre atrás de um reconhecimento semelhante. O que o

prolífico preza acima de todas as coisas não é uma obra de arte única, mas o cânone. A obra em si. O percurso de uma mente criativa incapaz de parar, as ondas criadas por ideias intermináveis. Já mencionei que o prolífico acredita que qualquer coisa que faz, a qualquer momento, é um instante do todo? Que esperar anos entre projetos é como ter extraviado mil fotos de uma época que, em retrospectiva, era muito mais legal do que parecia?

Quem quer perder fotos como essas?

Estou citando isso aqui por uma razão.

O rascunho de *Caixa de pássaros* foi escrito em vinte e seis dias, em um frenesi em outubro de 2006. Na época, e certamente quando eu comecei, era só a próxima história a ser escrita. Eu tinha imaginado uma mãe vendada, dois filhos vendados, navegando em um rio. Nada mais. Para onde eles estavam indo? Do que estavam fugindo? Por que eles não podiam... olhar? Todas essas perguntas foram respondidas enquanto eu escrevia; o que começou como uma possibilidade tornou-se sangue, suor e medos, e foi o mais próximo que cheguei de ler um livro enquanto o escrevia. E o espírito de uma coisa dessas, a ideia de que eu deveria escrever todos os dias, terminar a história, acrescentar mais um livro à crescente pilha de rascunhos do meu escritório, nasceu inquestionavelmente da filosofia do prolífico. Como a banda Guided by Voices e pessoas como Alfred Hitchcock, havia a sensação de que parar, desacelerar, esperar (suspiro) pela inspiração era o equivalente à morte criativa. Dá para visualizar facilmente a imaginação em pé na beira de um penhasco, sozinha, olhando o abismo abaixo, ponderando se deve ou não pular. Porque, acima de tudo, o prolífico sabe que não podemos esperar que o artista saiba quais de suas obras são boas, quais podem repercutir com outras pessoas e, muito menos, quais ideias seriam as melhores quando tiradas do campo dos conceitos.

Nada assusta mais o prolífico do que um cemitério de ideias. Nem mesmo os dos corpos.

Então, por que não escrever... tudo?

Nesse espírito, comecei *Caixa de pássaros*. Terminei com uma tempestade de músicas, turnês, shows e milhares de conversas que, se tivessem sido gravadas, corria o risco de eu dar títulos a elas e descrever cada uma como uma pequena obra. Depois de *Caixa de pássaros*, simplesmente escrevi o próximo livro, um volume complexo de seiscentas páginas chamado *Bring me the map*. Mas, enquanto eu trabalhava nesse livro e *The High Strung* começava sua próxima turnê, passei a receber feedbacks dos amigos e familiares para quem eu tinha enviado *Caixa de pássaros*.

É aqui que entram os agradecimentos.

Dá para imaginar quantas pessoas tenho que agradecer por terem me encorajado e ajudado, ao longo de quatorze anos, entre o rascunho de *Caixa de pássaros* e o lançamento oficial de *Malorie*?

Em uma palavra (e, não por coincidência, o título de uma música do The High Strung): *legião*.

Vou começar com minha mãe, Debbie Sullivan, que leu *Caixa de pássaros* durante uma competição de cães em Indiana e ligou para me dizer que havia algo ali naquelas cento e treze mil palavras que não foram divididas em capítulos, não foram recuadas a cada parágrafo e foram escritas em itálico. Ela gostou. Meu padrasto Dave também me ligou. Meu amigo Matt Sekedat também. Minha cunhada Alissa. Imprimi o livro para June Huchingson, minha amiga e proprietária da casa onde eu morava. Entreguei-o a ela à noite e, pela manhã, ela já havia terminado a leitura. A reação dela continua vívida para mim até hoje.

Para esses primeiros leitores, quero gritar “muito obrigado”. Pois, se não fosse pelas pessoas que leram a história de Malorie em sua primeira encarnação, eu talvez não a tivesse sugerido quando, mais tarde, encontrei Ryan Lewis e Candace Lake, uma dupla de agentes literários que lera *Goblin*, mas que sabia que devíamos começar com algo diferente de uma coleção de contos. Foi por meio de Ryan e Candace, com a ajuda do brilhante advogado Wayne Alexander, que reescrevi *Caixa de pássaros* de forma significativa em 2010. Cortei a história pela metade, estripei o que parecia repetição, dividi a história em capítulos, recuei os parágrafos e removi o itálico que, até então, havia envolto a história com o que parecia um tom de sonho. Ryan, Candace e Wayne venderam o livro para a agente Kristin Nelson, cujo site, na época, dizia que ela não estava interessada em histórias de terror. E, de repente, parecia que o livro e eu tínhamos uma equipe. A partir daí, Kristin agenciou *Caixa de pássaros*, que foi adquirido em 2012. Reescrevi o livro mais uma vez do zero (um dos benefícios de ser prolífico é ter energia para escrever o mesmo livro pela segunda vez), a Universal Studios comprou os direitos de adaptação cinematográfica e o livro foi publicado em 2014. E assim começou, para mim, a história de Malorie ocupando um lugar maior na minha vida do que eu jamais poderia ter previsto.

Obrigado, Candace, Ryan, Wayne, Kristin e Lee Boudreaux, que editaram *Caixa de pássaros* e devem ter percebido que eu nunca tinha trabalhado em um cenário profissional, mas tiveram a bondade de não me dizer isso na época.

Ainda assim, nenhum prolífico que se preze vai desacelerar o ritmo só por ter experimentado algum nível de sucesso com um único livro ou música. Pessoas desse tipo vivem procurando janelas, uma porta parcialmente aberta, sentindo a brisa de um buraco na parede onde uma história pode entrar.

Mas o que aconteceu no caso de *Malorie* foi uma história que escapou.

Ao cortar *Caixa de pássaros*, removi um fio do romance que não se encaixava mais. Ou, melhor dizendo, o livro teria o dobro do tamanho se eu não tivesse desistido de certa ideia, a qual, com o tempo, comecei a considerar

como sendo um romance próprio. Mas antes de decidir se eu deveria ou não fazer algo a respeito disso, a Netflix comprou os direitos de adaptação cinematográfica da Universal e, na verdade, quaisquer planos que eu tivesse — a lista do que deveria ser escrito a seguir e o que poderia ser um livro e o que não era — se desfizeram, ficando desordenados e afundados como se uma onda tivesse entrado pela fechadura da porta do meu escritório. Porque, ao terminar de assistir ao filme pela primeira vez, me inclinei na direção da minha noiva, Allison, e perguntei: “O que acontece com Malorie agora?”

Obrigado aos produtores do filme: Chris Morgan, Ainsley Davies, Scott Stuber e Dylan Clark, por terem feito com que eu chegasse lá. E obrigado a Michael Clear por levar o livro aos produtores, para início de conversa. Obrigado à Netflix e à equipe do filme e aos amigos que fiz no set, especialmente, mas não apenas, os membros do elenco: Happy Anderson, Pruitt Taylor Vince, Julian Edwards, Vivian Lyra Blair e o incrível David Dastmalchian.

Obrigado a Susanne Bier e Eric Heisserer.

E obrigado (com uma reverência) a Sandra Bullock, por me mostrar como Malorie é fora da minha cabeça.

E então... de Malorie a *Malorie*, quatorze anos depois de escrever o rascunho, com o mesmo ardor que eu tinha na época, alugando o mesmo espaço que já tinha chamado de lar (a casa de June), a escrivainha na qual escrevi o rascunho de *Caixa de pássaros* no terceiro andar de uma linda casa no distrito de Boston-Edison, em Detroit, entrando lá todas as manhãs, subindo a escada, escrevendo *Malorie* e escrevendo sobre Malorie, Tom e Olympia com a experiência de um prolífico que havia viajado por dezenas de histórias (romances, músicas, filmes) para trazer tudo de volta a ela, à personagem que havia significado tanto para mim muito antes de ser apresentada ao mundo.

Malorie.

E, ao fazê-lo, entendendo que havia bastante espaço para contar mais da história dela sem tocar de forma significativa no livro original, percebi que qualquer sequência de *Caixa de pássaros* não poderia ser sobre outro homem ou mulher que tivesse lidado com as criaturas à sua maneira, não poderia ser sobre o mundo em geral; precisava ser centrada na própria Malorie. *Caixa de pássaros* não era só uma história apocalíptica, era também a história da reação de uma mulher ao mundo que caiu na escuridão.

Caixa de pássaros, de qualquer forma, sempre será a história de Malorie.

A Del Rey Books me deu a chance de escrever sobre ela novamente.

As conversas que tive com a editora Tricia Narwani foram imensuráveis; combustível suficiente para me impulsionar pelas semanas “fora de área” que ocorrem toda vez que paro para reescrever, sem estar convencido de que vou chegar ao outro lado, apesar de sempre conseguir.

A todos os funcionários da Del Rey que trabalharam em *Malorie*, muito obrigado:

Tricia Narwani
Scott Shannon
Keith Clayton
Alex Larned
Julie Leung
Ashleigh Heaton
David Moench
Mary Moates
David Stevenson
Aaron Blank
Nancy Delia
Erich Schoeneweiss
Edwin Vazquez
Rebecca Maines

Havia outros fatores, outros momentos ao longo do caminho, fora do campo das anotações; por isso, agradeço a Allison Laakko e Kristin Nelson. Allison foi quem falou sobre como, devido aos trilhos, um trem poderia ser o modo mais seguro de viajar em um mundo envolto pela escuridão. Conversamos sobre como um trem poderia funcionar, desde que os trilhos estivessem desimpedidos e não houvesse ninguém nefasto a bordo...

E Kristin me deu um direcionamento importante quando me lembrou de que, apesar do meu espírito de prolífico e, portanto, da inclinação natural de nunca voltar à cena da mágica, não só não tinha problema *Malorie* se parecer com *Caixa de pássaros* em espírito, como talvez fosse algo bom.

A Allison, a Kristin, a todos, obrigado.

A Dave Simmer, obrigado, sempre.

Como você pode ver, o poder de um rascunho não consta apenas em delinear o que você quer fazer, não se trata apenas do potencial da coisa; o primeiro rascunho pode ser *mágico*, independentemente do quão “certo” ou “errado” foi seu sentimento ao escrevê-lo. Se você optar por enxergar dessa maneira, o rascunho é um retrato de quem você era quando o escreveu, quer estivesse inspirado ou não, e mais tarde você pode olhar para esse retrato e dizer: *Ah, sim, esse era eu antes de conhecer todas essas pessoas para agradecer, todas essas pessoas incríveis, reais e imaginárias.*

JOSH MALERMAN
MICHIGAN, 2020

SOBRE O AUTOR



© Allison Laakko

JOSH MALERMAN é autor best-seller do *The New York Times*. Seu romance de estreia, *Caixa de pássaros*, serviu de inspiração para o bem-sucedido longa-metragem *Bird Box*, da Netflix. Seus outros títulos incluem *Piano vermelho*, *Uma casa no fundo de um lago* e *Inspeção*, publicados pela Intrínseca.

joshmalerman.com.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Caixa de pássaros



Piano vermelho



Uma casa no fundo de um lago



Inspeção

LEIA TAMBÉM



Serpentário
Felipe Castilho



O que aconteceu com Annie
C. J. Tudor



Por trás de seus olhos
Sarah Pinborough